

TIMOTHY ZAHN

STARCRRAFT®

EVOLUÇÃO



Galera

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Obras da Blizzard Entertainment publicadas pela Galera Record:

World of WarCraft – Jaina Proudmore: Marés da guerra

World of WarCraft – A ruptura: Prelúdio de Cataclismo

World of WarCraft – Vol’jin: Sombras da horda

World of WarCraft – Alvorada dos aspectos

World of WarCraft – Crimes de Guerra

World of WarCraft – Thrall: Crepúsculo dos aspectos

WarCraft: Durotan

WarCraft

World of WarCraft – Illidan

Diablo III – A ordem

Diablo III – Livro de Cain

Diablo III – Livro de Tyrael

Diablo III – Tempestade de luz

StarCraft II – Ponto crítico

StarCraft II – Demônios do paraíso

StarCraft II – Evolução

TIMOTHY ZAHN

STARCRRAFT®
EVOLUÇÃO

Tradução

Gustavo Mesquita
1ª edição

— **Galera** —
Rio de Janeiro | 2017

Z24e

Zahn, Timothy

Evolução [recurso eletrônico] / Timothy Zahn ; tradução Gustavo Mesquita. - 1ª ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2017.
recurso digital (Starcraft)

Tradução de: Starcraft: evolution

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11182-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Gustavo. II. Título. III. Série.

17-43220

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

StarCraft: Evolution

Copyright © 2016 by Blizzard Entertainment, Inc.

Tradução publicada mediante acordo com Del Rey, selo pertencente à Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC. StarCraft e Blizzard Entertainment são marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11182-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-3940



Para Corwin, que trouxe StarCraft à minha vida.



CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
LINHA DO TEMPO DO SETOR KOPRULU



A guerra chegara ao fim.

Os pesadelos, não.

O sargento fuzileiro Foster “Whist” Cray não dava muita importância aos sonhos. Que diabos, ele sobrevivera a cinco anos de pesadelo em serviço. Já estava mais que acostumado a medo e pânico àquela altura.

O que o incomodava de fato nos malditos sonhos era a *monotonia*.

A guerra tinha sido o inferno na terra, mas ao menos oferecia mudanças ocasionais de cenário. Seu pelotão fora enviado para desertos, selvas, florestas, campos, cidades — que já não eram exatamente cidades quando o pelotão desembarcava e sim montes de escombros e ferro retorcido, mas ainda contavam — e, certa vez, até mesmo a uma praia.

O inimigo também fora bem variado. Havia acabado com a raça de zergnídeos, hidraliscas, devastadores e todos os outros tipos imagináveis de zergs chocados no inferno. Às vezes, um suserano, uma rainha ou fosse lá quem comandava o ataque enviava para o combate os monstros mais sinistros, quando então os fuzileiros botavam para quebrar até um Viking ou um Thor entrar em cena para terminar o trabalho.

Mas mesmo novos inimigos significavam algo diferente para olhar. Ele também vira alguns protoss, geralmente nos limites do campo de batalha, tentando lidar com as forças da Supremacia. Uma ou duas vezes, chegara a disparar em um deles quando o enorme alienígena fora descuidado o bastante para cruzar seu caminho.

Mas os pesadelos, por outro lado, eram todos irritantemente iguais.

Sempre zergnídeos e hidraliscas. Sempre ele, Jesse e Lena, resistindo ombro a ombro ao ataque.

E o maldito rifle Gauss C-14 nunca funcionava.

A arma disparava sem problemas. Fazia o ruído de costume e dava um coice no ombro do traje de combate, o que já era esperado. Mas em vez de fustigarem os malditos monstros a velocidades hipersônicas, as estacas de oito milímetros eram cuspidas num arco patético e caíam na terra poucos metros à frente. Ele continuava a disparar, conseguindo apenas erguer no chão uma montanha de estacas. Os zergs continuavam a avançar e já iam abrindo as bocarras para o almoço quando ele acordava num sobressalto, suando frio.

Whist nunca soube o que havia acontecido com Jesse e Lena. Às vezes se perguntava se sobreviviam ao sonho.

Provavelmente não. Se não tinham sobrevivido à guerra, por que sobreviveriam ao sonho?

Depois ele costumava ficar deitado no escuro, ouvindo o próprio coração martelar no peito até voltar a cair no sono. De vez em quando, saía do quarto no novo quartel dos fuzileiros em Augustogrado e ia até o terraço com uma caneca de café para clarear as ideias no frio ar noturno.

Mas aquela noite era especial. Era o sexto aniversário do fim da guerra; ou de sua parte nela, pelo menos. Naquela noite, o pesadelo, a lembrança do sacrifício de Jesse e Lena e todos os outros, pedia por algo mais.

Geralmente encontrava o terraço deserto, uma vez que as pessoas sãs que não estavam de serviço já estavam na cama àquela hora. Hoje, no entanto, havia alguém lá em cima quando Whist chegou. O homem, baixo e magro, estava um pouco curvado, com os cotovelos apoiados no baixo parapeito e olhando para as cercanias da cidade.

— Já estava na hora — disse quando Whist apareceu no terraço.

Apressado, Whist abaixou a garrafa que tinha surrupiado do Cassino dos Suboficiais e a escondeu atrás da perna. Não era permitido consumir destilados fora do ambiente controlado do cassino.

— Como é? — devolveu.

O homem olhou para trás, e, sob a claridade baça do centro da cidade refletida às costas dele, Whist viu a tão familiar fusão de juventude física e idade psicológica esmagadoramente avançada. Um veterano de guerra, sem dúvida.

— Desculpe — disse o rapaz. — Achei que fosse outra pessoa. Vamos, junte-se à festa. Vejo que trouxe algo pra molhar a garganta.

Whist torceu o nariz. Ótimo trabalho o dele em esconder a garrafa. Por um instante, pensou em dar meia-volta e cair fora antes de ser identificado, mas decidiu que não estava nem aí.

— Você não tem um bom gosto em ponto de encontros — retrucou, já atravessando o piso irregular do terraço.

— Estou aqui pela vista, não pelo clima — respondeu o outro, gesticulando para além do terraço às suas costas. — Um amigo e eu íamos assistir a uma sessão de treinamento noturna. Ele não deve ter ouvido o alarme.

Whist franziu a testa. Era possível discernir dez luzes indistintas voando pelo céu acima do amontoado de escombros que um dia fora um subúrbio como marimbondos mal-humorados.

— O que é aquilo? — perguntou.

— O que você acha? — retrucou o rapaz com uma fungada. — Quem além dos exterminadores é arrastado para treinamento no meio da noite hoje em dia?

— Achei que os exterminadores apenas saltassem sobre morros e de cima de penhascos — disse Whist. — Quando começaram a voar em círculos?

— Ah, eles faziam isso o tempo todo — respondeu o rapaz. — No início do programa, recebiam propulsores a jato com plena capacidade de voo.

— Parece divertido.

— Pode apostar. O problema é que os novos recrutas também tinham uma tendência a cair. Muito.

— Ouvi dizer que os propulsores também costumavam explodir.

— Com uma frequência que não deixava ninguém feliz — concordou o rapaz. — Enfim, depois que a guerra terminou e eles passaram a ter tempo para treinar adequadamente, os equipamentos foram modernizados. Alguns propulsores padrão foram mantidos, mas muitos recrutas passaram a receber modelos mais atuais e a ser treinados de acordo com os protocolos originais.

— Menos as ocasionais explosões?

— É o que esperamos, sim.

— Bem, flutuar por aí com certeza faz deles alvos melhores — observou Whist, escolhendo as palavras com cuidado. *Esperamos*, foi o que dissera o rapaz. Então ele também era um exterminador? Que ótimo.

Porque se os fuzileiros eram os melhores dos melhores, os exterminadores eram os piores dos piores. Literalmente.

Ou ao menos costumavam ser. Durante a guerra, sob o imperador Arcturus Mengsk, toda a corporação fora supostamente formada por criminosos casca-grossa cujas tendências antissociais resistiam à lavagem cerebral e que optaram por um serviço militar insano como alternativa a prisão ou coisa pior. Os fuzileiros podiam até gostar quando os exterminadores desciam do nada sobre uma frente de ataque zerg, mas ninguém de fato confiava neles.

Diziam que o novo imperador, Valerian, filho de Arcturus, estava mudando isso. Pessoalmente, Whist só acreditaria quando visse com os próprios olhos.

— Falou como alguém que já foi um desses alvos. — O rapaz estendeu a mão. — Tenente Dennis Halkman, 122o Batalhão de Exterminadores.

— Sim, *senhor* — disse Whist, empertigando-se em posição de sentido e batendo continência. Exterminador e oficial. Aquilo ficava cada vez melhor.

E, se Halkman servira no 122o, quase com certeza lutara na guerra. Possivelmente por anos.

O que definitivamente fazia dele uma anomalia. A sobrevivência em serviço típica de um exterminador era de no máximo seis meses.

— Sargento Foster Cray, 934o Batalhão de Fuzileiros — completou Whist, identificando-se.

— É um prazer, sargento — disse o rapaz, sem fazer qualquer esforço para abaixar a mão ou retribuir a continência. — E eu devia ter mencionado que é *ex*-tenente. Fui transferido para a reserva, e você provavelmente odeia oficiais de qualquer forma, então vamos cortar essa de *senhor* e continência, está bem? Pode me chamar de Dizz.

— Sim, senhor — respondeu Whist, franzindo a testa. Aquele definitivamente não era o tipo de interação com oficiais a que estava acostumado.

É claro, Dizz trazia todo um rol de habilidades criminosas de seu tempo pré-exterminador na manga. Talvez aquela abordagem modesta e informal a recém-conhecidos fosse algo que usava para deixá-los à vontade. Teria sido um golpista?

— E você pode me chamar de Whist — acrescentou, apertando a mão de Dizz. Ele tinha um aperto firme, do tipo que exalava confiança e dignidade. Com certeza se encaixaria na personalidade de um golpista.

Por outro lado, se encaixaria na personalidade de uma infinidade de criminosos, inclusive assassinos em série.

Os exterminadores aceitavam assassinos em série?

— Bem melhor — disse Dizz com satisfação, franzindo a testa. Provavelmente estava se perguntando se Whist especulava sobre os pecados de seu passado, um assunto que Whist não tinha a menor intenção de abordar. Não em um terraço deserto sem nem ao menos ter uma pistola.

Então, tudo bem. No minuto em que Dizz começasse a conduzir a conversa nessa direção, Whist inventaria uma desculpa e voltaria para o alojamento...

— O 934o, então — emendou Dizz. — Foram vocês a unidade enviada para limpar os zergs da floresta Northwoods, em Nova Sydney?

Whist piscou os olhos, tirando o cérebro daquela ginástica mental. A floresta Northwoods...

— É, estivemos lá. Vocês foram a unidade de exterminadores, certo?

— Ah, sim, fomos nós — disse Dizz, subitamente sorrindo. — Então imagino que você tenha assistido de camarote a quando Boff bateu de raspão numa árvore, quicou de lado e quase acertou um de seus rapazes.

Whist soltou uma fungada.

— Camarote uma ova — Havia poucos motivos para um sorriso numa batalha, mas aquele incidente fora uma dessas joias raras. — Eu estava uns três fuzileiros à esquerda quando o seu rapaz virou um cata-vento humano. Por um instante, achei que estivesse vindo pra cima de *mim*.

— Do jeito que ele ficou voando, acho que sua unidade toda pensou a mesma coisa — disse Dizz. — Eu me lembro de ficar impressionado de verdade que ninguém tenha se jogado no chão ou mesmo se esquivado.

— acredite, a gente se esquivou por dentro — respondeu Whist. — Mas é que simplesmente não houve tempo pra fazer nada.

— A não ser xingar — brincou Dizz. — O fuzileiro que ele tentou esmagar... Como era mesmo o nome dele?

— Grounder.

— Isso. Acho que Grounder xingou por uns três minutos sem se repetir.

— Não duvido — disse Whist. — Eu estava ocupado demais com uma dupla de zergnídeos pra prestar atenção. Mas se você quisesse uma história aplicada da linguagem vulgar terrana, Grounder seria o professor ideal. Nunca conheci ninguém com um vocabulário tão diverso.

— Bem, ele sem dúvida nos impressionou — respondeu Dizz. — Mas talvez menos pela linguagem do que por ter deixado Boff calado aquele tempo todo.

— Acho que ele conseguiu passar um *foi mal, cara* a uma certa altura, quando Grounder parou pra respirar — comentou Whist —, mas foi basicamente isso.

— É, aquilo deu um colorido ao dia, pode apostar — disse Dizz. — Aquilo e também o fato de termos vencido.

Whist soltou o ar entre os dentes, com o breve brilho de humor daquele dia se dissipando no resto das memórias ruins. É, tinham vencido. Mas a que custo?

— Sim. O que foi feito de Boff? Ele sobreviveu?

— Àquela batalha, pelo menos — disse Dizz. — Mas foi transferido logo em seguida. Não sei o que foi feito dele depois. E Grounder?

— Durou mais três batalhas — respondeu Whist, olhando para o outro lado. — Partiu dessa pra melhor na quarta.

— Ah. Sinto muito.

— É — disse Whist. — Não que tenha sido o único.

— Nem de longe — concordou Dizz, carrancudo. — Como você acha que fui promovido a tenente tão jovem?

— Geralmente é por competência e coragem.

— Talvez nos fuzileiros — disse Dizz. — Nos exterminadores, é promovido quem vive mais. É meio que um prêmio de consolação às avessas. — Ele soltou um suspiro. — Na verdade, eu meio que espero que Boff não tenha sobrevivido. O cara tinha três assassinatos nas costas. Uma dívida e tanto com a sociedade.

— É — concordou Whist entre lábios subitamente rígidos. Por um minuto, tinha se esquecido de com quem estava falando. — Acho que esse tipo de antecedente pode acabar sendo útil quando se atira contra zergs.

— Não tanto quanto você pensa — disse Dizz, olhando sobre o ombro para o treinamento dos exterminadores que ainda acontecia a distância. — Por isso estão tentando recrutar uma nova leva mais... droga.

— O quê? — perguntou Whist, olhando para as luzes que flutuavam na escuridão. Nada lhe parecia diferente.

— Eles estão verdejando — rosnou Dizz. — Cretinos... Você está com seu comunicador?

— Sim — disse Whist, tirando o aparelho do cinturão e o estendendo para o outro.

— Você vai falar com o sargento exterminador Stilson Blumquist — disse Dizz, sem fazer qualquer menção de pegar o comunicador. — Quando ele responder, diga que os dois homens no flanco sul estão verdejando.

— Certo — disse Whist, digitando o canal da central de comunicação da base e se perguntando o que diabos era *verdejar*. O computador respondeu, e ele deu entrada no nome de Blumquist. — Mas não deveria ser você a...

— Sargento Blumquist. — Uma voz firme soou no rádio. — Quem diabos está falando?

Novamente, Whist ofereceu o comunicador para Dizz. Novamente, Dizz gesticulou em negativa.

— Fui instruído a informar que os dois homens no seu flanco sul estão verdejando — disse Whist.

— Ah, jura? — disse Blumquist. — E como você saberia isso?

— Porque eu posso *vê-los* — rosnou Whist. — Dê um jeito nisso, está bem?

Ele encerrou a transmissão.

— O que diabos é verdejar? — perguntou a Dizz.

— Ciúme ou inveja — esclareceu o outro, ainda concentrado nas luzes distantes. — Nesse caso, uma dupla de exibidos tentando superar um ao outro com manobras estúpidas e exageradas. Ah, e lá vêm eles.

Whist sentiu os olhos se arregalarem.

— Lá *vêm* eles?

— Ao menos Blumquist sabe fazer uma varredura — observou Dizz. — Você disse que podia *vê-lo*, e ele o localizou. Então ele não é *cem por cento* incompetente.

— Bom saber — resmungou Whist. As luzes definitivamente estavam em movimento agora, definitivamente vindo na direção deles. — Seria interessante... é... fazermos uma saída estratégica?

— Bem, *eu* farei — disse Dizz, passando por Whist. — Ah, e vou ficar com isso — acrescentou, tirando a garrafa da mão de Whist num gesto ágil.

Ágil até demais, por sinal. Aquilo implicaria que o sujeito fora batedor de carteiras?

— Não se preocupe, vai dar tudo certo — completou Dizz sobre o ombro ao seguir depressa até a porta. — Só diga que ele não pode falar com você daquele jeito.

Com os músculos tensos em uma reação de luta ou fuga, Whist observou o jovem tenente chegar à porta. Fosse lá o que acontecia ali, não tinha nada a ver com ele. O mais sensato seria seguir Dizz prédio adentro, voltar para o alojamento e esquecer que aquilo tudo tinha acontecido.

Mas pela segunda vez naquela noite, ele decidiu que não estava nem aí. Não tinha feito nada de errado — para variar — e não fugiria dali de jeito nenhum. E, com ou sem pistola, se um bando de aspirantes a exterminador estava a fim de confusão, Whist mostraria o que isso significava para um fuzileiro.

Dez segundos depois, eles chegaram.

A técnica era um pouco caótica, notou Whist enquanto eles desciam do céu à sua volta. Não tinham sincronia, e metade do grupo nem ao menos conseguiu pousar direito. Mas o cerco em si foi competente o bastante, e boa parte da falta de controle provavelmente se devia a pura e simples

inexperiência.

Apenas um demonstrava um pouco de habilidade, e Whist tratou de estar de frente para esse quando ele pousou no terraço.

— Sargento Blumquist — cumprimentou. — Bela noite para um voo.

— Corta essa, seu cretino — rebateu Blumquist, dando um largo passo à frente.

Ele evidentemente esperava que Whist recuasse. E, como este não recuou, o sujeito foi forçado a parar de um jeito apressado, desajeitado e, para o fuzileiro, pelo menos, um tanto cômico.

O que não ajudou nem um pouco a melhorar o humor do outro.

— Quero seu nome, sua patente e saber o que diabos você está fazendo aqui em cima — Blumquist disse entre os dentes ao recuperar o equilíbrio. — Depois disso, pode se reportar à prisão lá embaixo enquanto eu entro com as acusações contra você.

Whist pestanejou. *Acusações?*

— Desde quando tomar ar no terraço é uma falta sujeita a punição?

— Quando interfere com um exercício noturno — disse Blumquist. — E desde quando um fuzileiro de merda tem a menor ideia do que fazem os exterminadores?

— Já vi muitos exterminadores competentes. — Whist gesticulou para os recrutas à sua volta. — E esses aí não são. — Ele inclinou a cabeça. — E tinha os dois recrutas verdejando.

Os olhos de Blumquist se estreitaram.

— Quem *diabos* é você para esculachar o meu esquadrão? — bradou ele, dando outro passo à frente.

Na borda inferior da vista, Whist viu o exterminador fechar os punhos.

Deliberadamente manteve as próprias mãos relaxadas. Com uma chance de dez contra um, a última coisa que podia permitir era que Blumquist o instigasse a dar o primeiro soco ou mesmo dar a entender que fosse fazê-lo.

O problema era que, com uma chance daquelas, *falhar* em colocar fora de ação um ou dois deles logo de saída basicamente garantia que, em pouco tempo, Whist estaria no topo de um monte de merda.

Mas ele não tinha escolha. Não dera o nome a Blumquist, mas os visores dos exterminadores tinham um recurso de gravação, e os dez sem dúvida já haviam filmado seu rosto. Mesmo que Whist vencesse a luta, toda a cadeia alimentar dos fuzileiros rapidamente faria seu próprio monte de merda. O único jeito de sair vivo dali era deixar que Blumquist atacasse primeiro e esperar sobreviver até o esquadrão cansar de espancá-lo...

— *Sen-tido!*

Girando sobre os calcanhares, Blumquist se voltou para a porta do terraço, com o peso do propulsor lhe tirando um pouco do equilíbrio. Vindo na direção deles estava Dizz, com uma expressão soturna no rosto e insígnias de tenente reluzindo no colarinho.

Insígnias, constatou Whist, que não estavam ali antes.

— Tenente Halkman, 122o Batalhão de Exterminadores — anunciou Dizz, curto e grosso. — O que diabos está acontecendo aqui, sargento?

— Eu... — Blumquist hesitou por um segundo. — Este homem interferiu nos nossos exercícios, senhor — disse por fim, gesticulando para Whist. — E também se recusou a informar o nome dele...

— Ele interferiu? — cortou Dizz. — Ele *interferiu?* *Daqui?*

— Ele... ele me passou um rádio enquanto eu tentava conduzir uma sessão de treinamento — disse Blumquist. — Questionou minha técnica. Me distraiu enquanto...

— Se uma simples chamada no comunicador é capaz de distraí-lo, sargento, seu lugar não é o campo de batalha — cortou Dizz outra vez. — A crítica foi válida?

— É... — Blumquist olhou de rabo de olho para um dos recrutas. — Pode ter sido, senhor, sim.

— Então pegue a crítica, tome uma atitude e resolva o problema — disse Dizz. — E voltem para o ar.

Agora.

Blumquist passou para posição de descansar.

— Sim, senhor. Esquadrão, voltar ao local de treinamento. Em formação: *executar*.

Em duplas, os recrutas decolaram do terraço e seguiram para a fatia de céu onde estavam antes.

Blumquist foi o último a alçar voo, ainda empertigado.

— É, muito barulho por nada — Whist observou enquanto assistiam os recrutas voarem noite adentro.

— Acho que não — disse Dizz, carrancudo. — Quando ele percebeu que não tinha nada de concreto nas mãos, a única forma de sair dessa sem fazer papel de besta era incitar você a agredi-lo.

— É, eu percebi — disse Whist. — A propósito, obrigado por voltar.

— Ah, esse sempre foi o plano — garantiu Dizz. — Conheço Blumquist. Só quis esperar ele cavar um buraco fundo demais para sair antes de puxar o tapete.

— Para ele fazer papel de besta?

— Para ele fazer papel de incompetente — disse Dizz, num tom amargo. — Vi mais que a minha cota de bons homens e mulheres morrendo por causa de sargentos e tenentes que agem sem pensar ou observar. Se tivermos sorte, cretinos como Blumquist estarão atrás de uma mesa quando a próxima guerra estourar.

— Se houver uma.

— Haverá — disse Dizz com voz cansada. — Sempre há. — Ele apontou para trás com a cabeça. — Deixei sua garrafa atrás da porta. Ia beber por Grounder?

— Por ele e todos os outros — respondeu Whist. Com toda aquela comoção, ele quase tinha se esquecido da garrafa.

— Vamos pegá-la — disse Dizz, gesticulando para a porta. — Depois vamos descer até o Cassino dos Oficiais. É mais quente, e tem uns sofás de primeira. O lugar perfeito pra encher a cara.

— Achei que os cassinos estivessem fechados.

— Eu pareço me importar com isso?

— Não exatamente — admitiu Whist. Então a habilidade de deixar fechaduras para trás significava que Dizz tinha sido especialista em arrombamentos ou ladrão? — Estou dentro, se você estiver.

— Perfeito. — Dizz sorriu. — E quem sabe? Você claramente está se perguntando o que eu fiz para acabar nos exterminadores. Vai que eu conto, depois de um copo ou dois.

— Bem, então vamos logo — disse Whist, fazendo uma mesura. — Depois do senhor, tenente.



A guerra chegara ao fim.

Era hora de seguir em frente.

Desde que, como sabia Tanya Caulfield, estivesse disposta a pagar o preço.

Deitada na escuridão, ela não conseguiu evitar o sorriso. *O preço.* Aquelas geralmente eram palavras ligadas a tempos de guerra, não de paz. Ou fora o que ela sempre pensara.

Por outro lado, tempos de paz não eram um fenômeno com que Tanya tivesse intimidade. Com a Guerra de Corporações, a rebelião contra a Confederação, a criação da Supremacia e as invasões dos zergs e de Amon, ela passara a maior parte da vida tendo o conflito e a morte como pano de fundo.

Talvez agora os povos do setor Koprulu finalmente tivessem uma chance.

Mas, no meio-tempo...

Tanya Caulfield? Você está preocupada?

Ela teve um sobressalto com a voz súbita na cabeça. Era Ulavu, é claro; o tom de um contato mental protoss era inconfundível. Além do mais, mesmo se outro dos telepatas da ala tivesse sentido sua insônia, ninguém se interessaria a ponto de perguntar como estava. *Estou bem, Ulavu,* pensou ela em retorno.

Houve um breve silêncio, e Tanya conseguiu senti-lo tocar a mente dos outros fantasmas no alojamento temporário em Augustogrado. Talvez garantindo que não estava sozinho. Ulavu não gostava da solidão. *Existe algo que eu possa fazer para ajudá-la?*

Não se preocupe, Ulavu, tranquilizou ela outra vez. *Estou bem.*

Aceito sua assertiva, pensou ele de volta. *Mas há um tom estranho em seus pensamentos esta noite. Por isso fiquei preocupado.*

Ela meneou a cabeça, cuidando para que o pensamento e a emoção associada não chegassem à superfície, onde Ulavu poderia lê-los. Mesmo a dois andares de distância, ele estava sintonizado o bastante para distinguir o estado de espírito dela. *Não há com que se preocupar. Volte a dormir; nos vemos amanhã.*

Está bem. Tenha um sono profundo, minha amiga.

O contato se dissipou e Tanya sentiu a mudança sutil à medida que a mente de Ulavu voltava a seu padrão de pensamento alienígena.

Mas, apesar de ele ter se desconectado de todos os terranos a seu redor, Tanya ainda sentia na mente o suave e contínuo toque de Ulavu. Como um gato aninhado ao dono, ela costumava pensar.

Outro pensamento e outra imagem que tinha *muito* cuidado em manter trancado em um setor privado da mente. Ulavu era o protoss mais amistoso e cooperativo que havia conhecido, mas um alienígena orgulhoso, nobre e telepata com 2,20 metros de altura *não é* alguém que você quer que pense ter sido motivo de piada. Especialmente um protoss que ficara tão próximo de Tanya quanto Ulavu.

E exatamente aí estava o xis da questão. E o preço.

Porque, quando ela partisse, Ulavu teria apenas os outros. E ninguém nem de longe se importava com ele como Tanya.

Com todo cuidado, ela isolou a linha de pensamento do toque aconchegante da mente de Ulavu e reproduziu a memória da carta que havia recebido no fim daquela tarde.

De: Comandante, Academia Fantasma

Para: Agente X39562B

Re: Petição para desligamento do programa fantasma

Às 15h de hoje, sua petição foi aprovada pelo Comando Militar da Supremacia. O desligamento será formalmente aceito dez dias a contar desta data, às 13h, no gabinete do coronel Davis Hartwell.

Seu serviço à Supremacia foi imensamente apreciado e sua falta será sentida. Caso deseje rescindir seu desligamento, poderá fazê-lo no gabinete do coronel Hartwell a qualquer momento antes da data estipulada.

**Torcendo pelo seu futuro sucesso,
Comandante Barris Schmidt**

E só. Uma carta breve, mais dez dias à toa enquanto os burocratas sobrecarregavam os computadores da Supremacia com dados inúteis, e sua vida mudaria para sempre.

Já era hora. Mais do que na hora, na verdade. Em seus vinte anos no programa fantasma, apesar do texto claramente padrão da carta de Schmidt, ela não fizera porcaria nenhuma pelo programa ou pela Supremacia em geral. Na verdade, não fizera nada além de atuar em uma única operação.

Tanya nunca tivera certeza de como se sentia a respeito daquilo. Por um lado, certamente entendia a lógica. Ela não era especialmente poderosa — tinha potencial psiônico de módicos 5,1 —, mas seu dom era incrivelmente raro. Raro a ponto de, ou pelo menos era o que diziam, compensar a habilidade telepática quase inexistente e a completa falta da força e da furtividade aprimoradas que geralmente faziam parte do pacote fantasma. Usá-la contra os zergs faria sentido apenas no momento mais oportuno.

Só que esse momento nunca chegara. Quando a Rainha das Lâminas e o Enxame zerg começaram a levar morte e destruição a planetas tanto terranos quanto protoss, Tanya fora retirada do quartel-general fantasma em Ursa e enviada para um local remoto. Então vieram Amon e seu ataque, e ainda assim Tanya continuara escondida.

Ela não sabia por que não fora usada em nenhuma dessas situações desesperadoras. Seu palpite era de que simplesmente fora esquecida ou deixada em meio às fendas burocráticas.

De qualquer forma, quando a poeira finalmente baixara, ela fora levada de volta, com a garantia de que quando viesse a próxima invasão, seria usada em combate.

Só que a tal invasão nunca veio. Havia muitos boatos sobre o que de fato acontecera à Rainha das Lâminas e a Amon, mas apenas um pequeno grupo de pessoas sabia a verdade, e elas não abriam a

boca.

Então, por um lado, Tanya sentia que fora desperdiçada. Por outro, tendo em conta o número de fantasmas mortos nos incontáveis campos de batalha durante a guerra, tinha de admitir que havia um alívio velado em ter sido deixada de fora.

A segurança tinha seu preço, porém. Toda missão para a qual não era enviada era uma missão que outro fantasma precisava encarar.

Quantos homens e mulheres, perguntava-se ela, tinham morrido em seu lugar?

Tanya sentiu uma leve perturbação emanar de Ulavu. Ele provavelmente havia notado a mudança em seus pensamentos e se perguntava no momento se ela realmente estava tão bem quanto dizia. Um pensamento desgarrado se sobrepôs à presença, um tipo de voz distante...

O que diabos você está fazendo aqui?

Tanya se empertigou, sua mente à deriva entrando rapidamente em estado de prontidão. Ulavu não estava no quarto dele.

Estava à solta pelas ruas de Korhal.

E, a julgar pelo tom das vozes filtradas pela mente do protoss, parecia que havia ido parar num lugar onde não era exatamente bem-vindo.

Ulavu, onde você está?, pensou para o protoss enquanto pegava as roupas e lutava para fisgar alguma coisa — *qualquer coisa* — da mente do outro. Mas o poder telepático de Tanya era fraco demais. Ele devia ter levado o amplificador psiônico para que os pensamentos estivessem tão claros.

Infelizmente, a presença de um amplificador psiônico significava que ele poderia estar em qualquer lugar do planeta. *Ulavu, diga onde você está.*

Estou num estabelecimento para o consumo de comida e bebida, foi a resposta. No pano de fundo da conexão ela sentia mais vozes, de tom cada vez mais hostil.

Onde está sua escolta? Está com você?

Quis ficar sozinho esta noite, pensou Ulavu de volta. *Sai sem eles.*

Tanya praguejou em silêncio. Então ele de alguma forma driblara a escolta militar, as pessoas que deveriam evitar que exatamente aquilo acontecesse. Fantástico. *Você viu algo escrito na janela quando entrou?*, perguntou ela, fechando o macacão e enfiando as botas. E pensou se o uniforme de fantasma não teria sido uma escolha melhor, pelo ar de autoridade e todo o resto. Mas a questão do tempo era vital, e já era tarde demais para se trocar. *Ou acima da porta?*

Havia um letreiro. Uma imagem com três círculos concêntricos.

E algo escrito?

Sim, duas palavras. Círculo de Dante.

Tanya fez uma careta. A boa notícia era que pelo menos ainda estava em Augustogrado. A má era que o Círculo de Dante era uma taverna de quinta categoria administrada por e especializada em homens e mulheres com amigos e parentes em Chau Sara quando o planeta fora incinerado pelos protoss.

Em outras palavras, talvez fosse o último lugar em Korhal onde um protoss seria bem-vindo.

Droga. Ela e outros tinham alertado o comandante Schmidt que transferir a academia da base deles em Ursa para lá, ainda que temporariamente, era uma má ideia. Em Ursa, tinham Ulavu contido e sob controle. Ali em Augustogrado, depois de algo simples como escapular pela porta dos fundos, ele tinha um planeta inteiro no qual vagar.

E, a não ser que ela fizesse alguma coisa depressa, era muito provável que teriam em breve um incidente sério em mãos.

Ulavu, você precisa sair daí imediatamente, disse ela, pulando sem jeito pelo corredor ao tentar

calçar a bota esquerda. *Você pode fazer isso?*

Seria indelicado. Acredito que os proprietários e clientes querem que eu fique. Alguns até mesmo sugeriram desejar conversar mais comigo.

Aposto que sim, rebateu Tanya, rapidamente pensando nas próprias opções. A mais óbvia era soar o alarme para os guardas que *deveriam* bancar as babás de Ulavu. Nas atuais circunstâncias, no entanto, ela não estava lá muito confiante na competência deles. Podia tentar a polícia, mas o tempo de resposta não seria dos melhores àquela hora da noite, e a maioria deles não teria a menor ideia do que fazer com um protoss caprichoso, de qualquer forma. E o mesmo valia para a Polícia Militar.

Além do mais, ninguém em Korhal conhecia Ulavu tão bem quanto Tanya. O único jeito de aquilo terminar bem era ela cuidar de tudo por conta própria.

O Círculo de Dante ficava a um bom quilômetro e meio do alojamento temporário. Por sorte, Jeff Cristofer sempre deixava a aeromoto estacionada perto da porta lateral, e Tanya já tinha dado um jeito de espiar a senha de ignição. Dois minutos e umas vinte violações de leis de trânsito depois, ela chegou à taverna.

Nunca entrara no Dante, mas, pela fama do lugar, sempre imaginara que fosse escuro e soturno, com um ar pesado de raiva e ressentimento. Também esperava que a clientela estivesse à altura da decoração, com homens grandes e amargos bebendo para anestesiar a dor da perda.

Ela tinha razão nas duas suposições. A única coisa que deixara escapar foi a nuvem de fumaça da churrasqueira.

Na verdade, e esse pensamento lhe ocorreu quando abria caminho pela turba, o Dante podia muito bem ser a reconstrução do que seria um bar num planeta incinerado.

Uma tentativa deliberada de dar asas à dor da clientela? Possivelmente. E não devia atrapalhar nem um pouco a venda das bebidas.

Ela meio que tinha esperado encontrar Ulavu no meio de uma confusão generalizada. Para seu alívio, ele estava calmamente encostado ao balcão, empertigado e imóvel, com a cabeça logo abaixo das vigas expostas do teto, sendo encarado por um triplo semicírculo de homens que resmungavam entre si.

Resmungavam, mas não se mexiam.

Tanya não podia culpá-los. Um protoss, mesmo um calmo e contido, era uma visão bem assustadora. Alto e esguio, com os olhos brilhando na longa cabeça sem boca e sem nariz, Ulavu irradiava a altivez e a dignidade ancestral de sua raça. As mãos, com dois dedos e polegares opositores, eram capazes de torcer o braço de um terrano até arrancá-lo da articulação ou de esmagar-lhe a garganta. Suas pernas eram ligeiramente curvadas nos joelhos voltados para trás, com enormes pés de três dedos plantados numa postura estável como pequenas árvores. Ele vestia a roupa de sempre, uma longa túnica de civil e polainas, com o fino cilindro que era seu amplificador psiônico no cinturão.

Não havia ameaça ali, nem a menor sugestão do guerreiro temível que a maioria dos terranos imaginava quando pensava num protoss. Ainda assim, a turba hesitava. Eles podiam não gostar dos protoss, mas parecia que ninguém estava disposto a dar o primeiro golpe em alguém tão maior e mais pesado.

O impasse podia estar chegando ao fim, porém. Parado logo na orla do primeiro círculo, visível apenas de relance em meio à multidão, estava um homem que podia muito bem ser grande o bastante para nocautear até mesmo um protoss. E, a julgar pelo arrastado na voz enquanto ele enunciava uns palavrões, o sujeito estava bêbado o bastante para tentar.

Fantasmas geralmente trabalham sozinhos no campo de batalha, com pouca necessidade de treinamento formal de comando. Mas Tanya tinha captado algumas dicas aqui e ali. Estava na hora de ver se funcionavam.

— Muito bem, abram caminho, abram caminho — falou ela acima do rumor de palavras no tom mais grave que conseguiu, esbravejando como um sargento fuzileiro que conhecia. — O que *diabos* está acontecendo aqui?

Por um segundo, ela pensou que fosse funcionar. Os dois círculos externos magicamente se desfizeram quando se aproximou, abrindo caminho para a confusão.

Mas o círculo interno era feito de homens mais lentos e bêbados, e talvez mais resistentes à automática obediência à autoridade que o finado imperador Arcturus Mengsk trabalhara tão duro para incutir nos súditos. Tanya precisou atravessar à força aquela última linha, o que lhe custou vários segundos, uma boa dose de esforço e todo ar de autoridade que tinha conseguido reunir.

Infelizmente, isso não passara despercebido ao bêbado gigante. Quando Tanya ainda abria caminho até o espaço aberto, ele se virou e a encarou com os mesmos olhos duros que tinha cravados em Ulavu.

— Quem diabos é *você*? — bradou. — Babá dele? — O homem torceu a boca. — A cachorrinha dele?

— Apenas uma amiga — disse Tanya, mantendo a calma. Apesar do seu pouco poder psíquico, estava claro que ela e Ulavu estavam sentados num barril de pólvora. Uma palavra em falso, um gesto em falso, e aquele lugar entraria em erupção. — Eu entendo a sua perda. Entendo mesmo. Mas Ulavu não teve nada a ver com Chau Sara. Ele é um acadêmico, um pesquisador de...

— Como *cê* pode saber o que a gente perdeu? — berrou o homenzarrão. — *Cê* acha que só porque... — Ele hesitou, com o rosto ficando ainda mais vermelho. — Ah. *droga*. *Cê* é fantasma? *Cê* é uma droga de um *fantasma*.

Uma onda de irritação varreu a multidão, tanto verbal quanto mental, escura de medo, raiva e ressentimento. Os fantasmas tinham sido o comando pessoal de assassinos do imperador Arcturus Mengsk, seres quase míticos que atacavam os alvos e voltavam a sumir na noite.

Tanya suspirou. Adeus à tentativa de manter a discrição.

— Cuidado, Rylan — alertou alguém da multidão.

— É, até parece — rugiu Rylan de volta. — Eles não saem mais tocando o terror por aí. O imperador Val mesmo disse.

— É, mas ela ainda pode ler sua mente.

— Se ler minha mente, ela vai ver um monte de coisa feia — rebateu Rylan, ainda com os olhos cravados em Tanya. — Tá me ouvindo, traidora?

— Não é preciso ser um fantasma para saber que vocês estão aqui porque estão de luto por Chau Sara — disse Tanya, lutando contra a névoa vermelha que subitamente se formava na sua vista. Traidora? *Traidora*? Como esses cretinos *ousavam* falar com ela daquele jeito? Como *ousavam* culpar ela ou Ulavu por uma coisa que havia acontecido havia mais de uma década, ainda mais uma coisa em que nenhum deles tivera envolvimento?

— Até parece que *cê* tá cagando pra Chau Sara — devolveu Rylan. — Seu amigo feioso aí queimou o planeta todo. *Queimou*.

A névoa vermelha nos olhos de Tanya assumiu a forma de labaredas. *Quer ver algo queimar?*, pensou com crueldade para o homem. *Que tal você? Quer ver você queimar?*

Porque ela era capaz disso. Podia atear fogo nele bem ali onde estava, transformá-lo numa tocha ardente de estupidez galopante. Eles queriam chafurdar em amargura naquele bar inútil? Ótimo. Aquele idiota podia ajudar. Que ela mostrasse como a destruição de Chau Sara *realmente* tinha sido.

Aliás, por que parar nele? Ali havia um monte de gente que não tinha nada a fazer além de ficar remoendo feridas do passado. Talvez um pouco de perigo e dor *reais* fosse capaz de trazê-los de volta ao mundo real, um mundo onde os fantasmas e as demais forças da Supremacia — e, sim, os protoss

também — lutaram e sangraram e morreram para trazer segurança à vida de todos.

Tanya Caulfield. A voz de Ulavu entrou na mente dela, fluindo sobre sua fúria como água gelada. *Serenidade.*

Para alguns fantasmas, como Tanya sabia, o alerta de um amigo ou colega era como desligar um interruptor. Para ela, nunca fora assim. Mesmo com o autocontrole fraquejando, porém, ela conseguiu reconhecer a lógica de Ulavu. Mais que isso, teve a consciência de que alguém cuja opinião valorizava estava observando.

Respirando fundo, pressionou um dedo na lateral da cabeça, dando um pouco de incentivo mental ao implante, que febrilmente peneirava compostos químicos cerebrais da sua corrente sanguínea e reprogramava padrões de fluxo neural.

E, então, para seu alívio, a névoa se dissipou. Ela retomou o controle, voltou a pensar com clareza.

Tanya olhou para a multidão ao redor, sem mais vê-los como alvos em potencial para seu poder e sim como pessoas simples, comuns. Era hora de deixar as frustrações de lado e começar a pensar taticamente.

Muito bem. Rylan claramente era o líder. Se conseguisse argumentar com ele, seria capaz de neutralizar a situação.

Se não conseguisse, precisaria dar um jeito nele.

Tanya?, voltou a falar Ulavu em sua mente.

Estou bem, tranquilizou ela. *Confie em mim.*

— Mesmo quem não tinha entes queridos em Chau Sara sentiu o choque e o terror daquele dia — disse ela, com um calafrio subindo-lhe a espinha.

— É fácil falar — desdenhou Rylan.

— É fácil sentir — rebateu Tanya. — Eu estive lá. Vi a devastação. Cidades reduzidas a cinzas. Montanhas estilhaçadas. Lagos e rios vaporizados, leitos partidos e derretidos. Planícies transformadas em vidro. Mesmo depois de todos esses anos, a única vida que começou a voltar foram alguns líquens e musgos aqui e ali.

— É, eu também vi isso — murmurou Rylan, abaixando a cabeça, a voz hesitante.

Então, de súbito, ele levantou o olhar e sacudiu um dedo acusador para Ulavu.

— E foi o povo dele que fez aquilo.

Tanya suspirou. Lá se ia a dialética.

— O povo dele, sim — disse ela, vasculhando a visão periférica em busca de inspiração.

O amplificador psiônico pendurado na cintura de Ulavu era pesado o bastante para ser atirado, mas delicado — e caro — o bastante para ser apenas um último recurso. Não havia garrafas ao alcance das mãos, e, mesmo que houvesse, ela não queria machucar ninguém. Não queria mais, pelo menos.

No balcão às costas de Ulavu, havia uma caneca de cerveja pela metade. Não era muita, mas teria que servir.

Lenta e naturalmente, ela caminhou pelo círculo até Ulavu e se aproximou da caneca.

— Mas foi a liderança protoss que tomou aquela decisão, e outros protoss que a executaram. Ulavu não fazia parte de nenhum dos dois grupos. Você tem razão: a reação deles contra a infestação zerg foi definitivamente imperdoável. Mas nós os fizemos pagar — acrescentou, novamente correndo os olhos pela multidão ao se aproximar de Ulavu. — Confie em mim, nós os fizemos pagar com juros. — Dando ênfase, ela ergueu a mão para indicar Ulavu. — E como eu disse, Ulavu nem ao menos estava lá. Vocês não fariam mal a um protoss inocente pelos crimes de seus...

— *Inocente?* — cortou Rylan. — Quem que disse que qualquer um desses malditos cara de peixe são inocente? — Suas mãos, que abriam e fechavam ao lado do corpo sem parar, foram cerradas em

punhos. O gigante inclinou o corpo para a frente, dando um passo na direção do alienígena, alvo de seu ódio...

Tanya agarrou a caneca e atirou o conteúdo no rosto de Rylan.

Tinha talvez um quarto de segundo para fazer aquilo funcionar. Mas já tinha calculado tudo e sabia o que precisava fazer. O ponto de fulgor do álcool etílico naquela concentração devia ser de cerca de cinquenta graus, enquanto a temperatura na qual a pele humana começa a registrar queimaduras de primeiro grau é de cerca de 44 graus. Tratava-se de uma zona-alvo incrivelmente estreita, mas Tanya havia treinado dura e longamente para refinar sua pirocinese àquele nível de precisão. Ela aqueceu a cerveja ainda no ar até o ponto de fulgor, observou os olhos incrédulos de Rylan quando o líquido lhe acertou no rosto...

Um instante depois, a surpresa deu lugar ao choque conforme o líquido escaldante atingiu os nervos para trazer à tona uma cara cheia de dor.

O homem urrou de agonia. Os punhos fechados eram agora mãos espalmadas sobre os olhos, aquele primeiro passo à frente se transformando num cambalear desajeitado para trás. Confuso, desorientado e ferido, Rylan, e seu furioso e destemido ataque contra o odiado símbolo de toda raça protoss, estava fora de combate.

E isso ficou claro para todos no Dante. Naqueles mesmos perplexos poucos segundos, a atitude da multidão fraquejou junto com seu herói.

Tanya deu mais um segundo para as coisas se assentarem. Então segurou o braço de Ulavu e outra vez correu os olhos pela multidão, com pausas para encarar os maiores homens à vista. Dois sustentaram seu olhar, mas a maioria rapidamente a evitou. Rylan claramente era uma força ainda maior do que ela havia imaginado.

— Não acredito que Rylan esteja a fim de briga hoje à noite — disse ela, com toda calma do mundo. — Então vamos andando. — Ela hesitou. — E, por favor, acreditem que sentimos tanto por Chau Sara quanto vocês.

Ninguém contra-argumentou. Ninguém disse absolutamente nada. Com Ulavu a reboque, ela caminhou intrépida na direção da turba. Dessa vez, os três semicírculos se abriram sem qualquer resistência.

Um minuto depois, sentiram o frio ar noturno.

Não havia necessidade de vir em meu auxílio, Tanya Caulfield. O pensamento de Ulavu veio enquanto ela o levava até a aeromoto emprestada. *Aquele terrano não teria me feito mal.*

Tem certeza?, ela rebateu contrariada. *Porque me parecia bastante que ele estava pronto para lhe fazer mal.*

Por um momento Ulavu pareceu refletir, seus pensamentos fluindo rápido demais para Tanya acompanhar. *Você usou seu dom em um espaço público*, disse ele, por fim. *Será que seus superiores não ficarão descontentes?*

Tanya fez uma careta. Sim, eles definitivamente ficariam. Ela era a arma secreta do programa fantasma, e o comando tinha feito das tripas coração para manter o poder dela em segredo. Ficariam bem mais que descontentes; talvez “furiosos” fosse uma palavra mais precisa.

Mas apenas se ficassem sabendo.

Espero que eles não descubram, disse Tanya. *Tudo que as pessoas naquele bar me viram fazer foi atirar cerveja no rosto de um homem. Vão pensar que a reação dele foi apenas a ardência do álcool nos olhos.*

Não haverá queimaduras?

Nada que salte aos olhos. Mantive a temperatura abaixo do ponto de fulgor, e o contato não foi longo

o bastante para provocar vermelhidão. Um pouco, talvez, mas nada muito visível.

Outra vez, Ulavu ponderou. *Mas o terrano saberá.*

O terrano estava completamente bêbado, lembrou Tanya. Acredito que as memórias ficarão tão embaçadas que ele não lembrará exatamente o que aconteceu.

Você acredita? Ou espera?

Um pouco dos dois, admitiu Tanya. Ela o encarou com um olhar grave. Falemos de você, agora. O que você estava fazendo ali dentro?

Sou um pesquisador, respondeu Ulavu, com um tom mental de puro orgulho protoss. Quis ver e entender as sensações daqueles que perderam conhecidos e familiares para erros dos protoss.

Tanya fez uma careta. Erros dos protoss. Eles ainda viam a destruição de um planeta cheio de terranos inocentes meramente como um erro?

A raiva estava voltando a fluir. Com severidade, ela a reprimiu. E você entende?

Ulavu deu o equivalente mental a um suspiro. Ainda existe muita dor. Muito ódio.

E ninguém pode censurá-los por isso, enfatizou Tanya. Então não volte a fazer uma coisa dessas. Está me ouvindo? Porque na próxima vez pode ser que eu deixe eles lhe mostrarem a cara da dor e da raiva terranas.

Não há necessidade, disse Ulavu, com um tom amargo na voz mental. Como você mesma disse, nós pagamos com juros.

Tanya assentiu em silêncio. A guerra tinha de fato cobrado um alto preço dos protoss. Muitos sucumbiram no campo de batalha. O planeta natal deles, Aiur, fora devastado e abandonado. A sociedade protoss fora dilacerada, com algumas facções por fim se reorganizando e outras dando as costas para o restante de seu povo.

E o pior, o Khala, a mística conexão psiônica que, por séculos, unira pensamentos e propósitos dos protoss, fora destruída. Anos depois do cataclismo, eles ainda buscavam entender o que agora significava ser um protoss.

Seria esse desesperado esforço cultural o motivo de Ulavu ter sido abandonado pelo próprio povo? Estaria sua atenção tão voltada para dentro que não dispunham de energia para levá-lo de volta e integrá-lo à sua sociedade em lenta recuperação?

Ou será que se tratava de algo mais sombrio? Teria Ulavu feito algo que os voltara contra ele?

Porque às vezes era fácil fazer inimigos. Dolorosamente fácil.

Tanya fechou os olhos por um instante, sentindo a cicatriz emocional se abrir temporariamente. Ela não quisera perder o controle naquele dia quatro anos antes. Não quisera ofender ou contrariar os outros fantasmas ao ignorar seus esforços para acalmá-la.

Fora Ulavu quem a ajudara, quem desfizera a espiral de raiva e caos tempo o bastante para que o implante controlasse a situação. O incidente fora resolvido, e todos escaparam ilesos, inclusive o fantasma que dera início a tudo, que Tanya ainda acreditava merecer todas as queimaduras que alguém pudesse lhe dar.

*Mas aquilo tivera um preço. A falha dos outros fantasmas em acalmá-la havia sido ruim o bastante, mas o fato de um *alienígena* ter conseguido ergueu uma barreira de ressentimento que Tanya jamais fora capaz de atravessar ou derrubar. Desde então, foram ela e Ulavu contra o mundo. Tanya ainda vivia e trabalhava entre os fantasmas, mas jamais voltaria a ser um deles.*

E muito em breve, não teriam nem ao menos isso dela.

Tanya montou na aeromoto, consciente da frustração que pairava logo além de seu muro de autocontrole. Um muro mais forte do que nunca, esperava.

A grande pergunta agora era o que aconteceria com esse autocontrole quando ela deixasse o

programa.

Sob o comando do imperador Arcturus, uma coisa daquelas seria impensável. Fantasmas eram fantasmas, estavam no programa até morrer. Ponto.

Mas o imperador Valerian era um novo tipo de líder. Ele voltara atrás na ressociação neural obrigatória dos fuzileiros — havia quem dissesse que isso fora completamente erradicado, mas ninguém acreditava — e também decidira que os fantasmas que quisessem deixar o programa poderiam fazê-lo.

Até onde Tanya sabia, ela seria a primeira a fazê-lo. O que levantava toda uma nova lista de perguntas.

O implante seria mantido no lugar? Com certeza não podiam pura e simplesmente removê-lo. Talvez lhe dessem um novo implante, algo projetado para permitir que vivesse como civil sem transformar pessoas irritantes em bolas de fogo em qualquer lugar que ela fosse.

Com certeza não removeriam. Não é?

Rylan ainda me preocupa, disse Ulavu, pensativo.

Já disse para não se preocupar com isso, respondeu Tanya.

Não estou preocupado, garantiu Ulavu. *Só curioso. Como ele sabia que você era uma fantasma?*

Tanya fez uma careta. No calor do momento, a estranheza daquela identificação passara despercebida.

Mas Ulavu tinha razão. *Como Rylan soubera daquilo?* Ela não se identificara e estivera usando roupas civis. *Não faço ideia*, admitiu. *Talvez alguém do quartel frequente o Círculo de Dante e tenha falado sobre um protoss no programa fantasma.*

Talvez, disse Ulavu. *Isso não seria bom.*

Tanya fungou. *Você acha?*

Acho, disse Ulavu com gravidade, aparentemente sem perceber o sarcasmo. *Mas, por falar em quartel, não devíamos voltar para lá?*

Então Tanya viu que estava sentada na aeromoto, olhando para a cidade, enquanto Ulavu pacientemente aguardava. *Com certeza*, concordou ela, indicando a garupa. *Vamos, eu lhe dou uma carona. Tente não chamar atenção.*

Tente não chamar atenção?, disse ele, do alto de seus dois metros e vinte.

Tanya soltou um suspiro. Um protoss nada discreto. Uma pirocínética igualmente nada discreta. Ambos rejeitados por seus pares. Eles realmente mereciam um ao outro. *Certo, esqueça a discricão*, disse ela. *Apenas tente não cair.*



— Eu entendo a posição da Supremacia, imperador Valerian — disse a enviada Louise DuPre, sua voz contralto agradável contrastava com o olhar duro como pedra. — Mas o senhor também deve entender a nossa. O Protetorado Umojano sofreu duramente com as ambições territoriais de seu pai. Não estamos exatamente interessados em lhe oferecer o controle que ele não conseguiu arrancar de nós.

O imperador Valerian Mengsk reprimiu um suspiro. Esperava que seus seis anos de governo mais esclarecido tivessem ao menos diminuído a longa sombra dos métodos brutais do pai. Aparentemente, não era o caso.

— Claro que entendo a sua posição — disse a DuPre, mantendo a voz calma como a da enviada. O menor indício de agressão ou mesmo de leve irritação o faria ser instantaneamente rotulado como Arcturus Mengsk Segundo, e aí ele poderia dar adeus a qualquer esperança de instalar uma base de resposta rápida no sistema Umoja.

Mas havia um problema ainda mais urgente. Diversos planetas da Supremacia haviam sofrido grande destruição em seus campos e suas terras agrícolas durante a guerra e ainda enfrentavam dificuldades para se recuperar. O altíssimo custo de se transportar comida e outros suprimentos para esses mundos forçava até o limite os recursos de Valerian, e outra guerra poderia levar toda Supremacia às raias da fome generalizada. A avançada biotecnologia do Protetorado Umojano poderia desempenhar um papel crucial em afastá-los desse limiar.

Infelizmente, a única coisa que a Supremacia tinha a oferecer em troca era proteção contra a ressurgência dos zergs, e o Protetorado não estava interessado.

— Por favor, entenda que minha única intenção é defender o Protetorado e o flanco sul da Supremacia. A última coisa que vocês podem desejar é uma infestação antes que possamos reunir uma força de contra-ataque.

— Acredito que somos capazes de lidar com uma infestação sem a sua ajuda — disse DuPre.

— Será mesmo? — perguntou Valerian. — Porque, se estiverem contando com o auxílio dos protoss, sugiro veementemente que repensem a estratégia. O hierarca Artanis já ultrapassou a sua cota de problemas e dificilmente será capaz de pegar mais emprestados do Protetorado.

DuPre sorriu com o canto da boca. Algo em seus olhos, porém, dizia a Valerian que o Protetorado contava *exatamente* com aquilo.

— E o senhor sabe disso pela sua vasta experiência com os protoss?

— Sei disso pela minha capacidade de ler as forças subjacentes na cultura, na sociedade e na política

— rebateu Valerian. — Está dolorosamente claro que eles não saíram da guerra em melhores condições que o restante de nós.

— Talvez — disse ela. — Mas posso falar francamente?

Valerian gesticulou para a enviada.

— Por favor.

— Os zergs são uma ameaça em *potencial* — disse DuPre. — A Supremacia é uma ameaça *incontestável*. Talvez não tão grande como quando Arcturus Mengsk era imperador — prosseguiu ela antes que Valerian pudesse responder. — Mas tenha o senhor ambições territoriais ou não, permanece o fato que muitos no seu governo ainda desejam ver o Protetorado Umojano como parte da Supremacia.

— Não sei se os qualificaria como *muitos* — disse Valerian. — E esteja certa de que nós os estamos retirando de posições estratégicas tão rapidamente quanto somos capazes de encontrar substitutos.

— Fico feliz em saber — disse DuPre. — Quando tiverem sucesso nesses esforços, e talvez depois de oferecerem mais provas do comprometimento da Supremacia com suas atuais fronteiras, teremos todo prazer em voltar a dialogar.

Uma luz tênue brilhou no pequeno painel instalado no braço do trono. De cara fechada, Valerian olhou para a tela. Tinha dado instruções claras: aquela audiência não devia ser interrompida por nada exceto o fim do mundo...

Um único leviatã, repito, um único leviatã entrou no sistema. Parece estar em rota para Korhal IV.

Valerian sentiu um espasmo no rosto. Os leviatãs eram o transporte preferido dos zergs, imensas criaturas espaciais que o Enxame infestava e em seguida transformava em cargueiros blindados capazes tanto de viagens interplanetárias quanto de voos orbitais. As enormes câmaras no interior eram capazes de abrigar dezenas de milhares de zergs prontos para combate.

E, apesar da ênfase no breve alerta, Valerian sabia por experiência própria que os leviatãs nunca viajavam sozinhos. Nunca.

DuPre ainda listava as condições que precisariam atender antes que o Protetorado Umojano estivesse disposto a sentar a uma mesa de negociações.

— Peço desculpas, enviada DuPre — interrompeu Valerian. — Uma situação que exige minha atenção se apresentou, e preciso partir. — O imperador se levantou, cravando os olhos nos dela. — Um leviatã acaba de aparecer no sistema Korhal, vindo nesta direção.

E teve uma breve satisfação ao vê-la empalidecer.

— Os zergs?

— Não conheço mais ninguém no setor Koprulu que use leviatãs — respondeu ele. — Deixarei ordens para que sua nave seja imediatamente preparada, caso deseje partir.

— Desejo — respondeu ela de forma mecânica.

— Não a culpo. — Valerian arqueou as sobrancelhas. — E, quando voltar a Umoja, talvez a senhora e o Conselho Governante devam revisar suas avaliações de ameaça. Mais especificamente, aquela que diz que os zergs são apenas uma ameaça em *potencial*.

Valerian já deixava a sala do trono antes que ela conseguisse pensar numa resposta.

Depois de se autoproclamar imperador da nova Supremacia Terrana, Arcturus Mengsk iniciou a construção de uma sala de guerra que esperava ser imune a qualquer tipo concebível de ataque. Valerian não tinha certeza de que o objetivo fora alcançado, mas precisava admitir que o pai fizera uma

tentativa das mais impressionantes.

O Bunker, como era universalmente chamado no palácio, era uma instalação cem metros abaixo da superfície cercada de múltiplas camadas de plasticimento e chumbo reforçadas com mu-metal e malhas supercondutoras. O ar e a água eram filtrados a nível molecular, e o exterior, aterrado contra pulsos eletromagnéticos e radiação de partículas carregadas, ficava uns bons cinquenta metros abaixo de qualquer incineração planetária protoss conhecida. A instalação, que contava com comunicação instantânea com o planeta inteiro e todas as naves e estações orbitais do sistema, era estocada com armas e homens e mulheres leais que sabiam como manejá-las e tinha alojamentos, alimentos e água suficientes para abastecer cem pessoas durante um cerco de dez anos.

Então por quê, perguntou-se Valerian ao atravessar a última porta, ainda se sentia exposto como se passeasse pelo jardim do terraço do palácio?

Meia dúzia de homens e mulheres o aguardava no Centro de Informações de Combate quando Valerian chegou: o alto escalão do sistema de defesa planetária de Korhal e da máquina de guerra da Supremacia. Seis dos nove painéis de comunicação que rodeavam a poltrona do imperador o mantinham em contato com outros oficiais de alto-escalão espalhados pelo sistema.

Os outros três painéis exibiam imagens do leviatã que se aproximava.

Valerian franziu a testa ao se sentar. O senso comum e a experiência diziam que leviatãs nunca viajam sozinhos. Mas, se aquele tinha amigos, estes certamente não estavam com a menor pressa de dar as caras.

— Almirante Horner — disse ele, com o devido respeito e protocolo, ao se voltar para a Tela Um. — Qual é nossa situação?

O almirante Matt Horner, que estivera virado para falar com alguém na ponte de comando do *Hipérion*, girou sobre os calcanhares e ficou de frente para a câmera.

— Imperador Valerian — respondeu ele, cumprimentando o imperador com igual formalidade. — A situação é... intrigante. O leviatã está transmitindo uma mensagem em três frequências distintas. O sinal é um tanto fraco, mas fizemos uma boa limpeza. Aqui está.

Horner levou a mão a algum ponto fora da tela, e seu rosto foi substituído pelo de uma rainha zerg.

Todos os zergs tinham uma aparência horripilante, com um corpo que parecia ser formado basicamente por placas ósseas, espinhos e garras afiadas. O cérebro terrano, no entanto, tendia a enxergar padrões que talvez não estivessem ali, e a maioria das pessoas costumava abordar a aparência dos zergs em termos de criaturas conhecidas: aranhas gigantes, caracóis blindados ou enormes vespas com asas de morcego.

As rainhas eram um caso à parte. A impressão quase universal era que alguém tinha pegado um centauro das lendas da Velha Terra, substituído o tronco humano por parte de uma centopeia, e a parte inferior, equina, por um caranguejo de blindagem assustadora.

E com essa imagem vinham as memórias. Todas elas. Os horrores da guerra. Os excessos animais dos zergs, os muitas vezes arrogantes excessos dos protoss, os excessos brutais e indiferentes dos próprios terranos. Morte, destruição, dor e sofrimento fluíam pela mente de Valerian como um rio de ácido.

Os livros de história costumam dar a impressão de que o sofrimento termina ao fim de uma luta. Agora, Valerian sabia que não era bem assim. Entre a lenta e custosa reconstrução de planetas devastados e o sofrimento persistente pela perda de amigos e pessoas queridas, as amargas consequências eram sentidas anos após o silenciar das armas e unidades mecânicas.

A Supremacia Terrana ainda estava a um longo caminho de sair do buraco aberto pela última guerra. Se os zergs estivessem dispostos a começar outra...

— Sou Mukav — proferiu uma grave voz roufenha.

Alguém na sala soltou um murmúrio de surpresa, e até mesmo Valerian sentiu os olhos se estreitarem. As rainhas zerg não costumavam ser capaz de comunicar-se verbalmente. Será que alguém tinha voltado a experimentar com a genética das rainhas?

— Trago saudações. Trago uma mensagem. Trago um pedido urgente. Sou Mukav. Trago saudações. Trago uma mensagem. Trago um pedido urgente.

A imagem foi cortada, e Matt estava de volta.

— Isso é tudo — disse o almirante. — A mensagem fica se repetindo.

— Estão transmitindo um *loop*?

— Acredito que não — disse Matt. — Observei alguns ciclos, e há mudanças sutis no rosto e na postura da rainha. Acho que ela está simplesmente sentada ali, repetindo a mensagem e aguardando uma resposta nossa.

— Alguma ideia de como ela está se comunicando? — perguntou Valerian.

— Não tenho certeza — disse Matt. — O transmissor que está usando roda os mesmos protocolos do sistema de comunicação de uma velha Valquíria.

— É mesmo? — disse Valerian.

A investida da Congregação da Terra Unificada no sistema Koprulu anos antes não havia corrido exatamente de acordo com as expectativas. Entre o Enxame zerg de Kerrigan, os protoss e a própria Supremacia, ninguém das forças da Congregação sobreviveu para se reportar à terra natal. A maioria de suas poderosas fragatas espaciais Valquíria fora destruída, mas algumas tinham caído nas mãos da Supremacia.

— Os zergs nunca usaram tecnologia antes — comentou o imperador.

— E podem não estar fazendo isso agora — disse Matt. — São os mesmos protocolos, mas não é o sistema de uma Valquíria. Meu palpite é que tiveram acesso a um desses sistemas e o estudaram, então criaram sua própria versão. Com uma interface zerg psi-transmissor.

— Impressionante — murmurou Valerian.

No entanto, os protoss deviam estar fazendo coisa parecida com sua própria psiônica para se comunicar com os terranos através de sistemas de comunicação destes.

Até o momento, ninguém conseguira descobrir como funcionava. E era provável que tampouco decifrassem aquele sistema zerg tão cedo.

— Mas a história fica ainda melhor — prosseguiu Matt. — Enviei alguns espectros para um sobrevoo de reconhecimento, e quase todas as câmaras e passagens superficiais do leviatã estão abertas para o espaço.

Valerian franziu a testa.

— Estão *abertas*? Como se não houvesse nada dentro delas, você quer dizer?

— É o que parece — disse Matt. — Mas não podemos afirmar nada a respeito dos espaços internos, onde pode haver zergs à espreita. Mukav deve estar por lá, é claro.

— Sim — concordou Valerian, olhando para as telas. Os leviatãs eram coisas gigantescas, maiores até mesmo que naves-mãe protoss.

As câmaras externas, no entanto, eram determinantes para o rápido desembarque de tropas. Se estavam todas abertas para o espaço, isso parecia indicar que Mukav não fazia parte de um ataque. Não de um ataque rápido, pelo menos.

— Pode haver mutaliscas nas câmaras abertas — sugeriu Valerian. — Elas devem conseguir suportar o vácuo esse tempo todo.

— Sem dúvida — concordou Matt. — Os sensores dos espectros não conseguem penetrar o bastante

para ver todo o interior.

Valerian contraiu os lábios. Era *possível* que tudo aquilo fosse uma tramoia. Mas sutileza não era o forte dos zergs. A abordagem preferida era ir com tudo e sobreviver ou perecer, conforme soprassem os ventos da batalha.

— Acredito que devemos ver o que ela quer — disse o imperador.

— Estamos prontos — disse Matt.

— Bom. — Valerian apurou os ombros. — Abram a transmissão.

— Transmissão aberta.

— Este é o imperador Valerian Mengsk da Supremacia Terrana — disse Valerian, adotando o tom mais régio de que era capaz. Ele não tinha ideia de se aquilo faria qualquer diferença para Mukav, mas mal não faria. — Informe seu pedido urgente.

O *loop* verbal da rainha zerg continuou por algumas palavras, então parou.

— O pedido não é meu — disse. — O pedido é de Zagara, super-rainha do Enxame.

Valerian fez uma careta. *Super-rainha?* Aquela era nova.

— A super-rainha pede a ajuda da Supremacia Terrana para proteger o planeta Gystt dos protoss — prosseguiu Mukav. — A super-rainha oferece paz tanto aos protoss quanto aos terranos. O Enxame deseja apenas não ser perturbado. Vocês nos ajudarão? Qual é sua resposta?

— Um momento — disse Valerian, esforçando-se para manter o tom régio. As surpresas estavam vindo rápido demais naquele dia. — Coloque no mudo, por favor, almirante.

O painel soltou um ruído baixo.

— Mudo — confirmou Matt.

— Sua opinião?

— Gostaria de ter uma — admitiu Matt, com o semblante mais perplexo que Valerian já vira em seu rosto. — Um zerg pedindo a *nossa* ajuda? E contra os *protoss*? Não é exatamente algo que acontece todo dia.

— Concordo — disse Valerian.

A guerra terminara com um cessar-fogo trilateral. E, depois de Zagara ter reivindicado à força os sistemas nas cercanias de Char, levando todos a especularem sobre suas futuras intenções, Valerian presumira que ela manteria toda discrição possível. Algo muito grave devia estar acontecendo para que procurasse a Supremacia com um pedido de ajuda.

— Vejamos se conseguimos entender melhor a situação — sugeriu. — A começar pelo planeta *Gystt*. Alguém já ouviu falar?

Seguiu-se uma breve pausa. Alguns dos homens e mulheres nas telas fizeram que não; outros abaixaram os olhos para consultar computadores e pranchetas eletrônicas.

— Imperador Valerian? — disse por fim a mulher na Tela Cinco. Valerian não a reconheceu, mas ela usava as insígnias de uma major do programa fantasma. — Nosso especialista protoss me informou que Gystt foi um planeta que eles incineraram logo após a limpeza em Chau Sara.

— Esse é *um* jeito de colocar. — A voz quase inaudível veio do grupo de oficiais presentes no bunker.

— Algo a acrescentar? — perguntou Valerian, voltando-se para os oficiais. Seus olhos pararam no coronel Abram Cruikshank. — Coronel Cruikshank?

O lábio de Cruikshank tremulou inconscientemente.

— Minhas desculpas, imperador Valerian — disse ele. — Estava apenas me perguntando o quanto esse dado é confiável.

— Acredito que um protoss deve conhecer sua própria história — lembrou-lhe Valerian, em tom

gentil.

— Espere um minuto — intercedeu Matt, franzindo a testa. — Um *protoss*? O senhor quer dizer Ulavu? Achei que ele já tivesse partido.

— Não, Ulavu ainda está aqui — disse Valerian com firmeza, dando um tom de alerta à voz.

Matt, ao menos, captou a mensagem.

— Entendo. Certo, então Gystt é um planeta incinerado. Sabemos mais alguma coisa?

— Um continente de grandes proporções constitui cerca de metade das terras emersas do planeta — disse a major. — Dois continentes menores e ilhas formam o restante. Dia de trinta horas. O continente principal é equatorial, com duas cadeias de montanhas...

— Sim, ótimo — cortou Matt. — Temos algo que sugira por que Zagara pode querer se instalar nesse planeta?

— Nada que Ulavu saiba — respondeu a major. — Talvez ela esperasse que todos vissem o lugar como inofensivo e o ignorassem.

— É possível — disse Valerian. — A questão mais imediata é por que ela precisa ou deseja nossa proteção. — Ele gesticulou. — Coloquem-me de volta no ar.

— Pode prosseguir, senhor.

— Fale sobre o seu problema com os *protoss* — disse Valerian a Mukav. — O que vocês estão fazendo em Gystt que os incomodou?

— A super-rainha pede a ajuda da Supremacia Terrana para proteger o planeta Gystt dos *protoss* — disse Mukav. — A super-rainha oferece paz tanto aos *protoss* quanto aos terranos. O Enxame deseja apenas não ser perturbado. Vocês nos ajudarão? Qual é sua resposta?

Valerian fez uma careta. Era o mesmo que ela tinha acabado de dizer.

— Almirante?

— Não detectamos problemas na recepção — disse Matt com a testa franzida, movendo os olhos de um lado para o outro ao consultar as telas à sua frente. — Tente outra vez... tentaremos ajustar um pouco o sinal.

Valerian assentiu.

— O que Zagara está fazendo em Gystt que incomodou os *protoss*?

— A super-rainha pede a ajuda da Supremacia Terrana para proteger o planeta Gystt dos *protoss*. A super-rainha oferece paz tanto aos *protoss* quanto aos terranos. O Enxame deseja apenas não ser perturbado. Vocês nos ajudarão? Qual é sua resposta?

— Fantástico — murmurou Cruikshank. — Zagara nos mandou uma doida.

Valerian gesticulou, e a transmissão foi novamente interrompida.

— Ou deliberadamente enviou alguém com capacidade limitada de resposta para não perdermos tempo discutindo o assunto — disse. — O que apenas reforça a urgência da mensagem.

— Ou tenta nos fazer pular na água sem saber a profundidade — alertou Matt. — Isso pode ser um truque para nos arrastar para o meio do nada.

— Com que objetivo? — rebateu Valerian. — Certamente não vamos deixar a Supremacia desprotegida.

— Ou ficaremos nós mesmos desprotegidos — acrescentou Cruikshank. — Imagino que o senhor enviará uma força de combate completa, imperador Valerian.

Valerian estudou a imagem de Mukav. Sentada imóvel, sozinha e supostamente indefesa a bordo de um leviatã deserto, aguardando a resposta da Supremacia para o pedido de Zagara. Se aquilo fosse um truque, estava bem distante do padrão dos *zergs*.

Mas Zagara havia sido aprendiz da Rainha das Lâminas, outrora conhecida como Sarah Kerrigan,

uma fantasma terrana poderosa e extremamente capaz que, mais tarde, acabara infestada pelos zergs. Teria Kerrigan ensinado a Zagara aquele nível de sutileza?

Ou ao menos as palavras certas para conseguir o que queria?

Ele gesticulou, pedindo que reativassem a transmissão.

— Mukav, aqui fala o imperador Mengsk — disse. — Quem lidera a força protoss que os ameaça?

— A super-rainha pede a ajuda da Supremacia Terrana para proteger o planeta Gystt dos protoss. A super-rainha oferece paz tanto aos protoss quanto aos terranos. O Enxame deseja apenas não ser perturbado. Vocês nos ajudarão? Qual é sua resposta? — Mukav inclinou a cabeça de lado, como se pensasse. — A força protoss é liderada pelo hierarca Artanis.

Matt soltou um assobio baixo.

— O ataque está sendo liderado *pessoalmente* por Artanis? Interessante.

— Muito interessante — concordou Valerian.

E, com isso, constatou que na verdade não havia uma decisão a ser tomada.

Ele não confiava no Enxame zerg. E menos ainda em Zagara, que fora a mais próxima discípula e aliada de Kerrigan entre os zergs. Mesmo no seu melhor aspecto, Kerrigan tinha sido uma rebelde. Em seu pior, fora traidora. Se Zagara tramava alguma coisa, devia ser terrível.

Mas, se atender ao convite de Mukav significava passar um tempo valioso com Artanis, aquilo tudo definitivamente valia o risco.

A Supremacia vinha enfrentando dificuldades. Havia escassez de comida e habitação, além de um número incontável de veteranos mutilados e psicologicamente abalados, e reconstruir os mundos mais seriamente afetados pela guerra impunha forte pressão sobre os demais.

Por outro lado, os protoss estavam tão debilitados quanto eles. Tiveram a população devastada pela guerra. O Khala, a ligação psiônica que por séculos os havia unido como raça, fora desfeita e perdida, e ao menos uma facção dissidente rejeitara as tentativas de Artanis de reunificar a espécie e seguira caminho próprio.

Os protoss tinham uma história longa e valorosa, além de tecnologia de muitas formas superior aos equivalentes terranos. Os terranos não eram meros coadjuvantes no palco tecnológico, contudo, e, além disso, tinham uma história de tenacidade e criatividade na solução de problemas. Juntos, Valerian não tinha a menor dúvida, a Supremacia e os protoss seriam capazes de encontrar soluções para seus respectivos problemas.

Mas, para tanto, ou ao menos para discutir o assunto, Valerian precisava fazer a oferta a Artanis. E até o momento, o hierarca andava ocupado demais para sentar-se com ele e ter aquele tipo de conversa.

Talvez o espaço acima de Gystt seria o lugar onde finalmente teriam o tempo necessário.

E, se Artanis *não* estivesse lá, isso provaria que Kerrigan havia ensinado Zagara a manipular os terranos em geral e Valerian em particular.

Mais uma vez, ele sinalizou para cortarem o som.

— Almirante, em quanto tempo o *Hipérion* pode estar pronto para a viagem?

— Duas horas — disse Matt de pronto. Ele já era amigo e aliado de Valerian há tempo demais para não perceber que seu imperador chegara a uma decisão. — Talvez três, a depender do tamanho da força de solo que você quiser levar.

— Não precisaremos de muito — disse Valerian. — Seja lá o que acabarmos fazendo, faremos da órbita.

— Perdão, imperador, mas essa não é uma boa ideia — disse Cruikshank. Ele segurava sua prancheta eletrônica e digitava rapidamente no aparelho. — Situações desconhecidas são notórias por não terminarem como esperado.

— Ele tem razão — concordou Matt. — Mesmo que não pusemos no planeta, precisaremos de fuzileiros e algumas unidades mais pesadas que possam ser mobilizadas em pontos de estrangulamento a bordo na eventualidade de um ataque orbital. Coronel, o que o senhor pode reunir em três horas?

— Dois pelotões do 934o Batalhão de Fuzileiros podem ser embarcados em curto prazo — disse Cruikshank. — Posso acrescentar um dos meus esquadrões de golias e talvez alguns cães de guerra. Já exterminadores... temos apenas alguns grupos de recrutas em treinamento na área. Posso convocar alguns reservistas, porém. Essa é a força mínima que recomendo.

— Muito bem — disse Valerian. Preparar defesas contra uma invasão ao cruzador lhe soava ligeiramente paranoico, mas Cruikshank tinha razão quanto a situações desconhecidas. — Que tipo de força orbital você tem em mente, almirante?

— O *Hipérion* está praticamente pronto — reportou Matt. — *Fobos* e *Titã* estão uma hora atrás de nós; *Fúria*, *Circe* e *Cérbero*, quatro horas.

— Ótimo — disse Valerian. — Partiremos em três horas; *Fúria* e os outros podem se juntar a nós na órbita. Você precisará pedir a Mukav as coordenadas de Gystt.

— Ela já as enviou — disse Matt. — O major Vitkauskas também me enviou os números de Ulavu, e eles batem.

— Bom — disse Valerian outra vez. — Por falar em Ulavu, diga ao major Vitkauskas que eu o quero preparado para se juntar a nós. Podemos precisar de alguém com uma perspectiva protoss do Enxame.

Matt arregalou os olhos de forma quase imperceptível.

— É... não sei se é uma boa ideia — disse ele, abaixando o tom de voz, como se outras cinquenta pessoas não escutassem a conversa. — Se o hierarca Artanis estiver lá, pode ser... constrangedor.

— Ficará tudo bem — disse Valerian com firmeza. Fossem quais fossem as questões de Ulavu com os protoss, o mistério permanecia. Valerian fora pesquisador tempo o bastante para saber que informações e percepções vitais podiam vir das fontes mais inesperadas. — Três horas, senhoras e senhores. Ao trabalho.

Três horas depois, guiados por Mukav em seu leviatã, o *Hipérion* e suas naves de escolta fizeram o salto para o sistema Gystt.

Os protoss, como sugeria a mensagem de Mukav, já estavam lá em grande número: três destruidoras, duas transportadoras, um enxame de fênix e até mesmo uma imensa nave-mãe.

Os zergs também contavam com uma força em órbita: outros seis leviatãs. Até o momento, no entanto, os leviatãs mantinham distância dos intrusos, aparentemente se contentando em apenas observar e esperar. Os protoss também pareciam estar em formação de observação ou possivelmente de cerco, talvez à espera de que os zergs fizessem o movimento seguinte.

Quanto ao planeta em si...

— Matt — murmurou Valerian, ao lado do almirante na ponte de comando do *Hipérion*. — Ulavu não tinha dito que os protoss incineraram esse planeta?

— Há mais de uma década, sim — murmurou Matt em resposta.

— Completamente?

— Nunca vi os protoss fazerem nada pela metade.

Valerian assentiu, olhando para a enorme tela da ponte.

A tela que naquele momento mostrava o principal continente do planeta, coberto por uma colcha de retalhos de pradarias, cerrados e luxuriantes florestas verdes e roxas.

Nenhum dos quais poderia existir.

Valerian respirou fundo.

— Certo — disse de forma enérgica. — Enviem um sinal para aquela nave-mãe. Vejamos se hoje o hierarca Artanis atenderá às ligações da Supremacia.

— Talvez ele possa nos dizer o que diabos está acontecendo.



CAPÍTULO QUATRO

— Os satélites foram posicionados acima de Gystt há oito anos — disse Artanis, suas palavras saindo dos alto-falantes da ponte do *Hipérion* com a sonoridade terrana resultante da interseção da psiônica protoss com sistemas de comunicação. — Foi durante a ausência da Rainha das Lâminas; desejávamos mais informações sobre para onde ela levaria o Enxame em seguida.

— E eles deixaram de registrar — Valerian gesticulou para o planeta abaixo — tudo *isso*?

— Os satélites eram pequenos para evitar chamar atenção — disse Artanis. — Sua escala necessariamente impunha limites ao alcance. Presumimos que uma grande migração de zergs incluiria muitos leviatãs e que alguns certamente entrariam no alcance de detecção. Apenas quando os satélites apresentaram falhas enviamos um avaliador para investigar.

— E descobriram que um planeta incinerado havia se tornado um paraíso primitivo — disse Valerian, franzindo a testa. — Você disse que *ambos* os satélites falharam? Ao mesmo tempo?

— De fato — confirmou Artanis. — Em retrospecto, agora acreditamos que tenha sido sabotagem. Os zergs planejavam deixar Gystt e não desejavam que observássemos seus movimentos.

— Com todo respeito — interpôs Matt do outro extremo da ponte —, se esse era o plano de Zagara, acabou sendo uma bola fora.

Os olhos luminescentes de Artanis se voltaram para ele.

— Explique-se, almirante Matthew Horner.

Valerian olhou de lado para Matt. Um protoss comum já era bem intimidador, com olhos penetrantes e rosto longo e indecifrável. Mas Artanis ia um passo além: seu elmo reluzente com ares de coroa e sua armadura cerimonial reluziam na tela a cada movimento, lembrando a todos que assistiam que aquele era o líder de uma raça que viajava pelas estrelas havia milênios.

Não apenas viajava, como também localizava, identificava e zelava por outras raças dotadas de consciência. Nobres, orgulhosos e poderosos, os protoss eram os guardiões daquela parte da galáxia já fazia muito, muito tempo.

Que caminho a civilização humana teria seguido, Valerian se perguntava com frequência, se as viagens dos protoss os tivessem levado até o braço da galáxia onde ficava a Velha Terra? Apesar do Dae'Uhl, o princípio protoss da não interferência, será que os seres humanos teriam notado a presença dos visitantes? Caso positivo, teria a simples constatação de que a humanidade não estava sozinha

desencadeado uma era de ouro entre os povos da Terra?

Ou teria precipitado sua completa destruição?

Matt aparentemente estava concentrado demais na presente tarefa para se sentir intimidado pelo olhar penetrante ou pela presença de Artanis.

— Se ela estava tentando colocar em curso uma evacuação em massa antes que vocês conseguissem mobilizar forças para detê-la, por que ainda estaria aqui? — perguntou.

— Você pode afirmar com absoluta certeza que ela não mobilizou grandes forças para fora de Gystt enquanto não víamos? — rebateu Artanis.

Matt contraiu os lábios.

— Não, acredito que não — admitiu. — Eu apenas concluí que alguém que se autodenomina super-rainha desejaria liderar qualquer investida que planejasse. Ou ao menos iria para onde quer que estivessem se dirigindo de modo a ser capaz de observar.

— Há muito que estamos presumindo e muito que não sabemos — disse Valerian em auxílio ao almirante. — Mas você está aqui, hierarca Artanis, e nós também, e é inteiramente possível que ambos tenhamos sido convidados. — Ele inclinou a cabeça — E, convite por convite — acrescentou —, o nosso certamente foi mais formal que o seu.

— Forçar a mobilização de uma frota de guerra protoss não é exatamente um convite — disse Artanis com gravidade. — Tampouco uma estratégia sensata.

— Concordo plenamente — disse Valerian, estremecendo à lembrança da última vez que tinha visto uma frota de guerra protoss em ação. — Mas Zagara pode não pensar da mesma forma. Seja como for, como já falei, nós estamos aqui. O que me diz de a convidarmos a se juntar à conversa e talvez esclarecermos algumas dessas questões?

— Você espera ouvir qualquer verdade de um zerg?

— Normalmente não. — Mais uma vez, Valerian gesticulou para o planeta verdejante abaixo deles. — Mas até algumas horas atrás eu também não acreditaria que algo assim poderia acontecer. Não estou sugerindo acreditarmos em seja lá o que ela tiver a dizer. Mas vamos ao menos ouvi-la.

Artanis deu de ombros.

— Como desejar, imperador Valerian. Vocês, da Supremacia Terrana, receberam o convite mais formal. Cabe a vocês dar início às comunicações.

— Obrigado — disse Valerian. — Almirante, a conexão está preparada?

— Sim, senhor — disse Matt. — Presumindo que Zagara use os mesmos protocolos que Mukav, tentaremos a mesma frequência e o mesmo sinal.

— Há algum motivo para que Zagara não use outro protocolo?

— Nenhum — reconheceu Matt prontamente. — Apenas pensamos em começar por aí.

— Muito bem — disse Valerian. — Deem início a transmissão e façamos uma tentativa.

— Transmissão iniciada.

— Super-rainha Zagara, este é o imperador Valerian Mengsk da Supremacia Terrana — disse Valerian. — Também na conversa temos o hierarca Artanis, líder dos protoss unidos. Você pediu ajuda terrana. Diga o que deseja de nós.

— Saudações, imperador Valerian e hierarca Artanis — respondeu uma voz roufenha nos alto-falantes da ponte de comando. Simultaneamente, a imagem ossuda de uma rainha zerg apareceu na tela de comunicações.

Mas não uma rainha qualquer. Quando Kerrigan ainda governava o Enxame como Rainha das Lâminas, Zagara foi transformada em mãe de casta, o que alterara drasticamente sua aparência e suas habilidades.

E não no sentido de um aspecto mais delicado ou menos ameaçador. Pelo contrário: a armadura da caixa craniana, típica das rainhas, ficou mais grossa e larga, criando um capacete semelhante a um guarda-chuva que a deixava praticamente invulnerável a uma investida aérea. Na linha central do capacete, havia uma fileira de chifres que deixariam orgulhoso um rinoceronte da Velha Terra. Ela tinha protuberâncias similares nas pernas, logo acima dos joelhos e curvadas para trás. Seus braços eram mais delgados e pareciam oferecer maior destreza, e suas mãos pareciam ter garras mais ágeis.

A câmara se demorou por um instante numa imagem de corpo inteiro, mostrando Zagara em todos os terríveis detalhes. Então a imagem se aproximou lentamente até focar no rosto anguloso com olhos cintilantes. Quase, pensou Valerian com gravidade, como se Zagara quisesse lembrar os visitantes exatamente com que se defrontavam antes de passarem a confabular.

Não que ele ou Artanis estivessem propensos a esquecer. A criatura que os fitava tinha o Enxame sob seu comando, um exército que havia massacrado milhões de terranos e protoss e devastado dezenas de planetas. Todos os líderes zergs anteriores haviam sido criaturas completamente implacáveis, dispostas a fazer o que fosse necessário para atingir seu objetivo de dominação e absorção.

Esse objetivo teria mudado? Valerian esperava que sim. Mesmo nos momentos mais otimistas, porém, ele admitia que não havia qualquer prova de tal coisa. Até onde sabia, Zagara simplesmente lançava mão de uma trama ligeiramente mais sutil para atrair seus inimigos a uma posição desfavorável.

— Dou-lhes as boas-vindas a Gystt — prosseguiu Zagara. — Agradeço especialmente ao senhor, imperador Valerian, por sua inesperada, mas gratificante, pronta resposta ao meu convite.

— O prazer é meu, super-rainha — disse Valerian. — A situação pareceu ser de grande importância, além de intrigante.

— Estou certa de que também a achará gratificante — disse Zagara. — Vocês dois têm perguntas, imagino. Façam-nas, e tentarei responder.

— Começemos pela mais óbvia — disse Valerian. — Diga o que aconteceu com Gystt.

— Os zergs aconteceram — disse Zagara. — Os zergs mudaram, imperador Valerian. A alma dos zergs mudou. Aquela que um dia foi Sarah Kerrigan, posteriormente Rainha das Lâminas e, em seguida, ascendeu a xel'naga, mostrou-nos o caminho.

Xel'Naga. Inconscientemente, Valerian se empertigou na poltrona. Os relatos do que acontecera com Kerrigan eram confusos e contraditórios, mas todos afirmavam que ela mais uma vez havia se transformado, dessa vez em algo ainda mais alienígena que qualquer uma das espécies do setor Koprulu.

E os rumores eram que ela de fato havia se tornado — elevado ou ascendido — alguma forma de xel'naga.

Valerian não fazia ideia do que isso significava. Os xel'naga haviam sido os patronos dos protoss, zelando por eles de longe da mesma forma que os protoss mais tarde fizeram com espécies mais jovens. De alguma forma, parecia que Kerrigan fora aceita nessa posição, agraciada com o título ou algo igualmente nebuloso.

Kerrigan havia sido uma combinação de terrana e zerg no momento de sua ascensão. Teria alguém de alguma forma substituído essa genética, possivelmente toda sua estrutura celular, por equivalentes xel'naga?

Ninguém sabia. Da mesma forma que ninguém sabia se a transformação fora uma honra — o inevitável próximo estágio na evolução terrana ou zerg — ou uma condenação, uma punição.

Tendo em conta que Kerrigan jamais voltara a ser vista, Valerian tendia a acreditar na última hipótese.

— Ela lhes mostrou o caminho do quê? — perguntou.

— Da paz — disse Zagara. — No decorrer de nossa história, os zergs sempre aspiraram buscar a perfeição em si mesmos. Mas esse ideal sempre esteve além do nosso alcance. Então, antes de partir para sempre, a Rainha das Lâminas nos ofereceu uma última dádiva.

Valerian olhou de relance para a imagem de Artanis, perguntando a si mesmo se o hierarca se juntaria à conversa. Os protoss sem dúvida tinham sua cota de diferenças com Kerrigan e seus avatares posteriores.

Mas o hierarca não dava qualquer sinal.

— Que dádiva foi essa? — perguntou Valerian, voltando a se dirigir a Zagara. — O poder de criar vida em um planeta estéril?

— Os zergs sempre tiveram o poder de criar — disse Zagara. — Nós sempre soubemos como fundir, misturar e moldar seres vivos à nossa imagem desejada.

— Então o que Kerrigan lhes deu? — insistiu Valerian.

— Algo que os zergs nunca tiveram. — Zagara espalhou as garras para os lados. — Escolha.

A palavra pareceu pairar no ar.

— Escolha — repetiu Valerian.

— A escolha entre continuarmos no caminho da destruição em nossa eterna busca por perfeição ou aceitarmos o que somos e usarmos nossas habilidades para cultivar vida — disse Zagara. — Nós fizemos a nossa escolha. Aqui, em Gystt, vocês veem o resultado.

Valerian olhou de lado para Matt. Não, aquilo simplesmente não era possível. Tudo na longa e sangrenta história do Enxame bradava a impossibilidade de tamanha mudança de objetivo. Os zergs eram especialistas em aniquilação de planetas, infestação e absorção de todas as espécies que fossem capazes de usar e destruição das que não fossem. Eles tinham deixado para trás um rastro de destruição e morte, não apenas no setor Koprulu, mas por todos os anos-luz e séculos desde seu mundo de origem, Zerus.

Os terranos não mudavam daquela forma. Não tão rápido e, sem dúvida, não tão completamente. Tampouco os protoss. Como diabos poderiam os zergs?

Ainda assim...

Valerian olhou para a tela e para a paisagem polvilhada de nuvens abaixo. E, ainda assim, havia evidências perante seus olhos. Um planeta devastado *tinha* sido renovado. Renovado, reformado e preenchido com vida nova.

E ele precisava admitir que existia certa lógica naquilo. Os zergs eram mestres da manipulação genética. Se alguém era capaz de fazer renascer vida das cinzas de uma incineração protoss, eram eles.

— Você disse que *nós* fizemos a escolha. Quem exatamente está com você nisso?

— O Enxame está comigo.

— Isso não é resposta. — Artanis por fim se pronunciou, sua voz grave e permeada de desconfiança. — Nós conhecemos a pirâmide de comando zerg. Conhecemos as rainhas e mães de casta. Sabemos que elas têm níveis próprios de racionalidade e livre-arbítrio. Seus próprios níveis de escolha. Você fala no Enxame, mas o Enxame não é mais uma entidade singular.

— Falei para simplificar — disse Zagara. — Talvez tenha simplificado demais. Todas as mães de casta dignas de nota estão sob meu comando. As outras se submeterão.

— Isso é muito reconfortante — disse Valerian, tentando não soar sarcástico demais. Talvez Zagara simplesmente não visse a dissonância lógica de mães de casta terem escolha mas ao mesmo tempo estarem sob seu controle. — Não há divergências entre vocês?

— Eu já disse que não — rebateu Zagara. — Nós somos o futuro do Enxame. — As mandíbulas dela tiveram espasmos verticais, um movimento facial que Valerian jamais vira num zerg. Uma tentativa de

sorriso? — É estranho, não? —acrescentou ela. — Aqui vemos o Enxame zerg em maior harmonia que tanto os terranos quanto os protoss. Não existe tamanha unidade desde a Supermente.

— Sim, percebemos a ironia — disse Valerian. Primeiro, um quase sorriso, e agora um quase senso de humor? De certa forma, aquilo era ainda mais chocante que a explosão de vida no planeta abaixo.

Ou talvez ela estivesse apenas sendo sarcástica e condescendente. *Isso* Valerian era capaz de acreditar vindo de um zerg.

— Confio que não se ofenderá se eu disser que não posso aceitar apenas a sua palavra.

— Isso, é claro, foi antecipado — disse Zagara. — As muitas traições e mentiras dos zergs são bem conhecidas. Nomeie seus testes.

Valerian franziu a testa.

— Nossos testes?

— Ela se refere aos testes aos quais os submeteremos para garantir a verdade — disse Artanis.

— Ah — disse Valerian. — Bem, comecemos por algo simples. Gostaríamos de ver um pouco mais de perto o novo mundo que vocês construíram.

— Imaginei que essa seria a sua resposta — disse Zagara. — Criamos uma estrutura especificamente para esta reunião entre nós. Enviarei as coordenadas. Você, imperador Valerian, e você, hierarca Artanis, se juntarão a mim em conversas claras e abertas para buscarmos o futuro do setor Koprulu.

— Uma sugestão intrigante — disse Valerian com cautela. Matt, ele viu, estava na estação de sensores tendo uma conversa em voz baixa com o oficial responsável. — Mas não há necessidade de irmos até a superfície. Não podemos simplesmente continuar a conversar desta forma?

— Não é costume dos terranos e protoss se encontrarem frente a frente com possíveis aliados?

— Tanto possíveis aliados como possíveis inimigos — retrucou Valerian. — Chamamos o segundo tipo de encontro de *guerra*.

— Guerra é o que sinceramente espero evitar — garantiu Zagara. — Por isso desejo falar com vocês pessoalmente. Apenas pessoalmente o hierarca Artanis poderá confirmar que de fato digo a verdade.

— Conheço bem a *verdade* zerg — disse Artanis. — Não tenho interesse em estudar o assunto mais profundamente.

— Um momento, hierarca — disse Valerian, franzindo a testa quando lhe ocorreu uma ideia. — Sei que você e outros protoss mantiveram algum tipo de contato com Kerrigan durante a crise de Amon. Você teve uma conexão psiônica com ela por tempo o bastante para ser capaz de concluir se Zagara está ou não dizendo a verdade?

— Dessa distância? Impossível.

— E mais de perto? — insistiu Valerian. — Do interior dessa estrutura de conferência que ela mencionou, por exemplo?

Os olhos de Artanis pareceram reluzir com um pouco mais de força.

— Você quer que eu caia na armadilha dela?

— Mas isso não justifica correr o risco? — perguntou Valerian. — Um Enxame zerg pacífico seria um evento que abalaria todas as estruturas.

— Assim como a traição deles e uma nova guerra — rebateu Artanis.

— Concordo — disse Valerian. — Mas, se não for uma tramoia, hierarca Artanis, isso de fato pode trazer esperança. Não apenas de um cessar-fogo, mas de paz genuína e cooperativa. Acredito que vale a pena investigar mais de perto. Você não?

Por um momento, Artanis pareceu estudá-lo.

— O risco é enorme — disse enfim. — Não apenas para nós, mas para nossos povos. Se formos eliminados, quem lideraria os protoss e a Supremacia?

— Não acredito que o perigo seja assim tão grande — disse Valerian. — Atrair-nos para lá apenas para deixar nossos respectivos povos acéfalos me parece sutil demais para o Enxame. Especialmente já que ela não poderia matar a nós dois sem também ser morta, transformando isso tudo numa tripla decapitação. Seja como for, estou preparado para assumir o risco. Irei sozinho se preciso, mas acredito que a mensagem seria mais forte se você ou outro protoss de alta patente me acompanhasse.

Ele gesticulou para Matt.

— Almirante, imagino que estejam avaliando a estrutura de conferência de Zagara.

— Sim, senhor, estamos — disse Matt, soando ainda menos entusiasmado que Artanis. — E devo admitir que é singular em se tratando de construções zergs. Parece ter sido construída nos moldes gerais de uma incubadora, exceto pelo fato de não ter vida e de o cone central ser aberto. Até onde conseguimos ver, o interior parece ter sido esterilizado de tudo que seja zerg.

— E quanto ao exterior? É igual ao de uma incubadora comum?

— É ao menos tão rígido quanto. Talvez mais.

— Portanto, se algo tentasse invadir o local, eu teria tempo suficiente para entrar no meu módulo de transporte e voltar para cá?

— A não ser que eles tenham alguns grupos de mutaliscas à espreita, prontos para entrar em ação e abater o módulo — destacou Matt com gravidade. — Com toda aquela folhagem, é possível camuflar uma centena delas em raio de ataque.

— Por que motivo eu faria uma coisa dessas? — perguntou Zagara. — Eu me encontro abaixo de frotas de batalha protoss e terrana. Se traí-los, eu também morreria.

— Vocês são o Enxame — rebateu Artanis. — Zergs individuais não importam para o Enxame. Apenas os fins importam.

— Nós renunciamos a esses fins.

— E quanto a seus outros fins? — insistiu Artanis. — Vocês já buscaram a perfeição genética infestando terranos e tentaram fazer o mesmo com protoss. Os fins foram o aperfeiçoamento dos zergs ou meramente a destruição de protoss e terranos?

— Isso é passado — respondeu Zagara com firmeza. — A Supermente se foi. A Rainha das Lâminas se foi. *Eu* sou o presente. *Eu* sou o futuro. A minha visão do Enxame está tão distante disso quanto o dia da noite.

— Por que deveríamos acreditar nessa mudança de postura? — pressionou Artanis.

— Porque eu lhes mostrarei — disse Zagara. Ela estava começando a ficar irritada, percebeu Valerian com apreensão. — Venham a Gystt e mostrarei tudo. Maravilhas que beneficiarão igualmente a todos nós: zergs, protoss e terranos.

— De que tipo de benefício você está falando? — perguntou Valerian, antecipando-se a Artanis.

— Muitos planetas protoss e terranos foram devastados pela guerra — disse Zagara. — Em certos lugares, a comida é escassa para os terranos sobreviventes, não é?

Valerian fez uma careta. Aquilo não era segredo, mas ele não esperava que os zergs acompanhassem aquele tipo de coisa.

— Sim — disse.

— Uma possível solução se apresenta perante seus olhos — disse Zagara. — O que os zergs fizeram em Gystt poderia ser feito em seus planetas. — A cabeça dela se moveu para o lado, muito provavelmente para a tela que mostrava o rosto de Artanis. — A situação dos protoss é diferente, mas muitos dos seus planetas foram igualmente devastados. Nós podemos ajudar a repará-los.

— Nós já vimos o que os zergs fazem quando fincam o pé em outros planetas — disse Artanis. A pele do hierarca começava a ficar mosqueada de emoção. — Depois do quase genocídio dos protoss em

Aiur, você acredita mesmo que permitiríamos a sua volta sob qualquer pretexto?

— Lamento profundamente a destruição de seu planeta natal, hierarca Artanis — disse Zagara. — Mas esteja certo de que os zergs não precisariam ir até lá ou a qualquer um de seus planetas. O trabalho genético necessário pode ser individualizado aqui, e vocês podem administrá-lo por conta própria.

— Mas primeiro você requer nossa presença em sua estrutura para nos encontrarmos pessoalmente — disse Artanis.

— Eu *peço* que se encontrem comigo — respondeu Zagara. — Nenhuma armadilha o aguarda, hierarca Artanis, ou ao senhor, imperador Valerian. O Enxame deseja apenas viver em paz.

— Sim — disse Valerian. Percebendo o olhar de Matt, ele acenou para o almirante. — Peço a sua licença por um breve instante, super-rainha.

Matt foi até ele, gesticulando para que o oficial de comunicações cortasse o microfone.

— Não estou gostando disso, Valerian — disse o almirante, em voz baixa o bastante para que ninguém na ponte de comando os escutasse.

— O que não me surpreende — murmurou Valerian em resposta. — Há algo de concreto que justifique essa sensação?

— Apenas uma intuição apurada que tem uma longa e dolorosa história com os zergs — disse Matt. — A edificação me parece segura, ao menos até onde conseguimos ver da órbita. Se houver alguma armadilha nisso tudo, *talvez* seja possível tirá-lo de lá a tempo.

— E, caso contrário, garantir a destruição mútua?

— Com as nossas forças e as dos protoss? Certamente — disse Matt. — Você acredita mesmo na sinceridade dela?

Valerian deu de ombros.

— Ela sem dúvida sabe escolher bem seus argumentos. A grande questão é se a solução alimentar é uma oferta ou apenas uma isca, e não saberemos disso a não ser que olhemos mais de perto.

Matt soltou uma fungada.

— Desculpe o cinismo, mas você não vai descobrir nada de útil numa visita guiada oficial.

— Concordo — disse Valerian, com um sorriso tenso. — Mas não serei eu quem vai olhar. Ligue o microfone, está bem?

— Sem problema — disse Matt, franzindo a testa ao gesticular para o oficial de comunicações. — Vá em frente.

Valerian se voltou para a tela.

— Agradeço sua paciência, super-rainha — disse. — Eu ficaria honrado em aceitar o seu convite. Com uma condição: enquanto dialogamos, quero que uma equipe de inspeção examine a nova vida e avalie se suas técnicas podem ser adaptadas a planetas e lavouras terranas.

— Sua equipe de inspeção seria bem-vinda — disse Zagara sem hesitar.

— E teria permissão para ir a qualquer lugar do planeta?

— A equipe poderá ir aonde desejar — confirmou Zagara. — O Enxame não tem más intenções e tampouco segredos obscuros.

— Muito bem. — Valerian se voltou para a outra tela de comunicação. — Hierarca Artanis, ficaríamos muito honrados se aceitasse se juntar a nós.

Por um longo momento, Valerian teve certeza que o protoss recusaria. Pior, que talvez até mesmo ordenasse um ataque preventivo. Então, lentamente, o mosqueado em sua pele se desfez, e ele inclinou a cabeça.

— Eu o acompanharei, imperador Valerian — disse o hierarca, voltando a usar o característico tom impassível. — Mas insisto que nenhum de nós vá sozinho. Não acredito que seria prudente.

— Não, não seria — concordou Valerian em voz baixa, voltando a olhar para Zagara. — Nem um pouco.

— Aqui — disse a dra. Erin Wyland, apontando para seu último mapa em cores artificiais. — O senhor está vendo *agora*?

Ela levantou o olhar para o homem em sua apertada estação a bordo do *Hipérion*. Mas o coronel Cruikshank apenas fez que não.

— Não exatamente — disse ele. — Mas acredito na sua opinião.

Erin travou os dentes. Não queria que o coronel *acreditasse* em sua opinião. Aquilo era ciência, e a ciência não é ditada pelo voto popular. Ela tinha evidências *concretas*, droga, e queria que o sujeito as visse.

Ela voltou a atenção para a mulher de pé do seu outro lado.

— *Você está vendo?* — perguntou.

— É claro — respondeu calmamente a dra. Talise Cogan. — Vi há três iterações. — Ela gesticulou para Cruikshank. — Mas nós somos cientistas. Ele é um militar. Nós vemos o universo. Ele só tenta explodi-lo.

— Muito engraçado — rosnou Cruikshank. — Tentem lembrar que é por causa dos militares que vocês podem brincar de cientista em vez de comer ratos e se esconder em escombros infestados de zergs. Então ótimo, está lá. O que vocês sugerem que façamos?

— Façamos a respeito do quê? — perguntou uma voz familiar atrás de Erin.

Ela girou a cadeira, o coração subitamente batendo mais rápido. Passando pela escotilha, viu o comandante da frota da Supremacia, o almirante Matt Horner...

E ao lado dele, o imperador Valerian Mengsk em pessoa. O homem que fora cientista antes de governar toda a Supremacia Terrana. Mais que isso: o homem que trouxera verdadeira ética ao governo.

— Imperador Valerian — disse Cruikshank, empertigando-se em posição de sentido. — Acredito que conheça a dra. Cogan.

— Sim — confirmou Valerian, trocando cumprimentos de cabeça com a exobióloga mais velha. — E essa é...?

— A dra. Erin Wyland — disse Cruikshank. — Ela está analisando a vegetação lá embaixo e pode ter encontrado algo interessante. — O coronel gesticulou para Erin. — Doutora?

Furiosamente, Erin tentou descongelar o cérebro. Nem em seus sonhos mais ousados vira a si mesma falando diretamente com o homem que salvara a Supremacia, não apenas dos protoss e dos zergs, mas também de si mesma. — Parecem existir três pontos focais distintos de onde a vegetação irradia pelo planeta — começou ela, tentando não gaguejar. — Esses pontos ficam...

— O que você quer dizer com irradiam? — interrompeu o almirante Horner. — Como vida vegetal pode *irradiar*?

Erin hesitou, forçando-se a usar o meio segundo necessário para trazer o cérebro de volta aos trilhos antes de responder.

— Não sei, senhor — disse. — Mas o padrão está lá. — Ela apontou para o mapa em cores artificiais. — Os pontos ficam *aqui* e...

— Espere — ordenou Valerian.

Erin congelou, com o dedo pairando imóvel a caminho do segundo ponto radial. O imperador se aproximou da estação de trabalho, seus penetrantes olhos cinzentos fixos na tela. Estava bem ao lado de Erin agora, perto o bastante para que sentisse o calor que o corpo dele emanava. Valerian estendeu o

dedo, fez uma pausa e o aproximou do segundo ponto. — Aqui... — O dedo gravitou lentamente pelo terreno. — E aqui?

Erin sentiu uma onda de alívio. Então *não* era apenas imaginação dela. O imperador também enxergava aquilo.

— Sim, imperador Valerian — disse ela. — É... o terceiro fica um pouquinho a leste, na verdade. Mas o senhor *está* vendo?

— Estou — confirmou Valerian. — Interessante. Isso são morros, certo? Ou mesetas?

— Provavelmente mesetas baixas, sim.

— Alguma ideia do que existe lá?

— Não de fato, imperador — disse Erin. — Não vejo nada digno de nota nas superfícies superiores. Existe uma fileira de árvores na orla de todas as mesetas, bloqueando a visão, então é possível que o que vemos sejam apenas coberturas, envolvendo o que realmente importa. Mas também pode ser uma parede vertical... é impossível dizer a partir dessas imagens. Sinto muito.

— Não há por que se desculpar — disse Valerian, ainda concentrado no mapa. — Descobertas importantes sempre começam com pequenos passos. — Ele se voltou para o almirante Horner. — E esse pequeno passo acaba de nos dar nosso ponto de partida. Almirante?

— Concordo, senhor — respondeu Horner. — Alguma preferência entre os três?

— Deixemos isso a cargo da dra. Wyland — disse Valerian. — Ela pode escolher por onde prefere começar.

— Acredito que... — Erin vacilou quando lhe ocorreram as implicações das palavras do imperador. — Desculpe, imperador. Por onde *eu* prefiro começar?

— Vamos enviar um grupo para estudar a vegetação e coletar algumas amostras — disse Valerian. — Eu *tinha* planejado enviar a dra. Cogan, nossa principal exobióloga, com eles. Mas, nas atuais circunstâncias, acho que deve ser você. — Ele arqueou as sobrancelhas. — Alguma objeção, dra. Cogan?

— Nenhuma, imperador — respondeu a cientista sem hesitar. — A dra. Wyland é bem mais experiente com vegetação alienígena. Além disso, estou um pouco velha para trabalho de campo.

— Sinceramente duvido — discordou polidamente o imperador —, mas sua lógica faz todo sentido. Dra. Wyland, bem-vinda à equipe de inspeção. Coronel, cuide dos preparativos.

— Sim, imperador — disse Cruikshank.

— E boa caçada, doutora — disse o imperador, dirigindo a Erin o mesmo gesto de cabeça que oferecera à dra. Cogan mais cedo. Ele então se voltou e deixou o compartimento, acompanhado pelo almirante Horner.

— Muito bem — disse Cruikshank de pronto, estudando Erin. — Você tem alguma experiência com trajes de combate mecanizados?

— É... — Erin vacilou outra vez. — Treinei uma semana com um VCE. Eles queriam que fôssemos capazes de movimentar maquinário pesado...

— Um T-285? — interrompeu Cruikshank.

— Eu, é... acho que era um T-270. O que ele quis dizer com *boa caçada*?

— Tenho certeza de que falava do ponto de vista científico — disse a dra. Cogan, mas a tensão em seus olhos fez subir um calafrio pela espinha de Erin.

— Ou militar — disse Cruikshank, curto e grosso. — Um T-270, então. Está mais para veículo que armadura mecanizada, mas é um começo. Certo, venha comigo. Um dos nossos sargentos a ajudará com uma CMC-400.

Erin sentiu os olhos se arregalarem.

— Uma *o quê*?

— Você irá desembarcar na superfície — disse Cruikshank no limite da paciência. — Uma superfície coberta de zergs. Quer ir até esse ponto radial mágico vestindo apenas o seu macacão?

— Pelo que ouvi, Zagara prometeu não interferir com a equipe — intercedeu a dra. Cogan.

— É, prometeu — concordou Cruikshank. — Quer contar com a promessa de um zerg? — Ele gesticulou para Erin. — A pergunta é para você, doutora. A não ser que queira dizer ao imperador que prefere voltar atrás.

Erin sentiu um calor nas entranhas. A última coisa que faria na vida era desapontar o imperador Valerian.

— Está bem — disse, decidida. — Vamos ver essa CMC qualquer coisa.



CAPÍTULO CINCO

Nas três horas anteriores, o *Hipérion* fora palco de um caos silencioso e controlado. Tanya se vira basicamente mantida nos bastidores, mas, usando seu limitado poder psíquico e ouvindo relances aqui e ali das conversas dos que passavam apressados, pareceu-lhe que o imperador Valerian desceria à superfície para se reunir com a super-rainha zerg enquanto uma segunda equipe seria mandada a outro ponto do planeta para estudar a explosão de vida que inexplicavelmente havia ocorrido lá embaixo.

Agora que Valerian conversava com Ulavu a metros de distância, as especulações foram confirmadas. O imperador, que de fato enviaria uma equipe, estava pedindo a Ulavu que fizesse parte dela.

Era estranho e provavelmente muito perigoso. E também, Tanya precisava admitir, soava interessante.

Independentemente do que acontecesse dali em diante, ela não seria incluída. Trinta minutos antes, no auge dos debates e preparativos, sua contagem regressiva chegara ao fim e ela havia deixado de fazer parte do programa fantasma.

Ou ao menos era o que pensava. Ela obviamente não tinha comparecido ao gabinete do coronel Hartwell para as formalidades, mas a documentação devia ter seguido seu caminho como de costume. Se alguém a bordo do *Hipérion* sabia disso era outra questão, é claro.

Mas ela sabia. E, subitamente, tudo havia mudado.

Tanya passara quase toda a vida no programa. A parte que conseguia lembrar com clareza, pelo menos. Os quartéis, as pessoas, o treinamento, o cotidiano, até mesmo a dor quando camaradas e conhecidos partiam para a guerra — tudo aquilo bruscamente chegava ao fim. Ela era uma civil agora, ou ao menos seria quando voltasse a Korhal e a mandassem embora.

O que civis faziam? *Como* viviam? *Onde* viviam? Em casas, apartamentos e hospedarias, claro, mas como alguém arrumava um lugar desses? Onde ela conseguiria comida? Como seria preparada? Onde arrumaria dinheiro para pagar por ela, para começo de conversa?

E onde Tanya encontraria alguém para responder a todas essas perguntas?

Ela desviou o olhar de Ulavu e do imperador e passou a observar a atividade à sua volta com uma sensação de vazio na alma. Era como se estivesse parada na rua, vendo partir um ônibus com todos e tudo que conheceu a bordo. Toda sua vida fora dedicada ao objetivo de servir à Supremacia. Agora, do

nada, esse objetivo não existia mais.

Eu quis isso, lembrou Tanya a si mesma com firmeza. Eu pedi para deixar o programa.

Mas aquilo não ajudava. Ou talvez ela não tivesse refletido direito a respeito do assunto.

Eu ficaria honrado em me juntar à equipe de inspeção. Tanya ouvia os pensamentos de Ulavu quando ele os comunicava a Valerian. *A Supremacia Terrana foi boa e generosa comigo nesses últimos anos. Eu abraçaria a chance de fazer algo de útil pelo seu povo.*

— Obrigado — disse Valerian, inclinando a cabeça. — Suas observações sobre as culturas zerg e protoss foram muito valiosas para nós. Tenho certeza de que se provarão igualmente úteis aqui.

Tanya assentiu para si mesma. Então Ulavu de fato desceria até o planeta. Ela já havia imaginado que o amigo aceitaria a oferta de Valerian.

Apenas esperava que ele estivesse à altura do desafio. Como testemunhava com frequência, Ulavu nem sempre trabalhava e interagia bem com outras pessoas.

Agradeço igualmente, disse Ulavu. *Mas esta é uma missão muito além das habilidades de um simples acadêmico.* Ele fez uma pausa e se voltou ligeiramente, olhando de relance para Tanya. *Talvez isso também me redima entre os líderes do meu povo.*

Tanya suprimiu uma careta, nos níveis tanto físico quanto psiônico. Desafios dentro de desafios dentro de desafios. Ela não sabia por que o hierarca Artanis havia se recusado a levar Ulavu depois que os fantasmas o encontraram vagando naquele campo de batalha. Pelo que ouvira, ninguém sabia. O próprio Ulavu nunca falara no assunto. Mas ali havia claros ressentimentos.

Não era possível afirmar que não houvesse mágoas no lado terrano. Tanya tinha notado que o coronel Cruikshank cuidava da maioria dos preparativos para as duas expedições até a superfície, mas Valerian preferira procurar Ulavu pessoalmente em vez de deixar que Cruikshank o fizesse. A Supremacia e os protoss até podiam não ser inimigos no momento, mas, como ela vira no Círculo de Dante, ressentimentos não estavam em falta.

— Podemos apenas torcer que sim — concordou Valerian. — Obrigado pela sua disposição.

A honra é minha. Os pensamentos do protoss se apagaram da mente de Tanya por um instante, quando Ulavu dirigiu a comunicação psiônica apenas para Valerian. Ela franziu a testa, especulando o que o protoss não queria que ouvisse...

— Entendo — disse Valerian, olhando de esguelha para Tanya. — E não tivemos problemas em atender a seu pedido para trazermos a srta. Caulfield a bordo. Mas, há muito pouco tempo, ela deixou de fazer parte do programa fantasma da Supremacia. Portanto, não posso ordená-la a fazer nada que não queira.

Tanya sentiu um súbito aperto no estômago. Então o imperador, pelo menos, estava ciente da situação. Isso significava que todos também estavam? Será que todos que passavam apressados à sua volta a viam como nada além de uma desertora?

Um segundo depois, processou as palavras de Valerian. *Seu pedido para trazermos a srta. Caulfield a bordo... não posso ordená-la a fazer nada que não queira.* Teria Ulavu pedido ao imperador Valerian para que ela fosse embarcada no *Hipérion*?

E teria agora pedido que ela se juntasse à equipe de inspeção?

Era o que parecia.

— Recebi um pedido e uma sugestão de Ulavu, srta. Caulfield — disse Valerian. — Ele acredita que seus talentos possam ser úteis nessa missão. Portanto, me pediu que a convidasse a fazer parte da equipe.

Tanya olhou para Ulavu, notando a completa falta de surpresa por parte dele ao saber que ela havia deixado o programa. Há quanto tempo o protoss sabia?

E o mais importante: por que pedia que o acompanhasse? Ulavu acreditava mesmo que ela seria útil?

Ou estava apenas lhe oferecendo uma última chance de fazer algo de útil pela Supremacia, para não partir com a sensação de ter desperdiçado a própria vida?

Essa é uma missão importante, disse-lhe Ulavu, sem hesitação. *Acredito que você possa ser útil. Virá comigo?*

Tanya soltou um suspiro. *Comigo*. Não *conosco*. Sem dúvida um ato de caridade.

No entanto, finalmente ter a chance de servir a Supremacia e o programa fantasma...

Ela se concentrou em Valerian, que se mantinha imóvel; silencioso, forte e régio. *Ulavu* pedira que ela se juntasse à equipe, não Valerian. Na verdade, não parecia que o imperador tivesse nem ao menos considerado a possibilidade até que o protoss a levantasse. Seria apenas porque, tecnicamente, Tanya não estava mais sob comando da Supremacia?

Seria mais do mesmo padrão que governara toda a vida dela? Será que era realmente tão valiosa para os fantasmas que fora continuamente poupada para algo especial?

Ou estaria mais para uma peça de cristal, uma taça valiosa demais para se jogar fora mas tão delicada que partiria se fosse usada para beber?

Será que os fantasmas a consideravam inútil? Será que todos os militares a consideravam inútil?

Seria ela inútil?

— Obrigado, imperador Valerian — respondeu Tanya com uma mesura. — Eu ficaria honrada em me juntar à equipe.

— Obrigado, srta. Caulfield — agradeceu Valerian. — O restante da equipe está se reunindo no hangar. Sabe onde fica?

— Eu encontro, imperador, obrigada — disse Tanya. — Vamos, Ulavu.

E se ela tivesse muita, muita sorte, pensava Tanya enquanto descia o corredor com Ulavu, descobririam que Zagara havia mentido sobre estar tudo em segurança lá embaixo. Talvez assim Tanya conseguisse finalmente descobrir do que era capaz, em combate real contra inimigos reais.

Mesmo que sua parte fosse apenas morrer em serviço pela Supremacia.

Você e eu contra o mundo, Tanya Caulfield?, perguntou Ulavu.

Tanya não pôde deixar de sorrir. *Sim*, concordou ela. *Você e eu contra o mundo*.

Porque, uma vez na vida, aquilo podia ser quase literalmente verdade.

— Deixa ver se eu entendi — disse Whist, olhando para o módulo de transporte e os técnicos que o preparavam para o voo. — *Nós* recebemos apenas um módulo de transporte. *Eles*, um ônibus espacial protoss com direito a escolta de fênix e tudo mais.

— Privilégios da hierarquia — resmungou o coronel Cruikshank —, por assim dizer. Pessoalmente, eu não pensaria duas vezes antes de escolher um módulo da Supremacia a uma caixa cheia de protoss sedentos por sangue, controlada por um robô.

— Hm — evadiu-se Whist. Tendo em vista a missão, ele escolheria o ônibus espacial protoss com escolta sem pestanejar.

Mas jamais diria isso. A antipatia de Cruikshank pelos protoss era famosa, e nunca era uma boa ideia irritar deliberadamente seu comandante.

No entanto, Cruikshank tinha mesmo razão na questão da hierarquia. Uma vez que os protoss possuíam os melhores transportes espaço-solo, o hierarca Artanis se oferecera para dar uma carona ao imperador Valerian e sua guarda até o planeta e o prédio de conferências de Zagara. Como bom anfitrião, o hierarca havia desembarcado e aguardava o convidado ladeado de oito protoss.

Whist era fuzileiro havia muito, muito tempo, com todas as amargas e violentas experiências e

memórias que acompanhavam esse histórico. Mesmo assim, a visão de Artanis e de sua escolta lhe deu um calafrio. Aqueles não eram apenas camaradas soldados, mas representantes de uma antiga e poderosa raça alienígena. Tudo em Artanis, a pompa, a armadura, a silenciosa mas palpável vigilância de seus guardas, gritava isso.

E os guardas. Era um pouco difícil dizer a distância, mas parecia que quatro eram templários supremos de Aiur, e os outros quatro, antigos rebeldes nerazins, mais conhecidos como templários das trevas.

Whist ouvira dizer que Artanis tentava reaproximar as duas facções. E parecia que fazia progresso, o que provavelmente era uma boa notícia no final das contas. Acabar no meio de uma disputa tribal protoss geralmente não era nada saudável.

Mas é claro, se a próxima ação militar fosse entre os protoss e os terranos, o programa de reconciliação de Artanis significaria menos chance para a Supremacia voltar os diversos grupos protoss uns contra os outros.

Whist balançou a cabeça. Como dizia o velho ditado, há males que vêm para o bem.

Do outro lado do hangar, uma das escotilhas abriu, e o imperador Valerian apareceu, vestido na pompa e circunstância da corte, caminhando em meio a uma falange de quatro guarda-costas pessoais e quatro fuzileiros em trajes de combate.

Whist estudou o homem quando ele passou a caminho do ônibus espacial protoss, matutando o que haveria por baixo de tanto paramento. Havia muito falatório sobre o quanto Valerian era diferente do pai, mas, até aquele momento, Whist não vira grandes mudanças.

É claro, Whist era um fuzileiro. As mudanças sempre se infiltravam mais devagar pela hierarquia militar que pelas fileiras civis. E, talvez mais significativamente, Valerian não tinha uma guerra para comandar já fazia alguns anos. Na experiência de Whist, a guerra era o que trazia o melhor ou o pior num líder.

Talvez aquele fosse o dia em que Valerian provaria a si mesmo. De uma forma ou de outra.

O almirante Horner seguia ao lado do imperador, os dois conversando em voz baixa. Com o grupo já se aproximando da nave, Artanis e seus guardas se voltaram para os terranos...

— Então esse é o nosso transporte?

Whist se virou. Quatro pessoas, que tinham entrado no hangar por outra escotilha, caminhavam na direção dele e de Cruikshank. Uma delas era seu velho parceiro de bebedeira no terraço, o tenente Dizz Halkman. A segunda era uma mulher envergando a roupa colante que os fantasmas usavam por baixo da armadura, o capuz jogado sobre os ombros, um capacete com visor e respirador debaixo de um braço e um rifle C-10 pendurado no ombro.

Whist fez uma careta. Um fantasma. Que ótimo.

Caminhando ao lado da fantasma vinha um protoss vestindo roupas civis: túnica longa, polainas reforçadas e luvas grossas que iam até o cotovelo e mais pareciam próprias para jardinagem. Os cordões nervosos em sua nuca tinham sido cortados bem curtos, o que acendeu em Whist uma breve centelha de nostalgia e irritação. Durante a guerra, cordões curtos eram uma clara indicação que o protoss à sua frente era um templário das trevas. Agora, com a reorganização da sociedade protoss encabeçada por Artanis, todos os alienígenas por algum motivo cortavam os cordões nervosos daquele jeito.

O que era uma verdadeira lástima. Os protoss eram tão parecidos que *qualquer coisa* que ajudasse um fuzileiro a distingui-los era um bônus.

E, por fim, na retaguarda vinha alguém vestindo um traje de combate CMC-400 dos fuzileiros, andando tão sem jeito que parecia estar pilotando um traje daqueles pela primeira vez.

— Sim, aquele é o seu transporte, tenente — confirmou Cruikshank. — Sargento Cray, esse é o seu

oficial de comando, tenente Halkman...

— Já nos conhecemos — disse Dizz, cumprimentando Whist com a cabeça. — Tudo certo, Whist?

— Maravilha, Dizz. — De rabo de olho, ele via que Cruikshank parecia estar surpreso, e nada feliz, com aquela falta de respeito à hierarquia. Não apenas entre Whist e Dizz, mas também entre Dizz e o próprio Cruikshank.

Whist reprimiu um sorriso. Irritar oficiais era um dos passatempos preferidos dos fuzileiros. Ao que parecia, o Corpo de Exterminadores também tinha sua versão do jogo.

— Então nós cinco somos a equipe? — perguntou Whist.

— É o que me parece — disse Dizz. — Essa é Tanya Caulfield, fantasma. Aquele é Ulavu, consultor técnico...

— Consultor técnico do quê?

— De tudo que precisarmos de consultoria, eu acho — respondeu Dizz. — O coronel aqui não ficou muito feliz com essa história. E essa é nossa caloura em trajes de combate, a dra. Erin Wyland, exobióloga.

Whist torceu o nariz. Uma fantasma, um protoss, uma civil com cara de cientista e um criminoso com um propulsor de exterminador. E um único fuzileiro para ficar de olho em todos. Aquilo ficava cada vez melhor.

— A dra. Wyland é mais uma consultora, então?

— Bem, ela com certeza não está aqui para ensinar passos de dança — disse Dizz, inclinando a cabeça para avaliá-la de cima a baixo com olhar clínico. — Mas até que ela está indo muito bem para o primeiro dia numa armadura.

— Seria mais exatamente a minha segunda *hora* numa armadura — soou a voz abafada da mulher.

— O falante externo, Erin — disse Dizz. — O interruptor fica dentro da sua luva esquerda... abaixo, à direita.

Houve uma pausa. A armadura sacudiu um pouco...

— Eu disse que é apenas a minha segunda *hora* nessa coisa — disse Erin, agora com a voz muito mais clara.

Whist arqueou uma sobrancelha, subindo um ou dois pontos seu conceito sobre ela. A maioria dos exobiólogos com quem topou com o passar dos anos eram uns arrogantes sem senso de humor. Aquela garota ao menos tinha atitude.

— Nesse caso, você está indo muito bem — garantiu Dizz. — Fui informado de que minha armadura e meu propulsor já estão lá dentro. Estão?

— Ainda não — disse Whist. — Nem a minha. Mas temos um armário com C-14s e P-45s e pentes à vontade, então ao menos temos poder de fogo. E granadas à vontade.

— O quê, nada de lança-chamas ou armas nucleares?

— Na verdade, *temos* um lança-chamas Perdição — disse Whist. — Mas nada de armas nucleares.

— Talvez tragam com nossas armaduras. — Dizz arqueou as sobrancelhas para Cruikshank. — As armaduras *estão* a caminho, certo?

— Apenas aguardando os técnicos — garantiu Cruikshank. — Eles quiseram instalar uma nova engenhoca.

Whist torceu os lábios. Como se os trajes de combate da Supremacia já não fossem suficientemente atulhados de equipamentos.

— Espero que ao menos seja útil — disse.

— Bem, *eles* acham que é — retrucou Cruikshank, com os olhos cravados em Ulavu. — Chamam a coisa de bloqueador psi. É algo baseado nos disruptores psi com indução de raios sigma da CTU. Além

da função original de retardar os movimentos e a reação dos zergs, essa adaptação supostamente causa interferências em comunicações locais. Na teoria, isso dificultará a coordenação de ataques por parte dos zergs, além do envio de alertas sobre sua presença.

— É, isso pode ser útil — reconheceu Dizz. — Imagino que já tenha sido testado.

— Testado em quê? — rebateu Cruikshank. — Não lutamos contra zergs há quase seis anos. Duvido muito que alguém tenha saído por aí em busca de cobaias.

Whist teve impressão de ver Tanya torcer o lábio para o comentário.

— Então nós somos o teste de campo? — perguntou Dizz.

— Basicamente. — Cruikshank apontou com o queixo. — Aí vêm eles.

Whist se virou. Dois técnicos vinham na direção deles empurrando um carrinho com uma CMC-400 e um traje leve de infantaria dos exterminadores.

— Vamos, subam de uma vez — disse Cruikshank. — Vou conferir o embarque das armaduras e pedir a liberação do voo ao controle de tráfego.

— Eu gostaria de conferir o embarque da minha armadura eu mesmo — disse Dizz.

— E que incrível seria o mundo se a gente sempre conseguisse o que quer — disse Cruikshank, fazendo um gesto de cabeça para o módulo de transporte. — O tempo está se esgotando, tenente. Embarque de uma vez e comece o pré-voo.

Por um segundo, Whist pensou que Dizz fosse protestar. Mas o exterminador apenas deu de ombros.

— Vocês ouviram o homem — disse por cima do ombro ao se encaminhar para o módulo de transporte. — Todos a bordo. Erin, você precisa desequipar essa armadura. Posso dar uma mão se você quiser.

— Por que ela precisa desequipar? — perguntou Whist.

— Porque eu estou pilotando, *eu* estou desequipado e eu não quero uma novata de armadura mecanizada atrás de mim — disse Dizz.

Cruikshank resmungou qualquer coisa.

— Tenente...

— Está tudo bem, coronel — adiantou-se Erin. — Será bom para pegar prática, de qualquer forma.

— Ótimo — rosnou Cruikshank. — Vão andando, então.

A cientista, a fantasma e o protoss seguiram atrás de Dizz. Whist deixou que se afastassem alguns passos e foi até Cruikshank.

— Então é isso mesmo, senhor? — murmurou ele. — Só nós cinco somos a droga da equipe?

— Parece que você e Halkman são os únicos a bordo com experiência de combate na floresta e na selva — murmurou Cruikshank de volta. — Além do mais, isso não é uma missão de combate.

— É, já ouvi *essa* antes — resmungou Whist.

— Bem, dessa vez eles dizem que você pode acreditar — disse Cruikshank. — Mas fiquem atentos. — Gesticulou para Dizz, que sumia dentro do módulo de transporte. — E fique de olho *nele*.

Whist olhou para a escotilha aberta do módulo.

— Algum motivo em especial?

— Ele é um exterminador — respondeu Cruikshank. — Não é o bastante?

— Não se o senhor souber algo mais sobre ele — disse Whist. — Como o crime que acabou levando o sujeito para os exterminadores, por exemplo.

Cruikshank deu uma fungada.

— Escute, sargento, eu nem mesmo sei o *nome* verdadeiro dele. A maioria recebe novos quando entra na corporação, exatamente para que soldados como você não percam tempo bisbilhotando. Quer

dizer, qual é... um exterminador chamado *Halkman*? Faça-me o favor.

— É, também estranhei — disse Whist. — Então por que ele está no comando?

— Porque ele é o oficial mais graduado — disse Cruikshank arqueando as sobrancelhas. — Não se esqueça *disso* também.

— Ei, Whist... você vem ou não vem? — ecoou a voz de Dizz pela escotilha do módulo de transporte. — Porque, se não vier, vou ficar com sua CMC.

— Boa sorte ligando aquela coisa — berrou Whist. Ele cumprimentou Cruikshank com um gesto de cabeça antes de retomar a caminhada até a nave.

— Nunca duvide, sargento — berrou Dizz de volta. — Vamos, vamos andando.

Whist fechou a cara. Então Dizz estava dizendo que podia ligar a armadura travada de alguém? Isso significava que tinha sido ladrão de veículos ou arrombador de cofres?

Ele estancou na escotilha quando um pensamento lhe ocorreu.

— Coronel, o senhor disse que esse bloqueador psi interfere na comunicação dos zergs. O que ele fará com Ulavu?

— Não sei — disse Cruikshank. — E, francamente, não me importo.

Whist assentiu.

— Entendido.

É, aquilo seria divertido. Com certeza.

O protocolo de cumprimentos num encontro pessoal com o hierarca protoss era complicado, mas relativamente direto. Valerian o cumpriu sem tropeços e, pelo tom das respostas de Artanis, achava que fizera tudo certo. Ou ao menos certo o bastante para não contrariar o protoss.

Por outro lado, talvez todos simplesmente tivessem coisas mais importantes com que se preocupar além da etiqueta.

— Está tudo em ordem aqui em cima? — murmurou para Matt quando os guerreiros protoss e fuzileiros começaram o embarque

— Tudo — garantiu Matt. — Ao primeiro sinal de problemas, acionamos vikings e vudus para cobrir sua retirada.

— Desde que Artanis concorde em partir.

— Não duvido que ele estará pronto para dar o fora quando você estiver — disse Matt com gravidade. — Ele confia ainda menos em Zagara que você.

— E quem disse que eu confio nela?

Matt aquiesceu discretamente, o olhar gravitando acima do ombro do imperador.

— Eles, talvez. Ou pelo menos *ela*.

Franzindo a testa, Valerian se virou. O fuzileiro, sargento Cray, acabava de entrar no módulo de transporte, enquanto Cruikshank gesticulava ordens de carregamento para os técnicos que transportavam as armaduras.

— Ela quem? A dra. Wyland?

— Estava pensando mais em Tanya Caulfield — disse Matt. — Só não pude deixar de reparar que você está mandando uma das armas mais secretas dos fantasmas direto para as mãos de Zagara.

— Não exatamente *direto* — corrigiu Valerian. — Você está sugerindo alguma coisa?

— Só quero dizer que se Zagara capturar Caulfield viva, ou mesmo recém-morta, ela e os zergs terão uma nova leva de genética terrana para brincar — disse Matt com gravidade. — Nós vimos o que fez com Kerrigan. E hidraliscas com espinhos envenenados já são ruins o bastante. Imagine se também pudessem criar fogo.

— Eu entendo — disse Valerian. — Mas entenda, por sua vez, que com tamanha força de ataque da Supremacia e dos protoss voltada contra ela, Zagara teria dificuldade em escapar caso as coisas desandassem. Se tentar capturar Caulfield, ela não conseguiria nada além de trair a mentira de seu suposto desejo por paz. — Ele se virou e deu com o olhar de Matt. — O que foi?

— Você está dizendo que a quer usar como *isca*? — perguntou Matt, espantado. — Valerian, isso é... Ele não concluiu a frase.

— Isso é o quê? — pressionou Valerian. — Estrategicamente arriscado? Taticamente duvidoso?

— Algo que seu pai teria feito — disse Matt, sem meias-palavras. — Usar pessoas para seus próprios fins.

Valerian soltou uma fungada.

— Acorde, Matt. Usar as pessoas é algo que políticos e militares como nós fazem todos os dias.

— Para alcançar a vitória — rebateu Matt —, mandamos alguns para a morte para que outros vivam. Mas não dessa forma. Não como iscas. Não uma...

— Não uma mulher jovem e inexperiente?

Matt contraiu os lábios.

— Está bem. Não uma mulher jovem e inexperiente. Especialmente uma que pode ser uma ferramenta militar vital para o inimigo.

Valerian suspirou.

— Olhe abaixo de você, Matt. Veja o que os zergs realizaram. Se isso for um truque, se estiverem se preparando para outra guerra em larga escala, eles poderiam esmagar todos os planetas desse setor e nada poderia detê-los. Se Zagara planeja uma traição, nossa única esperança é descobrir enquanto o Enxame ainda está mais ou menos concentrado.

— Eu sei — disse Matt em voz baixa. — Mas deve existir outra forma.

— Não existe — disse Valerian. — Tente ver por um outro ponto de vista. A Supremacia está vulnerável nesse momento, assolada por uma crise alimentar e de refugiados. Os protoss têm suas próprias vulnerabilidades. No entanto, Zagara não deslançou ataques contra nenhum de nós. Mais que isso: ela está nos oferecendo a esperança de ajudar a resolver parte de nossos problemas. Se somarmos os riscos atuais e a esperança futura, além do fato de Caulfield estar acompanhada de uma dupla de veteranos durões, acredito que esse seja um risco que vale a pena correr.

— Imperador Valerian?

Valerian se voltou para o ônibus espacial. O último de seus guarda-costas estava parado à escotilha com um dos templários das trevas ao seu lado, ambos aguardando o embarque de seus líderes.

— Fique atento, Matt — disse Valerian, levando a mão ao ombro do amigo antes de se encaminhar para a nave protoss.

— Eu ficarei.

Seus próprios argumentos eram válidos, sabia Valerian sabia. A estratégia era arriscada, mas necessária.

E aquele *não* era o tipo de cartada desumana que seu pai, Arcturus, teria usado. De jeito nenhum.



Da alta órbita, pensou Valerian, a nova paisagem do planeta havia parecido incrível. Sobrevoando a superfície a pouco mais de mil metros do solo, parecia-lhe simplesmente impossível.

Não eram apenas as cores e a vegetação, mas a enorme diversidade e a variedade envolvidas. Valerian vira muitos ecossistemas em seus anos como arqueólogo, e Gystt estava entre os mais vibrantes. Em apenas alguns poucos pontos ainda era possível ver as cicatrizes enegrecidas deixadas pela incineração protoss cerca de uma década antes, e mesmo assim elas pareciam estar em processo de retoque.

Aquilo estava a anos-luz da devastação de Chau Sara e outros planetas incinerados durante a guerra. Neles, apenas flora esparsa começara a voltar, nada que chegasse perto da agressiva vida vegetal daquele mundo.

Talvez um pouco agressiva *demais*? Zagara sugerira que a técnica zerg podia ser usada para revitalizar terras agrícolas terranas. Mas Valerian já tinha visto o que acontecia quando plantas e animais estrangeiros eram introduzidos em ecossistemas despreparados. Produzir trigo e milho em quantidade para alimentar a Supremacia seria uma vitória vazia se o restante da vida vegetal fosse devastada no processo.

Seria essa a grande questão por trás de tudo aquilo? Os zergs tinham falhado em suas tentativas de ocupar territórios terranos e protoss com infestações de fauna. Teria Zagara decidido tentar uma abordagem floral?

E mais, será que Zagara estaria mesmo tão segura no comando dos zergs como afirmava? A liderança zerg sempre fora incrivelmente fluida, quiçá escorregadia, e, no momento, não havia provas de que não existia ninguém à espreita nas sombras, puxando os pauzinhos.

Vi Ulavu a bordo de sua nave.

Valerian pestanejou. Toda exuberância de Gystt fluindo abaixo deles, tantas perguntas sombrias e prementes sobre o que estariam tramando os zergs, e Artanis falava em Ulavu?

— Sim, ele estava lá — confirmou Valerian. — Quis que estivesse por perto para oferecer suas impressões a respeito dos zergs.

E também impressões a respeito dos protoss?

— Isso também — admitiu Valerian, desconfortável com a possibilidade de Artanis interpretar mal

suas intenções. Afinal de contas, ele já sabia antes mesmo de deixar Korhal que Artanis reunia uma força-tarefa protoss em Gystt. Em tese, o hierarca deveria ser capaz de oferecer qualquer impressão sobre os zergs que Valerian precisasse.

Ele os serviu bem?

— O trabalho dele tem sido exemplar — disse Valerian, sentindo a testa franzir. Falara sobre Ulavu com os protoss pela última vez havia mais de três anos, quando um dos ajudantes de ordens de Artanis recusara categoricamente a oferta final da Supremacia de enviar o voluntarioso pesquisador de volta ao seu povo. Valerian jamais descobriu o que Ulavu havia feito para merecer tamanha antipatia, mas ficara muito claro que havia algo acontecendo sob a superfície.

Aquele provavelmente não era o momento ou o lugar para entrar nos detalhes daquela questão. Por outro lado, já que Artanis tinha levantado o assunto, talvez fosse.

— Mas estou incomodado, já que parece que ele foi rejeitado pelos protoss — continuou Valerian. — Espero que nós, os terranos em geral ou a Supremacia em particular, não sejamos a causa dessa rejeição.

Não se preocupe com Ulavu ou seu relacionamento com os protoss, imperador Valerian, disse Artanis. Ele o serve. Isso basta pelo momento. Então houve uma pausa, e Valerian sentiu a comunicação mental do hierarca ser ampliada para todos a bordo da nave. *Há indícios da presença de mutaliscas ou devoradores nas proximidades? Há outros sinais de traição dos zergs?*

As respostas negativas vieram uma a uma: sussurros telepáticos dos protoss a bordo do ônibus espacial, réplicas verbais dos fuzileiros que assumiram postos nas telas de diversos sensores, chamadas de psiônicos amplificados dos protoss que pilotavam as naves de escolta fênix. *Devemos permanecer vigilantes,* disse Artanis.

— Concordo — disse Valerian. Haveria um tom de decepção na voz do hierarca? Será que contava com uma armadilha de Zagara?

Era possível. Talvez estivesse apenas esperando uma desculpa para incinerar Gystt outra vez. Para matar todos os zergs na superfície.

Talvez, em seu âmago, Valerian esperasse pela mesma coisa.

A estrutura de conferências surgiu adiante, reportou um dos protoss.

Valerian franziu a testa para as telas que rodeavam seu assento. Lá estava, visível no horizonte. A construção avultava sobre a paisagem ao redor como um vulcão branco, sua superfície tão retorcida e texturizada quanto tudo que os zergs criavam.

Procure por indicações de zergs na região, ordenou Artanis.

Busca em andamento, hierarca. Não há indícios da presença de zergs fora da estrutura de conferências.

— E com nada além de arbustos pequenos na área, seria difícil para Zagara esconder qualquer coisa grande — salientou Valerian. — Ao menos, nada que não precise se desenterrar antes de atacar.

Execute uma varredura no interior da estrutura, ordenou Artanis, ignorando o comentário de Valerian. Ou chegara àquela mesma conclusão ou não acreditava que merecesse resposta.

É difícil executar uma varredura, hierarca Artanis. A carapaça é espessa e forte. Até o momento, não há qualquer anomalia detectável.

Entendido. Prossiga.

— E confirme se as leituras batem com as que fizemos da órbita — acrescentou Valerian.

Artanis se voltou para ele. *Você acredita que os zergs são capazes de afetar nossos olhos ou nossos sensores?*

— Zagara estava com Sarah Kerrigan quando ela desapareceu — lembrou Valerian. — Ela já nos

disse que Kerrigan presenteou os zergs com a possibilidade de escolha. Quem sabe quais outros presentes ou brinquedos pode ter ofertado?

Uma pergunta pertinente, imperador Valerian Mengsk, admitiu Artanis. Protoss, fiquem especialmente vigilantes para tais efeitos.

Dois minutos depois, eles chegaram.

Medições feitas da órbita tinham indicado que a abertura no cone central era grande o bastante para permitir que o ônibus espacial e a escolta de fênix entrassem. Apenas quando o piloto protoss iniciou a descida pelo cone, porém, foi que Valerian percebeu o quanto ele era maior que a nave protoss. O diâmetro do vão não era apenas largo o bastante para passarem como também dava espaço para manobras até em seus pontos mais estreitos.

Há indícios de erosão forçada no ápice do cone, reportou um dos protoss.

Valerian estudou as telas de cenho franzido. Ao ver o tamanho dos veículos em que seus convidados chegariam, teria Zagara ordenado que o topo do cone fosse rapidamente desbastado para alargar a abertura?

Claro, isso poderia ter sido feito pensando não apenas no conforto dos visitantes. Agora, com a abertura mais larga, havia espaço para que uma mutalisca ou mesmo um devorador entrasse, caso Zagara estivesse tramando uma traição. No entanto, como Valerian já observara, não havia espaço suficiente para que algo daquele tamanho se escondesse num raio de cinquenta quilômetros da estrutura. Antes que uma força de ataque os abordasse, as naves que monitoravam a situação da órbita teriam tempo para soar o alarme.

Perigo! Hierarca Artanis, perigo!

Sentindo um aperto no estômago, Valerian correu os olhos por todas as telas. Mas que *diabo...?*

Há diversas concentrações de flora infestada nas bordas do piso da estrutura, prosseguiu o protoss. *Pode haver risco de contaminação.*

— Acho que não — disse um dos fuzileiros. — Todas as plantas estão expostas em recipientes selados. É algo orgânico, mas semelhante a vidro, de acordo com as leituras.

Não há provas de que a base dos recipientes seja selada, replicou o protoss.

— Quem bota uma coisa num recipiente e deixa a base aberta? — zombou o fuzileiro.

Já basta de especulações fúteis, disse Artanis, encerrando com a discussão. *Recolham amostras de ar enquanto descemos e façam uma análise em busca de sinais do vírus hiperevolucionário zerg. Não vamos desembarcar antes de garantirmos que o interior esteja esterilizado.* Ele se virou para Valerian, que sentiu o hierarca voltar a focar a comunicação. *Não queremos inalar esporos de plantas, benignos ou não.*

— De acordo — disse Valerian, carrancudo. Um movimento numa das telas chamou sua atenção. — Zagara está entrando na câmara principal.

E ela não estava sozinha. Alguns passos atrás havia outro zerg quase tão grande quanto a super-rainha, de rosto chato, diversos olhos verdes — pelo menos quatro — e grandes pústulas brilhantes nas laterais da cabeça e do pescoço. Além das garras manipulativas, havia dois braços curtos com extremidades cuja semelhança com mãos humanas era perturbadora. Os dois seguiam para uma parte da câmara desprovida de expositores de plantas, onde estavam dispostas diversas cadeiras e duas mesas baixas. Um toque no controle de zoom revelou que sobre as mesas havia frascos com líquidos diversos e pequenos cubos com aparência de bolo.

Como se Valerian fosse comer ou beber qualquer coisa oferecida por um zerg.

Há espaço suficiente para o pouso, reportou o piloto. *Devo iniciar a descida?*

Inicie a descida, confirmou Artanis.

Estar no interior de uma estrutura zerg passava uma sensação estranha, e Valerian sentiu uma

pontada de claustrofobia enquanto a nave flutuava até o chão. Não houve ataque, porém; não havia esporos ou outros agentes de infestação zergs no ar do lado de fora, e os relatórios orbitais de Matt continuavam a confirmar que os duzentos quilômetros quadrados dos arredores estavam livres de ameaças. O único zerg digno de nota por perto era o leviatã de Mukav, que estava pousado a vinte quilômetros do prédio de conferências e era grande demais para entrar.

Depois que pousaram, ninguém falou nada por algum tempo. Valerian sentiu que ele próprio prendia a respiração, aguardando um ataque de última hora apesar da lógica e de todos os indícios.

O ataque não veio. Zagara e o outro zerg continuaram onde estavam; nenhum zergnídeo, barata ou zangão saiu de câmaras escondidas, e os analisadores de ar continuavam a exibir leituras impecavelmente positivas.

Ao lado dele, Artanis rompeu o silêncio. *Iniciar desembarque*, ordenou ele. *Vejamos o que Zagara deseja nos mostrar.*

Os templários supremos e templários das trevas saíram primeiro, com lâminas psiônicas e de transdobra despontando dos focalizadores nas costas das luvas. Os fuzileiros saíram em seguida, acompanhados dos guarda-costas de Valerian, com armas igualmente de prontidão e em posição de alerta. Nos monitores, Valerian observou o grupo misto de guerreiros se posicionar em semicírculo duplo ao redor da base do ônibus espacial.

Observando tudo, Zagara e o outro zerg permaneceram imóveis perto do local que haviam escolhido próximo às mesas e cadeiras.

Artanis aguardou mais um instante. Em seguida, depois de gesticular para Valerian, desafivelou o cinto e seguiu escotilha afora. Lado a lado, foram até Zagara, com guardas em formação defensiva à sua volta.

Zagara esperou que o grupo chegasse às cadeiras e então, lentamente, ergueu os braços. *Eu o saúdo, hierarca Artanis*, disse ela. *Eu o saúdo, imperador Valerian Mengsk. Permitam-me apresentar Abathur, mestre evolutivo do Enxame.*

— Super-rainha, mestre evolutivo — disse Valerian, com mesuras para ambos. Então aquilo era um mestre evolutivo zerg. Havia rumores sobre esse tipo de criatura que nunca tinham sido confirmados. — Agradeço o convite.

Agradeço por aceitá-lo, disse Zagara. *Por favor, aproximem-se. Sentem. Desfrutem das bebidas, se desejarem.*

As mandíbulas dela estalaram duas vezes. *E então discutamos como podemos iniciar uma nova era de paz entre nossos povos.*

* * *

Erin ouvira muitas histórias de terror sobre a loucura generalizada do Corpo de Exterminadores da Supremacia. Portanto, foi com alguma surpresa e muito alívio que observou o tenente Halkman executar um pouso suave na superfície de Gystt.

Claro, o fato de Halkman ter insistido que o chamassem de Dizz não tinha ajudado muito a melhorar a confiança dela. Especialmente quando ela perguntou se era um apelido para Dizzy, e ele respondeu que se tratava da abreviatura de Desastre.

— Certo, chegamos — anunciou Dizz depois de desligar os motores. — Whist, Tanya? É com vocês.

— Tudo bem — confirmou o sargento Cray, ou Whist, como insistira que o chamassem, ao desafivelar o cinto de segurança. — Enquanto isso, relaxem. Vamos dar uma olhada.

Não há zergs perto do módulo de transporte.

Ainda presa ao cinto, Erin teve um sobressalto quando a voz de Ulavu ecoou em seu cérebro. Como exobióloga, ela naturalmente lera bastante sobre os protoss e acreditara que não teria problemas para entendê-los.

Mas ler sobre comunicação psiônica e vivenciá-la eram coisas bem diferentes.

— Que bom que pense assim — resmungou Whist ao ir até os fundos da nave e começar a vestir a armadura. Ele claramente não estava impressionado com os pensamentos alienígenas reverberando na mente *dele*. — Não se importa se conferirmos pessoalmente, certo?

Nem um pouco, garantiu Ulavu.

— Nós não devíamos ao menos vestir nossas armaduras? — perguntou Erin, hesitando, observando com inveja enquanto Whist vestia seu traje de combate CMC com naturalidade. Suas tentativas de vestir a armadura a bordo do *Hipérion* tinham sido um constrangimento completo. As tentativas de desequipá-la antes da decolagem do módulo de transporte não se mostraram muito melhores.

— Não — disse Whist por cima do ombro. — Se houver problemas e Dizz precisar fazer uma evacuação rápida, você não ia querer ser pega com as calças na mão. Pode acreditar. — Ele fez uma pausa longa o bastante para encará-la. — E, além do mais, você consegue vestir sua CMC sozinha?

Erin sentiu o rosto corar.

— Provavelmente não.

— Então tem isso. — Ele terminou de selar o traje, mas manteve o visor aberto. — Tanya?

— Pronta.

Erin olhou para o outro lado do módulo, sentindo um calafrio subir pela espinha. Não lera tanto sobre os fantasmas quanto sobre protoss e zergs, principalmente porque pouquíssima coisa sobre o programa não era confidencial. Mas, assim como acontecia com os exterminadores, não faltavam boatos perturbadores a seu respeito.

— Vamos nessa — disse Whist, selando o visor. Ele tirou dois rifles Gauss do armário perto da rampa de desembarque da popa, pendurou um no ombro e empunhou o outro em posição de combate. — Dizz?

Em resposta, a rampa desceu com um impacto no solo, causando um baque que fez Erin pular no assento. Um segundo depois, Whist e Tanya estavam do lado de fora, seguindo um para a direita e o outro para a esquerda. Erin olhou para a paisagem verde além da rampa, sua mente girando em várias direções...

— Limpo. — A voz firme de Whist soou nos alto-falantes do módulo de transporte. — Salve todos.

— Isso quer dizer que podemos ir em frente — traduziu Dizz, desafivelando o cinto. — Erin, você precisa de ajuda para vestir sua CMC?

Eu posso ajudá-la, disse Ulavu antes que Erin pudesse responder.

— Sério? — perguntou Dizz. — Tudo bem, claro. Diga se precisarem de ajuda.

— É... — disse Erin, dando um passo atrás antes de conseguir evitar.

Dizz percebeu.

— Algum problema? — perguntou.

Erin olhou para o alienígena, que parou ao notar sua reação.

— Não — mentiu ela.

Não tema, disse Ulavu, indo em sua direção. *Eu não lhe farei mal.*

Erin cerrou bem os dentes para impedir a resposta que queria sair. Talvez ele não fosse feri-la... mas sua raça havia ferido um monte de outras pessoas. Apesar da pretensa honra, os protoss tinham nas mãos o sangue de milhões de terranos.

Alguma vez tinham reconhecido os próprios crimes? Ou mesmo admitiram que haviam cometido erros, apesar de afirmarem que a destruição fora necessária?

Não havia como negar que os protoss eram uma raça antiga. Mas, sem um senso de ética mais aprimorado, Erin jamais diria que eram honrados.

No entanto, aquele não era o momento ou o lugar para uma discussão filosófica ou moral. O trabalho deles era descobrir o que o Enxame estava tramando. Se aquilo significava trabalhar com um protoss, que assim fosse.

Mesmo que implicasse em permitir que se aproximasse o bastante para ajudá-la a se vestir.

Ligeiramente surpresa, ela notou que Ulavu não teve qualquer dificuldade para encaixar as diversas peças da armadura nos lugares certos e na ordem certa. Mas, por outro lado, ele havia acabado de ver Whist vestir o mesmo tipo de traje de combate.

Sempre disseram que protoss eram rápidos, fortes e graciosos. Ao que parecia, também tinham excelente memória visual.

Quatro minutos mais tarde, estavam todos do lado de fora. Dez segundos depois, Dizz selava a rampa de desembarque de volta no lugar.

E os cinco se viram completamente sozinhos. Num planeta de uma exuberância impossível.

Quase certamente cercados de zergs.

— Beleza, Erin, o espetáculo é seu — disse Dizz. — Pra onde vamos?

Erin acionou o visor, satisfeita por lembrar como fazer isso sem tropeços.

— Por ali — disse — apontando para a passagem entre dois morros baixos. — Cerca de trinta quilômetros. — Com cuidado, ela começou a andar: *perna esquerda, perna direita, perna esquerda*. Estava chegando a se acostumar com aquilo. Seguiu em direção ao vale entre os morros...

— Espere! — bradou Tanya.

Erin fez o que pôde, mas já dava o próximo passo. Estava num declive, e ainda não dominava os reflexos de equilíbrio. Por uma fração de segundo, cambaleou e caiu de cara, batendo o capacete no chão.

O interior da armadura era acolchoado, e o havia forro o bastante para proteger a cabeça e o tronco. Mas, ainda assim, o impacto lhe tirou o ar. Praguejando mentalmente, apoiou uma mão no chão e virou de lado.

E congelou. Encarando-a a não mais que dez metros de distância, havia uma hidralisca enorme.

O manual de campo dizia que as hidraliscas eram a tropa de choque favoritas do Enxame. Deitada em frente a uma, Erin não teve dificuldade em acreditar naquilo. A criatura era uma serpente coberta de placas blindadas, com corpo permanentemente em posição de bote, como uma naja ou uma cascavel. A coisa tinha quase o dobro da altura de uma armadura de fuzileiro e, de onde Erin estava, uma aparência de ser bem maior. Ela empinou a longa cabeça até ficar com a boca a quase metade da sua altura, pronta para alcançar a vítima. Seus longos braços com músculos estriados inquietos terminavam em foices de três lâminas capazes de rasgar um traje de combate em dois tempos.

Ela tinha uma tênue noção de que Dizz, Whist e Tanya tinham as armas apontadas para o enorme zerg. Naquela fração de segundo, porém, tudo que conseguia enxergar eram os olhos mortos e os dentes serrilhados voltados para ela. Tudo que conseguia escutar era a nota friamente analítica do manual: *sob a carapaça, as hidraliscas abrigam centenas de espinhos com ponta peçonhenta que podem ser atiradas a velocidades quase hipersônicas por sua musculatura singular*. Tudo que conseguia sentir era o coração martelando e o leve vibrar da armadura. Passada aquela fração de segundo, outra tomou seu lugar...

E, balançando de leve a cabeça, a hidralisca se virou e saiu rastejando. Passou entre dois arbustos e

desapareceu em meio às árvores.

— Puta que pariu — murmurou Whist, abaixando a arma. — Acho que esses bloqueadores psi funcionam mesmo.

— Ou Zagara não mentiu sobre a trégua — rebateu Tanya. — Você está bem, Erin?

Ela fez que sim, franzindo a testa. O coração já não martelava com tanta força; naquele instante, a leve vibração da armadura era a única sensação em sua pele.

Só que a vibração não vinha da armadura, ela percebia agora. Vinha de *fora* da armadura.

— Eu pessoalmente acredito mais em magia tecnológica que em magia zerg — disse Whist. — Erin?

Diga alguma coisa, garota.

— Estou bem — respondeu Erin, lembrando que não podiam vê-la assentir com um gesto dentro do capacete.

— Então de pé, e vamos andando — disse Whist. — Afinal, Cruikshank disse por que só nós dois recebemos esses tais bloqueadores, Dizz? Acho que essas engenhocas caíam bem pra todos nós.

— Provavelmente para que os outros possam pedir ajuda depois que acabarem com nós dois — disse Dizz. — Parece que os bloqueadores fazem a festa com as comunicações de longa distância.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que as cortam completamente — respondeu Dizz. — Não consigo contatar o *Hipérion* desde que os ligamos.

— Ah, que fantástico — rosnou Whist. — Cruikshank podia ao menos ter mencionado isso.

— Podia mesmo, se soubesse — disse Dizz. — Somos o teste de campo, lembra? Quer uma força aí, Erin?

— Não, espere. Estou escutando alguma coisa — disse Erin. — Vocês podem ficar em silêncio um minuto?

Os outros se calam. Erin aguçou os ouvidos, tentando se concentrar no som indistinto. Era diferente de qualquer coisa que já tivesse escutado, mas lembrava... maquinário? Vozes? Com um impulso, ela rolou de costas e pressionou o capacete no chão.

E lá estava.

— E então, o que vai ser? — perguntou Whist. — Hora da soneca?

— Está vindo do chão — disse Erin, concentrada. — Ou *através* do chão. É como uma combinação de maquinário, vozes e... canto.

— Tem certeza de que não está escutando seu sistema de resfriamento? — perguntou Dizz. — Talvez as turbinas? Está tudo bem aí nas suas costas.

— Não é isso — garantiu Erin. — É... bem, é como eu disse. Maquinário, vozes e canto.

— Os zergs não usam máquinas — disse Dizz. — E, até onde eu sei, eles não cantam.

— E também não é nada psiônico — acrescentou Tanya. — Ulavu não está recebendo nada.

— É... ele também não viu aquela hidralisca nos espreitando — destacou Whist. — Os bloqueadores psi estão prejudicando você, Ulavu?

Há um pequeno efeito, admitiu Ulavu. *Mas continuo capaz de sentir a presença zerg notável.*

— *Notável?* — repetiu Whist. — Tipo, mais de um de cada vez, você quer dizer? Fantástico. Vamos esperar que Zagara não descubra que pode mandá-los um a um. Enfim, onde está acontecendo esse seu baile zerg, Erin?

— Não sei a que distância — respondeu Erin, lutando com a frustração. Não acreditavam nela. Nenhum deles. — Você pode me ajudar a tirar essa coisa? — acrescentou, tateando o capacete. — Talvez assim fique mais claro.

— Sim, espera aí — disse Whist. — Tem um truque. — Demorou um pouco, mas ele tirou o

capacete. — E agora?

— Agora eu tento outra vez — disse Erin, encostando a cabeça no chão. O mato rasteiro pinicava um pouco, mas nada muito incômodo.

— Deixe eu tentar também — ofereceu Tanya, levantando o visor. Ela deitou na grama ao lado de Erin.

E, pela primeira vez desde que deixaram o *Hipérion*, as duas mulheres estavam fora do circuito de comunicação do grupo.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Erin em voz baixa. — Uma pergunta pessoal?

Houve um momento de silêncio.

— Tudo bem — respondeu Tanya, em tom deliberadamente neutro.

— Ulavu — disse Erin, fazendo com a cabeça um gesto microscópico na direção do protoss. — Qual é a história dele?

— Não é segredo — disse Tanya. — Alguns fantasmas o encontraram vagando nos limites de um campo de batalha depois do combate. Ulavu disse que era pesquisador e que havia se perdido. Eles o levaram de volta a Ursa, ajudaram-no a se recompor e contataram os protoss. Que não o quiseram de volta.

Erin fez uma careta.

— Por quê não?

— Não sabemos — disse Tanya. — *Eu*, pelo menos, não sei. Talvez algum figurão saiba. Por que você pergunta?

Erin hesitou. Aquilo provavelmente soaria bem racista. Mas Tanya tinha perguntado.

— É que fico me perguntando se podemos confiar nele — disse Erin. — Quer dizer, eles *incineraram* Chau Sara e...

— Primeiro: isso foi há mais de uma década — cortou Tanya. — Segundo: eles pagaram por isso. Terceiro: Ulavu não é um guerreiro, não estava nem ao menos perto de Chau Sara, e eu agradeço se você não jogar seus preconceitos contra os protoss nas costas dele. Fui clara?

Mentalmente, Erin balançou a cabeça. *Sabia* que Erin entenderia aquilo errado.

— Desculpe — disse. — Eu só pensei...

— Pois não pense. — Num movimento abrupto, Tanya ficou de pé.

— E então? — perguntou Whist.

— Também escutei — disse Tanya em voz calma, de volta ao normal. — Não sei se chamaria de *canto* ou *maquinário*, mas percebi vozes e ruídos mecânicos.

— Então sabemos que tem algo lá — disse Dizz. — E imagino que você não consiga dizer de onde está vindo.

— É difícil precisar — disse Erin. Depois de rolar de bruços, ela se colocou de joelhos e então de pé, nem de longe com a suavidade de Tanya. Mas seu equilíbrio estava mais firme. — Pelo menos posso dizer que a direção é a mesma do ponto focal para onde estamos indo.

— Então acho bom continuarmos — disse Dizz. — Não quero ficar aqui o dia todo, então vamos fazer o seguinte: começamos com uma caminhada para você se acostumar com o traje, então passamos para uma marcha acelerada. Isso dá uns vinte quilômetros por hora. — Ele olhou para Ulavu. — Você dá conta de vinte quilômetros por hora?

Sim, ecoou a voz de Ulavu dentro da cabeça de Erin.

— Se não conseguir, deixaremos você para trás — alertou Dizz. — Certo, Erin. Vamos recolocar seu capacete e ir andando. Ah, e é melhor Whist ir na dianteira. Assim ele topa com os nojentos antes de você. Certo?

Erin olhou para as árvores por onde a hidralisca havia desaparecido.

— Ah, sim — disse ela, um calafrio subindo pela espinha. — Sim, com certeza.

— Ali — disse Cruikshank, apontando para a tela. — Está vendo, senhor?

— Estou vendo — confirmou o almirante Horner, impassível. — Não tenho certeza de se seria motivo para alarme imediato.

Cruikshank trincou os dentes. *Pilotos*. Bote-os no espaço e qualquer coisa que saibam sobre combate em solo escorre pelos ouvidos.

— Senhor, são todos os ingredientes de uma clássica defesa por camadas Juno — disse com toda calma que conseguiu. — É a manobra de contra-ataque preferida pelos zergs contra colunas de armadura.

— Obrigado, coronel, sei muito bem o que são linhas Juno — rebateu Horner tão calmamente quanto. — Também sei que uma Juno típica inclui de cem a duzentos zergs. E só estou contando dez lá embaixo.

— O que deve ser mais que suficiente para dois soldados, um fantasma e dois civis — devolveu Cruikshank. — Se não conseguirmos restabelecer as comunicações e não pudermos alertá-los a contornar a concentração, recomendo fortemente deixarmos minha força preparada para descer como reforço.

Horner passou um dedo no lábio inferior. Cruikshank prendeu a respiração...

— Não quero deslocar mais forças que o necessário lá para baixo — o almirante disse por fim. — Não com todos esses leviatãs em órbita, prontos para partir para cima de nós. E *especialmente* não com o imperador Valerian em outra localização do planeta, onde pode precisar de extração imediata.

Foi exatamente por isso que eu disse parte da minha força, Cruikshank resmungou consigo mesmo.

— Entendido, senhor. Por falar no imperador, não devemos alertá-lo que a trégua pode estar para acabar?

— Não quero interromper a reunião até termos mais dados — disse Horner. — Até onde sabemos, isso pode ser apenas um bando de zergs reunidos em volta de uma nascente ou coisa parecida. — Seus lábios se contraíram de leve. — Mas você tem razão; não podemos simplesmente abandoná-los. Siga em frente e coloque de prontidão trinta por cento da sua força, apenas trinta por cento, para uma possível missão de resgate.

— Sim, senhor. — Cruikshank ergueu a prancheta eletrônica e digitou uma única tecla.

Uma eficiência de movimento que não passou despercebida a Horner.

— Imagino que já tivesse a ordem registrada.

— Velhos hábitos, senhor — admitiu Cruikshank com cautela. Alguns comandantes não gostavam quando seus oficiais faziam aquilo, por acreditarem que usurpava sua autoridade e fazia com que parecessem pouco mais que carimbos inúteis na máquina militar. O que, em certos casos, era a mais pura verdade.

— Sim, eu me lembro dos tempos antes das longas cadeias de comando. — Horner voltou a olhar para a tela. — Quando o que estava em jogo não era tão importante quanto agora.

— Sim, senhor. — Mas Cruikshank não duvidava que o que estava em jogo sempre *parecia* importante quando se estava no meio de um combate lutando por isso. Seria uma questão de ponto de vista? Ou pura e simplesmente a natureza humana?

E ele dava a mínima?

— Mas essa é a mão que recebemos — continuou Horner. — Então desça até o hangar e prepare suas cartas. E torça para que não precisemos colocá-las na mesa.



CAPÍTULO SETE

Não acredito que nossas situações sejam muito diferentes, rosnou Zagara em sua voz psiônica. Ainda agora, imperador Valerian, você se esforça para unir facções terranas divididas num mesmo propósito. Você também, hierarca Artanis, enfrenta dificuldades para trazer unidade aos protoss. Da mesma forma, eu e as mães de casta sob minha autoridade desejamos unificar os zergs.

— Os zergs já foram unificados no passado — lembrou Valerian. — O resultado foi o massacre de terranos e protoss e a devastação de planetas inteiros.

Você aceita a responsabilidade pelos defeitos do seu pai, o imperador Arcturus Mengsk?, perguntou Zagara enfaticamente. Foi ele quem lançou o emissor psi no planeta terrano de Tarsonis, que atraiu o Enxame e o levou a destruir todos que lá viviam. E você, hierarca Artanis, assume a responsabilidade pelos excessos do Conclave em anos passados? Nenhum de nós pode mudar o que passou. Podemos apenas aceitar que erros foram cometidos e que o mal com frequência foi o resultado, então nos comprometemos a evitar tanto os erros quanto o mal.

E devemos acreditar que a essência zerg realmente mudou?, demandou Artanis. Porque apesar dos males de nossos antepassados, as definições de protoss e terrano permanecem as mesmas.

Entendo seu ceticismo, disse Zagara. Mas os zergs realmente não são mais o que já fomos. A dádiva da Rainha das Lâminas nos levou a alturas que jamais poderíamos ter imaginado. Ela, que foi outrora terrana, então zerg e agora xel'naga, por meio da piedade e da graça...

Basta de discussões por hora, cortou Artanis, levantando de supetão. Eu desejo examinar as plantas que você nos apresentou.

Zagara pareceu ficar desconcertada. *É claro, hierarca Artanis, disse às costas do protoss, que se encaminhava para o expositor mais próximo. A escolta de templários o acompanhou, mantendo uma distância respeitosa, mas vigilante. Darei explicações sobre cada uma delas, tanto sobre suas funções quanto origens...*

Haverá tempo para explicações mais tarde, cortou Artanis novamente. Mas primeiro eu as examinarei sozinho.

Valerian olhou para Artanis, então para Zagara. Dada a natureza do rosto dos zergs, era impossível dizer se estava confusa, constrangida, furiosa ou outra coisa qualquer. Mas *era* a primeira vez que ela ficava sem palavras desde a chegada da delegação.

Quanto a Abathur, o mestre evolutivo permaneceu em silêncio, como estava desde o início da reunião. Por outro lado, Valerian não tinha certeza de que ele era *capaz* de falar.

Naquele momento, porém, Artanis e sua reação eram a prioridade de Valerian. Algo claramente acontecia sob a superfície, e ele precisava descobrir o que era.

— Com a sua licença, super-rainha — disse ele, levantando-se. Então seguiu atrás de Artanis, também acompanhado pelos guarda-costas.

E alcançou o grupo de protoss reunido em frente ao primeiro expositor.

— Hierarca Artanis — ele cumprimentou o protoss em voz baixa.

Imperador Valerian Mengsk. respondeu Artanis. *Você não precisa estar aqui.*

— Está claro que algo o incomoda — disse Valerian.

Meus pensamentos e minhas preocupações são privados, rebateu Artanis com gravidade, deixando claro que mais perguntas não seriam bem-vindas. *Não lhe dizem respeito.*

— Com todo respeito, hierarca, acredito que digam — disse Valerian. — Essa reunião pode muito bem mapear o futuro de nossos povos, com vida e morte, guerra e paz pendendo na balança. Qualquer questão que anuvie nossos pensamentos ou nosso discernimento deve ser discutida.

Por um longo momento, Artanis permaneceu em silêncio. *Você verá isso como algo pequeno e tolo.*

— Nada que seja importante para um indivíduo sequer é pequeno ou tolo — garantiu Valerian.

Outra longa pausa. *Incontáveis milhares de anos atrás, os protoss de Aiur foram visitados por uma raça de seres superiores que nomeamos xel'naga,* disse por fim. *Mais que apenas visitados. Um deles, aquele que chamamos de Amon, tomou a iniciativa de nos guiar, ou pelo menos assim acreditamos, fazendo-nos ascender, no decorrer dos séculos, de nossas origens animais aos seres que somos hoje. Mesmo no decurso desse período de glória, contudo, paixões tribais afloraram entre nós. Lentamente, elas erodiram nossa unidade, ameaçando nossa cultura e nossa própria existência. Nessa vaidade cega, fizemos o impensável: atacamos nosso benfeitor. Sua resposta, a resposta de seu povo, foi nos abandonar.*

Valerian permaneceu em silêncio, resistindo ao impulso de salientar que sabia de tudo aquilo. Fosse lá o que Artanis queria ou precisava dizer, precisava fazê-lo ao próprio modo.

A partida dos xel'naga nos fez mergulhar em desespero e ira, culpa e violência, prosseguiu Artanis, num tom de pensamento mais sombrio. *Os protoss como raça quase morreram nessa época, engolfados pela Era da Discórdia. Apenas por meio da força e da sabedoria de Khas e sua descoberta do Khala, nossa ligação telepática coletiva, fomos capazes de, por fim, superar nossas diferenças e começar a curar os laços que nos unem.*

Valerian sentiu um aperto na garganta. Laços que a batalha contra Amon havia rompido ao negar aos protoss o uso do Khala. Artanis se encontrava numa encruzilhada crucial da história protoss, tendo de um lado a esperança por unidade e, do outro, a ameaça de caos e de um retorno à autodestruição.

Nós fomos os primeiros, imperador Valerian Mengsk, disse Artanis. *Os primeiros entre muitos outros, ou assim nos ensinaram. Nosso caminho de honra teria, um dia, nos levado à ascensão a xel'naga. Mas a manipulação de Amon nos arrancou desse caminho. Roubou nossa honra e nosso destino. Quase nos destruiu. E certamente nos afastou de nosso futuro digno e legítimo.* O hierarca curvou os ombros. *Forjar o próprio caminho é tanto uma bênção como uma praga. Como você também deve saber muito bem.*

De súbito, ele se voltou para Valerian, a pele mosqueando violentamente de emoção. Éramos nós que devíamos ter recebido a glória de ascender à condição de xel'naga. Sarah Kerrigan, a Rainha das Lâminas, talvez fosse digna. Não posso julgar. *Mas e quanto a nós? Lutamos ao lado dela contra Amon. Morremos ao lado dela. A vitória foi tanto nossa quanto de Kerrigan. Por que então foi permitida a ela uma honra negada a todos os protoss?*

— Não sei — disse Valerian, automaticamente adotando um tom apaziguador de negociação

política, apesar de o universo parecer estar balançando um pouco à sua volta.

Então era *aquilo* que perturbava Artanis? O fato de um ser singular haver conseguido ascender a *xel'naga* enquanto os protoss tinham sido deixados para trás?

Soava absurdo. Mesquinho, até. Mas Artanis claramente levava aquilo muito a sério.

Mas por que não? Para Artanis, a ascensão de Kerrigan dera tanto aos terranos quanto aos zergs um tipo vago, místico, de aprovação.

Não fazia muito sentido para Valerian. Kerrigan fora um caso único: único entre os terranos por sua extraordinária habilidade psiônica, único entre os zergs por seu livre-arbítrio e sua criatividade. Tendo isso em conta, ele não conseguia entender como a ascensão dela refletia qualquer coisa a respeito dos dois povos.

Mas Artanis via de outra forma. E, para uma raça orgulhosa como os protoss, aquilo podia muito bem ser a maior das humilhações.

— O que quer que tenha acontecido com Kerrigan foi um evento isolado que nada tem a ver com os protoss — disse Valerian com firmeza. — Vocês são uma raça nobre, uma raça que, por boa parte de sua existência, serviu de guardião para muitas outras espécies. Vocês não têm do que se envergonhar.

Artanis emitiu um som estranho, vagamente parecido com uma fungada, mas como conseguira fazer isso sem ter boca ou nariz Valerian não saberia dizer. *Era fácil nos colocar acima de outros quando o Khala nos unia*, disse o hierarca. *Agora, com essa unidade reduzida, o que faremos?*

— Vocês encontrarão um novo caminho — disse Valerian. — Vocês foram derrubados incontáveis vezes em sua história, mas sempre se levantaram das cinzas. E farão o mesmo agora.

Talvez, disse Artanis. *Mas você está enganado quanto aos xel'naga. Uma única ascensão pode, de fato, ser um acontecimento isolado. Mas também há isso.* Ele apontou para o expositor. *Explique, se puder, por que a dádiva da essência xel'naga foi concedida aos zergs e negada a nós.*

— A... o quê? — Valerian se interrompeu, aturdido. — Do que você está falando? Onde está a essência xel'naga?

Aí, disse Artanis, voltando a apontar para a planta. *Você não está vendo?*

Valerian estudou o interior da campânula orgânica transparente. Havia três plantas, todas em quatro tons distintos de verde com detalhes em laranja e vermelho. A altura das plantas variava ligeiramente, mas todas tinham caule nodoso encimado por inflorescências e algumas dezenas de galhos folhosos. As folhas eram largas e pontudas, e havia sete em cada galho.

— Não vejo nada — disse o imperador. — Mas, por outro lado, não sei o que estou procurando.

O número de folhas em cada galho, disse Artanis. *O padrão espiralado dos galhos. A disposição dos veios e o padrão das margens das folhas. Assim como boa parte da flora e da fauna terranas ecoa números da Sequência de Fibonacci, a essência xel'naga se manifesta nos números da Sequência de Cuccodujo.* Ele apontou outra vez. *Elas não são totalmente xel'naga. Mas sem dúvida contêm essência.*

— Interessante — disse Valerian, sentindo o coração acelerar enquanto fitava as plantas com novo interesse. — Tem certeza?

Dúvida da minha palavra?

— De modo algum — assegurou prontamente Valerian. — Simplesmente penso que a essência que vocês recuperaram dos corpos de xel'naga durante a batalha com Amon podia estar corrompida, pelo tempo ou por alguma outra coisa.

Não estava, rebateu Artanis. *As conclusões e análises são contundentes a ponto de eu poder afirmar com segurança que essas plantas incorporam a essência xel'naga.*

— Entendo — murmurou Valerian.

Até onde ele sabia, ninguém na Supremacia havia colocado as mãos numa amostra de tecido

xel'naga, quanto mais descoberto como analisá-las corretamente. Negociar acesso aos dados dos protoss acabava de entrar em sua lista de coisas a discutir com Artanis depois de tudo aquilo.

— Posso fazer uma sugestão?

Você pode.

— Acredito que seja prudente continuarmos a examinar as plantas — disse Valerian, indicando com a cabeça os outros expositores espalhados pelo salão. — Devemos ver se conseguimos determinar se todas ou apenas algumas incluem fatores xel'naga. Assim que tivermos a resposta, podemos voltar a Zagara e perguntar a respeito.

Você não espera que as respostas dela sejam meramente mais mentiras?

— Zagara pode não ter mentido para nós — destacou Valerian. — A conexão xel'naga pode simplesmente ser algo que ainda não teve a chance de mencionar.

Artanis ficou em silêncio por um instante. *Muito bem*, disse o hierarca, relutante. *Vamos prosseguir. Mas acredito firmemente que ela esteja mentindo.*

— Então vamos desmascará-la e ver o que acontece. — Valerian gesticulou para o próximo expositor. — E ajudaria bastante se você pudesse me dar os números ou o padrão dessa Sequência de Cuccodujo.

Quando uma coisa vai pro buraco, um dos instrutores de Tanya na Academia Fantasma gostava de dizer, *todo o resto provavelmente vai junto*. Neste caso, Ulavu mal teve tempo de alertar que um zerg se aproximava quando dez outros irromperam da folhagem cerca de cem metros à frente e investiram contra eles.

Tanya sentiu o ar congelar nos pulmões quando, automaticamente, fez as contas. Cinco zergnídeos do tamanho de onças se espalhavam na dianteira do bando, com presas em forma de foice e dentes afiados como navalhas prontos para atravessar o novo aço dos trajes CMC e dilacerar carne humana. Dois tatus-bomba flanqueavam a linha, com as bolsas cheias de ácido nas costas pulsando conforme avançavam. O ácido demoraria um pouco mais para destruir as armaduras, mas seria igualmente eficaz. Atrás dos tatus-bomba vinha uma dupla de hidraliscas como a que o grupo havia encontrado mais cedo, mas aquelas não tinham o ar de curiosidade despreocupada da primeira: vinham com olhos fixos nos intrusos, as garras inquietas, os músculos lançadores de espinhos envenenados vibrando de expectativa.

Atrás do bando, viam um dos mais terríveis zergs terrestres: um devastador. Ainda mais alto que as hidraliscas, tinha uma larga carapaça semelhante à da tartaruga rodeada de chifres e com um morteiro orgânico no centro, capaz de lançar pelo ar massas de bile ácida forte o bastante para destruir até mesmo campos de força protoss.

— Postura de combate — disse Whist em um tom extraordinariamente calmo ao dar um largo passo à direita e erguer o rifle Gauss. — Abram fogo apenas quando eles chegarem a setenta metros e mirem primeiro nas hidraliscas. Quando os zergnídeos chegarem aos cinquenta metros, abram fogo neles...

— Espere — protestou Erin. — Talvez isso não seja um ataque. Não é melhor esperarmos para ter certeza?

— Por que você acha que eu disse para esperar até eles chegarem a setenta metros? — rebateu Whist. — Se continuarem vindo depois disso...

— Atenção! — bradou Dizz.

Tanya prendeu a respiração. Um glóbulo de gosma alaranjada foi disparado das costas do devastador e estava descrevendo um arco na direção deles como uma bola bem chutada.

— Espalhem-se! — bradou Dizz, a palavra quase se perdendo com o acionamento do propulsor, saltando para o ar.

Na visão periférica, Tanya percebeu Erin se atrapalhando ao tentar fugir da bola ácida no traje que ainda não dominava e se lançou na direção da cientista, perguntando-se se chegaria a tempo.

Mas Ulavu foi mais rápido. Tanya mal dera o primeiro passo quando o protoss passou por ela como um raio, mais rápido do que jamais o vira correr, agarrou Erin e a puxou para longe do raio de ação da bola de gosma. Tanya cravou os pés no chão, conferindo a trajetória do glóbulo. Seria por pouco...

Por sorte, não tão pouco quanto havia parecido. A bile acertou o chão a bons dois metros de distância.

Mais ou menos no lugar onde as duas estariam se fosse ela quem tivesse tentado tirar a outra mulher do caminho.

No instante seguinte, os fones de ouvido ganharam vida com o matraquear do rifle Gauss de Whist no automático, reforçado pelos tiros um pouco mais agudos da pistola Gauss P-45 de Dizz, que pairava acima do campo de batalha disparando abaixo das placas blindadas da cabeça das hidraliscas e acertando os zergs no tronco.

Muito bem, Tanya disse a si mesma com firmeza. *Você treinou para isso. Você consegue.*

E de fato, com o pensamento ainda percorrendo a mente, os reflexos e a memória muscular assumiram o controle, erguendo o rifle e disparando contra a hidralisca da direita. A munição padrão do C-10 não era indicada para disparos àquela distância contra zergs com blindagem pesada como hidraliscas, mas Cruikshank havia garantido que a munição que ela levaria era uma das últimas inovações produzidas pelos engenheiros da Supremacia.

E ele não havia mentido; o projétil explodiu, arrancando um pedaço pequeno, mas considerável, da armadura escamada no peito da hidralisca. Tanya recarregou e disparou outra vez, arrancando outra parte do inimigo.

Sua preocupação secreta mais cedo era não ser capaz de fazer seu trabalho como soldado. Esse medo se fora. Ela era de fato um soldado.

Estava na hora de ver se também era um fantasma.

Na academia, os instrutores costumavam lhe dizer para mirar no cérebro. O que ninguém sabia na época era que a espessa carapaça do crânio era um efficientíssimo dissipador de calor. A não ser que acertasse exatamente no centro da massa encefálica, o calor seria dispersado tão rápido que levaria uma eternidade para queimar tecido o suficiente para matar. Os olhos eram outro bom alvo, mas com as mesmas limitações.

Felizmente, os zergs também tinham muitos órgãos internos, esses nem de longe tão bem protegidos. Tanya havia estudado a anatomia de todas as variações conhecidas de zergs, principalmente a partir de corpos mutilados trazidos de campos de batalha.

Estava na hora de ver se tinha aprendido as lições.

Os atacantes se aproximavam. Ela disparou duas vezes em um dos tatus-bomba, desequilibrando a coisa com os impactos. Então, voltando a atenção ao devastador no fundo da formação, concentrou a mente.

Tanya jamais havia usado seu poder contra um zerg vivo. Os instrutores não quiseram correr o risco de que mesmo um prisioneiro pudesse de alguma forma usar a conexão psiônica com o Enxame e vazar informações sobre as habilidades dela. Apesar disso, todas as tentativas experimentais de Tanya tinham terminado da mesma forma: alguns segundos de esforço, uma cuidadosa concentração de seu poder pirocínético, e a carcaça ardia em chamas.

Só que dessa vez não estava funcionando. O devastador continuava a avançar, rechaçando tanto os esforços dela quanto as rajadas de estacas hipersônicas de oito milímetros que Whist vez por outra disparava contra ele quando conseguia tirar um tempo do ataque às hidraliscas. Tanya redobrou os

esforços, desesperadamente se perguntando o que havia de errado. Mesmo a sessenta metros a criatura estava no seu raio de ataque. Será que o movimento a tirava da mira? Será que o sistema circulatório dela dissipava ou difundia o calor da mesma forma que a carapaça do crânio? Tanya trincou os dentes com mais força.

E subitamente, sem o menor sinal de chamas ou fumaça, o devastador desabou.

— Concentrar fogo nos zergnídeos! — Whist gritou acima da barulheira.

Tanya piscou os olhos e concentrou a atenção no restante do campo de batalha. A vanguarda de zergnídeos havia ultrapassado a marca de cinquenta metros, e tanto Whist quando Dizz tinham abandonado o ataque aos zergs maiores na retaguarda para concentrar o fogo na ameaça mais próxima. Disparando uma vez contra cada um dos zergnídeos, Tanya dirigiu seu ataque mental a uma das hidraliscas.

E, novamente, não funcionou. Ou ao menos não rápido o bastante. Por puro reflexo, ela continuou a disparar contra os zergnídeos, concentrando todo o poder psiônico na hidralisca.

E então o zerg desabou. Ela sorriu em sua vitória particular...

...apenas para perceber que tinham sido os tiros de Dizz a matar a hidralisca. Praguejando entre dentes, ela reservou um momento para avaliar a situação.

Nada mal. Dois zergnídeos estavam mortos, mas os outros três continuavam a avançar obstinadamente contra o fogo cerrado de Whist e Dizz. Os dois tatus-bomba continuavam praticamente intocados. Tanya disparou o C-10 algumas vezes contra o mais próximo, que parou desnorteado, então concentrou o poder nele. O zerg deu mais alguns passos antes de sucumbir; se à munição explosiva ou ao ataque pirocínético, ela não sabia. Logo Tanya voltou a atenção ao outro tatu-bomba, notando de relance que mais um zergnídeo havia tombado e que Dizz também disparava contra o tatu-bomba. Quando este caiu, ela se concentrou nos dois últimos zergnídeos.

Dez segundos depois, havia acabado.

Tanya inspirou fundo, soltou um suspiro longo e trêmulo. *Então eu consegui?*, perguntou-se.

Talvez. Talvez não. Ela travara combate e vivera para contar história. Já era alguma coisa. Mas quanto daquela vitória se devia ao seu poder, isso ela ainda não sabia.

Mas em nenhum momento ela perdera o controle. Essa era a possibilidade que mais a perturbara. Ela havia encarado o combate sem perder o controle.

— E é assim, meninos e meninas — disse Whist contra o silêncio ensurdecido —, que se faz. Alguém se feriu?

Valerian e Artanis já haviam vistoriado dois terços das amostras quando Matt os alertou do incidente.

— Você tem certeza que foi um ataque isolado? — Valerian perguntou em voz baixa. Zagara e Abathur estavam no outro extremo da estrutura, mas ele não fazia ideia de quão boa seria sua audição.

— É o que parece até o momento — disse Matt. — Há outros zergs na área, tanto indivíduos quanto grupos como esse, que não tomaram nenhuma iniciativa contra a equipe.

Mas isso podia se dever à interferência dos bloqueadores psi em suas comunicações, como Valerian bem sabia.

— Alguma ideia do que levou esse grupo a atacar?

— Não, senhor — disse Matt. — A equipe pode ajudar a responder, mas ainda não conseguimos fazer contato. Os técnicos continuam tentando encontrar uma forma de emitir um sinal através da interferência dos bloqueadores, mas até o momento não tiveram sorte.

Valerian meneou a cabeça. Porcaria de tecnologia não testada.

Por outro lado, o silêncio nas comunicações era um preço relativamente pequeno a se pagar para

manter afastadas as massas de zergs.

Eles estão ilesos?, perguntou Artanis.

— É o que parece — respondeu Valerian. — Não temos certeza do que levou esse grupo a atacar, mas até o momento nenhum outro zerg nas proximidades tomou medidas agressivas.

E Ulavu? Alguma notícia dele?

Valerian o observou com atenção. Estaria notando preocupação na voz do hierarca?

— Nada específico — disse —, mas os sensores parecem indicar que ninguém foi ferido.

Isso é bom, disse Artanis. *Então é melhor continuarmos nosso estudo e acrescentarmos esse incidente aos assuntos que discutiremos com Zagara.*

Por cima do ombro do protoss, Valerian olhou para Zagara, ainda aguardando pacientemente como uma boa diplomata.

Ou talvez como uma aranha em sua teia.

— Sim — respondeu o imperador, voltando a se concentrar nas plantas. — Nós com certeza teremos uma lista.



Os dez zergs pareciam estar bem mortos. Mas Whist aprendera muito antes as virtudes de se garantir.

Uma única estaca em cada carcaça, fosse entre as placas da carapaça ou em junções macias, era toda garantia de que precisava.

Os outros aguardavam em um pequeno morro perto da queimadura ainda fumegante da bile ácida atirada pelo devastador enquanto Whist caminhava em sua direção, usando esse tempo para fazer uma rápida avaliação. Dizz se comportava como um soldado de verdade, lentamente voltando a assumir seu posto e se mantendo alerta para o caso de novas ameaças. Erin estava agachada ao lado do mato queimado, fazendo de conta que o examinava enquanto esperava passar a tremedeira da adrenalina, que Whist percebia apesar do traje que ela usava. Tanya e Ulavu estavam de pé ao lado dela, olhando para o fuzileiro e provavelmente conversando naquela coisa fantasma-protoss irritante.

Whist ainda tinha suas dúvidas a respeito de Tanya. Sim, ela atirara um bocado, mas também passou um tempão só encarando os zergs enquanto ele e Dizz cuidavam do grosso da luta. Seu palpite era que ela era *muito* nova naquele papo todo de combate. Podia muito bem ser a primeira batalha da jovem, o que levantava uma questão importante: por que Cruikshank a teria mandado com eles, para começo de conversa.

A não ser que aquelas encaradas significassem que ela estava usando algum truque de fantasma com os zergs. Se fosse, Whist não vira uma evidência sequer. Quanto a Ulavu, ao menos ele tinha ficado fora do caminho, o que era o melhor que qualquer um deles poderia esperar.

Quando Whist se juntou ao grupo, Erin já havia terminado seu exame fingido e se levantado.

— Estão todos mortos? — perguntou ela, com apenas uma sugestão de tremor na voz.

— Todos — garantiu Whist.

— Graças a Deus. É... é sempre assim?

— Não. Geralmente eles se movem mais rápido — disse Whist, sossegado. — Talvez tenham sido os bloqueadores. Dizz?

— Eles também costumam ser mais difíceis de matar — acrescentou o outro, ainda fazendo sua lenta varredura com os olhos. — Nada até agora. O que, devo dizer, é negligente demais. Será que Zagara achou mesmo que dez zergs era tudo de que precisava?

Não acredito que esses zergs tenham sido mandados por Zagara, disse Ulavu. Acho que simplesmente

topamos com um cruzamento de equilíbrio.

Whist fez uma careta.

— Um o quê?

É a linha ou o arco onde os territórios de duas rainhas ou mães de casta zerg estão em equilíbrio, explicou Ulavu. *Nesses lugares, os zergs estão sujeitos a menor controle e mais propensos a agir por instinto.*

Whist contraiu os lábios.

— Dizz?

— Nunca ouvi falar. Também não posso dizer que já tenha visto isso.

O efeito é menos perceptível em um campo de batalha, onde territórios estão continuamente em fluxo, explicou Ulavu. *Isso acontece apenas em condições estáticas, como neste planeta.*

— Certo, digamos que foi isso que aconteceu, que não são apenas os bloqueadores psi nos escondendo de seja lá o que houver por aqui — disse Whist. — Qual será nosso próximo passo?

Devemos permanecer na presente rota, disse Ulavu. *Já limpamos essa parte do cruzamento de equilíbrio. Desviar para um caminho diferente não traria vantagem alguma. Apenas nos levaria a outros grupos de zergs fora de controle.*

Whist olhou para Tanya.

— Você é a chefe dele. Acredita nessa história?

— Nem de longe sou chefe dele — retorquiu Tanya, empertigando-se um pouco. — Mas sim, acredito. Ulavu geralmente tem razão nesse tipo de coisa.

— Bem, na falta de teoria melhor, acho que vamos ficar com essa — cedeu Whist. — Vamos andando.

— Mas antes, mais uma coisa — disse Dizz, erguendo o dedo. — Se pensarem um pouco, fazendo uma retrospectiva, talvez vocês se lembrem de que *eu* fui colocado no comando aqui.

Whist sentiu os lábios torcerem. Será que Dizz viria *mesmo* com aquela besteira hierárquica para cima deles?

— Também sabemos ou, se não sabemos, deveríamos saber, que o sargento Cray tem muito mais experiência em combate do que eu — continuou Dizz. — Portanto, sob a noção um pouco antiquada de que a melhor pessoa deve fazer o trabalho, formalmente renuncio meu comando em favor dele. — Ele inclinou a cabeça. — Considere isso uma promoção de campo, sargento. Meus parabéns.

Whist precisou de um segundo para encontrar a própria voz. Aquele *definitivamente* não era o tipo de besteira hierárquica a que estava acostumado.

— Obrigado.

— Espere um segundo — disse Erin, confusa. — Ele pode *fazer* isso?

— Provavelmente não — disse Dizz, dando de ombros. — Mas quem vai me impedir?

— Está tudo bem, Erin — acrescentou Whist. — Eu costumava dar ordens para tenentes o tempo todo.

— Viu? — disse Dizz. — Enfim. Então vamos direto para o ponto focal de Erin?

— A não ser que você tenha uma ideia melhor — disse Whist.

— Não é melhor reportar isso antes de irmos? — perguntou Erin. — Ao menos contar o que acabou de acontecer?

— Eles estão observando da órbita — lembrou Whist. — Cruikshank e Horner estão vendo tudo de camarote. O que nos traz à pergunta: por que não mandaram reforços? Bem, provavelmente acabou rápido demais.

— Eles também devem ter informado o imperador Valerian — acrescentou Dizz. — Então não se

preocupe. Todo mundo que importa já está por dentro.

— Eu quis dizer, será que devemos informar sobre a teoria de Ulavu de que isso foi apenas um incidente isolado? — disse Erin.

— Eles saberão se é isolado ou não se voltarmos a ser atacados — respondeu Dizz, paciente.

— Coloquemos dessa forma: só poderemos nos reportar a Cruikshank se desligarmos os bloqueadores psi ou se mandarmos um de vocês para fora do alcance dessas coisas. Você acha que alguma dessas opções é uma boa ideia? — disse Whist.

Erin piscou.

— Não muito.

— Então vamos prosseguir. Eu vou na dianteira, seguido por Tanya, Ulavu e Erin, com Dizz na retaguarda. Acho que faltam apenas uns três quilômetros, então avançamos em passo de caminhada com olhos abertos e armas engatilhadas. — Ele olhou para Ulavu. — Para o caso de aquela festinha *não* ter sido só uma confusão entre os zergs. Entendido?

— Entendido — disse Dizz. — Vocês ouviram o chefe. Em formação; vamos andando.

Whist foi até a dianteira, perguntando-se o que diabos aquilo havia sido. Que tipo de criminoso, ou mesmo ex-criminoso, arrumava um posto de comando e depois o entregava de bandeja na primeira oportunidade?

Porque todos os criminosos que Whist conheceu na vida tinham uma característica em comum: chegavam a ser narcisistas de tão autocentrados. Quase por definição, gente que desafia as leis da sociedade o faz porque gosta de fazer exatamente o que quer, e os outros que vão para o inferno. O poder de dar ordens era um extra que a maioria agarraria com unhas e dentes.

A não ser que o objetivo de Dizz não tivesse sido dar poder a Whist, e sim jogar responsabilidade nas costas dele.

Ele fechou a cara. Era claro; só podia ser isso. Dizz havia visto o resultado da primeira batalha, concluído que tiveram muita sorte de sair sem um arranhão e decidido tirar das costas a responsabilidade pelo que acontecesse na segunda rodada.

Era assim que pensaria um criminoso? Ou estava mais para coisa de político?

Será que os exterminadores aceitavam políticos em desgraça?

— Ei, chefe — soou a voz de Dizz nos fones de ouvido de Whist. — Temos dois morros adiante. Quer que eu dê um salto para ver se tem alguma coisa do outro lado?

— Claro, vá em frente — disse Whist.

Às suas costas veio o som de propulsores, e pela tela traseira ele viu Dizz executando um rápido salto vertical de cinquenta metros.

Ou talvez houvesse uma explicação mais simples para a decisão de Dizz de abrir mão do comando.

Whist olhou por cima do ombro, supostamente avaliando a manobra de Dizz, mas na verdade observando Tanya. Ela trazia o C-10 a tiracolo: acessível o bastante, mas não tão rápido quanto se o segurasse. Será que carregava o rifle daquela forma porque sabia que não precisaria usá-lo?

Tanya era uma fantasma. No mínimo, tinha poderes psíquicos. Isso ficava óbvio naquelas conversas reservadas com Ulavu.

Mas e se ela tivesse mais que apenas poderes psíquicos? E se também contasse com algo mais forte? Telecinese, talvez. Se estivesse diminuindo a velocidade dos zergs ou mesmo acelerando as estacas hipersônicas do rifle Gauss, isso explicaria a vitória fácil.

Um poder como aquele a tornaria muito útil. Mas, também, imprevisível.

Porque a reputação de pirados dos fantasmas era ainda maior que a dos exterminadores. Diziam que os caras precisam de implantes cibernéticos para ficarem mentalmente estáveis e provavelmente

precisavam de uma farmácia inteira de suplementos químicos para continuar funcionando. Whist nunca tinha ouvido histórias específicas sobre fantasmas se voltando contra superiores, mas não tinha nenhuma dúvida de que situações semelhantes acontecessem de vez em quando.

Dizz havia lhe passado o comando na esperança de tirar o próprio da reta se Tanya surtasse?

Whist se virou para a frente, ciente de que agora Tanya estava atrás dele. *Está tudo bem*, disse a si mesmo com firmeza. *Apenas faça seu trabalho e confie que ela faça o dela.*

— A barra parece estar limpa — reportou Dizz.

— Obrigado — disse Whist. Confie que todos farão seu trabalho e torça para não haver mais surpresas nojentas.

É. Até parece.

* * *

Não tivemos intenção de enganá-los, insistiu Zagara, com a roufenha voz psiônica adotando um tom sombrio. A super-rainha estava no limite de se sentir ofendida.

Uma atitude que não passou despercebida a Artanis. *Como não?*, rebateu o protoss. *Os xel'naga eram seres racionais, criaturas que falavam e moldavam seu ambiente e todos ao redor. Não eram plantas. Como sua essência pode ter sido introduzida em vida vegetal sem manipulação deliberada?*

Zagara inclinou a cabeça para o lado...

E, para a leve surpresa de Valerian, Abathur, ainda imóvel ao lado dela, rompeu o silêncio: É claro manipulação deliberada, disse num tom grave e ressonante. *Manipulação o que zerg faz. O que zerg é.*

— Seja bem-vindo à conversa — disse Valerian com uma mesura. Então o mestre evolutivo podia se comunicar, no final das contas. — Você cuidou do trabalho pessoalmente? Ou apenas o supervisionou?

Abathur fez criação sozinho, respondeu o zerg, com uma evidente nota de orgulho na voz.

É claro, disse Artanis, com a pele começando a mosquear. *Em toda a história existiu apenas um mestre evolutivo: Abathur.*

— Entendo — disse Valerian, sentindo os olhos se estreitarem. — Então ele foi o responsável por todas as mutações zerg durante a guerra? Todas as variantes que trouxeram tanto sofrimento a nós, terranos, e também aos protoss?

Abathur serve sob meu comando, disse Zagara. *Ele sempre serviu o Enxame, seja sob a Supermente ou sob a Rainha das Lâminas. Se você busca imputar culpa, faça-o com eles ou comigo. Não com Abathur.*

— Não estou imputando culpa, super-rainha — disse Valerian —, somente estabelecendo causa, método e efeito. E ele criou as plantas zerg-xel'naga que vemos à nossa volta?

Já disse, respondeu Abathur. *Organismo terrano acusa mentira? Primitivo demais para entender?*

Zagara sutilmente virou de lado, e Valerian teve a impressão de que houve uma reservada conversa psiônica. Abathur abaixou a cabeça alguns centímetros. *Informado sendo rude*, disse. *Perdão pedido.*

No entanto, sua pergunta traz um peso desagradável, acrescentou Zagara com gravidade. *Você reprova as atividades de Abathur? Reprova o Enxame?*

— Nós vimos o resultado das criações — disse Valerian, lutando para manter a calma e a civilidade.

Sem dúvida tinham visto. Aquele havia sido o padrão durante toda a guerra: os soldados da Supremacia lutavam e morriam e finalmente encontravam uma fraqueza em alguma linhagem zerg. Passavam a explorá-la, e, então, depois de algumas semanas ou dias, às vezes horas, aparecia uma nova linhagem sem a falha.

— Nós as enfrentamos no campo de batalha e as vimos matar nosso povo.

E também teme essas plantas?, zombou Zagara. O propósito de Abathur é moldar vida. Não é melhor que eu desvie seu propósito da criação de armas ou infestações para a criação de vida inofensiva e benéfica?

E quem pode garantir que essas plantas são inofensivas?, cortou Artanis, indicando os expositores com a cabeça. Elas podem ser apenas um novo vetor de infestação para mais devastação em nossos planetas.

Se acredita nisso, por que está aqui?, rebateu Zagara. Se acredita que eu planejo traição, por que veio encontrar-se comigo?

Pela ligeira esperança de que o Enxame tenha de fato mudado, disse Artanis. O que ainda não foi provado.

Zagara se levantou, e Valerian viu esforço nos músculos sob a pele espessa.

— Um exemplo específico, super-rainha — disse o imperador, apressado. — Você afirmou que as mães de casta estão sob seu controle.

Eu já disse isso.

— E as mães de casta controlam os zergs em seus territórios?

Sim.

— Inclusive o grupo que atacou nossa equipe de inspeção?

Zagara pareceu ter sido pega desprevenida. Sua equipe de inspeção foi atacada?

— Sim, pouco tempo atrás — disse Valerian. — Fui informado quando eu e o hierarca Artanis examinávamos as plantas.

Foram feridos?, perguntou Zagara, as garras tremelicando de leve. Houve outros ataques?

— Não, para ambas as perguntas — disse Valerian.

Por alguns segundos, Zagara permaneceu em silêncio. Lentamente, as garras voltaram a ficar imóveis. *Não foi um ataque deliberado, disse. Acabo de me comunicar com as mães de casta. Sua equipe atravessou um cruzamento de equilíbrio entre territórios, onde os membros do Enxame ficam livres para agir conforme seus próprios instintos e meios.*

— Isso me parece um tanto descuidado da parte das mães de casta — comentou Valerian.

Foi mais do que meramente descuidado, disse Zagara em tom agourento. As mães de casta foram disciplinadas. Nem elas nem nenhuma das outras permitirá que tal falha se repita.

Isso não responde totalmente a questão do ataque, disse Artanis. Se o Enxame de fato mudou, por que sequer atacar uma equipe de inspeção?

Não é verdade que qualquer grupo muda do líder para baixo?, observou Zagara. Os protoss e terranos também agem desta forma. O mesmo vale para o Enxame. A super-rainha apontou uma garra para os dois. E protoss e terranos também têm instintos básicos de defesa contra ameaças. Deveriam os membros do Enxame agir de outra forma?

— Não, acredito que seja razoável — reconheceu Valerian.

Quando a equipe de inspeção deixar o local, as outras mães de casta permitirão passagem segura para ela, prosseguiu Zagara. Enfim, estávamos falando das plantas.

— Na verdade, acredito que estávamos falando de Abathur — corrigiu Valerian, a testa franzida. *Quando a equipe de inspeção deixar o local, ela disse. E não se. Será que ela esperava que saíssem logo daquela área?*

Será que torcia para que saíssem?

Por um momento, Valerian especulou se devia ou não insistir naquilo. Se fosse apenas um deslize, um pequeno engano na gramática terrana... mas, se não fosse, talvez houvesse na área do Ponto Focal Um algo que ela não queria que vissem.

E informá-la que já sabiam ser uma área de interesse sem dúvida era a pior coisa a fazer.

Muito bem, disse Zagara. Para Valerian, Abathur não parecia ser um assunto que ela estivesse feliz em debater. *Abathur é um ser antigo, criado pela Supermente para facilitar a absorção e reconfiguração de essências alienígenas pelo Enxame muito antes da minha existência. Vocês conhecem a origem da Supermente?*

— Não — disse Valerian. — Basicamente especulamos.

Foi uma entidade criada em tempos antigos pelo xel'naga Amon, disse Zagara. *Incorporando consciência zerg, trouxe unidade e comando a grupos selvagens. Mais tarde, desenvolveu outros agentes para solidificar seu controle.*

— E a Supermente por sua vez criou Abathur? — perguntou Valerian, vendo o mestre evolutivo com uma nova sensação de mau agouro. O Enxame era alienígena o bastante; agora ali estava uma criatura que não apenas precedia tudo que a Supremacia sabia a respeito dos zergs, como também havia sido criada por uma mente ainda mais alienígena.

O que pensaria Abathur? O que sentiria? Será que Valerian era capaz de ao menos começar a compreender uma coisa ou outra?

Sim, disse Zagara.

Você deve confiar nele, disse Artanis. *Não permitiu que realizasse as modificações que a alteraram para se tornar uma mãe de casta?*

Permiti, disse Zagara. *Mas as mudanças não ocorreram por vontade ou intenção dele; partiram do desejo da Rainha das Lâminas, a quem tanto eu quanto Abathur nos submetemos. Ela desejou que eu fosse capaz de melhor compreender seus pensamentos e costumes. Melhor que qualquer rainha ou mãe de casta antes de mim.*

— Porque ela a preparava para ocupar seu lugar?

Não conheço os pensamentos dela além do desejo manifesto de que eu pensasse mais como ela.

Valerian sentiu um torcer nos lábios. Que pensasse mais como Kerrigan. Isso podia ser muito bom ou muito, muito ruim.

O procedimento foi cheio de amargura e dor, prosseguiu Zagara inquieta, abrindo e fechando as garras. *Mas o enfrentei de bom grado. Foi o que me permitiu enxergar além dos intermináveis ciclos de existência zerg e discernir um caminho novo e melhor.*

— Isso e também a essência xel'naga deixada por Kerrigan — disse Valerian, franzindo a testa quando outro pensamento lhe ocorreu. — *Você tem essência xel'naga?*

Não, disse Zagara sem hesitação. Talvez um pouco sem hesitação demais. *A essência ainda não estava em poder da Rainha das Lâminas quando fui modificada.*

— Porque isso certamente facilitaria uma ascensão a xel'naga — insistiu Valerian. — *Diga-me: quando finalmente a essência xel'naga chegou ao seu poder, você por acaso pediu novas modificações a Abathur?*

Não, respondeu Zagara com firmeza. *Eu fui deixada no comando do Enxame. Para tanto, não preciso de modificações adicionais.*

Valerian olhou para Artanis, mas o protoss permaneceu em silêncio. Talvez ele estivesse satisfeito com as respostas.

Ou talvez apenas pensasse que não havia sentido em fazer mais perguntas.

— *Muito bem* — disse Valerian, voltando-se para Zagara. — *Mais cedo você disse ser capaz de ajudar a Supremacia e os protoss na reconstrução de planetas devastados. Diga-nos como exatamente faria isso.*



CAPÍTULO NOVE

Tanya esperava ser atacada pelo menos mais uma vez antes de a equipe chegar ao ponto focal teórico de Erin.

Mas o ataque não aconteceu. Eles entraram no campo de visão de diversos zergs, mas nenhum, nem mesmo os maiores e mais assustadores, tiveram qualquer reação contra os intrusos. A maioria, ao menos aqueles a mais de cem metros deles, nem pareceu notar a equipe de inspeção.

Por fim, chegaram à meseta marcada da órbita por Erin.

— Então não é uma cobertura? — perguntou a cientista.

— Não, as laterais correm de cima a baixo — disse Dizz, examinando o terreno do alto. — Aquela linha de árvores na face sul na verdade são três fileiras distintas, bem próximas e mais ou menos paralelas. Não há nada em cima a não ser mato e alguns arbustos. A coisa toda se estende por cerca de meio quilômetro, com bastante erosão na parte de trás. Parece ser basalto por baixo da terra, então isso talvez tenha começado como uma bolha de lava.

— Você disse que a linha de árvores na verdade são três fileiras bem próximas — disse Whist. — Quanto exatamente?

— As fileiras ficam a uns dois metros uma da outra, mas galhos preenchem boa parte do espaço — disse Dizz. — As árvores das duas fileiras internas ficam tão próximas umas das outras quanto as que vocês podem ver na fileira externa. Cerca de um metro, com os galhos entremeados.

— Isso não tem como ser bom para eles — observou Tanya, fitando as árvores. Os troncos muito próximos e os galhos entrelaçados como numa tela de madeira formavam um emaranhado praticamente impenetrável.

— Erin? — chamou Whist.

Tanya se virou e deu com a cientista deitada de costas, sem capacete, novamente com a cabeça encostada no chão.

— Ainda consigo ouvir o som — reportou Erin.

— Mais alto que antes?

— Acho que não. Talvez um pouco mais claro, mas não mais alto. — Ela rolou de lado e se levantou. — Mas isso não faz sentido — prosseguiu, gesticulando com a mão enluvada na direção das fileiras de árvores. — Essas árvores estão próximas demais. Mesmo que tenham uma raiz central comum,

simplesmente não há espaço para as ramificações e os pelos absorventes. E isso não responde a questão dos galhos: aqueles mais baixos são inúteis. Deveriam ter secado ou ao menos perdido as folhas.

— É, mas essas são árvores mágicas zergs — observou Dizz, ainda flutuando acima deles. — Esqueceu?

— E elas estão aqui há apenas alguns anos — acrescentou Tanya.

— Não importa — insistiu Erin. — Até mesmo árvores mágicas precisam de nutrientes; elas precisam extraí-los de algum lugar.

A não ser que as árvores não tenham raízes, sugeriu Ulavu.

— E como fazem, elas absorvem tudo pelas folhas e a casca? — perguntou Tanya.

A fisiologia e a bioquímica protoss têm semelhanças, destacou Ulavu. É verdade que nossa absorção de energia ocorre numa maior amplitude do espectro eletromagnético do que a maioria das plantas tem capacidade de acessar. Mas o princípio permanece.

— Certo, mas se elas não têm raízes, o que as segura de pé? — perguntou Whist.

— Talvez quase nada — disse Dizz. — Deixa eu tentar uma coisa.

Ele manobrou acima das árvores. Então, abruptamente, despencou do céu e desapareceu em meio aos galhos.

— Dizz? — chamou Tanya, franzindo a testa.

— Estou bem — respondeu Dizz. — Só quis ver de perto a parte baixa dos troncos.

— Você podia ter feito isso daqui — disse Whist.

— Já vi desse lado. Ora, ora.

— Ora, ora o quê? — perguntou Whist.

— Faça-me um favor — pediu Dizz. — Vá até a... sexta árvore a contar da esquerda e dê um empurrão, está bem?

— Um *empurrão*? — repetiu Whist. — Um empurrão pra onde?

— Na direção do morro — disse Dizz. — E vocês fiquem de olho na copa enquanto ele empurra.

Whist resmungou algo entre dentes, mas seguiu obedientemente até a árvore. Plantando bem os pés, ele firmou as luvas no tronco e empurrou.

— E?

— A copa se mexeu? — perguntou Dizz.

— Não que eu tenha visto — disse Tanya.

— Eu também não — emendou Erin.

— Certo — confirmou Dizz. — Dê um passo para trás, Whist, e vocês fiquem de olho na copa.

Para surpresa de Tanya, a copa oscilou. Não muito, mas de forma bem perceptível.

— Ela se mexeu? — perguntou Dizz.

— Como se o Lobo Mau tivesse soprado — respondeu Whist. — O que diabos você fez?

— A mesma coisa que você, mas sem todos esses servos da sua armadura — disse Dizz. — Essas coisas não são apenas árvores. Elas são algum tipo de paliçada viva. É possível ver a borda inferior desse lado, por baixo dos troncos, onde parte da terra erodiu. Elas basicamente estão enraizadas apenas do seu lado, com esse aqui solto.

— Isso não faz nenhum sentido — rugiu Whist. — Quem é que projeta uma paliçada que pode ser derrubada com um safanão?

— Acho que a ideia é ela só poder ser derrubada por dentro — disse Dizz. — O que me diz que foi projetada para manter coisas do lado de fora, não no lado de dentro.

— Fora do quê? — perguntou Tanya com uma careta.

— Fora de seja lá o que houver atrás da linha interna — disse Dizz. — É difícil dizer com todos esses

galhos na minha frente, mas acho que há uma abertura desse lado da meseta.

— Uma abertura de que tamanho?

— Acho que uma hidralisca conseguiria passar sem bater a cabeça — disse Dizz. — Que tal usarmos algumas granadas para abrir uma passagem?

Não seria uma boa ideia neste momento, alertou Ulavu, olhando por cima do ombro de Tanya.

— Por que não? — perguntou Dizz.

— Porque, por falar em hidraliscas, há um bando delas cerca de duzentos metros a oeste — disse Tanya tensa, acompanhando o olhar de Ulavu. — Quatro, talvez cinco.

— Fiquem exatamente onde estão e mantenham a calma — disse Whist. — Elas estão indo para o norte. Vamos ver se continuam sem se virar.

Para alívio de Tanya, as hidraliscas de fato seguiram seu caminho, aparentemente alheias aos intrusos. Em silêncio, a equipe as observou sumir atrás de outra linha de morros baixos.

— Certo, elas se foram — disse Whist. — É, vamos esquecer as granadas por enquanto. A última coisa que queremos é acordar a vizinhança.

— Um bom par de lâminas psi viria a calhar — comentou Dizz. — Ulavu, você por acaso não teria um ou dois focalizadores escondidos dentro dessas luvas de jardinagem, teria?

É claro que não, protestou Ulavu. *Sou um pesquisador, não um templário. Não tenho nenhuma lâmina psi e tampouco saberia usar uma.*

— Achei que todos os protoss tivessem aquele tal de Khala — disse Whist.

— Os templários das trevas, não — disse Erin. — Mas enfim, o Khala foi... bem, algo aconteceu com ele durante a guerra; não tenho certeza do quê. Ninguém sabe grande coisa a respeito — acrescentou ela, erguendo as sobrancelhas para Ulavu num convite silencioso.

Tanya torceu os lábios. Se Erin esperava esclarecimentos naquele assunto, estava perdendo tempo. Pelos sussurros que ouvira no programa fantasma, o Khala fora aparentemente corrompido pelo rebelde xel'naga Amon, que o usou para controlar todos os protoss ligados pela conexão psiônica. Para derrotá-lo, os protoss não tiveram alternativa senão cortar seus cordões nervosos no momento crítico, privando Amon de sua conexão e seu poder e o mandando de volta ao Vazio. Infelizmente, ao cortarem os cordões nervosos, os protoss também desfizeram permanentemente a conexão uns com os outros através do Khala.

Com o passar dos anos, ela ocasionalmente pedira mais detalhes a Ulavu, que se recusara a falar a respeito. E, se ele não se abria com Tanya, certamente não falaria de um assunto tão doloroso com um grupo de terranos desconhecidos.

Como esperado, Ulavu permaneceu em silêncio. Erin aguardou mais um momento, então se afastou.

— Certo, então não podemos usar granadas e estamos em falta de templários — concluiu Whist. — Por acaso, Tanya, o seu poder fantasma seria a telecinese?

— Sinto muito — disse Tanya. — E quanto a você e Erin? Dois trajes CMC servoassistidos empurrando as árvores do lado de Dizz da paliçada podem conseguir alguma coisa.

— Podem mesmo — disse Whist. Depois de voltar até a fileira de árvores, ele agarrou um dos galhos mais baixos e, com algum esforço, o partiu. — Vou quebrar mais alguns e abrir caminho até o outro lado.

— Isso vai levar a vida toda — disse Tanya.

— Deixa comigo — disse Dizz. Ouviu-se o zunido do propulsor e ele surgiu acima da copa das árvores, então pousou ao lado de Erin...

Antes que ela conseguisse fazer qualquer coisa além de emitir um guincho de surpresa, Dizz a agarrou pela cintura e alçou voo. Ele voltou a descrever um arco acima das árvores e, instantes depois,

reapareceu sozinho. Dessa vez, agarrou Whist e o levou até o outro lado da fileira de árvores para se juntar a Erin.

— Tanya, quer que eu volte aí para ajudá-la a guardar o perímetro? — perguntou. — Isso pode demorar um pouco.

— Não, estamos bem — garantiu Tanya, dando as costas para as árvores e fazendo uma rápida varredura visual na área. — Vão em frente e...

Ela se calou quando um estrépito de madeira se partindo subitamente cortou o ar. E olhou por cima do ombro a tempo de ver uma das árvores tombar e cair no chão com um estrondo.

— Ou talvez não — corrigiu Dizz. — Foi mais fácil do que pensei.

— Essa coisa está mais pra ponte levadiça que paliçada — disse Whist com um grunhido. — Estranho. Certo, vamos derrubar mais uma, então passamos pra próxima fileira. Madeira!

Houve outro estrondo quando uma segunda árvore tombou.

— Bom — disse Dizz. — Isso deve nos dar espaço suficiente para passar e ainda manter os nojentos maiores do lado de fora.

— Certo — disse Whist. — Derrubamos duas na próxima fileira, depois damos um jeito de chegar na outra.

A fileira intermediária de árvores provou ser igualmente frágil, mas, em vez de tombarem no chão, as árvores novas acabaram caindo por cima das duas da primeira fila, ficando precariamente inclinadas.

— Agora vem a parte complicada — disse Whist. — Não conseguiremos ir até a parte detrás da próxima fileira voando, estão muito próximas da meseta para Dizz nos carregar até lá.

— E, se houver uma abertura lá atrás, não vamos ter onde nos apoiar — destacou Erin. — Tivemos que fazer isso nas duas primeiras fileiras.

— Certo — disse Whist. — Bem, como Tanya disse, quebrar os galhos vai demorar um bocadinho. Então... — Ele arqueou as sobrancelhas. — Acho que está na hora de usarmos aquelas granadas.

Talvez você possa usar o seu poder, Tanya Caulfield, sugeriu Ulavu.

Tanya se empertigou, assustada, perguntando-se se Ulavu havia enviado o comentário para a equipe toda. Mas o pensamento sumiu tão rápido quanto se formou. Claro que havia sido uma mensagem reservada. Seu poder ainda era um segredo guardado a sete chaves; Ulavu nunca a trairia daquele jeito. *Seria complicado, respondeu ela. Para queimar os troncos preciso produzir tanto calor que atingiria as folhas e galhos próximos, além da cobertura do solo.*

Mas você pode focalizar, ou não?

Sim, mas uma parte do calor inevitavelmente escapará por condução e radiação.

Usar granadas vai chamar atenção, alertou ele.

Um incêndio também. Tanya hesitou. É uma questão de controle, explicou com relutância. *Não tenho certeza se consigo usar meu poder aqui sem criar um fogaréu incontrollável.*

Ulavu inclinou a cabeça. *Aceito sua lógica. Vamos permitir que usem granadas.*

Tanya assentiu e voltou ao debate do grupo.

Debate que, aparentemente, tinha sido breve: Whist já quebrava os galhos da próxima árvore, enquanto Dizz fazia alguns ajustes num cilindro estreito que tinha tirado da bolsa do cinto.

— Vamos de granadas, então? — perguntou ela.

Dizz lhe lançou um olhar estranho.

— Sim, já decidimos isso — disse. — Tente ficar mais ligada.

Tanya sentiu o rosto esquentar.

— Desculpe.

— É — disse Dizz. — Vamos cuidar disso. Só fique de olho em possíveis visitantes.

Os galhos eram mais resistentes e emaranhados do que eles tinham imaginado, e Whist precisou de quase dez minutos até abrir espaço suficiente para colocar a granada no lugar. Em dois momentos, Tanya pensou em se oferecer para tentar usar a pirocinese, apesar dos riscos. Em ambos, resistiu à tentação.

Finalmente, estava tudo pronto. Dizz ordenou que se afastassem e, com um estalo surpreendentemente alto, apesar de abafado pelo capuz de Tanya, a granada explodiu. A explosão levantou a árvore meio metro do chão e a atirou sobre as outras toras caídas.

Dizz tinha razão: havia mesmo uma abertura ali atrás. Com a visão bloqueada pelas árvores, Tanya não conseguia enxergar toda sua extensão horizontal, mas sem dúvida era alta o bastante para a passagem de uma hidralisca.

— Mais uma e entramos — disse Whist, pegando uma das próprias granadas.

— Ou podemos nos virar com o que já temos — disse Tanya apreensiva, correndo os olhos pela fileira de zergnídeos, baratas e hidraliscas que subitamente tinha aparecido em meio às árvores. — Contato: oeste e sul.

— Porcaria — praguejou Dizz. — Acordamos *mesmo* a vizinhança, hein?

— Todos pra dentro — ordenou Whist. — Todos pra dentro *agora!*

Não, disse Ulavu.

— Como não? — bradou Whist.

Eu quis dizer que não, as granadas não os atraíram, respondeu Ulavu, com a voz mental carregada de tensão. *Eles estão sendo atraídos por algo lá dentro.*

— Como diabos isso pode acontecer com os bloqueadores psi ligados? — perguntou Whist.

— E que tipo de “algo” está atraindo essas coisas? — acrescentou Erin, em voz entrecortada.

Não tenho resposta para nenhuma das duas perguntas. Estou... impossibilitado de focar naquela direção.

— Eu também — emendou Tanya, tentando se concentrar. Era como se algo subitamente começasse a zumbir em frente ao seu cérebro; zumbir, confundir e desestabilizar. A vista dela embaçou...

Com esforço, ela voltou ao controle, pressionando um dedo na têmpora, perto do implante. Aquele com certeza não era um bom momento para perder o controle.

— Bem, nós sem dúvida sabemos o que está aqui *fora* — apontou Dizz. — Seja lá o que houver lá dentro, meu voto é entrar e encarar.

— Ainda mais porque as hidraliscas não podem entrar atrás de nós — lembrou Whist. — Todos pra dentro, na mesma ordem da marcha. — Virando de lado, ele passou a abrir caminho pela passagem estreita. — Tanya, se ainda tiver balas antiblindagem nesse rifle, pode ser um bom momento pra gastá-las.

— E quanto ao que estiver lá dentro? — perguntou Tanya, tirando do ombro a alça do C-10. — Está provocando uns zumbidos estranhos no meu cérebro.

— Você está funcional? — rebateu Whist.

— Em grande parte.

— Então é como Dizz disse: nos preocupamos com as coisas pela ordem — disse Whist. — Começando por atrasar o passo daquelas hidraliscas.

Tanya respirou fundo.

— Entendido.

Dizz já disparava a pistola Gauss P-45, mandando estacas contra os zergs que começavam a se aproximar. Depois de acionar com o polegar a trava de segurança de seu C-10, Tanya apontou para a hidralisca mais próxima e disparou. A criatura cambaleou com o impacto...

— Entrei! — gritou Whist às costas dela. — Vamos, Ulavu. Tanya, mais dois tiros e entre aqui. Erin, você vem depois. Dizz, continue atirando, mas esteja pronto pra empurrar caso ela fique presa.

Em dez segundos, Ulavu atravessava a passagem. Depois de outros vinte segundos, Tanya juntou-se a ele.

A caverna oculta era ainda mais impressionante no seu interior do que ela esperava. Tinha uns doze metros de altura, que também era mais ou menos a largura da abertura camuflada pela paliçada de árvores. A caverna se estendia por cerca de setenta metros, e a uns vinte de onde estavam subia uma rampa não muito íngreme que ocupava quase toda a extensão de uma das laterais. No alto havia um patamar, mas de onde estava não dava para enxergar se levava a um corredor ou outra rampa que continuava a subir no sentido contrário. Fosse lá como tivesse sido no passado, a maior parte do interior estava forrada com a matéria com pinta de pele derretida por ácido típica das construções biológicas zergs.

— Fique de olho na rampa — ordenou Whist, dando um tapinha no ombro de Tanya e em seguida passando a correia do C-14 pelo ombro.

A fantasma voltou a erguer o rifle, um olho na rampa e no patamar e o outro no teto. Podia haver alguma coisa à espreita ali no alto, escondida nas sombras. O zumbido em sua mente ficava mais forte, e ela sacudiu a cabeça para tentar afastá-lo. Não pareceu ajudar.

Às suas costas soou o barulho de galhos se partindo. Retesando os músculos, Tanya olhou em volta e viu Whist arrastando Erin da estreita passagem entre as árvores. Parecia que a outra mulher tinha *mesmo* ficado presa. Também viu Dizz de relance, de costas para Erin e ainda abrindo fogo, antes de voltar a vigiar a rampa.

Nada havia atacado ou mesmo aparecido quando Dizz finalmente se espremeu caverna adentro.

— Bom, isso foi divertido — disse ele, ofegante, enquanto trocava o pente da pistola Gauss. — Lugar bacana. E agora?

— Fique de olho na porta — ordenou Whist. — Atire em qualquer coisa que entrar.

— Isso se sequer tentarem — disse Dizz, espiando a passagem com cautela. — O bando todo parece ter parado. Talvez pensando no que fazer em seguida.

— Ou talvez a mãe de casta que comanda esse setor esteja pensando por eles — disse Whist carrancudo. — Ou estamos em outro, como é mesmo o nome, cruzamento de equilíbrio?

Não, respondeu Ulavu. Ainda estamos no território de uma mãe de casta.

— Foi o que pensei — disse Dizz. — Lá se foram as promessas de Zagara. Espera um pouco... um dos tatus-bomba voltou a se mover. Mas não muito rápido.

— A mãe de casta deve estar pensando se consegue nos pegar com o ácido mesmo que ele fique preso na passagem — disse Whist. — Fique de olho nessa coisa. — O fuzileiro pegou a lanterna e correu o facho pelo teto, perto da entrada. — Dizz, pra você, aquilo ali são linhas de fratura?

— Não tenho a menor ideia — disse Dizz. — Vocês passam mais tempo do que nós em cavernas e encostas rochosas.

— Sim, são linhas de fratura — disse Erin. — Cursei uma matéria de geologia na faculdade...

— Ótimo, está contratada — cortou Whist. — Dizz, você vai atirar nas fraturas. Vê se consegue derrubar umas pedras na frente da passagem. Erin, você diz pra ele onde atirar.

Mas assim não arriscamos derrubar a meseta inteira em cima de nós?, rebateu Ulavu. *Podemos morrer ou acabar presos.*

— Um: aquilo ali é mais forte do que parece — disse Whist. — Ele não vai derrubar muita coisa, só o bastante pra proteger a passagem de morteiros de ácido e qualquer coisa que tente entrar. Dois: enquanto tivermos granadas, não ficaremos presos. Três: isso não é um debate.

— Aqui — disse Dizz, passando uma lanterna para Erin. — Aponte um alvo. E vocês, vão conferir a caverna?

— A ideia é essa — confirmou Whist. — Pelo menos até aquele patamar. Eu vou na dianteira, depois Ulavu, com Tanya na retaguarda. Dizz, se eles voltarem a se mover e você achar que é mais do que pode encarar, assobie.

Dizz soltou uma fungada.

— Pode apostar.

A rampa, Tanya descobriu quando começavam a subir, não era lá muito íngreme, além de ter a mesma textura do restante da caverna, o que dava mais firmeza do que pedra lisa ou metal.

E, no entanto, ela passou a tropeçar conforme seguia Whist rampa acima. O zumbido na cabeça ficava mais alto, interferindo em seu equilíbrio e sua concentração...

Ela teve um sobressalto quando uma mão subitamente agarrou seu braço e sacudiu.

— Você está bem? — perguntou Whist.

Tanya piscou os olhos. A última coisa que lembrava eram os três se aproximando do alto da rampa. Agora, inexplicavelmente, já tinham contornado o patamar e começavam a subir outra rampa no sentido contrário. A segunda rampa terminava cinquenta metros à frente em outro patamar, que possivelmente levava a outra rampa.

— Estou — disse ela. — O que aconteceu?

— Ulavu disse que você estava sonambulando ou coisa parecida — explicou Whist. — Esse zumbido na sua cabeça... é como estar dentro de uma colmeia?

— Sim — disse Tanya, franzindo a testa. — Você também está ouvindo?

— Estou ouvindo *alguma coisa* — respondeu Whist com uma careta. — Não deve ser tão alto quanto o seu... não estou tropeçando, de qualquer forma. Mas fica difícil pra cacete se concentrar.

Tanya olhou para Ulavu. *Você está bem?*

Ainda consigo funcionar, tranquilizou o protoss. Mas estou profundamente preocupado com sua segurança e sua saúde, Tanya Caulfield. Talvez você deva voltar e ajudar os outros na entrada.

Apesar da pressão mental, Tanya não conseguiu evitar um sorriso. Um fuzileiro e um pesquisador protoss, sozinhos com fosse lá o que estava atirando bumerangues no cérebro deles. Ela de jeito nenhum deixaria *aquilo* acontecer. *Está tudo bem, disse. Eu consigo prosseguir.*

Agora eles se aproximavam do segundo patamar. Nenhum sinal ainda, mas o zumbido se tornava cada vez mais alto e difícil de combater. Eles chegaram ao patamar, passaram a contornar a parede que dava lugar a mais uma seção de rampa...

Tanya teve tempo de ver as quatro criaturas descendo a rampa na direção deles quando o zumbido de repente irrompeu numa explosão pulsante.

E o mundo ficou preto.



Whist há muito descobrira que as táticas de combate urbano zerg eram incrivelmente previsíveis. Eles sempre esperavam atrás de uma esquina, para então investir furiosamente na quantidade que o suserano, a rainha ou quem quer que fosse achasse necessário.

Ele estivera preparado no ponto cego do primeiro patamar. Nada. Óbvio demais, ou talvez a coisa que provocasse o zumbido cerebral quisesse desconcertar a equipe um pouco mais. Não importava, na verdade, porque ele estava tão preparado quanto no segundo patamar, onde o ataque finalmente aconteceu.

Eram quatro zergs, que, em silêncio, desciam a terceira rampa na direção deles. Cada um tinha o tamanho de um cachorro grande, um pouco menores que os zergnídeos e com o jeito de naja empinada das hidraliscas. Era a coleção de sempre de pontas afiadas, presas e garras comum a todas as variantes de zergs, mas havia algumas diferenças sutis no desenho das ferramentas de matar.

O que era *incrivelmente* diferente, no entanto, era a coloração. Em vez do marrom-escuro que caracterizava a maioria dos zergs, esses eram marrom-claros e tinham manchas vermelhas nas patas e nas garras, além de três fileiras de pontos vermelhos brilhantes que partiam do espaço entre os olhos, subiam pela cabeça e desciam pelas costas.

Eram cores que Whist nunca tinha visto naquelas coisas, principalmente os pontos vermelhos. Sem dúvida, alguma coisa nova que Zagara arrumara para a arapuca que vinha tramando.

Whist ergueu o C-14, travando os dentes ao sentir uma explosão súbita no zumbido dentro da cabeça. Ao que parecia, era o segundo soco da nova combinação esquerda-direita de Zagara.

Ela que tentasse. Whist já tinha sido castigado por cansaço, fome, desidratação, fumaça, deserção, desvantagens absurdas e pelo açoite difuso da guerra. Ele resistira a tudo isso, e ele e Tanya também resistiriam àquilo.

Só *não* estava preparado para, sem mais nem menos, ver Tanya desmoronar na rampa. Ele teve um quarto de segundo para se perguntar o que havia acontecido até constatar que perdera metade do poder de fogo...

E era tarde demais para fazer qualquer coisa além de atirar.

Nos primeiros segundos, achou que poderia dar conta. A primeira rajada acertou o líder em cheio no peito, logo abaixo da boca escancarada, atirando o zerg para trás e reduzindo seu ímpeto a um

rastejar hesitante. Ou aquelas coisas eram mais frouxas do que pareciam ou ele tivera sorte de acertar um ponto fraco. Ele apontou o C-14 para o zerg seguinte, piscando no momento em que sua visão subitamente ficou borrada e indistinta.

Foi naquele momento que Whist soube que ia morrer.

Mal conseguia mirar no segundo alvo; com a vista daquele jeito, não podia contar que acertaria o ponto fraco. Mesmo que tivesse a sorte de atingir seu alvo, ainda havia outros dois zergs atrás daquele.

Ele morreria, então Ulavu morreria e depois Tanya morreria, provavelmente ainda caída no chão. Dizz e Erin seriam os próximos, atacados pelas costas porque se concentravam na ameaça do lado de fora e contavam com Whist e Tanya para dar cobertura do outro.

Todos morreriam, e ninguém saberia o que havia acontecido. O bloqueador psi tão brilhantemente instalado em sua armadura o impedia de gritar para Cruikshank um alerta sobre a traição de Zagara.

Mas ao menos podia usar a comunicação de curto alcance para alertar Dizz e Erin antes de morrer. Estranho ter lhe ocorrido tal pensamento apenas naquele momento. Será que lentidão mental era parte da confusão física provocada por aquele zumbido todo na cabeça?

Não importava. Em breve, o zumbido cessaria. Ele disparou uma rajada no segundo zerg, e o impacto atirou a coisa de costas no chão. Ao menos era o que parecia; a vista estava tão embaçada que era impossível ter certeza. Whist piscou para os dois borrões que ainda avançavam, tentou apontar o C-14 para um deles...

E então, para sua surpresa, outro borrão passou do seu lado e, num movimento sutil, mas firme, afastou o cano do rifle Gauss.

Seu primeiro pensamento foi de que Tanya de alguma forma havia despertado do desmaio súbito. O segundo foi que Dizz adivinhara o que estava acontecendo e, num passe de mágica, chegara lá. Ele piscou duas vezes e sacudiu a cabeça, desanuviando brevemente a vista.

O borrão não era Tanya ou Dizz. Era apenas Ulavu, avançando com os braços abertos como se oferecesse aos zergs um amigável abraço de urso. As mãos do protoss se fecharam, fazendo as luvas de jardinagem grossas se esticarem até o dorso ser rasgado. Elas caíram, revelando um segundo par de luvas com um complexo padrão metálico na parte anterior dos pulsos. Antes mesmo que o primeiro par chegasse ao chão, os padrões metálicos do segundo entraram em movimento, desdobrando-se e sendo reconfigurados até assumirem a forma de cilindros achatados. Aquilo não parecia com nada que Whist já tivesse visto, mas ao mesmo tempo era incrivelmente familiar.

Ele teve tempo apenas de sentir o queixo cair quando dos cilindros irromperam as chamas verdes incandescentes de lâminas de transdobra.

Ulavu não era um civil acadêmico e pesquisador inútil.

Ele era um templário das trevas.

Os dois últimos zergs deviam ter tentado frear quando reconheceram o novo e inesperado inimigo. Se a intenção era essa, porém, eles falharam. O embalo do primeiro o levou direto para as lâminas cintilantes, que o empalaram até os punhos do protoss. Ulavu cambaleou um pouco com o impacto, mas, quando o segundo zerg se atirou contra ele, já havia recuperado o equilíbrio a ponto de se esquivar do salto com um firme passo lateral e abrir um talho horizontal no zerg, estripando o bicho do peito à cauda.

E, quando o zumbido de súbito se tornou apenas um rumor distante, Whist soube que a luta havia acabado.

Ulavu dedicou algum tempo a conferir seu trabalho, provavelmente para confirmar que os dois alvos estavam mortos. Depois foi até os dois abatidos por Whist para garantir que também não causariam mais problemas. Então, quase relutante, se voltou para encarar o fuzileiro. *Não fique alarmado*, a voz do

protoss soou em sua cabeça enquanto as lâminas de transdobra desapareciam. *Sou seu aliado. Peço que não revele meu segredo aos outros.*

Whist soltou um suspiro cauteloso.

Por que não?, forçou em pensamento.

Então, praguejando, desligou o comunicador e abriu o visor. Algumas pessoas conseguiam realizar aquela comunicação mental com os protoss, mas, com a cabeça ainda girando dos zumbidos, era penoso demais para ele.

— Por que não? — repetiu em voz alta.

Os olhos de Ulavu saltaram de Whist para Tanya. *Eu a enganei todos esses anos*, disse, soando quase constrangido. Aquela era nova, ao menos para Whist. Os protoss nunca ficavam constrangidos. *Ela ficará magoada e consternada se souber a verdade.*

— Você acha? — devolveu Whist com todo sarcasmo que conseguiu. — Que diabos está acontecendo? Quem é você, afinal?

Eu sou Ulavu, disse o protoss. *Sou um pesquisador. Mas também mais.*

— Mais, como por exemplo um templário das trevas? — rosnou Whist. O cérebro latejante fez uma conexão com aquela conversa anterior. — É. Engraçado. Dizz só pediu lâminas *psi*. As armas que vocês usam são chamadas lâminas *de transdobra*. Duas coisas completamente diferentes.

São mesmo, disse Ulavu.

— Não na prática — disse Whist. — Enfim. Bom saber que os protoss também se apegam a sutilezas.

Não desejei mentir. Falei a verdade sem revelar minha identidade.

— Enfim, é tudo conversa-fiada de qualquer forma, porque sua bolha está pra estourar. — Whist gesticulou para as quatro carcaças. — A não ser que dê um jeito de explicar esses cortes de lâminas de transdobra.

Em resposta, Ulavu levou a mão ao cinto de Whist e pegou uma granada. *Isto apagará todas as evidências.*

O protoss começou a puxar a mão. O fuzileiro o segurou pelo pulso, com uma vaga consciência de que, se Ulavu reativasse aquela lâmina de transdobra em especial, Whist encerraria seus dias com o apelido Esquerdinha.

— Alto lá — alertou. — Não estou dizendo que não gosto de ter mais ajuda na equipe. Deus sabe que podemos precisar. Mas se você quiser que eu embarque nesse papo de identidade secreta, preciso saber por quê.

Ulavu ficou em silêncio por um instante.

O hierarca Artanis tem dúvidas sobre o quanto pode confiar nos terranos, disse enfim. *Os nerazins estão igualmente ambivalentes. Todos testemunhamos a crueldade do combate e a desunião da raça terrana.*

— Como se os protoss fossem uns santos — rosnou Whist. — E aí, Artanis mandou você pra nos espionar?

Ele me enviou para observar, corrigiu Ulavu. Mais sutilezas. *Ele deseja saber se a união terrana pode ser alcançada e se o conflito entre vocês pode ser eliminado. Igualmente importante, ele deseja saber se a ferocidade que demonstraram no campo de batalha pode agora se voltar contra os protoss.*

— Isso pode soar como novidade para um guerreiro de nascença — disse Whist —, mas, nesse momento, nós estamos fartos de guerra. Mesmo que não fosse assim, não somos loucos o bastante para começar uma com vocês. Acredite.

Eu acredito em você, sargento Foster Cray, disse Ulavu. *Mas foi-me dada uma missão. E eu devo cumpri-la.*

Whist fez uma careta, tentando pensar. Aquela conversa estava longe de encerrada, disso ele tinha certeza. Mas não tinham tempo para papo furado. O fato de o zumbido continuar apesar de aquele grupo de zergs ter sido morto sugeria que havia mais nojentos à espreita nas proximidades.

— Certo — disse ele, soltando o braço de Ulavu. — Tentarei guardar seu segredo. *Mas* — ele ergueu um dedo em advertência —, se chegarmos a esse ponto de encrenca outra vez, é melhor você participar na festa. Entendido?

Entendido, concordou Ulavu. Havia uma sutil mudança no tom de seus pensamentos, e Whist teve a estranha sensação de um sorriso irônico. *Não conseguirei completar a missão se estiver morto.*

— Ótimo. Não se esqueça disso. — Whist fez um gesto de cabeça para as carcaças. — Vá em frente e faça picadinho dessas coisas. Só não fique muito perto.

Whist não conseguia imaginar como seria o treinamento de um templário das trevas, mas eles tinham ao menos um conhecimento básico dos armamentos da Supremacia. Ulavu se posicionou a exatamente meio metro do raio da explosão antes de atirar a granada na pilha de zergs.

— Certo — disse Whist, quando o eco da explosão se dispersou. — Vejamos o que podemos fazer por Tanya.

Ele se ajoelhou ao lado dela e abriu a biotela da armadura.

Acredito que ela tenha sido o alvo primário do ataque, disse Ulavu, agachando-se ao lado de Whist.

— Jura? — respondeu ele, olhando de lado para o protoss. Nunca tinha visto um se agachar. O gesto tinha um aspecto estranho, com aqueles joelhos que dobravam para trás. — Bem, com certeza funcionou. Ela está apagada como uma vela. — Whist apontou com a cabeça para os antebraços de Ulavu. — Isso aí me parece novo.

São experimentais, admitiu Ulavu, olhando para os focalizadores das lâminas de transdobra. Perante os olhos de Whist, elas se dobraram até adquirirem a forma plana. *E não tão poderosos ou resistentes quanto os focalizadores tradicionais, mas melhores para situações como essa.*

— Tipo quando você quer ficar na encolha — disse Whist. Bem de leve, ele deu dois ou três tapinhas no rosto de Tanya. — Vamos, garota. Acorde.

Ulavu se aproximou. *Deixe-me tentar. Você pode remover o visor dela?*

— Claro. — Whist soltou as travas e tirou o visor. Os olhos de Tanya estavam fechados, mas seu rosto estava sereno. Meio que havia esperado topar com uma expressão de dor ou terror. — Ela é toda sua.

Obrigado. Ulavu ficou em silêncio, com os olhos concentrados no rosto da fantasma. Passos soaram às costas deles...

Whist girou sobre o joelho, erguendo o C-14.

— Epa! — soltou Dizz quando ele e Erin contornaram o patamar, sua voz soando abafada dentro do capacete do fuzileiro. — Somos apenas nós.

— Você devia ter informado antes pelo comunicador — grunhiu Whist, abaixando a arma.

— Nós tentamos — disse Dizz. — Seu comunicador está desligado.

— Ah. — Com uma careta, Whist ligou o aparelho. — Achei que vocês tivessem ficado de guarda na entrada.

— Está segura, fica frio — garantiu Dizz, franzindo a testa e se adiantando ao ver Tanya deitada no chão. — O teto desmoronou em frente à passagem. Vamos precisar derrubar mais algumas árvores para sair. O que aconteceu aqui?

— Conheçam os besouros cerebrais — disse Whist, gesticulando para a massa indistinta que eram agora os quatro zergs. — O último lançamento da Vaca Mentirosa Zagara S/A.

— Eles pegaram Tanya?

Com um suspiro súbito, Tanya abriu os olhos.

— Ulavu?

Estou aqui, Tanya Caulfield, disse o protoss, segurando sua mão enluvada e a apertando. Em algum momento, Whist agora percebia, ele tinha recolocado as luvas de jardinagem, voltando a esconder os focalizadores das lâminas de transdobra. *Você está bem?*

— Acho que sim. — Tanya voltou os olhos para Whist, com uma expressão de dor se formando no rosto. — Eu caí fora da luta, não foi?

— Esqueça isso — tranquilizou-a Whist. — Meia dúzia de tiros, uma granada e fim de papo.

— O que são essas coisas? — perguntou Erin. Ela estava ajoelhada ao lado das carcaças, examinando um pedaço de carapaça dorsal. — Nunca vi um zerg com essa coloração.

— Como eu falei, algo novo — disse Whist. — Nós achamos que eram eles que estavam causando o zumbido mental.

— Você quer dizer o zumbido que eu ainda estou escutando? — perguntou Dizz.

— O que significa que, sim, deve haver mais deles em algum lugar — concordou Whist.

Dizz soltou uma fungada.

— Fantástico.

— Espera um minuto — contestou Erin. — Isso não faz nenhum sentido. Exceto pela comunicação grupal, os zergs nunca tiveram poderes psiônicos. E com certeza nunca tiveram psiônica defensiva de nenhum tipo.

— Exceto Kerrigan — disse Tanya. — Não sei se ela conta.

— Mas como? — insistiu Erin. — Essa habilidade não está na genética zerg.

— Bem, talvez eles tenham encontrado uma genética nova em algum lugar — disse Whist. — São ótimos nisso, como você sabe.

— Isso ao menos explica o padrão vegetal esquisito — observou Dizz. — Deve ter alguma ligação.

— Não — disse Erin. — O padrão estava nas plantas. Genética psiônica ocorre apenas em animais. Não, tem outra coisa rolando aqui.

— Então vamos encontrar algumas respostas — disse Whist, olhando para o alto da rampa. — Ainda temos pelo menos uma rampa pela frente e, depois, o que estiver lá em cima.

— E quanto aos besouros cerebrais? — perguntou Dizz.

— Nós os encontramos e os matamos — disse Whist.

— Ótimo — devolveu Dizz. — Só pra confirmar. É um nome meio estúpido, sabe?

— Você tem um melhor?

— Não, mas sorte nossa termos uma especialista nessas coisas. — Dizz arqueou uma sobrancelha para Erin. — É com você, doutora.

— Psioliscas — disse a cientista sem hesitar. — É adequado tanto ao perfil deles quanto a uma das convenções padrão de nomenclatura zerg.

Dizz olhou para Whist.

— Ela é boa. Psioliscas, então. — Ele estendeu a mão para Tanya. — Já está bem para seguir em frente?

— Claro. — Ignorando a mão do exterminador e também a de Ulavu, ela ficou de pé. — Não se preocupem. Isso não vai se repetir.

Whist olhou para Ulavu. *Ela tem razão*, o protoss confirmou em particular. *Agora que sabem a meu respeito, sem dúvida serei o alvo primário.*

Whist se virou, contraindo os lábios. *Se soubessem a respeito dele. Com os bloqueadores psi em ação e todas as testemunhas do ataque de Ulavu mortas, talvez não fosse o caso.*

Ele esperava que não, de qualquer forma. Se pudesse escolher, preferiria um templário das trevas funcional a uma fantasma de poder indefinido sem pensar duas vezes. Especialmente um templário das trevas que o inimigo desconhecia.

— Avise se voltar a ficar com a cabeça embaralhada, Tanya — disse ele. — Isso vale pra todos vocês. Ah, e fiquem atentos: o zumbido pode embaçar a vista. Acho que ficarão bem se souberem que está vindo e lutarem contra a sensação.

— E se não conseguirmos, tentamos um pouquinho de esteroides? — sugeriu Dizz.

— Pode ser — disse Whist. — Erin, Cruikshank mostrou como se faz?

— Sim — disse Erin, tensa. — Também vi a lista de efeitos colaterais desses esteroides. Acho que prefiro me arriscar com o zumbido.

— Você que sabe — disse Whist. — Certo. Mesma ordem de marcha. Vamos nessa.

A rampa em que estavam acabou se mostrando a última. O patamar no alto se abria para um amplo corredor que, por sua vez, terminava numa arcada cerca de cinquenta metros à frente. Além da arcada havia o que parecia ser uma caverna, mas de onde estavam era impossível ver grande coisa do interior. Uma luz difusa iluminava aquela parte da caverna, o que era estranho, principalmente por estarem mais ou menos no centro da meseta.

Dizz também percebia a incongruência.

— De onde será que vem essa luz? — especulou quando todos pararam.

— O espectro é o mesmo da luz do sol — disse Erin. Ela estava agachada alguns passos ao lado e corria o dedo pelo piso áspero. — Não vejo nenhuma fonte, então ela provavelmente está se infiltrando por conduítes no alto ou nas laterais.

— Esqueça isso — disse Tanya. — Imagino que vamos conferir aquela câmara ali adiante, certo?

— Deveríamos — disse Erin, ainda examinando o chão. — É lá que começa o padrão que estamos seguindo.

Whist e Dizz se entreolharam.

— Agora fazemos mágica? — perguntou o exterminador.

— Não, seguimos líquens — disse Erin. — Eles exibem o mesmo padrão que vimos na macroflora da órbita. E esse padrão definitivamente nos leva àquela câmara. — Ela se levantou. — Nós vamos ou não?

— Num minuto — disse Whist, olhando carrancudo para o chão. Ele nem ao menos tinha notado as plantinhas ali embaixo. — Você fala o tempo todo nesse tal de padrão vegetal, mas não explicou do que se trata. É um tipo de seta gigante que apenas gente com diploma de cientista consegue ver?

— É um pouco mais sutil que uma seta — disse Erin. — É... sabe quando árvores e arbustos ficam inclinados no sentido contrário ao de uma corrente de vento que sempre sopra na mesma direção? É mais ou menos assim. As folhas das árvores, por exemplo. As folhas geralmente têm coloração e textura um pouco diferentes nas partes superior e inferior. Elas também ficam voltadas principalmente para cima para receber luz solar, mas aqui em Gystt há um vetor adicional. As árvores em si são perceptivelmente mais altas nas proximidades dos pontos focais, como se tivessem maior impulso de crescimento. Também há indicações na disposição dos galhos, na simetria de arbustos menores...

— Tá, tudo bem — cortou Whist. — Confiamos na sua palavra.

— É quase como um padrão de fluxo — prosseguiu Erin. — *Fluxo* não é exatamente a palavra, mas dá uma ideia.

— E você também vê isso nos líquens? — perguntou Tanya.

— Sim — disse Erin.

— E quanto a você? — perguntou Dizz gesticulando para Ulavu. — Você é o outro pesquisador do grupo. Isso faz algum sentido para você?

Eu não percebi o padrão, reconheceu Ulavu. Mas a dra. Erin Wyland é bem mais qualificada que eu nesse assunto, e os padrões costumam ser aparentes apenas para aqueles que sabem o que procuram. Estou disposto a confiar na opinião dela.

— Ótimo — disse Whist, tentando esquecer todas as vezes que ele ou alguém de sua unidade viu em rochas ou arbustos algo que no final das contas não estava lá. Os olhos e o cérebro humanos eram muito bons em identificar padrões, quer existissem ou não.

Não importava o que estivesse acontecendo com as plantas, eles definitivamente precisavam cuidar das psioliscas. A câmara adiante era o próximo passo. Por que não acabar com aquelas coisas de uma vez?

— A ordem de sempre. E fiquem atentos. Se o zumbido ficar mais alto, pra qualquer um, digam alguma coisa, pelo amor de Deus.

— Você não acha que devemos reportar isso antes? — perguntou Tanya. — Só para garantir?

— Você quer dizer desligar os bloqueadores psi? — perguntou Dizz enfaticamente.

— Por que não? — rebateu Tanya. — Eles não parecem estar ajudando muito aqui dentro.

— Não sabemos se estão ou não — interveio Dizz. — Na verdade, o fato de Whist ter conseguido abater sozinho quatro psioliscas sugere fortemente que os bloqueadores têm *algum* efeito sobre a agilidade dessas coisas.

Whist olhou de soslaio para Ulavu, apenas para topar com o olhar do protoss. Ulavu não disse nada, mas a lembrança da promessa pesava no ar.

— Ou eles simplesmente são mais fracos que o zerg médio — disse Tanya. — Uma granada não teria feito aquele estrago todo nem mesmo num único zergnídeo...

— Já deu — cortou Whist. — Os bloqueadores psi continuam ligados; discussão encerrada. — Ele olhou para Tanya, que claramente tinha mais a dizer. — Discussão encerrada — repetiu com mais ênfase.

Ela franziu o nariz, mas se virou sem responder.

— Muito bem — disse Whist, pegando o C-14 e batendo o cotovelo nos pentes reserva que trazia no cinto, só para garantir que estavam ali. — Vamos andando.



As paredes do corredor, como Tanya logo descobriu, não eram tão lisas quanto havia parecido do alto da rampa. Tinha reentrâncias, algumas grandes o bastante para um zerg pequeno, outras fundas a ponto de Whist precisar apontar a lanterna para garantir que estavam realmente vazias. O progresso foi lento e inquietante.

Onde quer que as outras psioliscas estivessem se escondendo, elas aparentemente tinham decidido não perder tempo com pequenas emboscadas. Nada os atacou ou mesmo deu as caras.

Mas o zumbido no cérebro da fantasma sem dúvida estava ficando mais alto. Fosse lá o que Zagara tivesse planejado, estava longe de acabar.

E aquele plano podia dar muito errado subitamente. Durante a guerra, Sarah Kerrigan fora aprisionada pela Supermente e absorvida para o Enxame. Se Zagara estivesse tramando algo parecido para Tanya...

Ela sacudiu a cabeça com firmeza. Aquilo *não* terminaria assim. Absoluta e definitivamente não. Acontecesse o que acontecesse, fosse o que fosse necessário, ela daria um jeito de morrer antes que os zergs a transformassem em algo tão horrível quanto a Rainha das Lâminas.

Por fim, chegaram à arcada.

— Aqui vamos nós — murmurou Whist. — Fiquem ligados.

Como você está se sentindo? O pensamento de Ulavu chegou a Tanya em meio ao zumbido.

Estou bem, disse ela, franzindo a testa. Ulavu tentava esconder, mas ela sentia um nível incomum de dor no tom do protoss. *E você está bem?*

Sim, respondeu ele. *Mas, caso eu fique inconsciente, apreciaria sua promessa de que me protegerá.*

Claro que sim, assegurou Tanya, um nó se formando no estômago. Ele não pedira nada parecido nas outras batalhas ou quase batalhas que a equipe havia enfrentado até aquele ponto. Haveria algo diferente naquela situação, algo que Ulavu sabia e ela não?

Talvez não fosse tão diferente assim. Talvez Ulavu também tivesse apagado junto com ela na rampa.

Mas é claro que, se os dois apagassem, ela não poderia fazer grande coisa para protegê-lo. O que simplesmente significava que dessa vez era bom ela continuar de pé.

E ela ficaria. Tinha sido pega de surpresa na última vez. Agora que sabia o que esperar, ela confiava que conseguiria combater os efeitos.

E, se não conseguisse, sempre havia os esteroides sugeridos por Dizz.

A câmara era bem mais larga que a caverna de entrada, três rampas abaixo. Cem metros à frente, incrustada na parede do fundo, havia uma estrutura de estilo zerg com sessenta casulos, brancos como leite, dispostos em três camadas e aninhados nas curvas e no material texturizado. Os casulos eram ovais, tinham cerca de um metro de comprimento e casca externa translúcida. Todos continham alguma coisa, mas mesmo com os aprimoramentos visuais do visor de Tanya, era impossível discernir os detalhes. A estrutura de suporte em si era diferente de qualquer coisa que ela já tivesse visto, apesar de algumas características em comum com fossas de desova e câmaras evolutivas.

E, talvez, com a estrutura que abrigou a crisálida usada pela Supermente para aprisionar Kerrigan durante sua transformação forçada.

— Bom — comentou ela, mantendo a voz firme —, *isso é novo*.

— É — disse Whist em voz tensa —, e *aquilo*, não.

Tanya desviou a atenção dos casulos. As laterais da câmara ficavam a cinquenta metros uma da outra.

Alinhadas contra as duas paredes havia mais psioliscas. Ao menos vinte em cada lado, todas paradas em silêncio.

Com o estômago embrulhando, Tanya sentiu o zumbido na cabeça ficar mais intenso.

— Whist? — murmurou Dizz. — O que estamos esperando?

— Calma — alertou Whist. — Elas estão tramando alguma coisa.

— Mais um motivo para começarmos a igualar os números agora mesmo — insistiu Dizz.

— Talvez elas esperem para ver se estamos interessados naqueles casulos — disse Erin. — Alguma ideia do que são aquelas coisas?

— Nunca vi nada igual — disse Whist. — Mas é claro, também nunca tínhamos visto psioliscas, então já deixamos o território conhecido há um bom tempo.

— Algum tipo novo de fossa de desova ou câmara evolutiva, imagino — disse Tanya, estudando as psioliscas. Ela não tivera a chance de tentar nada na última leva, e a granada de Whist castigara demais as carcaças para ser possível procurar pontos fracos.

Mas elas pareciam muito hidraliscas em miniatura. Se tivessem a mesma distribuição dos órgãos internos, poderia acabar com elas.

Elas devem estar esperando que nos afastemos do túnel, intuiu Ulavu.

— Longe de uma possibilidade rápida de retirada e sem uma parede para dar as costas? — disse Whist, com uma carranca. — Claro, faz sentido.

— Então, vamos embora? — perguntou Erin.

Whist soltou uma fungada.

— Embora o diabo. Nós recebemos uma missão, doutora, que parece ter se reduzido a dar uma espiada nesses malditos casulos. Então nós vamos dar uma espiada nos malditos casulos.

— E *depois* cairmos fora? — sugeriu Dizz.

— Provavelmente. — Whist voltou a olhar para Erin. — Isso não significa que precisamos arrastar você pro meio da ação. Pode ficar aqui e dar o fora se as psioliscas decidirem que não querem a gente bisbilhotando os casulos.

Tanya franziu a testa. Agora que Whist mencionava, *o que* as psioliscas faziam alinhadas nas laterais da câmara? Se tentavam guardar os casulos, não teriam formado linhas para barrar a passagem do grupo?

— Ah, com certeza — disse Erin, sarcástica. — Sozinha e desarmada? Obrigada, mas prefiro me arriscar com vocês.

— Você não *precisava* estar desarmada — frisou Whist. — Você passou pelo armário com as C-14s na saída do módulo de transporte.

— E não sabia usar nenhuma delas — disse Erin. — Mal tive cinco minutos de instrução.

— Maravilha, já é mais que a maioria dos fuzileiros recrutas — disse Whist, tirando do ombro o fuzil reserva que carregava e entregando-o a Erin. — Aqui. Já está no semiautomático. Libere a trava de segurança, essa alavanca logo acima do retém do carregador, e então é só apontar e atirar. Tente não acertar em nenhum de nós.

— Aproveitando o embalo, segura isso para mim — acrescentou Tanya, tirando o C-10 do ombro e o estendendo para Erin.

— Epa, epa — disse Whist. — Agora vamos nos desarmar bem na cara do inimigo, é isso?

— Vamos apenas reavaliar a situação — corrigiu Tanya, apontando para as linhas de zergs. — Olhe para eles. Em nenhuma das duas paredes há nada que pareça interessante, então eles devem estar guardando os casulos. Nesse caso, por que estão parados ali e não na nossa frente?

— Porque... — Whist pensou por um instante. — *A-há*. Porque não querem que balas perdidas acertem os casulos.

— É o que estou pensando — concordou Tanya. — Também acho que se eu for até lá desarmada, eles podem simplesmente me deixar passar.

— Porque, se investirem contra você, vão acabar se colocando entre o resto de nós e os casulos — murmurou Dizz. — Interessante. Você pode ter razão.

— E se eu tiver, o truque é parecer o mais inofensiva possível — concluiu Tanya. — Erin?

Relutante, Erin aceitou o rifle.

— Tenha cuidado.

— Terei.

Ela deu um passo, mas parou quando Whist a segurou pelo braço.

— Você só vai *parecer* inofensiva, certo? — perguntou ele em voz baixa.

Tanya fez que sim.

— Vou ficar bem...

— Porque os zergs têm formas de mexer com a cabeça das pessoas — continuou Whist. — Geralmente infestando o alvo... já vi isso até *demais*, e não é bonito. Acho que essas psioliscas podem tentar pular a parte da carne da infestação e ir direto pro cérebro.

— E você acha que eu posso ter sido infestada? — perguntou Tanya, com um calafrio subindo pela espinha. Se algo assim tivesse acontecido, ela com certeza saberia. Não saberia? — Se fosse assim, eu não teria ficado com minha arma, para que eles pudessem me fazer lutar contra vocês?

— Talvez. Ou talvez antes eles queiram ver o quanto conseguem mexer com você.

Tanya olhou para a linha silenciosa de zergs, conscientemente destravando os dentes.

— Façamos assim — disse. — Eu vou até lá examinar os casulos. Se morrer de um jeito estúpido, admito que você pode ter razão. Se não, concluímos que ainda estou em minhas plenas faculdades mentais. Fechado?

— Fechado — disse Whist soltando o braço dela. — Tenha cuidado.

— Certo. — Tanya olhou para o protoss. *Fique atento, Ulavu*, disse ela. *Se eles atacarem, fique atrás de Whist ou Dizz*.

Eu ficarei bem, garantiu ele, num tom mental sombrio que Tanya não lembrava de ter sentido antes. *Tome cuidado*.

Ela respondeu com um sorriso tranquilizador. Então, lutando com a insegurança, passou a caminhar.

Cem metros, era o que dizia sua mira óptica. Mas agora que Tanya andava sozinha, com seu C-10

mais distante a cada passo, os casulos pareciam estar bem mais distantes que isso. Ela não tirava os olhos das duas linhas de psioliscas ao caminhar, pensando se e quando decidiriam que havia chegado perto demais.

Estava a trinta metros dos casulos, olhando para a direita, quando aparentemente ultrapassou o limite invisível das psioliscas.

— Esquerda! — berrou Whist.

Ela virou a cabeça naquela direção no instante em que o sutil zumbido no cérebro se tornou um martelar ensurdecedor. Os zergs estavam em movimento, a fileira inteira avançando como se coreografada por alguém. Ainda não atacavam, apenas deslizavam para a frente num ritmo de marcha acelerada. Talvez estivessem esperando sua reação ou avaliando se conseguiriam derrubá-la outra vez com seu poder.

Ou talvez esperassem para ver até que ponto conseguiam dominar-lhe a mente. Se fosse o caso, ficariam tremendamente desapontados. Ampliando seu alcance mental enquanto combatia o zumbido, ela se concentrou na psiolisca mais próxima, visualizando a parte de sua anatomia onde ficaria o sistema cardiopulmonar...

Com um espasmo violento, o zerg empinou e caiu de lado. Tanya não esperou para vê-o desmoronar no chão, apenas dirigiu a atenção e o poder no próximo zerg da fileira. À sua esquerda, a câmara passou a trovejar quando Whist e Dizz abriram fogo. O segundo alvo caiu, e ela passou para o próximo. O ataque não foi tão preciso, e da lateral do corpo da psiolisca irromperam chamas fumegantes. Com uma careta, ela apertou os olhos para afastar o zumbido e se concentrar, e dessa vez o zerg caiu. Outros tombavam ao redor, e ela se voltou para o outro lado por um segundo.

Ali os zergs também caíam como dominós. Com um olhar rápido para os camaradas, viu Dizz e Whist de costas um para o outro, abrindo fogo, com Erin e Ulavu também de costas um para outro ao lado deles. Erin disparava com menos desenvoltura que os soldados, mas parecia estar se virando bem, enquanto Ulavu permanecia basicamente encolhido, tentando se manter fora da linha de tiro. Tanya fritou outros dois zergs do lado direito, então voltou ao esquerdo.

A frente de ataque estava consideravelmente reduzida, mas muitas psioliscas ainda se lançavam obstinadas contra Tanya e chegavam cada vez mais perto. Ela fritou uma, outra e mais outra, vendo mais e mais sucumbirem às rajadas do rifle Gauss de Whist. A familiar névoa vermelha se assentara na vista dela, com a fúria, a determinação e a sede de sangue de seu poder, a dor e a desorientação do zumbido mental. Ela continuou a lutar, matando, matando, matando...

E então, havia acabado.

Lentamente, a névoa se dissipou. Tanya percebeu que estava ofegante, que a pele sob a armadura estava molhada de suor. Não havia mais zumbido, também. Não tinha apenas diminuído, mas cessado por completo. Ela olhou ao redor, sem ver nada além das carcaças dos zergs. Então, quase temendo o que veria, olhou para os companheiros.

Para seu alívio, os quatro ainda estavam de pé, com todas as extremidades ainda presas aos lugares certos. As armaduras de Whist e Dizz pareciam ter passado por um triturador, com inúmeros arranhões e talhos deixados pelas garras das psioliscas. Parecia que ali a onda de ataque tinha chegado até a soleira da porta. Mas não havia sinal de vazamento de sangue ou travamento de emergência nos trajes, o que significava que nenhuma garra chegara à tenra carne terrana. Tanya não conferiu a própria armadura, mas devia estar em estado parecido. Tinha, no entanto, lembranças vagas de psioliscas praticamente encostando no seu rosto antes que ela ou um dos outros as derrubassem.

— Todos estão bem? — perguntou.

A resposta foi um silêncio tenso, e três pares de olhos arregalados.

— Vocês estão bem? — repetiu.

— Ah, meu Deus — disse Erin, boquiaberta. Estava ao lado de Ulavu, segurando debilmente o rifle Gauss. — Você é uma... — Ela desistiu das palavras, limitando-se a apontar.

Tanya olhou para a fileira de carcaças de zergs. Ao que parecia, não escorregara na mira apenas naquele ataque inicial. Nada menos que quatro carcaças fumegavam, e, numa delas, labaredas amarelas e fumaça preta dançavam pela ferida aberta.

O termo correto é piropata, disse Ulavu.

Dizz arqueou uma sobrancelha.

— *Piropata?*

— É só como me chamavam na academia — disse Tanya com uma careta enquanto se juntava ao grupo. O segredo mais bem guardado da Supremacia acabava de ir pelo ralo. — Era mais uma piada.

— Sei não — disse Whist, pensativo. — Meio que combina com você.

Isso foi um insulto?, inflamou-se Ulavu.

— Tudo bem, Ulavu — disse Tanya de pronto. A última coisa que ela queria era uma discussão por sua causa, principalmente por algo insignificante como um apelido ridículo dado pelos colegas fantasmas.

— É, sem ofender. — Dizz fungou um quase riso. — Uau.

— Qual é a graça? — perguntou Whist, em tom hostil. Ao que parecia, ele também não queria discussões.

— Graça nenhuma — disse Dizz. — É simplesmente fantástico ter você a bordo.

— Obrigada. — Tanya olhou para Erin, buscando uma forma de mudar de assunto. — Você parece ter se virado bem. Bom trabalho.

— Obrigada — disse Erin, pestanejando para o rifle Gauss que tinha nas mãos como que subitamente lembrando que o segurava. — Mas não me dê crédito, porque eu não fiz quase nada. Eles estavam indo com tudo para cima de você e Whist. Tive sorte de terem praticamente me deixado em paz. Ah, aqui está. — Ainda segurando o rifle Gauss, ela tirou a correia do C-10 do ombro e estendeu a arma para Tanya. — Se é que você... precisa mesmo dela.

— É sempre bom ter opções — disse Tanya, franzindo a testa ao pegar o rifle e passar a correia pelo ombro. — Eles a deixaram em paz? Sério?

— Bem, em grande parte, como eu disse — respondeu Erin. A voz dela estava um pouco trêmula, Tanya percebeu. A adrenalina se dissipando após o fim da batalha. — Acho que estava basicamente acertando no que atirava, pelo menos depois dos dois ou três primeiros tiros. Mas não teria conseguido segurar aquelas coisas sem a ajuda de Dizz.

Uma proteção que, graciosamente, o sargento Foster Cray também me ofereceu, disse Ulavu.

— Fico feliz — disse Erin. — Estava preocupada com o que aconteceria com você... eu não tinha nem tempo de ver onde você estava e o que fazia.

— É, bem, eu e Tanya até que demos conta do nosso lado do salão — disse Whist, num estranho tom irritado. — Enfim, parabéns pela sua primeira batalha, Erin. Considere-se graduada de nível de recruta para nível de oficial.

— Excetuando-se a presente companhia, é claro — disse Tanya, acenando com a cabeça para Dizz. Talvez fosse mesmo bom que Erin não tivesse conseguido olhar para trás, porque as psioliscas haviam chegado perigosamente perto de Ulavu. Um punhado de carcaças jazia perto dos dois, tão perto que Whist deve ter dado alguns tiros bem impressionantes para derrubá-las a tempo. — Enfim. Vamos conferir o motivo de tanta comoção?

— O quê, você acha que nós ainda não sabemos? — disse Whist, acabrunhado. — Mas claro, vamos

dar uma olhada.

A caminhada pela caverna foi bem mais silenciosa dessa vez. Sem o zumbido mental, até mesmo o eco dos passos parecia amplificado.

E no fim das contas, eles de fato encontraram o que todos provavelmente esperavam ver.

— Aí — disse Whist, apontando para a casca translúcida de um dos casulos. — Bem aqui, onde ela está perto da superfície. As mesmas três linhas dorsais com bolas vermelhas.

Tanya concordou em silêncio. A criatura se movia sutilmente dentro do que agora podiam ver ser algum tipo de fluido e, quando um dos membros se aproximou da superfície, viram que tinha a mesma carapaça marrom clara com manchas vermelhas das psioliscas.

— Só que essas são menores — murmurou Erin. — São bebês.

— Que crescerão para se tornar *aquilo* — disse Dizz, apontando por cima do ombro com o polegar. — Então não me venha com essa de instinto maternal.

— Não estou sendo maternal — insistiu Erin, contrariada. — Só estou dizendo que existe uma diferença entre matá-las aí dentro e aqui fora.

— É claro que existe — concordou Dizz. — Aqui fora elas também tentam te matar. Então acabamos com elas?

— Acabamos com elas — confirmou Whist. — E depois nos reportamos a Cruikshank, dizemos o que Zagara está tramando e deixamos a frota cuidar disso enquanto damos o fora dessa pedra.

Se você acredita que a frota e o imperador Valerian Mengsk destruirão este lugar, por que precisamos fazer isso nós mesmos?, perguntou Ulavu.

— Chamemos de garantia — disse Whist, estudando o protoss. — Por quê? *Você* está ficando maternal ou coisa parecida?

— Whist, ele é apenas um... — começou Tanya.

O fuzileiro a calou com um gesto.

— Perguntei se você tem alguma objeção.

Não com a decisão, mas com a execução, disse Ulavu. *Questiono sua capacidade de destruir tamanha quantidade de casulos com os recursos disponíveis.*

Whist contraiu os lábios.

— Dizz, como está sua munição?

— Esse é o meu último pente — disse o tenente. — Ele pode ter razão... o material daqueles casulos é bem grosso. Acho que vamos precisar de um punhado de tiros para cada um.

Whist olhou para Tanya.

— E você?

Tanya torceu o nariz.

— Pode ser um pouco demais — disse. — Se usar demais o meu poder, leva tempo para regenerar.

Não a queremos desprotegida, disse Ulavu com firmeza.

— Absolutamente não — concordou Whist.

Por um momento, o fuzileiro e o protoss se encararam. Tanya franziu a testa, perguntando-se o que estava acontecendo. Mas então Whist simplesmente se virou.

— Acho que precisaremos deixar esses casulos para a frota — disse. — Vamos sair. Não acredito que conseguiremos uma boa transmissão aqui dentro.

— Epa, epa — disse Dizz. — Eu só disse que estou com pouca munição. Ainda temos opções.

— Como, por exemplo?

— Nós temos granadas; temos corpos de zergs e temos fogo. — Dizz abriu um sorriso. — Você ficou perguntando qual era a graça quando descobrimos sobre Tanya. Era a ironia.

— Que ironia? — perguntou Erin.

— O fato de termos uma ilustre fantasma que recebe elogios e camas macias pelo que é capaz de fazer. — Dizz olhou para Whist. — Desde que nos conhecemos você vem tentando descobrir que crime eu cometi para acabar no Corpo de Exterminadores. A ironia? Eu era um... bem, digamos que fui um piropata à moda antiga. Que usava apenas líquidos e aparelhos ao invés de ondas cerebrais.

— Você está brincando — disse Erin perplexa. — Você era um...?

— É — disse Dizz, com uma sugestão de amargura. — Exatamente como Tanya. Só que nunca ganhei medalhas por isso. Fui parar nos exterminadores.

Seguiu-se um silêncio desconfortável.

— Certo — disse Whist por fim. — Então o que fazemos?

— Começamos arrumando as carcaças ao longo da borda — disse Dizz. O breve sinal de amargura se fora, notou Tanya, e ele estava de volta à carga. Um homem fazendo o que amava... — Os zergs queimam muito bem e muito quente com o incentivo certo e o catalisador apropriado.

— Quero saber como você descobriu isso? — perguntou Whist.

— Provavelmente não — respondeu Dizz. — Mas você nunca se perguntou por que os protoss incineram os planetas infestados de zergs em vez de usarem tectônica ou vírus do crepúsculo? É porque, quando um monte de zergs fica quente o bastante para queimar, mas queimar *mesmo*, o fogo se alimenta sozinho. E isso é muito mais eficiente que explodir falhas geológicas.

— Mas estraga um pouco a paisagem circundante — destacou Tanya.

— Estraga a paisagem pra valer — concordou Dizz. — Aqui, no entanto, deve ficar tudo bem. — Ele olhou para os casulos, pensativo, batendo um dedo nos lábios. — Alguns galhos das árvores da entrada podem ser úteis. Quem sabe subir com todos que estiverem quebrados.

— Ou talvez quebrar mais alguns — disse Whist, desembainhando a faca de combate. — Ulavu, você ouviu o homem. Vá pegar alguns galhos.

Como quiser, disse o protoss. Ele hesitou um instante, então pegou a faca e seguiu para a saída da câmara.

— Não é bom alguém ir com ele? — perguntou Tanya, franzindo a testa às costas de Ulavu.

— Ele vai ficar bem — disse Whist, sem dar maior importância. — E agora?

— Preparamos aquele incentivo catalítico que eu mencionei — disse Dizz. — Começando por desmontar algumas granadas e mudá-las de *bum* para *shhh*. Eu faço isso. Vocês podem arrastar as carcaças.

Tanya começou pelas que ainda soltavam fumaça, pensando que se alguém devia levar fumaça fétida na cara, que fosse ela. Então, enquanto Whist e Erin limpavam a área do ataque principal, foi até as carcaças próximas de onde Ulavu estivera.

Eram cinco, descobriu, com duas praticamente uma em cima da outra. Devia ter sido um tiro bem difícil, e ela se perguntou como Whist teria conseguido. Tanya segurou os dois zergs pela base das garras, tendo o cuidado de não tocar nas garras propriamente ditas, e começou a arrastá-los.

Ela estancou. Puxar os bichos daquela forma expôs o tronco e o exoesqueleto que parecia caixa torácica. Bem no centro, logo ao lado do esterno em camadas, havia uma ferida aberta. Não uma perfuração como a que uma estaca de rifle Gauss abriria, mas um corte que remetia a uma faca de lâmina larga.

E ambas as carcaças tinham ferimentos idênticos.

Ela franziu a testa, aproximando-se para ver de perto. Ferimentos de faca, sem sombra de dúvida. Mas quem na Supremacia fabricava facas capazes de abrir a carapaça de um zerg num único golpe? Será que tinham inventado algo novo desde o fim da guerra?

Ela olhou para Whist, que arrastava outras carcaças, e Dizz, que cuidadosamente manuseava algumas granadas. Os dois tinham facas militares. Bem, Dizz ao menos tinha; Whist entregara a dele para Ulavu cortar galhos de árvore. Mas as armas de ambos não tinham lâminas largas o bastante para abrir aquele tipo de ferimento. Seria algum tipo de lâmina vibratória ou de corrente? Teoricamente, uma lâmina vibratória abriria ferimentos mais largos ao cortar o osso dos zergs.

Mesmo que algo assim existisse, porém, a arma na cintura de Dizz não tinha nem de longe o volume necessário para abrigar tal tipo de mecanismo, para não falar na fonte de alimentação. E o mesmo valia para a faca que Whist dera a Ulavu. Será que uma das estacas disparadas pelos rifles de alguma forma passara a girar antes de acertar o alvo? Não... seria ainda mais improvável que uma lâmina vibratória da qual nunca ouvira falar. Algo assim não apenas muito provavelmente destruiria a arma que a disparou, como costumavam ser necessárias umas cinco ou seis estacas para atravessar a carapaça dos zergs, mesmo quando seguiam em linha reta e descarregavam sua energia cinética num único ponto de cinquenta milímetros quadrados. Uma estaca giratória quase com certeza apenas ricochetearia, em vez de cortar o osso como...

Como uma lâmina psi protoss.

Ela olhou para a ferida, com uma súbita sensação gélida no coração. Não. Não era possível. Não *podia* ser possível.

Mas não havia outra explicação. Nada mais fazia sentido.

Ulavu era um templário. Um guerreiro protoss duro, frio e extremamente letal. Que se infiltrara no programa fantasma sob o disfarce de pesquisador inofensivo.

Que fingira ser amigo de Tanya.

— Tanya — chamou Whist. — Algum problema?

Tanya apertou os olhos para segurar as lágrimas.

— Problema nenhum — respondeu, recompondo-se, e em seguida voltou a arrastar as carcaças até onde os outros estavam trabalhando.

Sentindo o coração esfarelar dentro do peito.

Ela acreditara que Ulavu fosse seu amigo. Tinha dado tudo de si naquele relacionamento. Mesmo quando ele sumia e fazia loucuras como aquela visita noturna ao Círculo de Dante, seus pensamentos e suas reações se baseavam na certeza de que também estaria ao lado dela se a situação se invertesse. Ela estava ao lado de Ulavu, e Ulavu estava ao lado dela.

Só que não estava. Provavelmente nunca estivera.

Mentira para o comandante Schmidt sobre quem era. Mentira para os outros fantasmas. Não havia motivo para pensar que também não mentira para Tanya.

Ela olhou para os companheiros enquanto andava mecanicamente pela câmara. Será que todos já sabiam? Será que Ulavu revelara sua identidade durante a batalha? Ele ficara de costas para Erin, mas Whist devia tê-lo visto em ação.

Ou talvez o protoss tivesse contado para todos os outros. Talvez cada um ali secretamente achasse graça da ingenuidade dela.

Podia perguntar. Mas não ousaria fazer isso. Além do mais, não importava se sabiam ou não.

Ela tivera algo especial. Agora não tinha mais.

Tanya nunca tivera amigos. Não de verdade. Quando criança, culpava seu poder e o medo das pessoas. Mais tarde, na Academia Fantasma, culpava o implante colocado em seu cérebro e a forma como aquilo às vezes mexia com a mente e as emoções. Durante a guerra, culpava as tensões dos combates, que dilaceravam a sociedade terrana. Depois da guerra, culpava o TEPT das pessoas ou a luta para se ajustarem à vida em tempos de paz.

Mas não era nada daquilo. Ela sabia agora.

Era ela. Tanya conseguia conviver com as pessoas por algum tempo. Mais cedo ou mais tarde, contudo, geralmente quando tudo corria bem, ela dizia a coisa errada ou fazia a coisa errada, e os outros sumiam para nunca mais voltar.

Ulavu fora a única exceção. Ao contrário de seus pares terranos, ele sempre estivera presente, sempre disposto a relevar seus deslizes e seus acessos. Ele havia sido seu apoio. Sua âncora. Seu amigo.

Mas agora Tanya sabia que fora tudo mentira.

Então que Whist soubesse. Por que ela deveria se importar? Que Erin soubesse, e Dizz, o imperador Valerian e toda maldita Supremacia, se necessário. Ela não se importava. Nada mais importava.

E a propósito, não havia sentido Dizz bulir naquelas granadas. Tanya podia ir até os casulos e incendiar tudo, acabar com aquele lugar como se fosse uma pira funerária viking da Velha Terra. A missão estava encerrada. Não havia motivo para não acabar com tudo ali e agora e pôr fim ao sofrimento.

Ela cerrou a mandíbula. Não. Aquela parte da missão estava encerrada, mas Erin tinha dito que havia outros dois pontos focais. Valerian podia decidir transformar o planeta num inferno nuclear da órbita, mas também que um ataque mais cirúrgico era necessário. Um ataque que podia incluir a equipe.

Ulavu tinha perdido a confiança e a lealdade de Tanya. Mas não de Whist e dos outros. Mesmo que rissem secretamente às suas costas.

Então Tanya ficaria com eles. Faria o que fosse necessário para concluir a missão. Devia aquilo à Supremacia pelo tempo e o esforço que lhe foram dedicados ao longo anos.

Mas se chegasse ao ponto em que alguém precisasse fazer o sacrifício supremo, como acontecera em tantas missões durante a guerra... bem, ao menos Whist não precisaria pedir voluntários.

Ulavu voltou com mais galhos do que teria sido capaz de catar ou mesmo cortar com a faca de Whist. Tanya fingiu não perceber. Em dado momento, o protoss perguntou sobre sua saúde e sua força. Ela respondeu com civilidade, enterrando a raiva e a angústia onde o outro não pudesse ver.

E quando se encerraram os preparativos, ela assistiu com os demais do fim do túnel, com uma satisfação maligna, aos casulos e às carcaças de zergs se consumirem em chamas ardentes.

Tiveram que usar as três últimas granadas para abrir uma nova passagem na paliçada de árvores que bloqueava a entrada da caverna. Felizmente, o grupo de zergs que precipitou a entrada deles havia partido.

— E agora? — perguntou Erin.

— Dizz vai pegar o módulo de transporte — disse Whist. — Assim que ele partir, desligo meu bloqueador psi e transmito nosso relatório.

— Okay. — Erin sentiu um calafrio. — Só espero que isso não atraia um novo bando.

— Se atrair, nós os matamos — disse Tanya, com toda calma do mundo.

Whist a olhou de um jeito estranho, mas assentiu.

— Exatamente — disse. — Vamos andando, Dizz. Quanto antes sairmos daqui, melhor.



CAPÍTULO DOZE

Os braços do mestre evolutivo ficaram inquietos durante a apresentação de Valerian do relatório da equipe de inspeção. Quando chegou à parte sobre os casulos, as garras de Abathur pareciam tentar estrangular um inimigo invisível.

E quando ele terminou...

Organismos terranos destruíram adostras?, rosnou Abathur. *Organismos terranos destruíram adostras? Obra das mãos de Abathur, futuro do Enxame, reduzida a cinzas?*

— A equipe foi atacada — disse Valerian, observando Zagara com o canto de olho. Até aquele momento, a super-rainha permanecera calada, sem mover um músculo sequer. Enquanto falava, porém, Valerian sentia emanar dela uma crescente aura de perigo.

E naquele momento ela tinha a aparência mais alienígena que já vira num zerg.

Impossível, clamou Abathur. *Adostra inofensiva. Sonhando. Não pode atacar.*

— Não estou falando das que estavam nos casulos — disse Valerian. — Estou falando das outras, daquelas que chamamos de psioliscas.

E ainda assim vocês destruíram as adostras em seus casulos, disse Zagara em voz baixa.

Um calafrio subiu pela espinha de Valerian. Muito alienígena... e *muito* furiosa.

Artanis, pelo menos, não se impressionava com tanta facilidade. *Você tinha conhecimento dessas criaturas*, afirmou, *e não disse nada. Por quê?*

Você ousa perguntar isso?, rebateu Zagara. *Depois de demonstrar seu ressentimento com o Enxame e com as tentativas do mestre evolutivo de criar, moldar e ampliar vida? Você ousa perguntar por que não lhe confiamos o conhecimento sobre as adostras?*

Então você admite que mentiu para nós?

Eu permiti que fossem a qualquer lugar, imperador Valerian, disse Zagara, ignorando a pergunta de Artanis. *E vocês retribuem essa cortesia com um massacre gratuito.*

— Não foi gratuito, super-rainha — disse Valerian. Ele percebeu um movimento: uma dupla de devastadores acabava de aparecer na entrada da câmara. Ainda não haviam entrado, mas estavam claramente prontos para fazê-lo se necessário.

Artanis também os viu. *Você agora lança um ataque direto contra nós?*, bradou.

Não seria justo fazê-lo?, retorquiu Zagara. *Vocês tentaram destruir o futuro dos zergs. Não estaria no*

meu direito reagir em defesa do Enxame?

A equipe de inspeção foi atacada, disse Artanis.

Os zergs de que vocês falam não existem, disse Zagara. Todavia, eu não ataco. Apesar da provocação letal, estou disposta a continuar nossa confabulação.

Mas eu não. Artanis se levantou e ergueu a mão. *Nós partiremos agora. E então você receberá a punição por suas ações.*

A escolta de templários se adiantou, formando um cordão de isolamento até o ônibus espacial. Zagara se ergueu, e Valerian sentiu que ela fazia um esforço extraordinário para conter a própria fúria. *Peço que reconsidere, hierarca Artanis, ela disse. Peço com toda urgência e veemência. Esta conversa é vital para o futuro de nossas civilizações.*

Não ouvirei nada mais. Artanis se voltou para Valerian. *Vamos, imperador Valerian Mengsk. É hora de deixarmos este lugar.*

Valerian hesitou. Artanis sem dúvida tinha razão. Em toda aquela conversa sobre plantas de influência xel'naga e planos grandiosos para alimentar terranos famintos, Zagara em momento algum mencionara novas linhagens de zergs.

Mas elas claramente existiam. E estava patente que não podiam dar a zergs com o tipo de habilidade psiônica descrita pelo sargento Cray a chance de deixar Gystt.

Mas havia algo de errado. Algo que não se encaixava.

Por que Zagara os convidaria a Gystt e permitiria que enviassem uma equipe de inspeção a qualquer parte do planeta sabendo muito bem com que essa equipe poderia topa? E não apenas *poderia* topa, como *topou*. Ainda mais significativo, desde o encontro da equipe com os zergs no cruzamento de equilíbrio, Zagara sabia que se encaminhavam para a meseta. Ela havia sugerido acreditar que a equipe deixaria o local, mas não o dissera de forma explícita. E certamente não insistira naquilo.

E por que não? Por que não inventara uma desculpa qualquer para Valerian e encontrou uma forma de a equipe ser chamada de volta ou mandada para outro lugar?

Imperador Valerian Mengsk?

— Imperador Valerian? — murmurou um de seus guarda-costas, os olhos cravados nos devastadores. — O hierarca Artanis tem razão. Precisamos ir.

Valerian contraiu os lábios, tentando ver através da pele blindada e do rosto de Zagara e chegar à sua alma. Ela ainda estava furiosa, além de agitada. Mas não fez qualquer movimento para tentar impedir a partida dos convidados.

A não ser que isso fosse acontecer fora dali.

— Sinalize o *Hipérion* — murmurou para o guarda. — Veja se há mutaliscas ou outros zergs vindo nessa direção.

— Já fiz isso, imperador — disse o guarda. — Os sensores não encontraram nada nas proximidades. O único zerg grande por perto é o leviatã de Mukav, o que seguimos desde Korhal. Ele ainda está no solo.

Valerian mordeu a parte de dentro da bochecha. O segredo mais profundo de Zagara havia sido revelado, e tanto ela quanto todo o planeta estavam à beira da aniquilação. No entanto, ela não fazia nada.

Imperador Valerian Mengsk?, repetiu Artanis, dessa vez com uma sugestão de impaciência.

Valerian queria ir. Ele e Artanis tinham sido iludidos com mentiras, e a ameaça subjacente à sua concordância em comparecer àquele encontro precisava se materializar. Deixar de cumprir ameaças e promessas era a pior coisa que um líder poderia fazer.

Mas havia algo errado. E se ele não fosse a fundo, sabia que sempre olharia para trás se perguntando

o que poderia ter sido.

— Obrigado, hierarca Artanis — disse, enfim. — Mas eu gostaria de ficar um pouco mais. Precisamos oferecer à super-rainha Zagara a chance de se explicar.

Não precisamos oferecer nada, rebateu Artanis categoricamente. *Nós fizemos um acordo. Esse acordo foi revogado.*

— Talvez — disse Valerian. — Ainda assim, ficarei.

Então fique sozinho, disse Artanis. *Eu vou me retirar.*

Valerian assentiu.

— Entendo.

Ele observou o protoss caminhar até a nave, seguido por seus guardas. A escotilha foi selada, e, um instante depois, o veículo deixou o solo e sumiu cone acima, acompanhado pelas fênix em formação de escolta.

E agora, Valerian sabia, ele estava realmente comprometido.

Gesticulou para o fuzileiro.

— Contate o *Hipérion* e peça que o almirante Horner envie um módulo de transporte — disse. — E agora, super-rainha, continuemos nossa discussão.

— Eles ainda estão ignorando nossos pedidos de informação — rugiu Cruikshank. — Mas seja lá o que estiverem planejando, estão levando bem a sério. Os perfis de energia indicam que todas as baias dos hangares estão em plena operação, provavelmente preparando prismas de dobra. É quase certo que estão reunindo tropas.

— Além de sentinelas e do que mais tiverem a bordo — concordou o almirante Horner com gravidade. — Ao menos não vão lançar uma incineração completa.

— Ainda não, pelo menos, senhor — alertou. Horner podia atirar no escuro o quanto quisesse, mas qualquer um que somasse dois e dois sabia o que Artanis tinha em mente. Cray falara em zergs com poderes psiônicos, o que, até onde Cruikshank podia enxergar, colocava Gystt na lista de planetas suscetíveis a ataques nucleares da órbita.

Mas em vez de confiar de olhos fechados na palavra dos terranos, Artanis aparentemente havia decidido mandar alguns protoss até lá para tirar a prova.

— Eles podem não ter reunido poder de fogo suficiente para uma incineração — acrescentou Cruikshank —, mas aposto que estão se preparando para isso.

— Provável — disse Horner —, mas é melhor não tentarem isso até o imperador Valerian e nossa equipe regressarem.

— Coronel? — chamou o técnico da estação de comunicações. — É o sargento Cray, senhor.

Cruikshank assentiu, ligando o comunicador. Aquilo era outra coisa esquisita: por que diabos um sargento estava apresentando relatórios e agindo como se estivesse no comando em vez do tenente Halkman?

— Cruikshank.

— Sargento Cray, senhor — veio a voz do fuzileiro. — O tenente Halkman está de volta com o módulo de transporte. O senhor quer que voltemos para o *Hipérion*?

Cruikshank torceu o nariz. Horner podia desejar, esperar e fazer as bravatas que quisesse. Mas a verdade pura e simples era que, se Artanis decidisse fritar Gystt enquanto ainda houvesse terranos na superfície, ela faria isso e fim de papo. E não havia nada que Horner ou a Supremacia pudessem fazer a respeito.

O imperador ainda corria riscos por iniciativa própria. Ele podia fazer isso. E, por mais que

Cruikshank não gostasse, sua opinião quanto àquilo não valia nada.

Halkman e equipe eram outra história. Aqueles quatro homens e mulheres eram responsabilidade do coronel e ele não tinha a menor intenção de deixá-los naquela arapuca de planeta um segundo a mais que o necessário.

Apesar disso, enquanto Valerian estivesse lá embaixo, a presença da equipe de inspeção poderia ser necessária. Cruikshank não sabia como ou por quê, mas já tinha visto sua cota de situações onde a vitória dependera de uma única pessoa estar no lugar certo no momento certo.

— Negativo — respondeu ele. — Fiquem onde estão e aguardem novas ordens. E deixem os bloqueadores psi desligados a não ser que vejam zergs a caminho.

Pode ter havido a mais breve das hesitações, mas a voz de Cray soou firme o bastante.

— Sim, senhor.

— E fiquem atentos — acrescentou Cruikshank. — Câmbio, desligo.

Ele desligou o comunicador observando os protoss reunirem suas forças para fosse lá o que estivessem tramando. Sim, às vezes a pessoa certa no lugar certo fazia toda diferença.

Mas, geralmente, essa pessoa acabava morta junto com todo mundo.

Ele esperava que não fosse o caso. Mas não apostaria dinheiro naquilo.

Você e o hierarca Artanis tinham razão quanto à essência xel'naga, disse Zagara. Mas eu acrescento que Abathur não criou as plantas. Ele criou as adostras. As adostras criaram as plantas.

Ela ainda estava furiosa, Valerian percebia. Mas ao menos ainda falava.

Talvez fosse sincera. Talvez soubesse que era sua última chance antes que começasse a cair fogo sobre ela e o Enxame. A essência foi algo que não conseguimos incorporar às plantas, apenas a espécies animais.

— Então vocês criaram uma espécie capaz disso.

Nós modificamos uma, corrigiu Zagara. Foi a Rainha das Lâminas quem apontou o caminho e nos guiou pelo rumo certo. Ela identificou uma espécie que poderia ser usada, pacífica e não plenamente racional. Pegamos apenas os espécimes necessários, deixando os outros em paz no planeta. Abathur então fundiu neles os filamentos xel'naga resgatados de Ulnar e, com sua habilidade, acabamos sendo capazes de realizar o sonho da Rainha das Lâminas.

— Sim, a equipe de inspeção viu os resultados desse sonho — disse Valerian com semblante sério.

Não, rebateu Abathur. Impossível. Terranos descreve criaturas. Não existe.

Não digo que seus soldados estejam mentindo, imperador Valerian, acrescentou Zagara. Mas essas não são as criaturas moldadas pelas mãos de Abathur, que repousam sonhando em seus casulos.

— Está bem — disse Valerian. *Quanta sinceridade...* mas Cray tinha sido igualmente sincero em seu relato sobre o que acabara de acontecer no Ponto Focal Um.

Infelizmente, tudo que Valerian tinha era a palavra de Cray contra a de Zagara. Os gravadores dos CMCs, que deveriam ter registrado claramente a batalha, aparentemente acabaram vítimas da mesma falha induzida pelos bloqueadores psi nas comunicações de longo alcance. O áudio estava completamente truncado, e tudo que o vídeo mostrava eram borrões indistintos que podiam ser qualquer coisa.

— Fale sobre essas novas criaturas — disse o imperador. — Como elas eram? Ou ao menos comece por como elas *deveriam* ser.

Como foi dito, nós as chamamos de adostras, disse Zagara. Acreditamos que a palavra signifique sonhador na língua dos xel'naga. Mas os sonhos delas não são como os seus ou os meus. Seus sonhos mergulham fundo no poder psiônico da espécie. Chamam por vida onde ela estiver, em campos, rios ou

mesmo no interior de pedras. Essa vida é movimentada, encorajada e nutrida, até que por fim desperta.

— Espere um minuto — disse Valerian, franzindo a testa. — Você está dizendo que a nova vida vegetal de Gystt é resultado de alguns animais pensando e sonhando com isso?

Animais cujo âmago é composto de essência xel'naga, ressaltou Zagara. *As lendas falam nos xel'naga semeando a galáxia com vida. É tão difícil acreditar que essa habilidade era inata e não apenas algo aprendido em milênios de estudo?*

Valerian passou a mão no rosto. Aquilo certamente batia com as lendas protoss de suas interações com os xel'naga. E a ideia de que os sonhos das adostras eram responsáveis pela explosão de vida em Gystt, funcionasse como funcionasse, também ajudava a explicar o padrão identificado pela dra. Wyland. Não um padrão de vento, mas as plantas de alguma forma refletindo a direção de sua fonte de inspiração.

— Então o que deu errado? Elas de alguma forma se rebelaram?

Isso não pode ser o que aconteceu, insistiu Zagara. *As adostras de modo algum são hostis.*

— Você tem certeza? — rebateu Valerian, voltando-se para Abathur. — Você observou todo o trabalho de Abathur?

Ele foi monitorado o tempo todo.

— Por zergs que dominam a manipulação genética tanto quanto ele?

Não existem tais zerg, disse Abathur com evidente orgulho.

Ele tem razão, disse Zagara, *mas é leal a mim.*

— Então talvez ele tenha cometido um erro — sugeriu Valerian. — Poderiam as adostras ter alguma bomba-relógio genética inesperada, algo que as transforme em psioliscas?

Zagara inclinou a cabeça. Mas o que poderia causar tamanha transformação?

— Ele é o mestre evolutivo — disse Valerian, gesticulando para Abathur. — Pergunte a ele.

Não, disse Abathur secamente. *Não é possível. Mais fácil acreditar que os terranos estão mentindo.*

Valerian apertou os lábios. Empate.

— Muito bem. Tentemos outra abordagem. Você disse que as mães de casta lhe são leais, super-rainha. Mas tem certeza disso?

Você se refere ao ataque à sua equipe de inspeção antes de entrarem na estrutura de encasulamento das adostras.

— Sim — disse Valerian. — De acordo com Ulavu, eles já haviam entrado bastante no território da mãe de casta local.

A mãe de casta insiste que não ordenou nem tolerou tal ataque.

— Digamos que ela esteja certa — disse Valerian, especulando brevemente o quanto as mães de casta precisariam ser sinceras com sua super-rainha, e se Zagara saberia caso tivessem mentido. — Você disse que as adostras têm poderes psiônicos. Será que elas podem ter controlado os outros zergs e os feito atacar a equipe de inspeção?

Não, disse Zagara. *As adostras são pacíficas. Elas não teriam tomado parte em um ataque.*

— Mas é possível?

Não.

Valerian ficou carrancudo. Outra vez, empate.

— Muito bem — disse. — O que precisamos, o que nos falta, são fatos e provas. Deixe-me contatar a equipe de inspeção e ver se conseguem coletar amostras de tecido no que sobrou da área de encasulamento.

Ele tinha a sensação que Zagara finalmente renunciava a um pouco da raiva. Agora o padrão de fluxo se revertia. A super-rainha se empertigou, novamente preenchendo os sentidos de Valerian com

aquela sufocante sensação alienígena. *Das cinzas da própria destruição.*

Que a equipe considerara tanto necessária quanto prudente. Mas Valerian não tinha a menor intenção de se demorar. Era fácil questionar a decisão de um comandante no campo de batalha, especialmente depois de Zagara ter ficado tão furiosa e horrorizada ao saber da destruição dos casulos. Mas defender a decisão, ou mesmo concordar com o juízo de Zagara, continuaria a não levá-los a lugar algum.

— Vou falar com eles agora — disse ele, por sua vez. — Temos um mistério aqui. Vejamos se conseguimos começar a desvendá-lo.

* * *

— Entendido, coronel — disse Dizz, torcendo um pouco o nariz.

O que, para Erin, não era um bom sinal. Sua experiência com as Forças Armadas da Supremacia era limitada, mas ela tinha praticamente certeza que oficiais de baixa patente deviam mostrar mais respeito que aquilo por seus superiores. Dadas as circunstâncias, ela suspeitava de que não gostaria nem um pouco das ordens de Cruikshank.

E tinha razão.

— Ordens do, abre aspas, “mais alto escalão”, fechas aspas — disse Dizz, mal humorado. — E com isso acredito que Cruikshank quis dizer Valerian em pessoa. Precisamos voltar lá dentro e procurar...

— Precisamos *o quê?* — cortou Whist.

— Voltar lá dentro e procurar amostras de tecido — terminou Dizz. — E com isso quero dizer pedaços das psioliscas. E com isso quero dizer nem fodendo.

Erin sentiu um aperto no estômago. Observar a pira funerária acesa por Dizz já havia sido ruim o bastante. Apesar de saber que as criaturas tinham tentado matá-los e apesar de saber que zergs daquele nível eram pouco mais que animais, a experiência fora assustadora e primal, a coisa mais bárbara de que tomara parte na vida.

Aquele era o tipo de coisa que acontecia na guerra? Provavelmente. Ela não testemunhara o mais terrível daqueles anos, abrigada no laboratório com nada além de amostras de tecido, amostras químicas e, ocasionalmente, carcaças parciais que lembravam o que acontecia do lado de fora. Agora, subitamente, vinha tudo de uma vez: o combate, o medo, a adrenalina, a carnificina e sim, as amargas consequências psicológicas de tudo.

E agora queriam que ela coletasse amostras de tecido das cinzas?

— Qual é o problema? — perguntou Tanya. — Ainda está quente demais lá dentro?

— Ah, está quente — garantiu Dizz. — A minha armadura não vai suportar, é muito leve, tem lugares abertos demais, e você e Ulavu definitivamente estão fora. Mas aquelas CMC-400s dão conta, mesmo a de Whist estando toda surrada, então ele e Erin devem ficar bem. O que quero dizer é que não sobrou nada que valha a pena cavoucar ali.

— Acho que devemos ao menos tentar — disse Whist. Ele olhou para Erin e arqueou as sobrancelhas. — Está dentro?

Bem que não queria, Erin quis dizer. Mas ele tinha razão.

— Claro — disse, tentando colocar um pouco de animação na voz.

— Vamos montar guarda aqui fora — disse Dizz quando os dois já seguiam para a abertura na paliçada de árvores. — Se algo der errado, gritem.

— E o quê, você manda Tanya? — perguntou Whist.

— Hm. Verdade. Então cuidem para que nada dê errado.

— Certo. Valeu pela dica.

— De nada — disse Dizz. — E fiquem espertos. Cruikshank quer imagens em tempo real, então precisamos manter os bloqueadores psi desligados.

— É, vocês fiquem espertos — disse Whist. — Todos os zergs lá dentro já estão mortos. Aqui fora, nem tanto.

Ainda havia fogo aqui e ali onde antes ficavam os casulos, mas a pira tinha basicamente se reduzido a fumaça. Com um olho em Whist e o outro onde pisava, Erin seguiu câmara adentro, feliz que o sistema de ar do traje a privasse de sentir o cheiro daquele lugar.

Os dois chegaram aos casulos e descobriram que, como previsto por Dizz, restara muito pouca coisa.

— Que zona — disse Whist. Ele se curvou sobre o casulo mais próximo, espiando a casca estilhaçada e os pedaços de matéria fumegante no interior. — Como você quer fazer isso?

Erin passou o olhar pela fileira de casulos, ou ao menos por tantos quanto podia enxergar em meio à fumaça.

— Vamos até cada um e procuramos qualquer coisa que não esteja completamente carbonizada.

— E se não encontrarmos nada?

— Aí eu pego algumas amostras de qualquer coisa que não seja só cinzas — disse Erin.

— Certo. — Ele apontou para a fileira superior. — Eu começo lá em cima, você, aqui em baixo, e nos encontramos no meio. Vamos lidar com isso de uma vez.

Engolindo o desconforto, Erin começou a trabalhar.

Os primeiros oito casulos eram idênticos aos que ela já vira: nacos de carne preta em meio a pedaços da estrutura de quitina onde os casulos haviam sido fixados, tudo salpicado de manchas do líquido que havia no interior. Uma busca nos restos carbonizados revelou ossos ocasionais, uma visão que, para Erin, apenas reforçou o clima sinistro daquilo tudo.

Estava para sugerir a Whist que desistissem quando chegou ao nono casulo.

— Whist? — chamou, olhando para a casca quebrada. — Pode vir aqui um instante?

— Encontrou alguma coisa? — disse o fuzileiro, descendo com cuidado da camada superior.

— Não, é exatamente o contrário. — Ela esperou que estivesse ao seu lado, então apontou. — Nada.

— Diabo — murmurou ele, esticando o pescoço para olhar. — Um deles conseguiu sair?

— Acho que não — disse Erin. — Não há carne nem ossos, mas também não há descoloração deixada pelo líquido em nenhum dos dois lados do casulo ou no interior do encanamento orgânico. Acho que nunca houve nada aí dentro.

— Isso é insano — souu a voz confusa de Dizz nos fones de ouvido dela. — Todos os casulos estavam... tenho praticamente certeza que estavam todos selados.

— Estavam sim — confirmou Tanya com firmeza. — Foi a primeira coisa que conferi depois da batalha. Pareciam todos exatamente iguais.

— Então por que um estava vazio? — perguntou Dizz.

— E temos certeza que foi apenas *um*? — perguntou Tanya.

— Vamos descobrir — disse Whist.

A inspeção foi rápida. A contagem final foi...

— *Seis*? — disse Dizz, aturdido. — Vocês estão dizendo que dez por cento dos casulos estavam vazios?

— E nunca foram ocupados — lembrou Erin. Por algum motivo, era aquilo que mais a incomodava.

— Ou pelo menos esvaziaram há algum tempo — emendou Whist. — Como Erin disse, nem sombra de resíduo de líquido.

— Mas *havia* líquido em todos — insistiu Tanya. — Eu olhei.

— Talvez apenas *parecesse* que havia líquido ali — disse Erin. — Ou... não, espera um pouco. Se os bebês de psiolisca eram alimentados ou de alguma forma nutridos pelo líquido, eles provavelmente eram basicamente orgânicos ou ao menos tinham componentes de moléculas complexas. *Isso* deve ter carbonizado e manchado os casulos quando Dizz começou o incêndio.

— Então os casulos vazios podiam estar cheios apenas de água? — perguntou Whist.

— Isso ou alguma outra coisa simples e inorgânica — disse Erin.

— Você está sugerindo que não passavam de iscas? — perguntou uma nova voz.

Erin franziu a testa. Era nova... mas ela tinha a clara impressão de já tê-la ouvido antes.

— Desculpe, mas quem está falando? — perguntou.

— O imperador Valerian — disse o dono da voz. — Considerarei sua descoberta importante a ponto de pedir ao coronel Cruikshank para me conectar à conversa.

— Minhas desculpas, imperador — gaguejou Erin, sentindo o rosto corar ao praguejar consigo mesma. Preocupada ou não, devia ter instantaneamente reconhecido a voz do líder da Supremacia.

— Não se preocupe — disse Valerian. Ele ao menos era generoso. — Preciso saber se os casulos vazios podem ter sido iscas.

— O senhor quer dizer iscas para nós, imperador? — perguntou Whist. — Acredito que podem ter sido. Mas qual seria o sentido? Quem ao menos sabia que vínhamos até aqui?

— Essa é de fato a grande questão — disse Valerian. — Tenente Halkman, qual é a situação da sua equipe e dos seus recursos?

— Estamos prontos para entrar em ação, imperador — afirmou Dizz. — O que o senhor precisa de nós?

— Você tem a localização dos pontos focais Dois e Três da dra. Wyland?

— Sim, imperador.

— Bom. Quero que sigam direto para o Ponto Focal Três. Se encontrarem o mesmo tipo de casulo, precisamos de uma boa e sólida inspeção e análise do que há no interior.

— Com todo respeito, imperador, há fortes indícios de que estes casulos chocam as coisas que nos atacaram — destacou Whist.

— Concordo — disse Valerian com gravidade. — E, nesse caso, o que queremos é queimar cada um deles até o nível molecular. Mas o primeiro passo é garantir que sabemos precisamente com que lidamos. *E* garantir que, se acabarmos com elas, acabamos com todas.

— Entendido, imperador — disse Dizz. — Whist, Erin... voltem imediatamente para cá. Partimos assim que vocês embarcarem.

Cinco minutos depois, Erin mais uma vez se viu colada ao assento enquanto Dizz alçava o módulo de transporte ao céu.

— Talvez seja bom vocês se acomodarem — disse Dizz depois de atingir altitude e nivelar o voo. — Tirem as armaduras se quiserem. Ou não... a escolha é de vocês. Mas lembrem que, mesmo à velocidade máxima, esse aqui é um voo de cerca de sete horas. Temos barra de refeição, sucos e algumas colas no kit de sobrevivência se alguém estiver com fome ou sede. Acho também que vi uns palitinhos de carne seca de skalet, se quiserem desafiar os dentes.

— Quem sabe mais tarde — disse Whist, estudando o mapa que carregara em sua tela. — O ponto Dois era *bem* mais próximo que o Três. Alguém desconfia por que Valerian não nos mandou para lá?

— É — disse Dizz carrancudo. — Recebemos nosso último boletim de dados antes que eu voltasse a ligar o bloqueador psi. Parece que o hierarca Artanis enviou uma força protoss para conferir esse aí. — Ele fez uma pausa, e Erin viu seus olhos se voltarem para Ulavu. — E — acrescentou — eles estão sendo

atacados.



CAPÍTULO TREZE

As sirenes de alerta ainda rugiam no hangar do *Hipérion*, mas, dentro da claustrofóbica cabine com blindagem pesada de uma unidade mecânica de combate Cão de Guerra, o barulho era reduzido a um ruído abafado. Sem tirar um olho da tela de sistemas e o outro da vista orbital em tempo real do Ponto Focal Dois, Cruikshank terminou de se afivelar ao assento e se perguntou quando viriam as ordens.

E, também, no que exatamente consistiriam tais ordens.

A conferência dos sistemas foi encerrada, e as malditas sirenes, finalmente desligadas no instante em que a imagem de Horner surgiu na tela de comunicação.

— Certo, o imperador Valerian finalmente conseguiu contato com Artanis — contou o almirante. — A boa notícia é que o hierarca concordou em não destruir o Ponto Dois sem dar uma boa olhada e coletar algumas amostras úteis.

Cruikshank balançou a cabeça mentalmente. A lógica por trás de mandarem tropas da Supremacia para o solo era que Valerian precisava que os protoss esperassem até o imperador conseguir se entender com Artanis. A força de Cruikshank deveria garantir que fizessem exatamente isso, gostassem eles ou não.

Ele vinha torcendo para poder arrancar o couro de uns protoss. Agora, ao que parecia, isso não iria acontecer.

— A má notícia — prosseguiu Horner — é que Artanis não está conseguindo entrar em contato com as próprias tropas. O ônibus espacial deles foi atingido por uma dupla de mutaliscas na descida, o que aparentemente inutilizou os amplificadores psiônicos.

— Você está brincando — disse Cruikshank franzindo a testa. — E isso é sequer possível?

— Bem, ou foi isso ou as psioliscas de Cray estão interferindo nos aparelhos — disse Horner. — Algo também parece estar interferindo nos campos de dobra. Eles não conseguiram acionar os prismas de dobra; por isso usaram um ônibus espacial. Não importa. O que importa é que Artanis não consegue falar com eles, então você vai até lá enviar a mensagem. Artanis a gravou, e eu já fiz o upload para o seu Cão de Guerra.

— E se os protoss se recusarem a escutar? — perguntou Cruikshank, esperançoso. Talvez conseguisse arrancar ao menos um *pouquinho* de couro.

— Isso não deve acontecer — disse Horner. — Artanis incluiu tantos códigos de identificação e

hierarquia na mensagem que ela engasgaria um leviatã.

— Entendido, senhor — disse Cruikshank. Se tudo que fariam era entregar uma mensagem, por que um terço de sua força seria mandada para a superfície? — Então o restante da força ficará apenas de prontidão?

— Você não está vendo o quadro mais amplo, coronel — disse Horner carrancudo. — Se por algum motivo os protoss *de fato* se recusarem a aceitar essas novas ordens, precisamos garantir que deixem a câmara intacta para nossa equipe examiná-la. — Ele arqueou as sobrancelhas. — De qualquer maneira necessária.

— Entendido, senhor — repetiu Cruikshank, sentindo o coração bater mais forte. — Não se preocupe. Nós chegaremos primeiro àquela câmara.

— Ótimo — disse Horner. — Vá lá para baixo. E boa sorte.

— Sim, senhor.

Cruikshank manobrou o Cão de Guerra até o módulo de transporte com um sorriso tenso no rosto. Sendo os protoss os babacas teimosos que eram, havia uma boa chance de não acreditarem que transmitia ordens do hierarca.

E, nesse caso, ele no fim das contas arrancaria um pouco de couro.

E não via a hora para isso.

Elas são criaturas de beleza, imperador Valerian Mengsk, disse Zagara, com um tom quase melancólico na voz psiônica roufenha. Têm consciência e razão, mas não como os terranos ou os zergs. Elas enxergam o âmago da existência, até o nível mais profundo da vida. Seu propósito é encontrar e nutrir essa vida. A super-rainha pareceu avultar ainda mais. A destruição de tantas delas por suas mãos foi um crime contra todo o universo.

— Vidas terranas estavam em jogo — lembrou Valerian, tentando se conter. Zagara simplesmente não aceitava a possibilidade de suas adostas terem se tornado assassinas. — Além do mais, vocês criaram aquele grupo. E certamente ainda lembram como fazer isso.

Nosso conhecimento de nada vale sem filamentos de xel'naga, ela disse. Todos foram usados. Não há mais.

— E vocês não podem fazer as adostas se reproduzirem?

Ainda não sabemos se elas são capazes disso, disse ela. Abathur acredita que, algum dia, elas possam desenvolver essa habilidade.

— Suas fossas de desova e incubadoras não funcionam?

Elas foram projetadas para zergs e variantes de zergs, disse Zagara. E, portanto, provaram-se incapazes de recriar ou gerar essência xel'naga. Os xel'naga tinham uma complexidade molecular e quântica que ainda não compreendemos.

— Entendo — disse Valerian. Então, em tese, se a Supremacia e os protoss conseguissem destruir todas as adostas e psioliscas, o assunto acabaria ali.

Desde que lhe fossem apresentadas provas satisfatórias de que as criaturas que haviam atacado a equipe de inspeção de Halkman eram de fato adostas. Se Valerian conseguiria então provar isso a Zagara, era uma questão completamente diferente.

Se não conseguisse, a logística para deixar Gystt podia ficar bem complicada.

Mas ele não tinha escolha. Artanis não o dissera com todas as palavras, mas Valerian suspeitava que sua presença na superfície era a única coisa que impedia o hierarca de ordenar uma incineração completa.

Além do mais, se Artanis tivesse razão, se Zagara de fato os enganava pensando em usar as psioliscas

numa nova guerra, Valerian não apenas se limitaria a observar sem interferir, como talvez se sentisse moralmente obrigado a auxiliar os protoss em sua onda de destruição.

Mas apenas se tivesse certeza absoluta de que uma aniquilação era necessária.

Então ele ficaria, falaria e escutaria. Ao menos até a equipe de Cruikshank examinar a câmara do Ponto Dois e recolher algumas amostras. Talvez até a equipe de Halkman fazer o mesmo no Ponto Três. Talvez até depois, se necessário.

E caso Zagara se recusasse a acreditar e Artanis se recusasse a esperar... Valerian cruzaria essa ponte quando chegasse lá.

* * *

Os módulos de transporte de Cruikshank estavam a meio caminho da superfície quando foram informados do ataque aos protoss.

— De onde diabos surgiu isso tudo? — perguntou Cruikshank, fitando de cara amarrada as imagens da câmara ventral do módulo de transporte. A mata que cobria os morros nos arredores do Ponto Dois era bem fechada, mas não *tanto*. Como tantos zergs tinham aparecido do nada? — Estavam todos dentro da meseta?

— Até onde podemos dizer, os únicos que saíram depois que os protoss derrubaram as árvores foram alguns da nova espécie identificada pela equipe de Halkman — disse Horner, também de cara fechada. — As tais psioliscas. Os outros aparentemente se esgueiraram do meio daquelas árvores ao redor dos protoss.

Cruikshank torceu os lábios. *Esgueirar* não era uma palavra que ele costumava usar com os zergs. Havia algumas poucas espécies furtivas, mas a maioria dos zergs ordinários costumava atacar como escavadeiras desmioladas.

Exatamente como naquele momento, a propósito, com zergnídeos, baratas e hidraliscas fazendo seu melhor para subjugar a pequena força protoss.

— A situação está muito ruim? — perguntou. — Não consigo ver bem os detalhes com todas essas árvores e a fumaça de ácido.

— Está ruim — disse Horner. — Artanis está tão no escuro quanto nós, mas parece que o que temos aqui é um massacre. Começamos registrando a assinatura eletromagnética de dez lâminas psi de templários e dez lâminas de transdobra de nerazins. Agora são apenas seis e sete.

Cruikshank cerrou a mão em um punho e apertou. A batalha estava em curso por talvez três minutos e os protoss já haviam perdido quatro templários e três nerazins? Inacreditável.

— O que diabos Zagara está jogando pra cima deles?

— Zagara alega que não estão agindo sob ordens dela — disse Horner — e que também não é a mãe de casta local.

— Certo — rosou Cruikshank. — Então calhou dos zergnídeos da região escolherem hoje para declarar independência. E *racionalidade*.

— Eu também não acredito nisso — disse Horner. — Mas, nesse momento, o *quem* não importa. O que importa é que os protoss estão em apuros, e você é o único que pode fazer qualquer coisa para ajudar.

— Não se preocupe, senhor — prometeu Cruikshank, em tom sombrio. Então, em vez de arrancar o couro dos protoss, ele estava encarregado de tirá-los da panela. Droga, mil vezes droga. — Vamos chegar o mais rápido que pudermos e faremos o que for possível.

— Sei que sim — disse Horner. — Boa sorte, coronel. E fiquem atentos. Os protoss são importantes, mas sua responsabilidade final é com a Supremacia e seu povo.

— Entendido, senhor — disse Cruikshank. — Voltarei a entrar em contato quando estiver acabado. Ele encerrou a chamada e sintonizou a comunicação de curto alcance.

— Muito bem, homens, vocês ouviram o almirante. Isso agora é uma missão de resgate. Vamos desembarcar correndo, tirar de lá qualquer protoss que ainda estiver vivo e fritar todo e qualquer maldito zerg à vista.

Quatro minutos depois, os módulos de transporte tocaram o solo, trens de pouso uivando em protesto com o impacto. Cruikshank cuidou que seu Cão de Guerra liderasse o desembarque do próprio módulo, com os três golias saindo na dianteira dos respectivos veículos.

Apenas para descobrir que tinham chegado tarde demais.

Era uma cena saída do inferno. Toda a área estava infestada de zergs: tatus-bomba, baratas, zergnídeos, hidraliscas. Garras dilaceravam os templários que restavam e dardos envenenados rasgavam carne e roupas enquanto ácido calcinava o mato e as árvores e enchia o ar de fumaça sufocante. Era possível ver zergs mortos por todo lado, espalhados uns por cima dos outros ou misturados a corpos de protoss. Duas sentinelas robóticas pairavam acima da carnificina, tentando futilmente proteger os guerreiros com sensores automatizados. Perto da meseta, caído de lado em meio às árvores tombadas que bloqueavam a entrada da caverna, havia um espreitador.

Mas o fato de a missão de resgate ter ido pelo ralo não significava que a Supremacia faria as malas para dar o fora.

— Abram fogo! — Cruikshank gritou para seus homens. — Encontrem e reforcem os bolsões de resistência. Vou dar uma olhada naquele espreitador. Exterminadores, me deem cobertura. E vigiem o céu. Mutaliscas podem dar as caras a qualquer momento.

O Cão de Guerra seguiu até o espreitador caído, varrendo os zergnídeos que chegassem perto demais e disparando canhões elétricos contra as hidraliscas no raio de alcance. Um tatu-bomba veio na direção dele; outra rajada dos canhões o reduziu a retalhos e jorros de ácido.

— Cuidado, coronel — disse um dos exterminadores. — O senhor está com ácido na perna esquerda.

Cruikshank praguejou entre os dentes e olhou para a tela de status. O spray neutralizador tinha cuidado de boa parte antes que fizesse estrago, mas as bordas do respingo ainda soltavam fumaça. Outro jato de neutralizador deu conta do problema, mas provavelmente ainda havia corrosão residual nas dobras e nas junções que o spray não alcançava, o que acabaria com a perna se nada fosse feito.

Não havia tempo, contudo. A perna resistiria até o fim da missão, e, naquele momento, aquilo era tudo que importava para Cruikshank.

— Mutaliscas! — gritou alguém. — Quatro-beta-alto.

Cruikshank olhou na direção indicada. Duas daquelas coisas desciam do céu como flechas, claramente determinadas a acabar com as sentinelas protoss restantes. Depois de travar a mira em ambas, ele disparou dois mísseis Descontrolados. Uma terceira mutalisca, que despencou do alto no canto de seu campo de visão, foi despedaçada por mísseis de fragmentação Inferno lançados por um dos golias.

Outra dupla de zergnídeos emergiu do bando e passou a fustigar a perna danificada de Cruikshank. Depois de mais uma rajada dos canhões elétricos, ele seguiu em frente.

Considerando a imobilidade do espreitador, Cruikshank suspeitava que o templário das trevas preso às ferragens estava tão morto quanto a máquina propriamente dita. Quando se aproximou, porém, frestas se abriram nos olhos do nerazim, que girou um pouco a cabeça e olhou para a cabine do Cão de

Guerra. *Vocês vieram*, disse uma débil voz protoss na mente de Cruikshank.

— É, estamos aqui — disse o coronel, estreitando os olhos para a banalidade daquelas palavras. Sim, as forças da Supremacia haviam chegado. Não que fosse fazer grande diferença para os protoss. — Agente firme; você está com uma árvore atravessada em cima das pernas. Vou tirar essa coisa e levá-lo para o nosso módulo de transporte.

Não há tempo, disse o templário das trevas. *Destrua a câmara, ou você e seus terranos morrerão ao nosso lado.*

— Não posso fazer isso — disse Cruikshank, olhando para os relatórios que recebia no visor tático.

Três templários e quatro nerazins ainda estavam vivos, e mais zergs convergiam para a área. A corrosão na perna do Cão de Guerra só piorava, e o computador estimava que ela estaria fora de combate em dez minutos. Um massacre, sem dúvida, ainda longe de acabar.

— Desculpe, mas tenho ordens de mantê-la intacta.

Você não pode, disse o templário das trevas. *Eles a estão abandonando.*

Cruikshank fez uma careta para a entrada da caverna, acessando os telescópios do Cão de Guerra. Não havia muita luz ali dentro, mas era o bastante para revelar uma fila de psioliscas sarapintadas de vermelho descendo a rampa, cada dupla carregando um casulo branco como leite entre si.

Não acreditei no relato terrano que esse novo zerg era capaz de atacar com poder psiônico, continuou o templário das trevas, com a voz começando a falhar. *Mas é verdade. Eles atraem outros zergs para o campo de batalha e para o combate. Então concentram o poder em nós, um a um, com uma força que sobrepuja até mesmo um templário das trevas, deixando-nos vulneráveis.*

Cruikshank assobiou entre os dentes. Se as psioliscas conseguissem tirar aqueles casulos dali enquanto seus homens estavam ocupados na batalha, só Deus sabia onde apareceriam depois.

O imperador Valerian queria que a câmara fosse tomada intacta. Mas nem mesmo imperadores conseguiam tudo que queriam.

— Está bem — disse. — Eu... qual é seu nome, soldado?

Sou Sagaya.

— Está bem, Sagaya — disse Cruikshank. — Fique aqui e se mantenha vivo. Eu voltarei o mais rápido que conseguir.

Ele se empertigou, perguntando-se quantas malditas psioliscas haveria ali dentro. E também se seus canhões elétricos e lançadores de mísseis ficariam sem munição, a perna fora de operação, antes que descobrisse.

Não há necessidade de entrar, disse Sagaya. *A destruição já as aguarda. Eu enviei um disruptor. Qualquer ataque detectado contra ele causará a detonação.*

— Ah — disse Cruikshank. Armas terríveis, os disruptores. Mas, naquele caso, exatamente o que precisava. — Acho que posso dar um jeito. Atenção, todas unidades. Estou prestes a detonar um disruptor protoss dentro da meseta. Fiquem atentos para pedras voadoras.

Depois de travar a mira no ponto mais alto que conseguia enxergar na rampa, ele disparou um Descontrolado. O foguete abriu caminho caverna adentro, quase derrubando uma dupla de psioliscas e seu casulo, e chegou ao primeiro patamar, iluminando todo o interior. Cruikshank prendeu a respiração...

A meseta não exatamente se despedaçou, como ele esperava. Mas foi quase isso. A explosão do disruptor abriu uma dezena de buracos enormes no alto, lançando terra, rochas e vegetação para o ar e sacudindo o chão sob os pés do Cão de Guerra. Um instante depois, uma língua de fogo surgiu pela abertura da caverna, devorando as árvores e a vegetação no caminho e derrubando o Cão de Guerra de Cruikshank.

Por um longo momento, ele permaneceu ali deitado, sentindo o impacto do corpo na forração interna, apertando os olhos enquanto vento e fogo zuniam e rodopiavam do outro lado da capota de vidro. Lentamente, o turbilhão se desfez, e a tempestade de folhas, poeira e galhos se dissipou. Com cuidado, ele apoiou no chão os braços do Cão de Guerra e colocou a unidade mecanizada de pé. Sentiu um baque quando a blindagem externa da perna esquerda se rompeu, mas a estrutura de suporte aguentou. Movendo-se devagar, cuidando para manter o equilíbrio em meio às pilhas de destroços, ele se virou e esquadrinhou o campo de batalha.

Era o caos. Todos à vista — terranos, protoss e zergs — tinham sido atirados no chão. Dois dos três golias de Cruikshank se levantavam lentamente, ambos com sinais de avarias graves. O terceiro jazia inerte, com as pernas despedaçadas, o lançador de mísseis Inferno destruído e um dos autocanhões parcialmente derretido pelo calor. O console médico indicava que o piloto estava vivo, mas por muito pouco. Por todo lado, alguns fuzileiros também começavam a se levantar. Nenhum dos cinco exterminadores estava visível, e a leitura médica de apenas dois indicava vida.

Os zergs também voltavam a se mover. Mas não a atacar. Basicamente se levantavam, sacudiam a cabeça enorme como que atordoados e olhavam em volta. Cruikshank manteve o dedo no gatilho do canhão elétrico do Cão de Guerra, mas nenhuma das criaturas fez movimentos hostis. Simplesmente ficaram imóveis por alguns instantes, como que se decidindo o que fazer, e se afastaram cambaleando.

E, enquanto deixavam o campo de batalha, Cruikshank viu três protoss se levantarem.

Três.

Para ter certeza, fez outra varredura de 360 graus. Então, soltando um suspiro, acionou a comunicação de longo alcance.

— Aqui fala Cruikshank — disse. — Obtivemos vitória. O inimigo está abandonando o campo de batalha. A missão de resgate... — Ele engoliu seco. — Nem tanto.

Zagara cortou o ar com os braços como se tentasse esmagar alguém. *Eu não entendo.*

— Doze terranos mortos — bradou Valerian, para variar nem ao menos tentando fingir uma atitude diplomática. — Dezenove protoss mortos. Você ainda alega que essas psioliscas não são hostis?

Não podem ser as adostras, insistiu Zagara. *Elas são completa e inerentemente pacíficas.*

— Criaturas do tamanho de zergnídeos, mas semelhantes às hidraliscas, marrom-claras, com manchas vermelhas e três listras dorsais com pontos vermelhos vivos.

As adostras não têm essa forma.

— Você tem certeza? — insistiu Valerian. — Vocês examinaram os casulos recentemente?

As garras de Zagara ainda se moviam. *Ninguém olhou dentro dos casulos,* ela disse. *Não desde que foram selados com nutrientes. Elas ainda estão amadurecendo.*

— Então vocês realmente não sabem *o que* elas podem ter se tornado?

Não ouvirei mais, disse Abathur de súbito. *Organismo terrano mente para destruição do Enxame. Não ouvirei mais.* Depois de se virar, ele seguiu para a entrada da câmara.

Valerian olhou para Zagara, esperando que ela ordenasse a volta do mestre evolutivo. Aparentemente, não. Abathur passou pelos devastadores, que ainda aguardavam num silêncio agourento, e sumiu estrutura adentro.

Talvez Zagara tivesse decidido que ele não tinha nada a acrescentar à conversa. Talvez tivesse decidido que a conversa estava chegando ao fim.

Talvez ela tivesse razão.

— Partirei agora — disse Valerian se levantando. — Confio que você não tentará me impedir.

Por um longo segundo, ele acreditou que Zagara fosse fazer exatamente aquilo. A super-rainha

inclinou a cabeça para trás, com os olhos cintilantes cravados nele. Então parte da tensão pareceu escoar. *O que tal ação alcançaria?*, ela destacou. *Busco evitar uma guerra. A não ser que consiga persuadi-lo da verdade, esse esforço não levará a nada.*

— Você não pode me persuadir, super-rainha, assim como eu não posso persuadi-la — disse Valerian. — Apenas a verdade pode fazer isso. Eu continuarei a buscar a verdade até quando puder. Mas, no fim... — Ele não terminou a frase.

Então vá, disse Zagara. *Busque a verdade.*

— Buscarei — disse Valerian, sentindo a determinação fraquejar. Ela era tão diferente dos zergs que conhecera. Isso em si justificava uma investigação. Isso em si o fazia hesitar.

E ela parecia ser *tão* sincera.

Mas Valerian lhe dera uma chance. Maior que a dada por Artanis. Certamente maior que a que seu pai, Arcturus Mengsk, teria dado. O imperador Arcturus teria declarado guerra e iniciado o ataque horas antes. Não; acontecesse o que acontecesse daquele ponto em diante, a consciência de Valerian estava tranquila.

E você a encontrará, prometeu Zagara. *Espero que a encontre enquanto ainda houver tempo.*

Para leve surpresa de Valerian, não houve ataque enquanto o módulo de transporte subia pelo cone e deixava a superfície. Mal chegavam à marca de mil metros quando um esquadrão de espectros se aproximou em formação e o escoltou até o *Hipérion*.

Ao chegar à ponte, encontrou Matt no comunicador com o hierarca protoss.

— Entendo sua posição, hierarca Artanis — dizia o almirante quando Valerian entrou. Os olhares dos dois se cruzaram, e ele chamou o imperador com um gesto. — Transmitirei seus comentários e suas sugestões ao imperador Valerian assim que ele chegar.

— De acordo, almirante Matthew Horner — soou a voz de Artanis no alto-falante. — Cuide para que ele também entenda que minha paciência tem limites.

— Farei isso, hierarca — prometeu Matt. — Câmbio, desligo.

Ele desligou o comunicador.

— Imperador Valerian — disse, voltando-se para o recém-chegado. — Fico feliz que esteja vivo e ileso.

— Eu mesmo estou um pouco surpreso. — Valerian gesticulou para o comunicador. — Quais são as notícias dos protoss?

— Eles estão com os dedos dos pés em cima da linha, debruçados sobre ela — disse Matt em tom sombrio. — Artanis está a um passo de ordenar um ataque em larga escala contra Gystt.

Valerian fechou o punho.

— Com nossa gente ainda lá embaixo.

— Bem, a equipe de inspeção — disse Matt. — Os homens de Cruikshank fizeram reparos rápidos nos módulos de transporte antes da chegada dos reforços e já estão subindo. — O almirante torceu os lábios. — O que restou deles, pelo menos.

— Sim — murmurou Valerian. — Ao menos nos saímos melhor que os protoss.

— Apenas porque ficamos menos tempo em solo — disse Matt sem rodeios. — Você viu o relatório de Cruikshank?

— Os pontos básicos.

— Então já sabe o entendimento dele sobre a questão de estratégia das psioliscas.

Valerian fez que sim.

— Atacar os templários e nerazins um de cada vez, romper sua concentração de combate e então

avançar com tudo.

— Ou tratar que os outros zergs façam isso por elas — disse Matt. — E isso nem leva em conta o efeito que os ataques psiônicos tiveram sobre nossos homens. Relativamente mínimos, ao menos se comparado com o efeito sobre os protoss. Mas ainda assim é algo que pode desequilibrar seriamente a balança.

— De fato — concordou Valerian. — Zagara ainda alega que nem ela nem a mãe de casta local foram responsáveis pelo ataque.

— Ela usou o mesmo argumento após o ataque à equipe de inspeção — lembrou Matt. — Ou ela está mentindo ou... você acredita que as próprias psioliscas possam estar orquestrando os ataques?

— Talvez seja a única explicação — disse Valerian. — O problema é que é praticamente impossível provar ou negar isso com certeza. Não sem uma noção básica de como funciona a comunicação entre os zergs.

— O que nem nós e nem os protoss temos. Então qual é o próximo passo?

— O mesmo de antes — disse Valerian. — Mandar a equipe de inspeção para o Ponto Focal Três e torcer para finalmente conseguirmos algumas amostras úteis.

— Ah. — Matt fez uma pausa. — Você percebe que, seja qual for o jogo aqui, e quem quer que esteja dando as cartas, o Ponto Focal Três é a escolha óbvia para o nosso próximo passo. Se eles quiserem a equipe de Halkman fora do caminho, isso exigirá *muito* pouco esforço.

— Sim, e tenho pensado nisso — disse Valerian. — Sei que temos alguns disruptores psi a bordo; você deu aquelas variantes, os bloqueadores psi, para Halkman e Cray. Por acaso temos alguns emissores psi?

Matt pestanejou.

— Eu diria que atrair os zergs para nós seria uma ideia extraordinariamente ruim neste momento.

Apesar da tensão, Valerian não conseguiu evitar um sorriso ao perceber o tom cuidadosamente oficial do almirante. Os especialistas ainda não sabiam se os emissores psi induziam uma rainha ou mãe de casta a mandar zergs em sua direção ou se atuavam diretamente sobre os grupos mais próximos de zergs inferiores. Mas o resultado era o mesmo: uma massa de alienígenas nefastos convergindo para a localização do emissor.

Esses dispositivos foram usados ocasionalmente durante a guerra. E também pelo pai de Valerian para destruir o planeta capital confederado, Tarsonis, o que pavimentara o caminho para a tomada de poder por Arcturus e sua criação da Supremacia Terrana. Dispositivos altamente perigosos, que deviam ser levados muito a sério.

— Relaxe, não fiquei *tão* louco assim — garantiu a Matt. — Estava pensando em acionarmos um a cerca de cem quilômetros do Ponto Focal Três, para ver se conseguimos atrair os zergs locais para longe da equipe de inspeção.

— Ah — disse Matt, com a tensão sumindo do rosto. — Hmm. Bem, duvido que haja algo parecido a bordo de qualquer uma de nossas naves. Mas aposto que os técnicos conseguem improvisar alguma coisa antes da chegada da equipe de inspeção.

— Que acontecerá em...?

Matt olhou para o cronômetro da ponte.

— Cerca de cinco horas.

— Chame os técnicos e bote-os para trabalhar — disse Valerian. — E peça uma estimativa de quando terão algo pronto e operante.

— Almirante? — chamou o oficial tático de seu assento em frente ao painel de sensores. — O senhor precisa ver isso.

Valerian foi até o painel, com Matt ao lado.

— Aqueles leviatãs, senhor — disse o oficial, apontando para diversas telas. — Os que estão de olho em nós e nas naves protoss. Estão todos a caminho da superfície.

— E para localizações diferentes, ao que parece — murmurou Matt. — As mães de casta, você acredita?

— Faria sentido — disse Valerian, carrancudo. — A essas alturas, Zagara já deve tê-las alertado que as negociações foram interrompidas. Querem estar prontas para uma evacuação, caso necessário.

— Levando sabe-se lá o quê consigo — disse Matt. — Se Zagara quiser levar algumas psioliscas, será impossível interceptar e vasculhar seis leviatãs.

— Sete, senhor — corrigiu o oficial. — Incluindo aquele que seguimos desde Korhal.

— Tinha me esquecido desse — disse Matt, aproximando-se das telas. — Ele está fazendo alguma coisa?

— Não, senhor. Permanece imóvel.

— Não é de surpreender — disse Valerian. — A situação já está instável o bastante. Espero que Zagara não entorne o caldeirão, correndo para seu leviatã e deixando o planeta.

— Ela pode, se achar que vale a pena arriscar — destacou Matt. — Como, por exemplo, se conseguir para si algumas psioliscas e uma fantasma para entreter Abathur.

Os olhos de Valerian se concentraram em outra tela. O módulo de transporte da equipe de inspeção ainda cortava a atmosfera a caminho do Ponto Focal Três, com nenhuma ameaça iminente à vista.

— Ficaremos de olho nela — disse o imperador.

— E por falar em entornar o caldeirão, mais um pequeno detalhe. — Matt indicou a tela que mostrava os diversos pontos de calor nas naves protoss. — Parece que Artanis já está ligando o raio purificador.

Valerian praguejou entre os dentes.

— Ele está se preparando para incinerar Gystt.

— Devo contatá-lo e pedir que aguarde? — perguntou Matt. — Ao menos até tirarmos a equipe de inspeção de lá?

Valerian voltou a olhar para os leviatãs se movendo pelo espaço. Matt tinha razão: se uma ou mais daquelas enormes criaturas fosse encarregada de levantar voo com um grupo de psioliscas, não havia nada que as forças da Supremacia e dos protoss pudessem fazer para deter todas.

E não podiam permitir que isso acontecesse. Não depois de tamanha demonstração da devastação que o novo zerg era capaz de impor tanto aos terranos quanto aos protoss.

Elas precisavam ser destruídas.

— Não — disse a Matt. — Apenas lembre-o de nossa equipe em solo e peça que nos mantenha informados de qualquer ação planejada. — Ele hesitou. — E então comece a preparar nosso armamento espaço-solo.

Os olhos de Matt se arregalaram.

— Valerian... senhor...

— É uma ordem, almirante — cortou o imperador, colocando na voz todo peso de sua posição.

Matt se empertigou em posição de sentido.

— Entendido, Vossa Excelência — disse, retribuindo o tom formal de Valerian.

Valerian franziu a testa. Matt nunca o chamava de Excelência, não desde que dissera a ele e a todos para que não o fizessem. Seria o uso do título honorífico de seu pai uma insinuação não exatamente sutil? Uma referência deliberada aos métodos frios e violentos do imperador Arcturus?

Se fosse o caso, o almirante adoraria a próxima ordem de Valerian.

— Você também preparará o canhão Yamato — prosseguiu ele. — Seu alvo, caso se prove necessário, será o Ponto Focal Três. Você reunirá uma pequena força de evacuação para tirar a equipe de lá se for preciso.

— Se for preciso, e se houver tempo? — perguntou Matt de forma incisiva.

— Se houver tempo — concordou Valerian.

— Entendido, Vossa Excelência.

Deliberadamente, Valerian evitou o olhar do almirante. Era sem dúvida uma referência ao imperador Arcturus.

Por um lado, Valerian não podia deixar de concordar. Matança excessiva, danos colaterais injustificáveis... aquelas tinham sido as marcas do reinado de seu pai. Eram exatamente as coisas que Valerian se comprometeu a mudar na Supremacia.

E agora ele seguia os passos sangrentos de Arcturus. Podia apenas torcer para que aquela atitude fosse uma exceção, um desvio momentâneo da estrada que havia prometido seguir.

Porque a alternativa era que enganara a si mesmo desde o princípio. Talvez simplesmente não houvesse como tornar a guerra algo civilizado. Talvez a guerra sempre se resumisse a *nós* contra *eles*. Talvez a sobrevivência sempre fosse uma questão de o vencedor leva tudo, o perdedor que seja aniquilado.

Valerian sempre falara contra aquela filosofia: enfática, pública e sinceramente. Muitos o louvaram por sua decência. Outros o criticaram por sua ingenuidade.

Quais dessas pessoas, ele se perguntava, estariam com a razão?

No passado, ele acreditou que soubesse. Agora, não tinha tanta certeza.

Hoje, talvez, descobrisse.



CAPÍTULO CATORZE

Entre muitas outras funções, o implante de Tanya ajudava a equilibrar as emoções. Reduzir os picos, por assim dizer, e elevar os vales.

Hoje, ele não estava fazendo isso lá muito bem.

Havia também toda uma farmácia de drogas à disposição dela, de álcool e hab a coquetéis militares secretos que nem ao menos tinham nome oficial, prometendo também mantê-la estável e com os pés na realidade.

Tanya não tinha interesse em tocar em nada daquilo.

Além do mais, mesmo que quisesse, ela não saberia que tipo de drogas tomar. Suas emoções embarcavam numa montanha-russa que despencava da fúria cega por ter sido enganada à depressão sombria pelo mesmo motivo, então subia de volta à fúria.

A única constante em suas emoções era o fato de ter sido enganada.

Como Ulavu *pôde* fazer aquilo com ela?

Tensa, ela percebeu alguém se aproximando pela visão periférica...

Mas era apenas Erin.

— Posso falar com você um minuto? — perguntou a outra mulher, com a testa franzida e pensativa.

O primeiro instinto de Tanya foi recusar. O coração e a alma doíam, e tudo que ela queria era encolher-se em si mesma, sozinha, até a dor ir embora.

Mas o semblante de Erin não era o de uma mulher com vontade de apenas jogar conversa fora. Era algo importante. Talvez importante a ponto de oferecer alguma distração mental.

— Claro — disse Tanya, reprimindo um suspiro. — O que foi?

— É esse relatório — disse Erin, sacando a prancheta eletrônica e afundando no assento ao lado. Em algum momento nas últimas horas ela tirara a armadura, provavelmente com ajuda de Whist, e aparentava estar bem mais tranquila e confortável do que Tanya vinha se sentindo. — Essa transcrição da conversa do imperador Valerian com a super-rainha Zagara. Você a leu?

— Ainda não — disse Tanya. — Algum problema?

— Não sei — disse Erin, buscando uma parte do texto e passando o aparelho para Tanya. — Zagara alega que essas tais de adstras, supostamente o que vimos dentro dos casulos, não podem se rebelar, pír e atacar as pessoas como as psioliscas fizeram.

— As pessoas afirmam a impossibilidade de todo tipo de coisas — disse Tanya, rolando a tela. — Alguém uma vez me disse que amigos não mentem um para o outro.

Erin piscou os olhos.

— Ah... o que quero dizer é que tenho pensado nas psioliscas e no que vimos nos casulos. Você estudou a anatomia zerg, certo?

— Já olhei o interior de alguns — disse Tanya. Na verdade, vira mais além do que a sua cota de entranhas de zergs no treinamento. Os fuzileiros precisavam saber apenas onde ficavam os pontos mais fracos do exterior dos zergs; ela precisava saber quais órgãos queimariam melhor. — Não havia muito o que ver depois que Dizz acabou com os casulos, se é aonde você quer chegar.

— Sei disso — disse Erin. — Zagara diz que as adostras usam essência xel'naga, não variedades zerg, então sua ontogenia pode ser diferente daquela da versão normal de fossa de desova, e...

— Sua *o quê?*

— Ontogenia — repetiu Erin. — O ciclo de vida da fertilização à vida adulta. Os zergs normalmente não passam por um estágio de metamorfose, enquanto as adostras a princípio precisam, se...

— Espera aí — disse Tanya, controlando um acesso de raiva. Ela *não* estava com cabeça para uma discussão técnica. — Por que elas precisam de uma metamorfose?

— Porque o que vimos nos casulos não se parecia com a psiolisca final — disse Erin. — Mas é exatamente isso que eu quero dizer. As psioliscas *de fato* têm aparência de zerg, ou ao menos estão num tipo de ponto intermediário entre os zergnídeos e as hidraliscas. Qual seria a probabilidade de isso acontecer com uma criatura desconhecida infundida de genética que não é zerg?

Tanya balançou a cabeça.

— Desculpe, mas isso aí é demais para mim. Não sei nada dessas ontocoisas. Só sei que tanto as coisas nos casulos quanto as psioliscas tinham aquele padrão com pintas vermelhas nas costas. E nenhum zerg que eu conheça tem nada parecido. E não esqueça que seis casulos estavam vazios, como se sua metamorfose tivesse acabado e fosse aquilo que tivesse saído.

— Nós topamos com bem mais de seis psioliscas — salientou Erin. — E eu não vi nenhum sinal de fluidos nutrientes nos casulos vazios.

— Porque Dizz carbonizou o lugar — lembrou Tanya com paciência. — Escute, eu não sei o que Zagara está alegando e nem me importo. As psioliscas são máquinas de matar e precisam ser exterminadas. Ponto final. — Ela gesticulou para o macacão intocado de Erin. — Você só teve sorte de ter Ulavu ao seu lado lá dentro.

— Não sei o que Ulavu teve a ver com aquilo — disse Erin, soando confusa. — Foram Whist e Dizz que as mantiveram longe de nós. — Ela fez uma careta. — De mim, pelo menos. Ulavu não teve tanta sorte.

Tanya franziu a testa e esticou o pescoço para olhar em volta. Ulavu não estava à vista.

— Para onde ele foi? — perguntou Tanya.

— Ala médica — disse Erin, indicando com a cabeça o nicho na popa do módulo de transporte. — Provavelmente trocando o curativo. Bem, obrigado de qualquer forma.

Ela se levantou.

— Espera um minuto — disse Tanya, ainda tentando processar aquilo tudo. — Quer dizer que Ulavu foi ferido na batalha, mas você não?

— Isso — disse Erin. — Como eu disse, Whist e Dizz atiravam naquelas coisas quando elas chegavam perto demais.

— Perto demais de *você*. Não de Ulavu.

Erin torceu o nariz.

— Sim. Eu já falei isso.

— É — disse Tanya. — Obrigada.

A cientista ficou ali parada por outro instante, talvez se perguntando se a fantasma estaria ficando mentalmente instável. Então, depois de se despedir em silêncio com um gesto de cabeça, ela se foi.

Deixando Tanya com um quebra-cabeças realmente confuso.

Ela processou a questão por alguns minutos, mas logo ficou claro que não resolveria aquilo sem mais informações.

E, infelizmente, havia apenas um lugar para conseguir o que precisava.

Ela resistiu por mais alguns minutos, mas, por fim, suspirou, desafivelou os cintos de segurança e seguiu para a ala médica.

Ulavu estava lá, como Erin havia dito. Sem a túnica e com todo o cuidado, enrolava uma atadura no abdome, mas tinha outros curativos espalhados pelo peito. A seus pés havia cinco ataduras descartadas, todas manchadas com o sangue roxo escuro dos protoss.

Tanya sequer havia notado.

O protoss percebeu sua entrada e, por um instante, os dois se fitaram. *Você tem me evitado desde a batalha no Ponto Focal Um*, disse Ulavu por fim. *Sua mente também foi fechada para mim, como continua até agora. Por favor, diga-me como falhei com você.*

A franqueza, Tanya sempre acreditara, pedia uma resposta à altura. *Claro*, respondeu. *Mas comecemos com as devidas apresentações. Estou me dirigindo a um templo ou a um nerazim?*

Ela sentiu um suspiro mental do outro. *Quem mais sabe?*

Tanya franziu a testa. *Eu imaginei que todos menos eu.*

Não. Apenas o sargento Foster Cray sabe, já que apenas ele estava consciente em nosso primeiro encontro com as psioliscas. Ele abaixou a cabeça em uma mesura constrangida. *E agora você também sabe.*

Sim, disse Tanya, determinada a não permitir que sua raiva fosse colocada de lado pelo remorso. Ulavu tinha traído a confiança dela. Estava furiosa e continuaria daquele jeito. *Você não respondeu a minha pergunta.*

Sou nerazim. Com a perda do Khala imposta pela guerra, a habilidade dos nerazins de acessar energias do Vazio nos torna mais versáteis que a maioria dos templos.

Por que você precisa ser mais versátil?

É isso que você deseja saber, Tanya Caulfield?, perguntou ele. *Ou você deseja saber por que não lhe foi dita a verdade?*

Por que não me foi dita a verdade? Ela balançou a cabeça. *Não, você não tem direito de colocar dessa forma. A pergunta é por que você mentiu para mim. E sim, eu quero saber.*

Eu recebi ordens, disse Ulavu, e outra vez Tanya sentiu um suspiro mental. *Recebi uma missão. E, por uma questão de honra, tinha o dever de cumpri-la. Você certamente entende questões de honra e dever.*

Não mude de assunto, rugiu Tanya. *Que tipo de missão? Eu pensei que vocês protoss já tivessem conhecimento do programa fantasma.*

O hierarca Artanis não precisava de informações, concordou Ulavu. *O que desejava era que eu encontrasse e identificasse um fantasma da Supremacia com um poder psíquico específico.*

Tanya trincou os dentes. Então ela não fora uma amiga para ele, nem mesmo uma fonte de informações. Não passara de um bilhete premiado. *Deixa eu adivinhar. Talvez algo raramente visto antes? Como pirocinese?*

Ulavu inclinou a cabeça para o lado. *Não.*

Por um segundo, Tanya pensou que tivesse entendido errado. *Não?*

Não, repetiu o protoss, relutante. Fui enviado para localizar e travar amizade com um telecinético.

Tanya sentiu como se o chão fosse arrancado debaixo de seus pés. Ela não fora nem mesmo um bilhete premiado? *Do que você está falando? Atualmente, há dois teles no programa. O que havia de errado com eles?*

Ulavu ficou em silêncio por tanto tempo que Tanya pensou ter perdido contato. *Eu não os quis como amigos, disse ele por fim. Eles não são... boas almas.*

Agora ele se achava no direito de julgar toda a humanidade? Aquilo ficava cada vez melhor. *Eles são almas perfeitamente aceitáveis, devolveu Tanya.*

São mesmo?

Ela fez uma careta. Que diabos, não eram de jeito nenhum. Glistrup era maníaco-depressivo e mentiroso compulsivo, enquanto Mai era simplesmente uma má pessoa em todos os aspectos. Ninguém gostava deles.

Mas eram teles competentes, apesar de não exatamente poderosos. *E o que vocês queriam com eles?*

Os protoss desenvolveram uma nova arma, explicou Ulavu com relutância. *De uso tático apenas limitado, mas de interesse para muitos de nós. Esperava-se que um telecinético humano pudesse ser útil no seu desenvolvimento, já que a versão humana dessa habilidade possui características singulares que não ocorrem nos protoss. Desejávamos explorar o que poderia ser alcançado por meio de uma parceria com tal terrano. Não posso dizer nada mais.*

Tá certo, disse Tanya, franzindo a testa. Mas a história da guerra não exatamente transborda gente boa e honrada. Você queria um tele e podia ter escolhido entre Glistrup e Mai. Por que não o fez?

Porque sabia que nenhum dos dois ficaria feliz em dividir minha atenção e minha amizade com outra pessoa.

E daí? Você precisava de apenas um dos dois, certo?

Sim. Ele hesitou. Mas não teria a chance de ser seu amigo.

Tanya o encarou. *Ah, não. Você não vai botar a culpa em mim. Eu não tive nada com isso, não atrapalhei seus planos nem sua missão.*

Eu não faço tal alegação, protestou Ulavu. Foi a minha escolha. Minha decisão. Meu fracasso.

Tanya olhou para ele, com as peças do quebra-cabeças que era Ulavu finalmente se encaixando. Seu abandono pelos protoss, sua suposta rejeição pelo próprio hierarca Artanis, sua participação contínua mas aparentemente sem perspectivas no programa fantasma...

Aquela noite no Círculo de Dante, disse ela. Você falou que estava fazendo uma pesquisa. Procurava um tele, não é?

Tinha ouvido rumores recentes de que um dos que pereceram em Chau Sara tinha o dom, disse Ulavu. Acredita-se que tais poderes sejam transmitidos de geração em geração. Eu esperava localizar um parente naquele lugar.

E, em vez disso, quase lhe arrancaram a cabeça. Tanya pestanejou quando a situação no Círculo de Dante finalmente fez sentido. Ou melhor, quase perderam a própria cabeça.

Eu não teria feito mal a eles, garantiu Ulavu. Estava em Korhal IV como convidado. Jamais abusaria dessa hospitalidade.

É. Tanya respirou fundo. *Essa conversa não está encerrada, Ulavu. Nós vamos falar mais disso mais cedo ou mais tarde. Mas, neste momento, temos preocupações mais imediatas. Conte sobre a batalha principal no Ponto Focal Um, na câmara. O que aconteceu com você e Erin?*

Nós fomos atacados, assim como você, o sargento Foster Cray e o tenente Dennis Halkman. Ele indicou os curativos espalhados pelo corpo. Como você pode ver, acrescentou, abatido, as minhas

habilidades não estavam à altura dos padrões dos nerazins.

As psioliscas?

Sim. Fiquei confuso e incapaz de me concentrar. Não fosse a sua habilidade de rapidamente matar o inimigo, todos nós teríamos perecido.

O que já é motivo o bastante para ficar meu amigo, eu acho. Tanya fez uma careta para si mesma. Ela acabara de fazer piada com aquilo?

Houve mais motivos além desse, disse Ulavu com firmeza.

Sim, eu sei. Aparentemente, a piada passara despercebida. Não era a primeira vez que acontecia. *O problema é...*

— Alô? — disse uma voz hesitante.

Tanya se virou e deu com Whist parado no vão da escotilha, seus olhos dardejando entre ela e Ulavu.

— Sim? — disse a fantasma.

— Erin disse que você estava um pouco estranha — explicou-se Whist, dando um passo cuidadoso para dentro da ala. — Pensei que, já que estava de pé, podia aproveitar e ver como estava Ulavu.

Estou melhor, garantiu o protoss.

— Que bom. — Whist arqueou uma sobrancelha para Tanya. — E quanto a você?

— Estou bem — disse Tanya. Uma mentira, é claro, mas não tão grande quanto esperava. A traição de Ulavu ainda doía imensamente, mas ao menos tinham voltado a se falar. — Mas estou feliz que esteja aqui. Estávamos para entrar num assunto sério.

— Que é...?

— Por que Erin ainda está viva.

— Certo, não era *esse* o assunto que eu esperava — disse Whist. — Você quer elaborar?

Tanya gesticulou para a armadura do fuzileiro.

— As psioliscas não acabaram com você por um fio, certo?

— Mais de uma vez. — Whist deu de ombros. — A gente se acostuma.

— Quase acabaram com Dizz também. *E,* como acabo de descobrir — acrescentou ela, sentindo uma pontada de culpa —, também arrancaram o couro de Ulavu. Então como Erin escapou sem um arranhão sequer?

Whist abriu a boca... e voltou a fechá-la.

— Bem... Ulavu estava logo ali. Imagino que você estivesse protegendo ela, certo?

Tanto quando pude. Ulavu gesticulou para as ataduras. *Mas minha habilidade foi duramente reduzida naquela batalha.*

— É exatamente aonde quero chegar — disse Tanya. — Erin tinha um rifle Gauss e fez um bom estrago com ele. Mas com Ulavu meio baqueado, aquelas coisas devem ter tido várias oportunidades de acabar com ela.

— Mas não acabaram — disse Whist lentamente. — Na verdade, parece que nem tentaram. Por quê?

As psioliscas queriam que ela sobrevivesse à batalha, arriscou Ulavu. *Para que voltasse a Korhal IV.*

— Mas por quê? — insistiu Tanya. — Elas não estavam nem aí para nenhum de nós. Por que ela?

Talvez ela tenha sido infestada, sugeriu Ulavu com gravidade. *Ela se deitou no campo aberto diversas vezes. Em algumas, sem o capacete. Os esporos poderiam tê-la infestado?*

— Pouco provável — disse Whist, correndo o dedo no lábio inferior. — Infestações não são tão rápidas e nem tão fáceis. E Erin com certeza passará pela bateria completa de exames antes que deixem ela chegar perto de Korhal outra vez. Será que tem a ver com o trabalho dela? É a única exobióloga do

grupo.

— Mas isso não faria dela o *primeiro* alvo das psioliscas? — rebateu Tanya. — Se Zagara estiver escondendo alguma coisa, Erin seria a primeira a descobrir.

— A não ser que eles *não* estejam escondendo nada e a queiram viva pra confirmar — disse Whist com uma fungada. — Mas, nesse caso, por que tentar matar *qualquer um* de nós?

— Exatamente — afirmou Tanya. — Estamos sendo enganados. Precisamos descobrir qual é a jogada.

— É — disse Whist, gesticulando para os dois. — Vamos.

Para onde estamos indo?, perguntou Ulavu.

— Vamos encontrar Erin e ir até a cabine — respondeu Whist. — Se é pra discutir essa história, é melhor reunirmos todo o pessoal.

— Aí vai mais um, imperador — disse o oficial tático com apreensão. — Entrando em rota de aproximação... e agora se afastando.

Num esforço consciente, Valerian destravou os dentes. Era o quarto devorador a voar próximo ao módulo da equipe de inspeção nas duas últimas horas.

Felizmente, era também o quarto devorador a ignorá-los.

— Você tem certeza de que não jogaram ácido neles? — perguntou.

— Não entraram no raio de alcance, imperador — garantiu o oficial.

— Acho que aqueles bloqueadores psi ainda estão funcionando — disse Matt, aparecendo atrás de Valerian. — Equipamentos muito úteis. Podemos precisar transformá-los em acessórios padrão.

— Desde que ninguém queira voltar a se comunicar — destacou Valerian em tom amargo. — O que, neste momento, seria muito útil.

— Sim — concordou Matt. — O irônico é podermos dizer quando é seguro desligarem os bloqueadores, mas *apenas* quando eles desligam os bloqueadores.

Valerian olhou para o cronômetro. E ainda se passariam outros quarenta minutos até o próximo contato de hora em hora que Matt havia combinado com a equipe de Halkman. Até então, os bloqueadores permaneceriam ligados.

E talvez continuassem assim por um bom tempo. O número de zergs voadores que se aproximara da nave havia aumentado dramaticamente nas últimas horas. Halkman não desligaria os bloqueadores, mesmo se fosse o combinado no cronograma, se houvesse uma mutalisca voando ao lado deles.

Mesmo sem contato visual, ele assumia riscos toda vez que desligava os aparelhos. Ninguém sabia como um zerg voador caçava ou qual era seu alcance sensorial, o que significava que não havia como Halkman saber com certeza qual distância seria segura o bastante.

O que, pelo andar da carruagem, significava que havia uma grande chance de a equipe de inspeção permanecer incomunicável até a chegada ao Ponto Focal Três.

— Ao menos eles têm a transcrição e o relatório de batalha de Cruikshank — disse Valerian. — Eles têm tanta informação quanto nós.

— Exceto pelo pequeníssimo fato de os protoss estarem se preparando para incinerar o planeta — murmurou Matt.

Valerian ficou sério. E pelo ainda mais funesto fato de a frota da Supremacia estar se preparando para participar do ataque.

Uma das atribuições mais terríveis de um comandante é a tarefa de escolher que soldados e unidades serão enviados para morte certa. Como imperador, Valerian tinha uma responsabilidade semelhante.

Aceitara esse fardo muito antes. Mas nunca, jamais se acostumaria com ele.

Matt se aproximou um passo.

— Vim apenas informá-lo, Vossa Excelência, que a montagem do canhão Yamato segue dentro do cronograma. Ele deve estar pronto quando a equipe de inspeção chegar ao Ponto Três.

Então ele insistia naquela história de imperador Arcturus Segundo? Que assim fosse. Naquele momento, tudo que Valerian podia fazer era ignorar.

— Obrigado, almirante — disse. — Qual é a situação da equipe de evacuação?

— Estarão prontos antes do canhão Yamato — disse Matt. — Aliás, o emissor psi está preparado. Se o senhor ainda quiser usá-lo.

Valerian o encarou.

— Você não acha que devemos?

— Há claros riscos envolvidos — informou Matt. — Os técnicos dizem que deve ter um alcance de cinquenta quilômetros, então se o colocarmos a essa distância do Ponto Focal Três, deve afastar todos os zergs.

— Mas...? — antecipou-se Valerian.

— Mas nós não *sabemos* se o raio de ação se limita a cinquenta quilômetros — disse Matt. — Se for maior, pode levar ao Ponto Três outros grupos de zergs ao mesmo tempo que atrai os que já estiverem por lá. Além do mais, nunca usaram um emissor psi num planeta de zergs. Pode haver efeitos colaterais que ainda não conhecemos.

— Entendido — disse Valerian. — Mas a alternativa é deixar a equipe de inspeção por conta própria ou mandar Cruikshank e mais tropas até lá. E já vimos o que acontece quando fazemos isso.

— Vimos — admitiu Matt. — Então lançamos o emissor?

— Sim — disse Valerian. — Há um bom ponto a nordeste do Ponto Três, nos ângulos adequados ao atual vetor do módulo de transporte.

— Darei as ordens — disse Matt. Sacando o comunicador, ele se afastou.

— Duas mutaliscas detectadas, senhor — disse o oficial tático. — Em sentido perpendicular ao vetor. A projeção é que evitem o módulo de transporte por cerca de meio quilômetro.

Ele ergueu os olhos para Valerian.

— Vai funcionar, senhor — acrescentou em voz baixa. — Já vi emissores em ação. Vai funcionar.

— Obrigado, comandante — disse Valerian. — Espero que esteja certo. — Ele indicou as telas com a cabeça. — Enquanto isso, fique atento a essas mutaliscas. *Muito* atento.

O grupo parado à escotilha da cabine permanecia em silêncio enquanto Erin lia a transcrição da conversa de Valerian com Zagara, seguida pelo relatório de Cruikshank da ação no Ponto Focal Dois. Whist, que tratou de assumir o assento do copiloto assim que entraram, dividia a atenção entre escutar e observar pela capota da cabine. A paisagem abaixo parecia tranquila, mas ele não confiava nesse cenário por nem um minuto sequer.

E tampouco confiava no céu. Duas vezes durante a leitura de Erin, Dizz apontara para um devorador ou um grupo de mutaliscas a distância.

Felizmente, nenhuma das criaturas se aproximou do módulo de transporte, geralmente ficando visíveis por apenas um minuto ou dois antes de sumirem no horizonte. Mas aquela história toda deixou Whist com um gosto ácido na boca e um nó no estômago. Não tinham como saber se aqueles encontros eram fortuitos ou resultado de alguém que os observava. De qualquer forma, ser surpreendido em pleno voo não era o tipo de situação na qual quisesse ver-se envolvido.

— Certo, então isso é tudo que temos — disse quando Erin terminou. — A questão, que é a mesma

desde o começo, é o que *diabos* está acontecendo. A começar pelo que são as psioliscas e aquelas coisas dentro dos casulos.

— Parece óbvio que as psioliscas estão lá para vigiar os casulos — disse Dizz. — E também fico impressionado com o quanto são imprestáveis nisso.

— Discordo — retorquiu Tanya. — Elas quase acabaram com a gente e aprontaram feio com os protoss e a tropa de Cruikshank.

— Mas, ainda assim, perderam todos os casulos nas duas vezes — disse Dizz. — Não estou dizendo que não são terríveis. Estou dizendo que, como guarda-costas, são um zero à esquerda.

— Ainda fico me perguntando se são da mesma espécie — disse Whist. — *E* quero saber o que aconteceu com as dos casulos vazios. Ou, se os casulos sempre estiveram vazios — acrescentou, para antecipar a inevitável objeção de Erin —, por que estavam na caverna pra começo de conversa.

Zagara afirmou que toda essência xel'naga foi usada, destacou Ulavu. *Talvez os casulos vazios estivessem destinados a adostras que foram incapazes criar.*

— Por que ficaram sem essência? — Whist contraiu os lábios. — Soa como um furo de planejamento, mas acho que é possível.

— E ainda tem a questão levantada por Erin — disse Tanya. — Se as psioliscas são uma forma amadurecida das adostras, e as adostras são alguma espécie não zerg infundida de essência xel'naga...

— Espera um pouco — interrompeu Dizz. — Vejam só isso.

Ele apontou pela janela da cabine.

Whist fez uma careta. Meia dúzia de zergs voadores cruzava a rota do módulo de transporte à frente deles, em sentido nordeste.

— Tá, eles estão voando. E daí?

— Certo, eles estão voando — disse Dizz. — Estão voando a *nordeste*.

— Sim. E daí?

— E daí que todos os zergs que vi voando na última hora e meia estão seguindo nessa direção — disse Dizz. — Você acha que tem uma liquidação de gosma de primeira ou coisa parecida por lá?

— Esses zergs não comem gosma — protestou Erin. — As plantas exalam nutrientes...

— Tá, tá, eu sei — interrompeu Dizz. — Whist? O que você acha?

— Não sei — disse Whist, virando uma carranca para o zerg que cruzava o caminho do módulo. — Você disse uma hora e meia?

— Foi quando notei o padrão — disse Dizz. — Pode estar acontecendo há mais tempo.

— E sempre a nordeste?

— Sempre a nordeste.

— Do que diabos eles podem estar correndo? — murmurou Erin. — As psioliscas? Alguma outra coisa por lá?

Whist assobiou entre os dentes quando finalmente lhe ocorreu.

— Ah, droga — resmungou. — Eles não estão correndo *de* algo, Erin. Estão correndo *para* algo.

— Para...? — Dizz olhou para Whist, e o fuzileiro viu o súbito acender da lâmpada. — Ah, não. Isso não pode ser sério.

— O que foi? — perguntou Erin. — O que está acontecendo?

— Acho que Cruikshank lançou um emissor psi — disse Whist. — Que incrivelmente estúpido da parte dele.

Mas esses dispositivos não são seguros, protestou Ulavu.

— Jura? — rosnou Whist. — Desde quando segurança importa pros figurões?

— *Ou bom senso* — acrescentou Dizz.

— Certo, agora vocês estão me assustando — disse Erin. — Qual é o problema? Achei que fossem usados o tempo todo no campo de batalha.

— Eram mesmo — disse Whist. — E os figurões os adoravam, porque eram fantásticos em atrair os zergs pra longe de áreas civis.

— E também o inferno na terra para quem estava no campo de batalha — disse Dizz. — Eles não apenas concentram o inimigo numa muralha compacta de dentes e garras, como também apagam o pouco que existe de prudência no cerebrozinho dos zergs.

— Eu não achava que os zergs tivessem prudência *alguma* — disse Tanya.

Não é exatamente prudência, está mais para percepção espacial, disse Ulavu. *Em situações normais de combate, os zergs não desejam trombar uns com os outros, então mantêm algum espaço entre si. O emissor psi suprime essa percepção.*

— O professor disse tudo — confirmou Dizz. — E fosse lá o que pudéssemos ganhar com aquelas coisas correndo por cima umas das outras não valia a pena, pode confiar.

— É.

Whist arqueou as sobrancelhas para Ulavu. Fizera ao protoss uma promessa condicional, mas, se voltariam a entrar em combate, precisavam colocar aquilo em pratos limpos.

— Por falar em professores e tudo mais, tem uma coisa que Ulavu precisa contar a vocês.

— Ah, é? — perguntou Erin, voltando-se para o protoss.

Sim, admitiu Ulavu. *Fui apresentado a vocês como pesquisador. Sou algo mais.* Ele se levantou, envergando toda sua altura. *Sou um guerreiro. Para ser específico, sou um nerazim, um templário das trevas.*

Por um momento, ninguém falou. Whist olhou de rabo de olho para cada um deles, tentando ler suas reações. Erin estava atônita, com respeito e medo estampados no rosto. Dizz tinha o semblante de um homem que já tivera suas suspeitas, que agora eram meramente confirmadas. Tanya acalentava uma mágoa calada, mas não nova. Ao que parecia, Ulavu já lhe confessara seu segredo.

Whist deixou que o silêncio se alongasse, especulando quem o romperia primeiro. Previsivelmente, foi Dizz.

— Beleza — disse, enérgico. — Bem que eu fiquei me perguntando como você e Erin sobreviveram lá na caverna. Sabia que não tinha sido *eu* quem acabou com aquelas psioliscas em cima de vocês e que Whist precisaria ter feito umas belas manobras para acertar aquilo, atirando por cima do ombro. Bem-vindo a bordo. Na próxima vez, a dianteira é sua.

Tanya limpou a garganta.

— Na verdade, ainda não esclarecemos como Erin sobreviveu. Essa é uma das coisas...

E, do nada, o módulo de transporte praticamente parou com um solavanco e tombou para a direita.

Whist agarrou os braços do assento, pensando que os três de pé atrás dele deviam estar se desdobrando para encontrar no que se agarrar.

— Dizz? — chamou.

— Que diabos — soltou o exterminador, soando mais surpreso que alarmado. — Fomos agarrados.

— Fomos *o quê?*

— Temos oito mutaliscas agarradas à fuselagem — explicou Dizz com firmeza. — Não, dez. E... maldição, outras duas acabam de se atirar nos foguetes principais.

— Elas vão nos derrubar? — perguntou Erin em voz trêmula.

— Pior. — Dizz apontou pela capota da cabine com o horizonte pendendo para o lado. — Elas estão nos levando para onde todos os malditos zergs estão indo. Estão nos levando para o emissor psi.



CAPÍTULO QUINZE

— *Maldição* — rosnava Matt no intercomunicador da estação de sensores quando Valerian atravessou a ponte de comando em sua direção. — Por que diabos esses espectros ainda não decolaram?

— O que aconteceu? — perguntou o imperador, já ao lado de Matt.

— Um enxame de mutaliscas sequestrou o módulo de transporte — disse o almirante com sarcasmo. — Controle do Hangar, eu fiz uma pergunta.

Valerian sentiu um nó na garganta ao encontrar a tela certa no painel. Ele tinha imaginado que a explicação de Matt fosse alguma estranha metáfora.

Não era. Um grupo de mutaliscas havia literalmente agarrado a nave da equipe de inspeção e a tirado do curso. Pareciam estar levando...

Ele engoliu um xingamento. É claro. As mutaliscas levavam a nave para o emissor psi. Para onde convergiam todos os zergs num raio de cinquenta quilômetros.

— Temos um problema na rampa de lançamento — disse Matt entre os dentes. — Nossas naves estão presas no hangar.

— E quanto aos esquadrões de espectros em patrulha?

— Estão todos fora de alcance — disse Matt. — Ou distantes demais ou do outro lado do planeta. Não conseguiriam chegar ao módulo de transporte a tempo.

— Alguma ideia de como ou por que isso aconteceu?

Matt fez que não.

— Meu palpite é que tem algo a ver com o emissor psi ou com seja lá quem estiver controlando as psioliscas. Ou ambos.

E a Supremacia tinha controle sobre apenas um daqueles fatores.

— O tiro saiu pela culatra — disse Valerian num tom azedo. — Que seja. Desligue o emissor.

— Esse é o problema — rosnou Matt. — Não podemos.

— Não *podemos*?

— Porque não queríamos que os zergs também fossem capazes de fazer isso — disse Matt. — Então o emissor foi lacrado. E, apenas para garantir, os técnicos também o embalaram numa casamata padrão antes de lançá-lo. — Ele soltou ar entre os dentes. — Pareceu ser uma boa ideia no momento.

— Aposto que sim. — Valerian olhava para a tela. Naquele caso, restava apenas uma opção. — Qual

é a menor arma nuclear que conseguimos lançar da órbita?

Os olhos de Matt se arregalaram.

— Você quer *bombardear* o planeta?

— Apenas aquela pequena parte — garantiu Valerian. Ele se voltou para o oficial de comunicações.

— Informe o hierarca Artanis que lançaremos uma arma nuclear — ordenou. — Apenas uma, como parte de uma missão de resgate. Isso *não* deve ser visto como a abertura de operações em larga escala contra o planeta. Certifique-se de que ele entenda isso.

— Sim, imperador — disse o oficial, claramente pego desprevenido mas recebendo a ordem com firmeza.

— Então contate a super-rainha Zagara — acrescentou Valerian. — Transmita a mesma mensagem e diga que falarei diretamente com ela em alguns minutos.

— Sim, imperador.

Ele se voltou para Matt.

— Almirante?

— Temos um míssil tático de dez quilotons — disse Matt. — Geralmente de uso em solo ou ar-ar, mas ele deve sobreviver à entrada.

Valerian fez um rápido cálculo mental. Se conseguissem acertar o alvo rápido o bastante, o módulo de transporte estaria fora do raio de ação e até mesmo das rajadas de vento periféricas.

— Prepare o míssil. Lance-o ao meu comando.

— Sim, senhor.

Valerian voltou a se dirigir ao oficial de comunicações.

— Alguma resposta?

— Do hierarca Artanis, imperador. Ele expressou reservas a esta ação, mas concordou em não interferir. — O oficial torceu os lábios. — A super-rainha Zagara não está respondendo ao sinal.

Valerian franziu a testa.

— Ela se recusa a nos atender?

— Não, imperador... simplesmente não há resposta — disse o oficial. — O transceptor que ela vinha usando ainda registra funcionamento, mas ninguém responde às nossas chamadas.

— Isso não é bom — murmurou Matt. — Você acredita que ela tomou conhecimento dos nossos planos e está se preparando para fugir?

— Exiba as imagens daqueles sete leviatãs — ordenou Valerian ao oficial tático. — Ainda estão no solo?

— Sim, imperador — confirmou o oficial.

— E não vimos ninguém embarcar neles?

— Não, imperador. Mas há nuvens e névoa lá embaixo, e o contato visual nem sempre é perfeito.

— Também pode haver túneis — murmurou Matt.

— Sim — murmurou Valerian de volta. E se Zagara e suas mães de casta se preparassem para fugir...

— Uma coisa de cada vez. O míssil está pronto?

O oficial tático consultou uma de suas telas.

— Sim, imperador.

Valerian olhou para Matt. O rosto do almirante estava impassível, sem trair qualquer emoção. Será que discordava?

Provavelmente. Era bem capaz que visse aquilo como o tipo de coisa brutal que o pai de Valerian teria feito.

Mas não importava o que ele pensava. A equipe de Halkman ainda era a maior esperança da

Supremacia de descobrir o que estava acontecendo antes que fossem forçados a destruir o planeta. Valerian não desistiria da equipe sem lutar.

— Obrigado. — Ele respirou fundo, pensando se viveria para arrependê-lo. — Almirante Horner, lance o míssil.

O baque súbito no módulo de transporte tirou completamente o equilíbrio de Tanya, mandando ela e Erin na direção de um painel cheio de botões e interruptores na lateral direita da cabine. Erin, que estava meio metro à frente de Tanya, agitava as mãos freneticamente em busca de apoio, provavelmente alheia ao fato de que, seja lá o que fizesse, Tanya ainda assim trombaria com ela em uma fração de segundo depois.

E então, quando Erin conseguiu agarrar o braço da poltrona de Whist e Tanya se preparava para o impacto, a mão de Ulavu se fechou como uma chave inglesa em seu braço e a puxou dolorosamente.

Você está bem?

Estou bem, disse Tanya, tentando escutar o que Whist e Dizz gritavam entre si. O módulo de transporte sacudia para todos os lados, com o tenente tentando recuperar o controle.

Mas era uma luta praticamente perdida. Havia mutaliscas demais, seu peso combinado era enorme e aquelas coisas os agarravam com uma força titânica. E com os foguetes principais inoperantes, Dizz não tinha potência suficiente para libertar a nave.

Ulavu chegou à mesma conclusão. *Eu cuidarei delas*, disse, puxando Tanya até uma alavanca. *Seu propulsor está preparado, tenente Dennis Halkman?*

— Sim, está — gritou Dizz acima do rugido agudo dos pós-combustores enquanto tentava soprar as mutaliscas dos foguetes. — E não, você não vai usá-lo. Whist, está vendo esse controle aqui?

Não há escolha, insistiu Ulavu. *Eu posso ir até a mutaliscas e matá-las.*

— Não com um propulsor projetado para uma armadura de exterminador — insistiu Dizz de volta. — Whist, isso é o piloto automático. Acione quando nos livrarmos das mutaliscas.

— E como é que eu vou saber que se livraram delas? — perguntou Whist.

— Vamos provavelmente começar a despencar como uma pedra — disse Dizz, desligando os pós-combustores e desafivelando os cintos. — Quando isso acontecer, não perca tempo admirando a paisagem. Erin, venha até aqui e afivele os cintos. — O olhar dele cruzou com o de Tanya, e Dizz fez um seco gesto de cabeça. — Vamos, piropata. Acione esse visor e vamos fritar uns zergs.

O módulo de transporte praticamente não sacudia mais quando Dizz terminou de vestir o traje e o propulsor. Mas uma rápida espiada para fora quando começaram a descer a rampa mostrou que ainda seguiam na direção do distante emissor psi.

— Certo — soou a voz de Dizz nos fones de ouvido acima do vento esgoelante. — Não temos tempo para cabos de segurança, então vou precisar carregar você à moda antiga.

— Certo — disse Tanya piscando os olhos. Ela não *exatamente* tinha medo de altura, mas ser carregada mil metros acima do solo por alguém que mal conhecia não era um cenário tentador.

— E já que você não precisa carregar uma arma, e eu não confio na minha força — continuou Dizz — vamos ficar frente a frente para um se agarrar ao outro. Tudo bem?

— Claro — disse Tanya, sentindo-se um pouco melhor. Ao menos assim teria algum controle da situação. — Não recebo um bom abraço há semanas.

— Duvido que isso conte.

Depois de ficar de frente para ela, Dizz se curvou um pouco e ofereceu o peito da armadura. Tanya o envolveu pelos ombros, e ele a abraçou pelas costelas.

— Pronta? Vamos nessa.

E com um rugido das turbinas do propulsor, ele os lançou do fundo do módulo de transporte para o céu aberto.

As mutaliscas eram zergs voadores com asas de morcego do tamanho de *mechs* médias e postura curvada que sempre fazia Tanya pensar em marimbondos gigantes voando com o ferrão para frente. Também estavam entre os zergs voadores mais velozes, e Tanya havia temido que pudessem deixar para trás o propulsor de Dizz.

Mas não precisava ter se preocupado. Ocupadas com o peso da nave e talvez com os bloqueadores psi interferindo em sua velocidade, as mutaliscas se arrastavam num passo muito mais lento que o de costume, semelhante ao de uma corrida devagar de um terrano. Dizz manobrou até ficarem acima e atrás do módulo de transporte e em seguida girou para dar a Tanya visão desimpedida dos alvos.

Então, a carnificina começou.

Primeiro ela acertou as duas que bloqueavam os propulsores, observando com cruel satisfação quando ficaram rijas, relaxaram e despencaram em silêncio para a floresta abaixo com o coração e os pulmões carbonizados. Em seguida, passou a trabalhar da popa à proa, torcendo para que a interferência do bloqueador psi na comunicação das mutaliscas as impedisse de notar o que estava acontecendo.

Já tinha matado cinco das doze quando as outras finalmente perceberam a ameaça. Duas se desprenderam da fuselagem, deixando o módulo de transporte precariamente a cargo das outras, e se lançaram contra os agressores.

Tanya trincou os dentes, concentrando o poder na da esquerda. Percebeu um movimento atrás da mutalisca.

— Dizz, *mergulhe!* — gritou.

O exterminador obedeceu sem perguntas, desativando as turbinas e fazendo ambos despencarem rumo ao solo. Em reação, as duas mutaliscas mudaram de curso para mergulhar atrás das presas...

E desviaram com guinadas bruscas quando Ulavu, precariamente agachado no fundo aberto do módulo e com o rifle de Tanya nas enormes mãos alienígenas, desajeitadamente atirou nelas com munição antiblindagem. Conforme batiam furiosamente as asas, tentando recuperar altitude, Tanya acabou com as duas. Ouviu-se um guincho ensurdecido, e outras duas mutaliscas largaram o módulo de transporte e se juntaram ao ataque.

Foi um erro. A nave sacudiu de lado, seu peso agora grande demais para os zergs restantes. Enquanto as mutaliscas tentavam recuperar o controle, os foguetes subitamente soltaram labaredas, e o módulo se libertou.

— Não, não, não — gemeu Dizz. — Que diabos, Whist, não mexa nos controles. Só ligue o piloto automático.

— Estou tentando — respondeu a voz tensa do sargento. — E nada; elas devem ter quebrado alguma coisa. O que me diz de voltar correndo pra cá?

Dizz praguejou, inclinando o corpo para a frente, e Tanya o apertou com mais força quando ele acelerou as turbinas do propulsor.

— Tudo bem, estamos a caminho. Cuidado... o nariz do módulo está meio baixo. Aperte o manche e o puxe alguns milímetros. Eu disse *puxe* alguns milímetros.

— E eu puxei — disse Whist. — Também não está respondendo.

— Elas devem ter injetado pestes morfélicas — murmurou Dizz. — Que devem ter entrado nos controles dos motores gravitacionais e dos foguetes. — Abruptamente, ele subiu a toda. Tanya quase acabou se soltando, mas Dizz a apertou até ela ajeitar os braços. — Certo, estou olhando o que temos em solo — disse. — Parece que há uma pequena clareira logo à frente. Mire nela.

Seguiu-se outra rajada dos foguetes, e o módulo de transporte avançou aos trancos e barrancos.

— E *desligue* os malditos foguetes — acrescentou, impaciente. — A manete do acelerador principal fica entre os assentos...

— Tá, tá, já entendi — disse Whist. — Alguma ideia de como desacelerar sem foguetes ou gravs?

— Você está prestes a fazer amizade com as árvores — disse Dizz. — E ainda tem um pouco de grav, então comece acertando as copas, a no máximo três ou quatro metros. Quando começar a frear, desça um pouco para pegar os galhos mais fortes. Use os pedais para subir um pouco o nariz. Com sorte, isso vai reduzir a velocidade o suficiente para vocês descerem tranquilamente até a clareira.

— E se não reduzir?

— Aí vocês vão virar uma escavadeira — disse Dizz sem rodeios. — Aperte bem os cintos e torça para os cretinos que construíram essa banheira terem levado o trabalho a sério. Ah, e diga a Ulavu... — Ele fez uma pausa. — Onde está Ulavu?

— Voltou para dentro — disse Tanya. — Entrou depois que terminei com as mutaliscas.

— Ah. Certo. Não percebi. Enfim, diga a Ulavu para sentar e apertar bem os cintos também.

— Feito — disse Whist. — Mais alguma coisa?

— Nada pra que nenhum de nós tenha tempo — disse Dizz. — Boa sorte.

— Não há nada que possamos fazer? — murmurou Tanya.

— Como eu disse, não temos tempo — insistiu Dizz, a voz carregada de tensão. — Mesmo se conseguíssemos alcançá-los, eu não chegaria até a cabine. — Ele fez uma pausa. — A propósito, belo trabalho com as mutaliscas.

— Obrigada — disse Tanya. Considerando que o módulo de transporte estava à beira da destruição, aquele heroísmo todo parecia ter sido por nada.

E então ela percebeu um brilho súbito à direita. Tanya virou a cabeça e viu um ponto de luz esvanecendo no horizonte. Franzindo a testa, acionou o amplificador óptico do visor.

Erguendo-se acima da luz cambiante, havia uma pequena nuvem em forma de cogumelo.

— Epa! — disse Dizz. — A liquidação deve ter acabado.

— Que liquidação? — perguntou Tanya, tentando entender o brilho e a nuvem. Uma explosão nuclear, claro. Mas desde quando zergs usavam armas nucleares?

— A liquidação de gosma de primeira que mencionei mais cedo — disse Dizz. — Eles não estão mais voando para aquela direção.

Tanya olhou em volta. Havia três zergs voadores entre eles e o horizonte, mas nenhum voava a nordeste.

E então ela entendeu.

— Eles explodiram o emissor psi com uma arma nuclear.

— Eles... epa, *o quê?*

— Acabo de ver uma detonação nuclear bem onde achamos que está o emissor — disse Tanya, com um gesto de cabeça naquela direção. — A questão é: quem fez isso? Nós ou os zergs?

— Devemos ter sido nós — disse Dizz. — Os zergs não usam tecnologia. Bem, nós ou os protoss. Qual é, Whist. Qual é...

Tanya voltou a olhar para o drama que se desenrolava abaixo. O módulo de transporte passava por entre as árvores, exatamente como instruído por Dizz. E visivelmente perdia velocidade, a ponto de os dois expectadores começarem a conseguir se aproximar.

Ela prendeu a respiração. A nave perdia velocidade, mas não depressa o bastante.

— Ainda está rápido demais, Whist — alertou Dizz. — Você precisa descer mais. Não se preocupe em arranhar a pintura.

— Não consigo — disse Whist. — Os gravs não estão obedecendo.

Dizz praguejou entre os dentes.

— Estão desligue — disse.

— Como é?

— Desligue os gravs — repetiu o exterminador. — A alavanca principal fica em frente ao acelerador... gire a alavanca noventa graus em sentido horário e puxe para trás.

— Dizz...

— Você vai pousar de barriga de qualquer forma. Mas precisa estar na clareira quando isso acontecer.

— Maravilha. Certo, lá vai...

O módulo de transporte mergulhou abruptamente e, mesmo com o barulho do vento, Tanya conseguiu ouvir os ruídos ainda mais altos de madeira se partindo quando a nave passou a abrir caminho pelos galhos mais fortes. Ainda estava a cinco metros do solo quando atravessou as últimas árvores e disparou clareira adentro. Tanya mordeu o lábio quando o módulo caiu feito uma pedra, bateu no chão e deslizou pela superfície irregular. Ela prendeu a respiração...

O módulo de transporte já chegava na outra linha de árvores quando enfim quicou e girou até parar.

— Whist? — chamou Dizz, hesitante.

— É, estamos bem — disse o fuzileiro. — Erin? Ulavu? É, todo mundo bem. Mas não acho que essa coisa voltará a voar.

— Não me diga — disse Dizz. Tanya conseguia ouvir o alívio em sua voz. — Certo, comecem a botar pra fora tudo que possamos precisar. Aquelas pestes morféticas ainda estão aí por dentro, e não queremos que roam as C-14s reserva.

— Certo. Vamos cuidar disso.

Bem alto na lista de coisas que todo coronel sabia que não devia fazer estava não interromper a conversa de um almirante. Ainda mais alto quando o almirante em questão conversava com um velho amigo.

E mais alto ainda quando o velho amigo era o imperador.

Então Cruikshank esperava com toda paciência enquanto os dois homens papeavam em frente ao painel do oficial tático.

É claro, considerando que discutiam as possíveis consequências de um ataque nuclear tecnicamente imotivado a um planeta tecnicamente pacífico, ele estava mais que disposto a dar-lhes o tempo e o espaço de que precisassem.

O diálogo logo perdeu embalo, e Cruikshank deu os dois últimos passos necessários para entrar no raio de conversação.

— Almirante?

O almirante Horner levantou o olhar para ele.

— Sim, coronel, o que foi?

— Quando tiver um momento, senhor — disse Cruikshank. — Eu gostaria de discutir a próxima missão do meu grupo.

O almirante e o imperador se entreolharam. Provavelmente se perguntando qual dos dois autorizara ao menos o planejamento de uma nova missão em solo.

— Prossiga — disse Horner.

— Conversei com o comandante Rahas, na nave-mãe protoss. Nossa conclusão foi...

— Quem o autorizou a falar com os protoss? — interrompeu Valerian.

— Ninguém, imperador — disse Cruikshank, empertigando-se por reflexo. — Foi por minha própria iniciativa. Não houve nada de oficial nessas conversas... apenas dois soldados trocando notas.

— E o comandante Rahas é...?

— O comandante-chefe da força de terra do hierarca Artanis — explicou Cruikshank. — Era o subcomandante de Sagaya antes do fiasco do Ponto Dois.

O lábio de Valerian podia ter torcido quando ouviu a palavra *fiasco*, mas ele apenas assentiu.

— Prossiga.

— Sim, imperador. — Ao menos o imperador não crescera para cima dele do nada como fora do feitio do pai dele, às vezes. — Nossa conclusão foi que, como o senhor antecipou, o emissor psi certamente afastou muitos zergs do Ponto Três. Já que os zergs voadores são mais rápidos que os terrestres, a maioria dos voadores deve ter chegado primeiro, o que sugere que o míssil nuclear que acabamos de detonar deve ter acabado com boa parte deles...

— Essa também foi a nossa conclusão — concordou Horner. — Algo mais?

— Sim, senhor — disse Cruikshank. — Agora que o emissor foi destruído, nós imaginamos que seja lá quem estiver controlando esses zergs vai mandá-los de volta para proteger o Ponto Três. Se o módulo de transporte não tivesse sido atacado, a equipe conseguiria chegar bem antes que a maioria. Agora, com a equipe a pé, será uma corrida. — Ele contraiu os lábios. — O que é motivo o bastante para que sejam atacados.

— Não seria uma corrida se mandássemos outro módulo para transportá-los naqueles últimos trinta quilômetros.

— Sim, podemos fazer isso, imperador — disse Cruikshank. — O problema que vejo tem dois lados. Primeiro, mandar qualquer coisa lá para baixo trairá imediatamente a localização da equipe, o que dará ao inimigo a chance de preparar emboscadas ao longo do caminho. Nesse momento, com os bloqueadores psi acionados, eles estão bem menos expostos. Segundo, nós já vimos o quanto um módulo de transporte é vulnerável a ataques aéreos.

— Podemos mandar alguns espectros para escoltá-los — disse Horner.

— Não fosse o fato de Gystt ter muito mais mutaliscas dos que nós temos espectros — murmurou Valerian. — E nem todas morreram na explosão. Então, coronel, você sugere mantermos a equipe de Halkman a pé?

— Sim, imperador — disse Cruikshank. — Vai demorar mais, mas eles têm trajes de combate e as imagens não indicam nenhum ferimento grave. E repito, neste momento, eles estão mais ou menos invisíveis para os zergs locais.

— Ou ao menos mais difíceis de identificar — disse Valerian. — Mas, como você mesmo disse, eles agora estão numa corrida contra os zergs que voltam para montar guarda. Imagino que tenha alguma sugestão.

— Damos um refresco para eles — disse Cruikshank. — Com isso quero dizer montarmos uma barreira de soldados, *mechs* e protoss em solo, a cerca de quinze quilômetros do Ponto Três, na rota por onde os zergs estão voltando. Nós podemos conseguir segurá-los tempo o bastante para a equipe de Halkman entrar e recolher as amostras de que precisamos.

— Você acaba de dizer que os zergs veriam qualquer módulo de transporte que mandarmos — lembrou Valerian.

— Sim, mas nós não contamos — disse Cruikshank. — Não importa se souberem onde estamos, já que desceremos lá para lutar, de qualquer forma. E não voaremos na horizontal, então eles terão menos tempo para reunir voadores o bastante para nos prejudicar.

— Havia muitos zergs a caminho do emissor — alertou Horner. — Se todos estiverem sob controle

do inimigo, serão um prato cheio para sua equipe.

Cruikshank deu de ombros.

— É para isso que somos pagos, senhor.

— De que tipo de terreno estamos falando? — perguntou Valerian.

— Essa é a grande questão, imperador. — Cruikshank pegou sua prancheta eletrônica e carregou a vista aérea. — É uma seção de campos entre duas áreas de mata fechada. Boa visibilidade. O inimigo se aproximará de nós em campo aberto e não conseguirá nos emboscar. Fica situado entre um rio de águas rápidas e um charco a sudeste e esses penhascos ao norte.

— Pela escala, a área tem cerca de oitocentos metros de largura — destacou Horner. — É bastante território para ser monitorado por quarenta fuzileiros.

— Eu também levaria o segundo Cão de Guerra e quantos golias o senhor puder dispensar da defesa da esquadra — disse Cruikshank. — E Rahas disse que eles podem enviar dez templários e dez nerazins, além de uma ou duas sentinelas para dar cobertura aos homens em solo. E que provavelmente pode conseguir duas fênix, que dariam suporte aéreo.

— Isso ainda nos deixa com treze metros para cada fuzileiro e guerreiro protoss — insistiu Horner. — A situação é ainda pior, na verdade, já que a infantaria protoss não usa armas de longo alcance e provavelmente precisará se concentrar para defender sua seção da linha. Seja como for, se forem atacados por um enxame, não vejo como vocês conseguirão evitar ser sobrepujados.

— Nós damos conta, senhor — insistiu Cruikshank. — Enfim, não há outro ponto adequado por dez quilômetros nos dois sentidos. A maior parte do restante da área é de mata fechada, o que limita nosso poder de fogo. E como o rio faz uma curva mais ao sul, seria uma linha de batalha grande demais para cobrirmos.

— E se vocês seguissem direto para o Ponto Três? — perguntou Valerian.

— Temo que isso aproximaria demais as coisas — disse Cruikshank. — Se a equipe de Halkman sofrer atrasos, eles podem se ver bloqueados por uma batalha. E nós *precisamos* que cheguem ao Ponto Três, porque, a não ser que o senhor envie a dra. Cogan com o nosso grupo, ninguém além da dra. Wyland sabe como coletar as amostras que o senhor quer.

Ele tocou na tela da prancheta eletrônica.

— Essa é a nossa melhor aposta para atrasar os zergs tempo o bastante para que a equipe de inspeção colete as amostras.

Valerian e Horner se entreolharam, e Cruikshank sentia que ali havia uma conversa não verbal.

— Essa força protoss — disse Valerian, voltando a se dirigir a Cruikshank. — Isso são apenas números hipotéticos levantados por você e Rahas ou o hierarca Artanis deu luz verde para se juntarem a nós?

— Rahas aguarda sua aprovação antes de abordar o hierarca, imperador — disse Cruikshank. — Mas garantiu não ter dúvidas de que ele autorizará a ação.

Outra vez, Horner e Valerian trocaram um olhar.

— Você tem bons argumentos, coronel — disse Valerian. — Apenas uma pergunta: por quê?

Cruikshank franziu a testa.

— É como eu disse antes, imperador. É o nosso trabalho.

— Não por que você está disposto a arriscar a vida pela missão da equipe de inspeção — disse Valerian. — Mas por que pediu aos protoss para participarem da operação. Eu tinha a impressão que não gostasse deles.

— E que certamente não confiasse neles — acrescentou Horner.

Cruikshank sentiu seus lábios torcerem.

— Permissão para falar francamente, senhor?

Valerian assentiu.

— Vá em frente.

— Vocês têm razão; eu não gosto e nem confio nos protoss — disse Cruikshank. — Mas o que vi no Ponto Dois, o que as psioliscas fizeram com eles e a rapidez com que fizeram, foi de gelar a espinha. Precisamos pôr um fim naquilo e precisamos fazê-lo aqui, ou a guerra vai recomeçar. Nós não aguentaríamos. Não tenho homens nem *mechs* para deter os zergs sozinho. Os protoss também não. É simplesmente assim que funciona a lógica do combate.

— Muito bem colocado, coronel — disse Valerian. — Muito bem. Contate Rahas e informe que mandaremos você e tudo que pudermos dispor da defesa da esquadra. Então reúna sua equipe e se apresente quando estiver pronto.

— Sim, imperador. — Cruikshank fez um gesto de cabeça para Horner. — Almirante.

Ele fez menção de se virar...

— Mais uma coisa, coronel — disse Valerian. — Você pediu permissão para falar francamente, mas não ouvi nada que pudesse ser visto como impróprio ou inapropriado. Por que o pedido?

Cruikshank fez uma careta.

— Eu admiti que senti medo, imperador. A política militar oficial da Supremacia é de que *nunca* sentimos medo.

— Ah — disse Valerian, com um leve sorriso nos lábios. — Bem-vindo ao mundo real, coronel.

— Obrigado, imperador — disse Cruikshank, contido. — Na verdade, já vivo aqui há algum tempo. Com licença; tenho ordens a cumprir.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Erin só percebeu a dor na lateral do seu corpo quando tentou levantar o tanque de combustível do lança-chamas e algo pareceu estalar. Ela conseguiu arrastar a coisa para fora de qualquer forma, mas dali em diante a dor ficou progressivamente pior.

Até que Whist acabou notando.

— Algum problema? — perguntou ele, colocando o armário de rifles Gauss ao lado do tanque de combustível.

— Estou bem.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— No jargão dos fuzileiros, *estou bem* geralmente quer dizer *bem uma ova*. Vamos, não temos tempo para joguinhos.

— Não é nada — disse ela. — Só uma dor aqui do lado.

— Onde? — Ele tocou a armadura dela abaixo do braço. — Aqui?

— Um pouco mais baixo.

— Ah. — Whist olhou em volta. — Dizz? Temos uma costela quebrada.

— Está ruim? — respondeu o exterminador. — Você consegue andar?

— Sim, é claro — disse Erin. — Estou bem. Sério.

— Bom saber. — Whist apontou para uma árvore grande no limite da clareira. — Sente-se ali. Vamos tirar o resto das coisas.

— Eu posso ajudar.

— Você pode ajudar ficando sentada — insistiu Whist com firmeza. — Não temos tempo para examinar de perto e provavelmente não temos a bordo nada melhor que o macacão de compressão da CMC, de qualquer forma.

— Sim, senhor — disse Erin, suspirando. Sendo bem honesta, uma pequena pausa provavelmente ajudaria, sim.

Ela se acomodou debaixo da árvore indicada. Era bem constrangedor ficar à toa enquanto os outros trabalhavam. No entanto, Whist estava no comando e lhe dera uma ordem.

Por outro lado, o descanso chegaria a um fim rápido e violento se algum zerg a visse. Será que ainda estava dentro da zona mágica de “invisibilidade” dos dois bloqueadores psi?

Ela esperava que sim. Não carregava uma arma desde a caverna do Ponto Um, na ocasião de suas tentativas de usar o rifle Gauss de Whist. Como Tanya dissera mais cedo, ela tivera sorte de sair viva daquilo.

Então *por que* saíra viva?

Eles acabaram não respondendo àquela pergunta. A própria Erin evitava pensar nisso. Por sorte, vira-se com a mente bem ocupada na última hora.

Mas agora que estava ali sentada, não tinha mais desculpas.

Por que ainda estava viva? Teriam os zergs a medido de cima a baixo, notado que ela era a mais inofensiva e decidido concentrar-se primeiro nos outros?

Não, aquilo não fazia sentido. Não quando um par de golpes de garras afiadas como navalhas poderia ter rasgado sua armadura e acabado com sua vida em dois tempos. No mínimo, aquelas garras podiam ter arrancado o braço que segurava a arma e garantido *sem sombra de dúvida* que ela ficaria inofensiva. Com certeza, um dos zergs poderia ter se permitido o meio segundo que o gesto levaria.

Seria porque era exobióloga? Whist havia sugerido aquilo. Mas Tanya prontamente descartou a ideia. A não ser que dentro dos casulos houvesse pistas sobre as adostras pensadas para enganar exobiólogos e ninguém mais...

Ela soltou uma fungada, sentindo uma nova pontada nas costelas. Certo. *Ninguém* preparava armadilhas *tão* sutis.

Além do mais, fora ela quem primeiro levantara a questão de como as psioliscas e as adostras estariam relacionadas. Se fosse aquele o grande segredo, já estava fora da cartola e teria justificado que ela fosse o *primeiro* alvo da equipe de inspeção.

Ela percebeu um movimento e, ao olhar para cima, viu outra dupla de mutaliscas esvoaçando pelo céu. Tensa, Erin se perguntou se teriam sido mandadas para terminar o trabalho que a primeiro bando tinha começado. Ela as observou, pronta para gritar um alerta se fizessem uma curva e mergulhassem.

Para seu alívio, ambas seguiram em frente sem ao menos uma pausa. Talvez objetos no solo não despertassem interesse, ao menos àquela altura. Apenas quando havia intrusos em seu território elas se sentiram incomodadas a ponto para atacar.

Apenas quando havia intrusos em seu território.

Pensou naquilo por um longo momento, fritando o cérebro para tentar encontrar a lógica. Ela acessou o relatório de Cruikshank e o leu outra vez. E pensou um pouco mais naquilo.

Então, depois de cuidadosamente se pôr de pé, atravessou a clareira até onde os outros trabalhavam.

Whist ergueu os olhos quando ela se aproximou.

— Achei que tivesse dito pra você ficar sentada.

— É, você disse — confirmou ela. — Tenho uma pergunta.

Devia ter sido algo em seu tom, porque os quatro pararam o que estavam fazendo.

— É importante? — perguntou Whist.

— Muito importante — assegurou Erin. — Você lembra o que Dizz disse sobre as psioliscas serem péssimas guarda-costas dos casulos?

— Claro — disse Whist.

— E que Tanya apontou que elas só perderam por falta de sorte e circunstâncias inesperadas?

— Claro outra vez.

— Ela estava enganada — disse Erin baixinho. — Não foi falta de sorte. Foi deliberado.

Explique, disse Ulavu.

Erin engoliu seco.

— A batalha no Ponto Focal Dois. As psioliscas já tinham matado a maioria dos protoss e tentavam

tirar os casulos da caverna. A única coisa que as deteve foi a chegada da equipe do coronel Cruikshank.

— De acordo com Cruikshank, de qualquer forma — disse Whist. — Ele estava enganado?

— Não do ponto de vista dele — disse Erin. — Mas podemos pensar diferente. Vejam, havia mutaliscas na batalha. Eu conferi. Elas atacaram enquanto as forças da Supremacia tentavam salvar os protoss. Mutaliscas como as que nos atacaram e derrubaram nosso módulo de transporte.

Ela apontou para o céu.

— Então por que elas não tentaram fazer o mesmo durante a descida das forças da Supremacia?

Whist e Dizz se entreolharam.

— Estávamos voando na horizontal — disse o exterminador sem muita certeza. — As naves da Supremacia desceram na vertical. Isso dificultaria a interceptação.

— Mas elas atacaram o ônibus espacial protoss durante a descida — salientou Tanya. — Destruíram o amplificador psiônico, lembram?

— E nem ao menos tentaram deter os módulos de transporte — disse Erin. — No relatório, não há nenhuma referência a ataques antes do desembarque das tropas e *mechs*.

— Elas estavam carregando os casulos — murmurou Tanya. — Desmontá-las da estrutura base de nutrientes não deve ter sido fácil. Devem ter começado bem antes da chegada de Cruikshank.

— Enquanto já estavam arrancando o couro dos protoss — disse Whist. — Então por que tirá-los dali?

— Isso não faria sentido? — perguntou Erin.

Não, disse Ulavu. As rampas e voltas internas são ótimos pontos de estrangulamento. Uma estratégia bem melhor para as psioliscas teria sido conter e cercar os invasores.

— Ainda mais porque estavam vencendo — disse Whist. — Espera um minuto. O disruptor protoss. Já estava dentro da caverna, pronto pra ser detonado. Será que foi por isso que tentaram mover os casulos?

Para começar, a entrada do disruptor na caverna jamais deveria ter sido permitida, disse Ulavu. Mesmo que as mutaliscas não conseguissem deter os módulos de transporte terranos, certamente seriam capazes de interceptar o disruptor e mantê-lo do lado de fora.

— Diabos — murmurou Dizz. — Estamos dizendo o que eu *acho* que estamos dizendo?

— Estamos dizendo que você tinha razão — disse Whist. — As psioliscas não estão guardando os casulos. Estão tentando fazer com que sejam destruídos.

— Não apenas destruídos — disse Tanya com gravidade —, mas destruídos por *nós*. — Ela apontou para o céu. — Por isso as mutaliscas não voltaram e terminaram o trabalho aqui. Elas *querem* que cheguemos ao Ponto Três para que possamos destruir os casulos para elas.

— Ou querem que cheguemos ao Ponto Três e acabemos mortos, incitando a Supremacia a destruir os casulos — disse Whist. — Não deve fazer grande diferença pra elas.

— E *mais*: destruí-las sem que ninguém consiga as amostras que provam que as adostras e as psioliscas não são formas da mesma espécie — disse Tanya. — Por isso estavam movendo os casulos no Ponto Dois e permitiram a entrada do disruptor. Elas concluíram que precisavam fazer Cruikshank acreditar que deixariam a caverna. Caso contrário, não conseguiriam fazê-lo destruir o lugar.

— E é por isso que estou viva — disse Erin com um desagradável calafrio subindo pela espinha. Ela torcia desesperadamente que fosse uma falha no seu raciocínio, algo que os outros perceberiam. Só que não perceberam. — Depois que matassem vocês no Ponto Um, elas precisavam de alguém que voltasse correndo para a Supremacia e contasse o quanto as psioliscas são terríveis. Esse alguém seria eu.

— Porque você era a mais inofensiva — murmurou Dizz.

— E porque você teria visto as mesmas marcas nas costas das psioliscas e das adostras e, com sorte,

chegaria à conclusão a que queriam que chegasse — disse Tanya. — Elas provavelmente concluíram que você devia ser mais atenta a esse tipo de coisa que o resto de nós.

— Eu me pergunto como eles conseguiram fazer as mesmas marcas em ambas — disse Dizz.

Ele que criou as psioliscas deve ter manipulado a genética para conseguir precisamente tal resultado, disse Ulavu.

— *Ele?* — perguntou Whist.

— Ulavu quer dizer Abathur — disse Erin. — Só pode ser ele por trás disso. Até mesmo Zagara lhe deu crédito pela criação das adostras.

— Mas também disse que ele é leal ao Enxame — lembrou Whist. — E isso não exatamente soa como lealdade para mim.

— A não ser que a própria Zagara esteja por trás de tudo — disse Tanya.

— Espero muitíssimo que não — disse Dizz. — Porque, se for, ela tem o planeta inteiro sob controle.

— E, nesse caso, estamos totalmente ferrados — disse Whist.

— Ou *ela* está — rebateu Tanya. — Porque a Supremacia e os protoss unidos têm poder de fogo suficiente para voltar a transformar esse lugar numa bola de cinzas orbitante.

— Talvez seja exatamente isso que alguém deseja — sugeriu Erin.

Mas isso não faz o menor sentido, contestou Ulavu. *Quem se beneficiaria da destruição de Gystt?*

— Quem sabe? — disse Whist. — Outro grupo de zergs, uma facção protoss dissidente, talvez a maldita Sarah Kerrigan em pessoa. E, a propósito, simplesmente *ter* poder de fogo não garante nada. Não esqueçam que Zagara tem sete leviatãs à disposição, pra não falar em vai saber quantos flagelos e devoradores que pode mandar pra cima de nós.

— Não importa — disse Tanya com firmeza. — Não essa parte. Não para nós, de qualquer forma. O que acontece lá em cima é problema de outras pessoas. Nosso problema é chegar ao Ponto Três e conseguir as amostras que devem provar se estamos certos ou apenas cuspendo contra o vento. — Ela olhou para Ulavu, e Erin teve a sensação de que os dois compartilhavam algo profundo e particular. — E nós somos tudo o que temos — acrescentou a fantasma. — Então, vamos botar essas coisas nas costas e ir andando.

— Com *nas costas* você quer dizer basicamente *nas costas do Whist* — disse Whist contrariado.

— Não é culpa nossa que apenas você e Erin estejam usando CMCs — retrucou Dizz. — Vocês acham bom informarmos Cruikshank sobre tudo isso?

— Desligar os bloqueadores psi não é exatamente uma boa ideia — protestou Whist, relutante, olhando em volta —, mas... sim, esse talvez seja o momento e o lugar.

— Será que você ou Dizz não poderiam se afastar um pouco e desligar apenas um bloqueador? — sugeriu Tanya. — Para nem todos ficarmos expostos.

— Não faz diferença — disse Whist. — Os zergs provavelmente não tiraram o olho do local do acidente, então já devem saber que estamos aqui.

— O que significa que, para variar, desligar os bloqueadores não vai revelar nada de novo para eles — acrescentou Dizz. — Então o plano é desligar os dois bloqueadores, transmitir um relatório rápido, religar os aparelhos e seguir para o Ponto Três?

— Isso — disse Whist. — Depois que formos embora, eles podem martelar o módulo de transporte até dizer chega. — Ele mexeu em algo dentro da armadura. — Certo, o meu está desligado. Você fala ou eu falo?

— Eu falo — disse Dizz, mexendo na armadura. — Halkman para *Hipérion*. Halkman para *Hipérion*.

— Algum problema? — perguntou Tanya.

— Não estou conseguindo contato — disse Dizz. — Ah. Droga.

— O quê? — perguntou Dizz.

— O amplificador de sinal do módulo de transporte está com algum problema — disse Dizz. — Provavelmente as pestes morféticas também.

— Achei que nossos trajes tivessem energia o bastante — disse Erin.

— E têm — disse Dizz. — Mas infelizmente algum gênio ajustou as coisas para que, se nossos comunicadores estiverem no alcance do módulo de transporte, eles automaticamente se conectem através do amplificador do veículo. Sem amplificador, sem sinal.

— Você não pode mudar essa configuração?

— Tenho certeza de que *alguém* pode — disse Dizz com uma careta. — Infelizmente, eles não ensinam os detalhes técnicos mais sutis na escola de matança de zergs.

— Então precisamos de distância ou destruir o amplificador — emendou Whist. — Já que não queremos acordar a vizinhança com uma granada, voto na distância.

— Concordo — disse Dizz com relutância. — E, a essa altura, podemos muito bem esperar até estarmos quase lá. Assim, se atrairmos companhia, teremos onde nos esconder da chuva.

— Não acredito que Cruikshank vá gostar de esperar tanto tempo — alertou Erin.

— Ele vai superar — disse Dizz. — Enfim, o que estamos levando?

— Menos do que eu imaginava — disse Whist. — Dois rifles Gauss reserva, um monte de pentes. Deixe o lança-chamas...

— Eu levo o lança-chamas — interrompeu Erin. — E qualquer outra coisa que você precisar.

— Achei que estivesse com dor — disse Tanya.

— Só preciso aprender a deixar os servos do traje fazerem a maior parte do trabalho — disse Erin.

— Mas o *lança-chamas*?

— Você provou que as psioliscas não gostam de calor — apontou Erin. — Dizz provou que elas queimam se ficarem quentes o bastante. Além do mais, uma parede de chamas às vezes pode vir a calhar.

— Você ficou bem soldadesca de uma hora pra outra — disse Dizz franzindo a testa. — Algum motivo em especial?

— Só estou tentando ser parte do time.

Dizz e Whist se entreolharam.

— Está bem — disse o fuzileiro. — Pegue o que achar que consegue carregar e vamos andando. Tanya, a CMC dela tem alguns encaixes pra prender equipamentos... você pode dar uma força?

Os outros não acreditaram nela, é claro. Erin sabia. Mas como podia dizer a verdade?

Ela não podia dizer que, desde a guerra, nutria um desprezo particular, mas duradouro, pelos protoss devido à incineração de Chau Sara. Não importava para ela que eles acreditassem ter um bom motivo. Não importava que acreditassem estar barrando o alastrar de uma infestação zerg. No fim das contas, a amarga verdade era que tinham matado inocentes por nada, e seres inteligentes deveriam ser melhores que isso.

Agora ela, a dra. Erin Wyland, tão arrogante e incomparavelmente ética, fizera a mesma coisa com as adostas.

Ela apertou os olhos com a pontada nas costelas quando Tanya fixou o tanque de combustível na armadura. Não podia trazer de volta as vidas inocentes que ajudara a destruir, mas tinha uma chance de salvar aquele último grupo.

E faria tudo que fosse necessário.

— Calculo que faltam uns trinta quilômetros até o Ponto Três — disse Whist quando estavam prontos. — São duas horas em ritmo razoável.

— Acho que conseguimos fazer melhor que isso — disse Dizz.

— Espero de verdade que consigamos fazer melhor que isso — disse Whist. — Vamos. E fiquem de olho uns nos outros. Não esqueçam, as psiolicas não precisam que *todos* cheguem vivos ao Ponto Três.

O ônibus espacial pousou no hangar com um baque surdo. A escotilha se abriu para um único protoss. Ele olhou em volta, avistou Cruikshank com suas tropas e unidades mecânicas e foi na direção deles.

— Ótimo — murmurou Cruikshank para ninguém em particular, pelo que já devia ser a quarta vez naquela última hora.

Já era ruim o bastante que estivesse para atacar um planeta inteiro cheio de zergs com quarenta fuzileiros, três exterminadores, cinco golias e seu último Cão de Guerra. Já era ruim o bastante que reunir mesmo aquela força minúscula tivesse praticamente privado o *Hipérion* de segurança interna.

Mas ordenar que descesse num ônibus espacial protoss em vez de embarcar tudo em bons e sólidos módulos de transporte da Supremacia era demais.

O protoss parou.

Eu sou Alikka, soou sua voz no cérebro de Cruikshank. Sou nerazim, um templário das trevas. Falo em nome de Rahas. Você é o coronel Abram Cruikshank?

— Sou — confirmou Cruikshank, sufocando com força seu súbito acesso de irritação renovada. Um típico protoss arrogante, que deliberadamente usava frases curtas como se o ouvinte fosse uma criança se esforçando com um livro ilustrado. — Comando as forças terrestres da Supremacia.

Alikka correu os olhos pelos fuzileiros, exterminadores e *mechs* que aguardavam em silêncio atrás de Cruikshank. *Suponho que um major seria um comandante mais adequado a uma força tão reduzida. Você não foi informado do acordo relativo à segurança de suas naves?*

Cruikshank trincou os dentes.

— Você quer dizer aquele que prevê que suas naves garantirão a segurança das nossas no caso de um ataque zerg?

Esse é o acordo a que me refiro, sim, disse Alikka. Portanto, não há necessidade de deixar nada da força de ataque terrana a bordo de suas naves.

— Claro — garantiu Cruikshank. — Você vai me desculpar se não levar sua palavra a ferro e fogo.

A parte irritante era que *de fato* havia recebido ordens de fazer exatamente aquilo: confiar que os protoss acabariam com qualquer zerg que tentasse atacar ou abordar as naves da Supremacia e levar tudo que lhe restava para a superfície.

E tinha feito isso, ainda que sob protesto. Mas de forma alguma diria aquilo a Alikka. Os protoss já se superestimavam o bastante.

— Mas não se preocupe com o nosso contingente — acrescentou. — Nós ficaremos bem. — Ele hesitou, mas era uma oportunidade boa demais para deixar passar. — Melhor do que vocês no Ponto Dois, pelo menos.

Alikka se empertigou, com um brilho azulado nos olhos. Cruikshank prendeu o ar, mas os olhos voltaram ao normal conforme protoss retomou o controle das emoções. Ao que parecia, ele e a equipe de convés não seriam brindados com a visão de um templário das trevas rodopiando energia psiônica pelo hangar. *Fomos pegos de surpresa, afirmou ele rigidamente. Aquilo não se repetirá.*

— Tenho certeza de que não — disse Cruikshank —, mas já basta de conversa-fiada. Estamos prontos para embarcar quando vocês tiverem espaço livre.

Vocês podem vir agora, disse Alikka. Tratem de não entrar em nosso caminho. Tanto a bordo das naves quanto quando chegarmos à superfície.

Sem esperar por uma resposta e talvez não exatamente querendo uma, ele se virou e seguiu de volta

para o ônibus espacial.

— E as pessoas se perguntam por que eu odeio os protoss — murmurou Cruikshank. — Muito bem, vocês ouviram o sujeito — disse, dando à voz um tom de sargento de treinamento. — Embarcar. E não pisem no pé de ninguém.

Os fuzileiros partiram em marcha acelerada, acompanhados pelos exterminadores e os golias. Usando as alças na lateral do Cão de Guerra, Cruikshank subiu até a cabine.

No entanto, ao menos Alikka era um protoss honestamente arrogante. Cruikshank não gostava deles, mas sabia como trabalhar com eles. Ao contrário daquele pesquisador fresco e imprestável, Ulavu, que Valerian insistira em enviar com a equipe de inspeção.

Ele soltou uma fungada. *Tratem de não entrar em nosso caminho*, alertara Alikka. Melhor seria alertar Ulavu a não entrar no caminho de Halkman.

Já era ruim o bastante que a equipe tivesse de carregar o peso morto de um civil humano. Mas *dois* civis era brincar demais com a sorte.

E protoss ou não, no fim das contas Ulavu *era* um civil. Se sua falta de competência militar resultasse na morte de alguém, pode apostar que ele pagaria por isso.

Cruikshank em pessoa cuidaria para que fosse uma experiência que o protoss jamais esqueceria. Não importava o tempo ou o que fosse preciso.



CAPÍTULO DEZESSETE

A equipe mal havia caminhado cinco quilômetros quando foram emboscados.

Whist, que ia à frente, recebeu o grosso do ataque. Quatro zergnídeos subitamente surgiram no alto de uma encosta de pedra e se lançaram contra ele. Mal conseguira levantar o C-14 quando levou uma trombada do primeiro, que o jogou de costas no chão. Um segundo depois, dois zergs estavam em cima dele, enquanto os outros dois saltavam ao chão e partiam para cima de Tanya.

O que foi, refletiu a fantasma, o primeiro e o último erro deles. O grupo seguia na ordem de costume, com Whist à frente, Tanya e Ulavu em seguida, então Erin e Dizz na retaguarda. Enquanto Tanya ainda recuava alguns passos ágeis, Ulavu surgiu entre ela e os zergs com os focalizadores reluzindo nos pulsos ao ativar as lâminas de transdobra. Tanya só esperou vê-lo abrir as entranhas do primeiro zergnídeo antes de dar um rápido giro de 180 graus, ficando de costas para o segundo atacante. Um pequeno ataque frontal muitas vezes era apenas uma distração, o que sugeria que algo asqueroso podia estar se esgueirando às costas deles.

E estava. Outros dois zergnídeos brotaram da mata atrás de Dizz, seguidos de um tatu-bomba um pouco mais lento. Enquanto Dizz se posicionava e erguia a P-45, mirando nos dois zergs em cima de Whist, Tanya concentrou seu poder e mandou descargas rápidas nas entranhas dos novos atacantes, que desmoronaram no mato ralo com baques surdos. Dizz girou, acompanhando o som, e mandou algumas rajadas contra o tatu-bomba.

Quando o zerg perdeu o impulso de movimento, Tanya deu cabo dele com uma descarga nos pulmões. Depois de uma segunda no coração, apenas para garantir, voltou-se para Whist, perguntando-se se o fuzileiro teria escapado vivo do ataque.

Para seu alívio, ele já se levantava em meio às carcaças dispersas de quatro zergnídeos. Ulavu estava ao lado, correndo os olhos pela área em busca de mais confusão.

— Esse lugar não tem um minuto de tédio, admito — comentou Dizz enquanto ele e Erin se adiantavam até o restante do grupo. — Devíamos promover esse lugar como um paraíso para aventureiros. Você está bem, Whist?

— Aham — resmungou o outro. — Por sorte, aquelas malditas coisas não estavam vindo exatamente pra cima de mim. — Ele olhou para os muitos talhos na sacola que trazia sobre o ombro, então se abaixou e pegou o que restava de um pente de C-14. — Pareciam querer a munição e as armas reserva.

Acho que nem mesmo psioliscas gostam de levar tiros.

— Então eles preferem um fuzileiro vivo e desarmado que fuzileiro nenhum? — perguntou Dizz. — Interessante. E também um tanto imbecil.

— Ah, mas eles chegariam a mim mais cedo ou mais tarde se não fosse a rapidez de Ulavu — garantiu Whist. — Para um camarada com jeitão de pesquisador molenga, Ulavu, você é um lutador dos bons. Obrigado.

Não há de quê, disse Ulavu. Com cuidado, ele levou uma mão ao lado do corpo. *Mas eles não estavam apenas tentando desarmá-los. Temo que essa também tenha sido uma missão de reconhecimento. O mestre dos nossos oponentes desejava saber se sofremos ferimentos graves durante o ataque e o pouso forçado.*

— É, geralmente chamamos aquilo de *queda* — disse Dizz.

— Como *você está?* — perguntou Tanya, analisando atentamente a túnica de Ulavu. Não havia nenhuma mancha de sangue nova, mas, com os ferimentos todos enfaixados, isso podia não dizer grande coisa.

O esforço da batalha parece ter aberto um de meus ferimentos, admitiu Ulavu. *Talvez dois. Mas não acredito que minhas habilidades de combate fiquem comprometidas.*

— É, vejamos como você fica quando as psioliscas caírem em cima de você — disse Whist com uma careta. — Mas como você acabou ferido, afinal? Achei que os templários das trevas ficassem invisíveis ou coisa parecida.

— Ele está tentando se manter incógnito, lembra? — disse Tanya, com um olhar de alerta para o fuzileiro. Criticar as táticas de batalha de um protoss não era uma ideia sensata.

Ou Whist não percebeu o olhar ou não estava nem aí.

— É, manter suas habilidades de combate em segredo é ótimo até acabar fazendo você morrer — insistiu. — Então?

Concordo, disse Ulavu serenamente. *Neste caso, não foi intencional. O ataque psiônico das psioliscas no Ponto Um foi enervante a ponto de eu acabar incapaz de transdobrar a luz ao mesmo tempo que usava energia do Vazio ofensivamente. Nessas circunstâncias, pareceu melhor optar pelo ataque em lugar da defesa.*

— Fantástico — disse Whist. — Então você está dizendo que só temos *meio* templário das trevas.

— Já basta, Whist — disse Tanya, tensa.

— Só estou fazendo as contas — disse Whist, encarando-a de volta. — Estamos com pouca munição. Temos pouca capacidade de transporte e, agora, meio protoss a menos. Não é exatamente algo para celebrar. Ainda mais sabendo que *não* faltarão psioliscas.

— Na verdade — interrompeu Erin —, acho que faltarão.

— Como é? — perguntou Dizz de testa franzida.

— O número de psioliscas pode estar diminuindo. Tenho pensado nelas e em sua conexão com as adostras.

— Achei que tínhamos decidido que *não* há conexão — disse Whist, agachando-se para tentar juntar a munição que havia caído da sacola.

— É claro que há: essência xel'naga — disse Erin. — Não sei nada sobre os xel'naga, mas sei *bastante* sobre genética zerg e como ela é incorporada às muitas espécies que conquistam e adaptam. Se presumirmos que Abathur usou porcentagens semelhantes para criar as psioliscas, temos uma ideia de quanta essência xel'naga ele teria precisado surrupiar da linha de produção de adostras.

— Acho que sei onde você quer chegar — disse Dizz. — Aqueles seis casulos vazios no Ponto Um?

— Exatamente — disse Erin. — Ele deve ter dito a Zagara quantas adostras conseguiria criar com a

essência xel'naga que tinham em mãos.

— Ou Zagara pode ter confirmado esse número ela mesma — disse Tanya.

— Certo — disse Erin, assentindo. — De qualquer forma, ele diz que consegue criar, digamos, cento e oitenta adostras, sessenta por ponto focal. Mas cria apenas cento e sessenta e duas, ficando com dez por cento da essência xel'naga para se divertir.

— Que então usa para fazer as psioliscas — disse Tanya. — E possivelmente precisa usar menos essência, já que tudo que quer é acrescentar poder psiônico defensivo a uma base zerg já existente.

— Certo. Pela aparência, eu diria que ele usou a base das hidraliscas e as fez menores. Provavelmente também tirou os espinhos envenenados, já que elas não usaram nada parecido no Ponto Um e sem dúvida teriam feito isso se os tivessem.

— Projetadas para combate de curta distância — murmurou Whist. — Para fazer zumbir o cérebro do oponente e atacar apenas com as garras, sem necessidade dos espinhos.

Além disso, ataques psiônicos são mais eficientes de perto, destacou Ulavu. *Manter a capacidade de ataque com espinhos acrescentaria pouco à estratégia de combate primária.*

— E criá-las do tamanho de zergnídeos permitiria que entrassem em lugares em que as hidraliscas não costumam conseguir ficar — disse Whist. — Aquelas coisas foram mesmo projetadas por um mestre, com toda a certeza.

— Só espero que ele não tenha encontrado uma forma de fazê-las se reproduzir — resmungou Dizz.

— Zagara disse que eles não poderiam usar fossas de desova normais — lembrou Tanya.

— Ela só disse que não poderia usá-las com as adostras — corrigiu Dizz. — Ela não mencionou as psioliscas.

— Porque não sabe que elas existem — disse Tanya.

— É o que pensamos — disse Dizz. — Isso ainda não foi provado.

— Uma fossa de desova padrão certamente precisaria de modificações profundas — disse Erin. — Imagino que Abathur vai acabar encontrando uma forma, apesar de isso depender de quanta essência xel'naga existe nas psioliscas. — Ela ergueu um dedo para enfatizar. — *Desde que,* é claro, restem psioliscas o bastante com as quais experimentar depois disso tudo. O que nos leva de volta ao que falei sobre elas estarem acabando.

— Você acha mesmo que ele está ficando sem psioliscas? — perguntou Tanya.

— Pense bem — disse Erin. — Abathur provavelmente acreditava que acabaríamos matando no máximo um punhado no Ponto Um antes que as psioliscas nos matassem. — Ela fez uma careta. — Ou melhor, vocês. Só que não aconteceu dessa forma, e ele perdeu todas as quarenta, mais as quatro que Whist e Ulavu mataram na rampa. No Ponto Dois, ele provavelmente desconfiava que o disruptor destruiria a caverna das adostras mas deixaria viva a maioria das psioliscas.

— Então ele não sabe grande coisa sobre disruptores — disse Whist.

— Ei, até *nós* não sabemos quase nada sobre eles — disse Dizz. — São coisa bem nova, não são, Ulavu?

São, confirmou o protoss. *E eu nem desconfiava que a Supremacia tivesse conhecimento do poder deles.*

— Considerando que Cruikshank nem se deu ao trabalho de se agachar e acabou de bunda no chão, acho que não temos mesmo — disse Whist.

— Isso também casaria com o perfil de personalidade genérico que sempre atribuímos aos mestres de evolução — disse Erin. — Abathur deve saber muito sobre os terranos e os protoss enquanto espécies, certamente o bastante para entender como ajustar a psiônica das psioliscas contra nós. Mas teria muito menos interesse em nossa tecnologia, exceto quando isso interfere em seus esforços pela

evolução dos zergs.

— E não se esqueça de que ele tem andado bem ocupado — disse Tanya. — Primeiro com Kerrigan, depois com os aprimoramentos de inteligência e compreensão que ela encomendou para Zagara e então aquela história com Amon. Ler manuais técnicos protoss deve ser um dos últimos itens na lista de prioridades.

— Então, se Abathur *está* ficando sem psioliscas — disse Dizz —, faz todo sentido mirar em nossas armas e não em nós. Ele ainda quer a invasão do Ponto Três e a destruição das adostras, mas não quer ver o contingente de sua tropa de choque mais reduzido que o necessário.

— O que nos leva de volta à questão de se ele sabe ou não de Tanya — disse Whist pensativo. — Talvez ainda não tenha descoberto o que ela pode fazer.

Tanya franziu a testa. Aquilo não lhe ocorrera.

— Por que não saberia?

— Por que *saberia*? — devolveu Whist. — Exceto quando atea fogo nas carapaças, o que você faz é bem invisível.

— Mas os zergs têm uma conexão psiônica — disse Erin. — É por isso que precisamos dos bloqueadores psi. Será que ele não descobriria assim?

Você está se esquecendo de que as psioliscas são um desvio radical de outras formas zergs, disse Ulavu. *A comunicação psiônica delas pode ocorrer num nível completamente diferente.*

— Mas elas são próximas o bastante dos zergs normais para dar ordens — salientou Tanya. — São *elas* que estão dando ordens aos zergs, certo?

— Bem, são elas que estão aqui embaixo, então parece que sim — disse Whist. — Mas não é disso que estamos falando. Esse tipo de controle é local. Estou falando das informações detalhadas que vão das psioliscas para a mente coletiva zerg e então para Abathur. *Isso* pode não ser possível, e nesse caso ele ainda pode não saber sobre nossa pirocinética.

— E, é claro, também não há motivo para que precise se comunicar com elas em tempo real — disse Dizz. — Esse é um ponto a nosso favor. As ordens padrão nesse caso seriam bem simples: matem metade dos humanos e protoss, deixem os sobreviventes destruírem os casulos das adostras e então matem eles também.

Erin sentiu um calafrio.

— Você é muito direto com as palavras.

— Faz parte do pacote — disse Dizz. — Agradeça por estar com a ralé.

— Nunca mais reclamo de um laboratório sossegado — concordou Erin. — É uma pena não termos deixado uma psiolisca. A autópsia poderia esclarecer muita coisa.

— É, como nós queimamos as nossas e Cruikshank mandou as dele pelo ar, seria meio complicado — disse Whist.

— Se quiser, podemos tentar guardar uma para você no Ponto Três — ofereceu Dizz. — Só sobrou isso, Whist?

— De útil? Sim — resmungou Whist ao se levantar, com três pentes intactos de C-14 espalhados na palma das mãos. — Eles nos deixaram o fantástico total de três pentes. Oba.

— Mais as estacas que estão dentro dos pentes avariados — argumentou Tanya. — Podemos levá-las para recarregar os pentes.

— O quê, no meio da batalha? — Whist balançou a cabeça. — Sem chance. — Ele levantou a sacola furada. — Além do mais, essa coisa também está na lista de baixas.

Ele embolou a sacola e a jogou de lado.

— Vamos simplesmente torcer que Abathur ainda nos queira vivos tempo o bastante para

incendiarmos o Ponto Três. — Ele inclinou a cabeça para Tanya. — Vamos. Já perdemos tempo demais. Vamos andando.

— E fiquem espertos — acrescentou Dizz. — Como Whist disse, eles não precisam que cheguemos todos vivos.

Valerian estava em sua cabine, tentando tirar uma hora de sono, quando veio o chamado urgente.

Matt o aguardava na escotilha da ponte de comando.

— Nós o detectamos há uns dez minutos — disse ele enquanto ambos se apressavam até a estação de sensores. — Está se movendo lentamente, quase como se à deriva, mas, sem sombra de dúvida, está vindo nessa direção.

— E você tem certeza de que é um devorador?

— Absoluta — disse Matt de cara fechada. — Coloquei nossa frota em Alerta Vermelho, e Artanis fez o mesmo com a dele.

Valerian assentiu. Os devoradores eram uma das principais armas de superioridade espacial dos zergs: uma monstruosidade voadora que cuspiam gosma de esporos ácidos capazes de rapidamente perfurar o casco de naves de guerra, com resultados devastadores. Se Zagara mandasse devoradores contra eles...

— Mas acontece — prosseguiu Matt — que parece ser apenas um.

— Apenas um? — indagou Valerian, franzindo a testa. Devoradores costumavam atacar em bando. — Tem certeza?

— A não ser que tenham aprendido a se camuflar — disse Matt. — E, como eu disse, o movimento não chega nem perto da velocidade de ataque habitual.

— Então o que ele *está* fazendo?

— Não faço ideia — admitiu Matt quando chegaram à estação de sensores. — Comandante?

— Ele ainda está em rota de interceptação, senhor — avisou o oficial tático. — Parece estar desacelerando... Espera um pouco. — Abruptamente, ele se empertigou e estendeu a mão para apertar um botão. — Alerta! — gritou quando as luzes intermitentes de Alerta Vermelho passaram para o vermelho fixo de Ataque Iminente. — Míssil lançado, em rota de interceptação!

— A postos nas defesas pontuais! — gritou Matt.

Valerian se aproximou das telas, o coração martelando nos ouvidos. O devorador havia lançado alguma coisa, sem dúvida. E essa coisa estava em curso para o *Hipérion*.

Mas lentamente. Muito lentamente. Não muito mais rápido que o arrastar do devorador, por sinal.

— Isso não parece ser uma gosma de esporos ácidos — disse.

— Concordo, imperador — disse o oficial tático, olhando para as telas com uma carranca estampada no rosto. — Parece ser outro zerg.

— Um zerg? — repetiu Matt. — De que espécie?

— Não sei, senhor — disse o oficial, ainda de cara fechada. — É maior que um parasitoide ou um enxame de cólera. E com certeza não são pestes morféticas.

Valerian e Matt se entreolharam. Devoradores não lançavam aquele tipo de arma biológica, de qualquer forma. Ao menos não os devoradores que estavam acostumados a combater.

— Você tem certeza que não é apenas uma gosma de esporos ácidos de formato incomum? — perguntou o soberano.

— Tenho, imperador — disse o oficial com firmeza. — *Disso* eu tenho certeza. A forma é estática demais. Mas ainda está muito distante para permitir identificar o tipo de zerg.

— Almirante? — chamou o oficial na estação de defesas pontuais. — Devemos abatê-lo, senhor?

Matt esfregou o queixo.

— Ainda não — disse. — Esperem se aproximar um pouco mais.

— O devorador está se afastando, senhor — disse o oficial tático. — Mudou de curso para... Ele parece estar a caminho da nave-mãe protoss.

— Comunicações, enviem um alerta criptografado para o hierarca Artanis — ordenou Matt. — Ele provavelmente está acompanhando isso, mas vamos garantir.

— Míssil não identificado analisado, senhor — acrescentou o oficial tático. — Por configuração, eu diria que é uma hidralisca. Mas o tamanho não bate.

Matt inspirou de forma audível.

— Pelos céus — murmurou. — Você está pensando o que eu estou pensando?

— Acredito que sim — concordou Valerian, sentindo o nó no estômago se desfazer. — Comandante, podemos rastrear de onde no planeta veio aquele devorador?

— Não a rota inteira, imperador — disse o oficial tático, apertando algumas teclas no painel. — Isso é o que temos.

A rota apareceu na tela, e Valerian sorriu.

— Almirante?

— Estou vendo, senhor — concordou Matt. — Defesas pontuais? Não atirem. Controle do Hangar, enviem um rebocador para resgatar aquele objeto. Cuidado para não danificá-lo.

— Não estou entendendo, senhor — disse o oficial tático. — O que é aquilo?

— Um presente da super-rainha Zagara, provavelmente — disse Matt. — Ela provavelmente ordenou que os zergs vasculhassem os destroços do Ponto Dois até encontrarem uma psiolisca morta para que possamos examiná-la.

O oficial soltou uma fungada.

— Ela bem que podia ter avisado.

— Imagino que tenha ido pessoalmente até o Ponto Dois ou ao menos até perto o bastante para supervisionar a operação — disse Valerian. — Talvez o transmissor que vinha usando fique permanentemente instalado na estrutura de conferências e não possa ser transportado com facilidade.

— Mas ela podia ter ordenado a Abathur que nos contatasse — acrescentou Matt. — A menos que ele já estivesse fora da área. Isso teria nos poupado do mal-entendido e do risco de atacar.

— Talvez ela *tenha* dito a Abathur para nos contatar — disse Valerian, fitando a tela. — Talvez ele tenha ignorado a ordem em busca exatamente desse efeito.

Ele sentiu o olhar de Matt.

— Você acredita que Abathur é a grande mente por trás de tudo isso?

— Não consigo ver outra alternativa que não ele ou Zagara — disse Valerian. — Também não consigo ver como alguém exceto um zerg com o nível de controle de uma super-rainha conseguiria fazer um devorador nos entregar uma psiolisca. Devoradores não costumam tratar de transportes, e estamos distantes demais para um zerg com alcance apenas local. Se isso for um gesto de boa-fé, só pode ter partido de Zagara, o que nos deixa Abathur como candidato mais provável a inimigo.

— Se *for* um gesto de boa-fé — advertiu Matt. — Isso ainda não foi provado. Também não estou muito certo de qual seria a motivação de Abathur.

— Eu também não — admitiu Valerian —, mas acho que vamos acabar descobrindo. — Ele apontou para a tela. — A propósito, acredito que ela tenha desencavado *duas* psioliscas mortas. Acho prudente informarmos a Artanis que ele também está para receber uma encomenda.

— Cuidarei disso pessoalmente. — Matt levou a mão ao ombro do oficial tático. — Fique de olhos atentos, comandante. Se esse presente não for de Zagara, pode ser uma distração.

— Sim, senhor.

Matt se encaminhou para a estação de comunicações.

— E enquanto faz isso — acrescentou Valerian ao oficial tático —, contate a estação médica. Peça que acordem a dra. Talise Cogan e preparem o laboratório biológico. Diga que estão prestes a realizar a autópsia mais importante de suas vidas.

Depois do acontecido no módulo de transporte da equipe de inspeção, Cruikshank esperava que os protoss precisassem repelir um ou dois ataques na descida pela atmosfera.

Estava enganado. Mas provavelmente apenas porque os zergs não os tinham avistado rápido o bastante. O ônibus espacial e a dupla de fênix na escolta chegaram à marca de quinhentos metros e iniciavam a desaceleração final quando uma dúzia de mutaliscas apareceu acima das montanhas escarpadas ao norte e se lançou gritando contra eles. Mas estavam distantes demais, e as naves voavam baixo demais; quando os pilotos das fênix manobraram para apontar seus canhões de íons, as mutaliscas mudaram de direção.

O que foi uma lástima. Cruikshank já tinha visto o que canhões de íons protoss podiam fazer com zergs voadores, e ver aquele grupo ser despedaçado teria sido bem divertido.

Claro, talvez justamente *por isso* elas tenham fugido. Talvez quem estivesse à frente do espetáculo também tivesse lembrado o que canhões de íons faziam com as belas carapaças zergs.

Não que o recuo daquele momento significasse que não voltariam. Elas podiam ter dado meia-volta, atravessado as montanhas e continuado em frente. Mas, em vez disso, fizeram uma curva de noventa graus e seguiam a noroeste, na direção da enorme massa de zergs que se acotovelava, unhava e rolava rumo ao Ponto Focal Três.

Que se acotovelava, unhava e rolava direto para cima dele.

Os pilotos das fênix também não acreditaram que as mutaliscas fossem desistir. Continuavam a girar suas naves quando o ônibus espacial tocou o solo, mantendo as armas apontadas contra os zergs em retirada para o caso de mudarem de ideia.

Cruikshank olhava para sua tela, repensando algumas coisas. Do alto da órbita, aquela parecera ser uma boa ideia. No solo, não tinha mais tanta certeza.

Vamos desembarcar aqui, ordenou Rahas quando a escotilha de estibordo foi aberta. As duas sentinelas saíram flutuando, acompanhadas de perto pela fila de templários e nerazins. *Nós assumiremos o centro da fileira. Você e seus terranos, coronel Abram Cruikshank, guardarão nossos flancos.*

— Entendido — disse o coronel, controlando a irritação. Então ele e o restante das forças da Supremacia seriam relegados a posições de apoio enquanto Rahas e os protoss assumiam o grosso da ação?

Típico. *Malditos narcisistas loucos pelos holofotes.*

Mas o almirante Horner dissera para ele ser um bom rapaz, e Cruikshank faria seu melhor para manter a palavra. Aquilo era guerra, egos não tinham lugar.

Além do mais, como bem sabia, nenhuma das duas forças era capaz de fazer aquilo sozinha. Rahas podia deixar as forças da Supremacia de escanteio se aquilo satisfazia o orgulho protoss, mas não venceria sem elas.

Cruikshank olhou outra vez para a tela com imagens externas, correndo os olhos pelo terreno. Já o estudara atentamente da órbita, mas não havia substituto para examinar um campo de batalha do solo. Se ancorasse seus golias nas pontas, dois na orla do charco e os outros três perto dos penhascos, com os fuzileiros entre eles para dar cobertura e derrubar o que fosse menor...

Ele ficou paralisado, sentindo os olhos arregalarem. Do outro lado do compartimento, os protoss que saíam em fila pela escotilha subitamente titubearam, dois deles quase caindo. Por uma fração de segundo, Cruikshank apenas ficou boquiaberto...

E então lhe ocorreu. Protoss... titubeando...

— Alerta! — gritou no comunicador, voltando o Cão de Guerra para a escotilha e acelerando. Maldição, todos os terranos ainda estavam dentro da nave, esperando pelos protoss que insistiram em sair primeiro. — Estamos sob ataque. Saiam de uma vez e...

Mas era tarde demais. Mal dera dois passos, perguntando-se se conseguiria passar pelos protoss ainda atarantados perto da saída sem esmagar nenhum, quando ouviu um estalo súbito e violento como um trovão e o piso inclinou sob seus pés, lançando o Cão de Guerra horizontalmente pelo compartimento.

Ele se chocou com tudo numa antepara, sacudindo dolorosamente contra o aperto dos cintos de segurança. Um segundo depois, com uma chuva de palavras inundando os fones de ouvido, foi lançado de volta quando o piso se endireitou.

— Que *diabos*? — gritou alguém.

— Eu disse pra *fora* — rosou Cruikshank. Ao menos o que sacudira a nave também havia tirado os protoss do caminho. Ele retomou o equilíbrio e, pesadamente, saiu com o Cão de Guerra.

Uma varredura rápida não mostrou zergs se aproximando do leste, sul ou oeste. Já era alguma coisa. Ele se afastou mais alguns passos da escotilha, olhando ao redor, então se voltou para o ônibus espacial.

Não era preciso grande coisa para sacudir um ônibus espacial daquela forma, este foi seu pensamento embasbacado quando percebeu a situação. Era preciso apenas que um devorador, voando baixo e vindo da direção oposta à da dupla de mutaliscas que tinha batido em retirada, trombasse a toda com nave. O ataque provavelmente fora calculado para quando o piloto e a tripulação protoss estivessem atordoados. Mas o fato de os canhões de íons das fênix estarem apontados na direção errada também devia ter ajudado.

As fênix.

Praguejando entre dentes, Cruikshank rodeou a nave a passos largos.

Ele esperava o pior, e foi exatamente o que teve. Os dois caças protoss também estavam inutilizados, com um devorador em cima de cada um, os dois ainda voltados na direção das mutaliscas em fuga, um com o nariz enterrado no solo.

E então a parte final da avaliação de Cruikshank finalmente fez sentido. *Para quando o piloto e a tripulação protoss estivessem atordoados...*

Ele praguejou e colocou o Cão de Guerra em movimento, continuando a contornar a nave e passando pelas fênix. Tudo que já sabiam sobre as psioliscas indicava que precisavam estar relativamente próximas para retirar o controle dos zergs normais da mãe de casta do setor, mais poderosa, mas mais distante.

E lá estavam elas, rastejando pelo mato alto o mais rápido que conseguiam: uma dupla das familiares mini hidraliscas com pintas vermelhas nas costas.

Por um breve instante, Cruikshank pensou se teriam estado à espreita no mato alto enquanto guiavam os devoradores em seu pouso forçado ou se comandavam os monstros em ataques suicidas. Não que fizesse diferença no resultado final. Depois de apontar os canhões elétricos, ele disparou uma vez contra cada uma.

Os projéteis de plasma de campo energizado do Cão de Guerra não tinham o mesmo impulso cinético das estacas de um rifle Gauss, de modo que o impacto não mandou as psioliscas pelos ares como faria uma rajada de C-14. Ainda assim, transformar aquelas coisas numa névoa de poeira de

carapaça e sangue roxo era igualmente gratificante.

— Todos bem? — disse no comunicador, abaixando as armas. — Reportem-se.

Um a um, em ordem, fuzileiros, exterminadores e golias se pronunciaram. Durante a contagem, a luz amarela do comunicador piscou no painel de Cruikshank: uma chamada do *Hipérion*.

Bem, Horner precisaria esperar. Cruikshank tinha assuntos mais urgentes no momento. As forças da Supremacia terminaram de se reportar.

— Rahas, e quanto aos seus homens? — chamou ele. — Rahas? Ei, protoss, alguém, fale comigo. Estão todos bem?

É Alikka quem fala, soou a voz do templário das trevas em sua mente. *Rahas foi ferido.*

Cruikshank rosnou um palavrão. A batalha nem havia começado e já tinham baixas.

— O que aconteceu?

Ele foi parcialmente esmagado quando o ataque do devorador moveu a nave.

— Como ele está? Conseguirá comandar sua parte da linha de batalha?

Rahas está inconsciente, e não conseguirá participar da batalha. Ordenei que fosse levado de volta ao ônibus espacial.

A nave que tinha um devorador morto sobre a fuselagem.

— Quer que tiremos o devorador? Acho que eu e os golias damos conta.

Não há tempo, disse Alikka com gravidade. A batalha logo estará sobre nós. Não faz sentido remover as carcaças de nenhum dos devoradores. Tanto o ônibus espacial quanto as fênix tiveram a fuselagem rompida pelo impacto dos ataques, e nenhuma retornará para casa sem reparos.

— E quanto aos campos de dobra? — perguntou Cruikshank. — Você não pode usar um para levar Rahas de volta?

Não estão funcionando corretamente, disse Alikka.

— Culpa das psioliscas?

Foi o que concluímos, disse o protoss. Mas não há motivo para se preocupar, coronel Abram Cruikshank. A cápsula médica iniciará imediatamente o processo de cura. Rahas se recuperará.

— Entendido — disse Cruikshank. Isso era, se qualquer um deles sobrevivesse à batalha, o que começava a parecer menos e menos provável. — Mais algum protoss foi ferido?

O restante da minha força está ileso. Assumirei o comando.

— É, foi o que pensei — disse Cruikshank, olhando para a luz amarela. — É bom começar a desembarcar seus homens. Golias Um e Dois, sigam para a orla do charco. Separação de vinte metros. Golias Três, Quatro e Cinco, vocês ficam na encosta das montanhas. Pelotão Um, vocês darão apoio ao grupo do charco. Pelotão Dois, vocês darão cobertura nas montanhas. Entendido? Sigam rapidamente para as posições. Eu vou ficar aqui, na contenção das naves; exterminadores, vocês comigo.

Ele aguardou para se assegurar de que todos seguiam na direção certa. Então, finalmente acionou o comunicador de longo alcance acima da luz amarela.

— Cruikshank.

— Onde diabos você *estava*? — trovejou a voz furibunda de Horner nos alto-falantes. — Tentamos alertá-los sobre aqueles devoradores. Agora é tarde demais.

— Com todo respeito, almirante, já era tarde demais — rebateu Cruikshank. — Parece que o poder das psioliscas é tão eficiente contra nossa comunicação de longo alcance quanto os bloqueadores da equipe de Halkman.

Houve uma breve pausa.

— Entendo — disse Horner, soando um pouco menos contrariado. — Qual é a situação?

— Não é boa — admitiu Cruikshank, concentrando-se nos limites do descampado. A qualquer

minuto, os zergs irromperiam da mata fechada logo além. — O ônibus espacial e as fênix foram atingidos, então podemos esquecer aquele suporte aéreo com que contávamos. Perdemos Rahas. Ele não está morto, apenas fora de combate. Alikka assumiu o comando dos protoss. Os campos de dobra deles estão inoperantes. Ainda não sofremos baixas da Supremacia, mais por sorte do que qualquer outra coisa. Rahas podia muito bem ter nos mandado na frente, e alguns de nós podiam estar ao lado da nave quando o devorador a fez tombar.

— Quer que eu tente conseguir suporte aéreo? — perguntou Horner. — Podemos enviar alguns espectros até vocês em cerca de quarenta minutos.

— Obrigado pela oferta, senhor, mas quarenta minutos é tempo demais — disse Cruikshank. — Teremos que nos virar com o que temos.

Houve um momento de silêncio.

— *Existe* outra opção — disse Horner, abaixando a voz. — Se vocês baterem em retirada imediatamente, podemos atacar a força zerg com outro míssil nuclear.

Cruikshank olhou incrédulo para a luz amarela do comunicador. Estaria mesmo o almirante Matt Horner, um homem que tão enfática e publicamente afirmara seu repúdio pela brutalidade do imperador Arcturus Mengsk, defendendo que detonassem outra arma nuclear em Gystt?

— Não acredito que seja uma boa ideia, senhor — disse com cautela. — Isso destruiria as naves protoss e mataria o comandante Rahas, atualmente em tratamento numa das cápsulas médicas.

— Você não pode tirá-lo de lá?

— Depois de iniciado o tratamento? — Cruikshank negou com a cabeça. — Duvido muito. Não com segurança. Rahas seria um alvo fácil. — Ele olhou para as naves protoss. — E, pela posição dos impactos, é provável que os devoradores também tenham danificado os amplificadores psiônicos. Então Alikka e seus homens também estão por conta própria.

— Você acredita que Alikka estaria disposto a deixar Rahas para trás como dano colateral sem ordens diretas?

Cruikshank se empertigou o quanto conseguiu, preso aos cintos de segurança do Cão de Guerra.

— *Eu* não o deixaria pra trás — rebateu. — Não me importo em ver protoss morrendo numa batalha. Pra dizer a verdade, até gosto. Não me importo nem mesmo em matar um em combate, se chegar a tal ponto. Mas esse protoss em especial é parte da minha força, foi ferido no cumprimento do dever e eu não vou abandoná-lo. Nem fodendo. *Senhor*.

— Calma, coronel — disse Horner. Pela voz, Cruikshank não sabia dizer se o almirante estava exibindo raiva ou apenas surpresa. E, naquele momento, ele não estava nem aí. — Você é o homem em solo. A decisão é sua.

— Obrigado, senhor — respondeu Cruikshank, curto e grosso. — Agora, com sua licença, tenho uma batalha para planejar.

Ele encerrou a chamada. *E uma batalha para perder*, acrescentou consigo mesmo.

Porque, sendo bem realista, era para onde tudo se encaminhava. Se as chances já eram mínimas antes de os devoradores darem fim ao suporte aéreo, sem as fênix e seu poder de fogo eles simplesmente não tinham contingente para resistir à horda de zergs que estava por vir. Especialmente com psioliscas interferindo no foco e na atenção de todos.

Mas, como havia dito ao imperador Valerian, lutar era seu trabalho. Às vezes era lutar numa guerra. Outras, lutar para evitar que uma acontecesse.

Se isso ainda era possível era outra questão. Pessoalmente, Cruikshank estava convencido de que Zagara os traía e de que essa traição fora sempre o plano. Ele não fazia ideia do que a super-rainha esperava conseguir com aquilo, mas não tinha dúvidas de que o resultado final seria uma nova guerra.

Mas nada daquilo lhe dizia respeito. Talvez Valerian estivesse fazendo papel de besta ou talvez soubesse de algo que Cruikshank desconhecia. Não importava. O trabalho daquele coronel era lutar onde e quando lhe ordenassem, deixando a política com seu imperador.

Ele apenas esperava que alguns de seus homens pudessem sobreviver para testemunhar o fim dos eventos daquele dia. Mas, se imperadores nem sempre tinham o que queriam, coronéis dificilmente podiam esperar por aquilo.

— Coronel, estamos em posição — informou o Golias Quatro. — E também estou detectando algum movimento na copa das árvores cerca de um quilômetro mata adentro. Acho que devem ser nossos zergs.

— Afirmativo — disse Cruikshank. — Muito bem, homens, lá vamos nós. Procurar cobertura, destravar e carregar armas. E se não formos ver outro pôr-do-sol, ao menos vejamos esse campo ensopado de sangue zerg.



CAPÍTULO DEZOITO

Estavam a cerca de um quilômetro do Ponto Focal Três e com a arrancada desesperada inicial transformada num ritmo mais controlado de corrida leve quando, de relance, Tanya viu Ulavu estancar. *Você está bem?*, perguntou ela. *O que foi?*

Um segundo depois, um zumbido distante brotou de dentro do seu cérebro. *Esqueça*, acrescentou ela.

— Whist, temos psioliscas.

— É, já percebi — disse o fuzileiro, olhando para Ulavu ao parar de andar. — Está muito ruim?

— Não muito — disse Tanya. — Só um rumor. Elas provavelmente ainda estão todas dentro do Ponto Três. Você não está sentindo nada?

— Não — disse Whist —, mas é bom ver que *alguma coisa* não é jogada em dose dupla na cabeça dos fuzileiros. Então ou elas sabem que estamos aqui ou estão na eminência de saber. Acho que está na hora de quebrarmos o silêncio de rádio para ver se Cruikshank vem com mais trabalho pra cima de nós.

— Então vamos desligar os bloqueadores psi? — perguntou Erin, olhando os arredores com desconfiança.

— Nós não — corrigiu Whist. — Eu. Eles têm alcance de cinquenta a cento e cinquenta metros, então vou me afastar uns quarenta, desligar e continuar andando até me afastar o bastante de Dizz para conseguir sinal.

Você não deve ir sozinho, disse Ulavu, e Tanya percebeu a dor que permeava sua voz. *Não é seguro*.

— Concordo — emendou Dizz.

— Eu também — arrematou Tanya. — As psioliscas podem não estar por perto, mas deve ter outros nojentos por aí.

— Verdade — concordou Whist. — Ótimo. Uma dupla, então. Dizz você está com o outro bloqueador, então está fora. Ulavu não está em condições para uma caminhada e precisa poupar suas forças, de qualquer forma. — Ele arqueou uma sobrancelha para Tanya. — Restamos eu e você. Está a fim de um passeio no parque?

— Achei que nunca fosse perguntar — disse Tanya. — Pode ir na frente.

— E vocês, fiquem espertos — disse Whist, conferindo o pente e a trava de segurança do C-14. — Se virem qualquer coisa que não formos nós, abram fogo.

Os bloqueadores psi acabaram provando ser ainda mais eficientes que seus inventores tinham antecipado. Whist e Tanya estavam quase cinquenta metros além do ponto de corte teórico quando o visor de Tanya indicou uma chamada do *Hipérion*.

Mas não era o coronel Cruikshank quem aguardava do outro lado.

— Vocês estão bem? — perguntou o almirante Horner.

— Em grande parte, senhor — disse Whist. — A dra. Wyland está com uma costela quebrada e temos pouca munição. Fora isso, estamos prontos para abordar o Ponto Três. Alguma nova ordem?

— Sem novas ordens, mas temos novas informações — disse Horner. — Há cerca de três horas e meia lançamos um emissor psi cinquenta quilômetros a leste de sua posição para tentar atrair os zergs próximos ao Ponto Três.

— E então alguém detonou a coisa com uma arma nuclear — acrescentou Whist. — É, nós percebemos.

— Nós detonamos — disse Horner. — Vimos o módulo de vocês ser agarrado por aquelas mutaliscas e concluímos que destruir o emissor ao menos evitaria que os arrastassem para mais perto.

— Basicamente funcionou — disse Whist. — Obrigado pela atenção.

— Disponha, sargento — disse Horner com uma sugestão de sarcasmo. — A boa notícia é que muitos zergs foram afastados do Ponto Três. A má é que um número considerável deles parece estar voltando em grande velocidade.

Tanya fez uma careta.

— Por que eles faziam isso? — perguntou ela.

— Porque acreditamos que algumas psioliscas também foram atraídas — disse Horner. — Nos pontos Um e Dois, elas usaram zergs comuns como barreira contra ataques. O emissor psi desfez essa barreira no Ponto Três, e elas estão correndo para reerguê-la.

— Fantástico — resmungou Whist, esticando o pescoço e olhando em meio às árvores a leste. — Quanto tempo temos?

— Mais do que vocês pensam, menos do que gostaríamos — disse Horner. — O coronel Cruikshank montou uma linha de batalha com forças da Supremacia e dos protoss num ponto de estrangulamento cerca de quinze quilômetros a leste de vocês para tentar atrasá-los.

Tanya olhou para Whist, vendo sua própria surpresa refletida no rosto do fuzileiro.

— Temos fuzileiros e *mechs* para isso a bordo? — perguntou ela.

— Nem de longe — disse Horner com pesar. — E, além disso, as três naves deles foram atingidas no solo e tiradas de ação. Não conseguimos alertá-los do ataque porque as psioliscas aparentemente conseguem cortar as comunicações de longo alcance. Os campos de dobra dos protoss também estão fora do ar, provavelmente outro efeito das psioliscas, então esse recurso para entrar ou sair também está fora de questão. A não ser que o número de zergs seja menor do que esperamos, as forças de Cruikshank serão sobrepujadas em... bem, não muito tempo.

— Entendo — disse Whist com a voz estranhamente clama. — Então nosso trabalho é entrar, pegar as amostras e dar o fora antes que todos sejam mortos?

— Basicamente isso — disse Horner. — Desde que não saiam correndo como loucos e acabem tão mortos quanto os homens de Cruikshank. Isso não ajudaria ninguém.

— Acho que posso garantir que haverá pelo menos um sobrevivente — afirmou Whist, soturno. — Permita-me um resumo rápido, senhor.

Tanya ouviu enquanto o fuzileiro repassava os dados, as conclusões e as especulações da equipe.

— Interessante — disse o almirante ao fim do discurso. — Soa um esquema um tanto mirabolante apenas para conseguir que os casulos de adostra sejam destruídos, mas não contradiz nada do que já

ouvimos aqui em cima. Alguma ideia de quem está por trás de tudo isso?

— Bem, o poço de zergs que pensam por si próprios é bem raso — disse Whist. — Estamos pensando em Abathur, seguido por Zagara em segundo lugar.

— É basicamente o que pensamos — disse Horner. — Exceto que parece que Zagara nos enviou um devorador com duas carcaças de psiolisca para examinarmos, então achamos que ela fica um pouco mais atrás.

— Conveniente — disse Whist. — Descobriram alguma coisa interessante?

— Cogan e equipe ainda estão trabalhando — disse Horner. — Enviei um boletim de dados com tudo que descobriram até agora. Pode ser algum tipo de distração, é claro. Mas já que não era uma armadilha e não conseguimos imaginar como Abathur seria capaz de forçar um devorador a obedecer a uma distância tão grande do planeta, isso nos deixa com Zagara como emissária do presente e Abathur como filho da mãe manipulador.

— Parece lógico — disse Whist. — Ficaremos com isso em mente.

— Mas ainda precisamos de amostras de adostra — acrescentou o almirante. — Então é melhor eu deixar vocês trabalharem. Boa sorte, sargento, para todos vocês.

— Obrigado, senhor. Voltaremos a entrar em contato quando terminarmos.

Whist desligou o comunicador.

— Certo, bloqueador psi ligado — emendou. — Vamos voltar aos outros e botar o pé na estrada.

Eles voltaram pelo mesmo caminho, indo tão rápido quanto as árvores e o mato permitiam.

— Imagino que você saiba que as psioliscas *não* precisam mais de nenhum de nós vivo — disse Tanya. — Massacrar nossa equipe e a força de Cruikshank provavelmente será suficiente para levar Artanis a destruir o Ponto Três.

— É, eu sei — disse Whist. — Por isso eu disse que vamos resolver isso antes que todo mundo seja morto. Isso inclui Cruikshank.

— Achei que não gostasse dele.

— É claro que não gosto dele. Ele é um oficial. O que é que isso tem a ver com qualquer coisa? Escute, tenho uma pergunta pra você. Lembra como a paliçada foi montada no Ponto Um?

— É claro — disse Tanya, começando a sentir na carne a tensão com a batalha iminente. Ela a afastou. — Projetada para ser forçada de dentro para fora.

— Isso — disse Whist. — Mas quem deveria forçá-la? As psioliscas?

Tanya fez uma careta. As psioliscas eram letais, mas nem de longe tinham a massa corporal necessária para derrubar árvores daquele tamanho. — Não sei. As adostras, talvez?

— Elas são ainda menores que as psioliscas.

— Mas talvez fiquem maiores.

— *Tão* maiores? — rebateu Whist. — Lembre-se do tamanho das árvores e do tamanho dos casulos. A não ser que as adostras comam blocos de chumbo, elas nunca terão peso pra tirar as árvores do caminho e sair.

— Talvez a intenção não seja elas saírem.

— Então por que Zagara teria projetado a paliçada como projetou?

— Não *sei* — explodiu Tanya, sentindo a tensão tentando se tornar a névoa vermelha de fúria. Por que ele estava *discutindo* com ela num momento daqueles?

— Pois é, eu acho que sei — disse Whist. — Você se lembra de como Zagara falou das adostras estimulando a vida e o crescimento e tudo mais? E se elas também puderem fazer o contrário?

Tanya sacudiu a cabeça, ainda lutando com a névoa.

— Acho que não estou acompanhando seu raciocínio.

— Digamos que você consiga ajudar uma árvore crescer até ficar grande e forte — disse Whist. —

Digamos que também consiga fazer ela apodrecer ou ficar toda murcha e seca.

— Certo. Um pensamento assustador, mas tudo bem. E?

— Agora digamos que você consiga fazer essa árvore crescer ou murchar *num lado só*.

Tanya prendeu a respiração, com a névoa e a frustração se esvaindo ao finalmente entender aonde Whist queria chegar.

— Você faz as folhas e os galhos do lado da caverna murcharem — disse. — Assim o peso fica todo do outro lado. Com peso o bastante, a coisa toda desmorona.

— Abrindo as porteiças pro mundo — disse Whist com satisfação. — Isso faz sentido pra você?

— Acho que sim — disse Tanya, ainda tentando encaixar todas as peças. — Mas qual é o sentido? O que as adostras fazem depois que saem?

— Como é que eu vou saber? — disse Whist. — Saem por Gystt plantando sementes de maçã ou arrotando unicórnios e tudo mais. O que eu quero dizer é que se for uma estratégia de saída, então as adostras são capazes de matar ou, ao menos, sufocar vida. E, se conseguem fazer *isso*, podemos acabar conseguindo novos aliados.

— Ah, meu Deus — suspirou Tanya. — Se isso funcionar... mas nós queremos mesmo seguir por esse caminho?

— Se significar nossa sobrevivência? — rebateu Whist. — Pode apostar.

— Quer dizer, queremos apresentar às adostras a ideia de matar? — insistiu Tanya. — Ousaríamos mesmo fazer isso?

— De novo: pode apostar — disse Whist. — Além do mais, elas precisam matar as árvores de qualquer forma pra sair. Certo?

— Elas precisam fazê-las murchar de um lado — corrigiu Tanya. — Não é a mesma coisa. Na verdade, pensando bem, isso pode ser mais um teste de controle que de poder.

— Certo — disse Whist. — Poder, controle... enfim. O que importa é que a vida delas também está em jogo. Se conseguirmos nos comunicar com as adostras, elas poderão nos ajudar.

— Alguma ideia de como fazemos isso?

— Boto minhas fichas em Ulavu — disse Whist. — Se as psioliscas e as adostras usam psi xel'naga, e é Ulavu que as psioliscas mais afetam, acho que ele tem mais chance de conseguir falar com elas.

— E persuadi-las a matar — disse Tanya. — *E* matar apenas as psioliscas, não a gente. Isso é perigoso e complicado demais, Whist.

— Bem, não precisamos decidir ainda. Na verdade, se as psioliscas vierem com tudo, pode ser que a gente nem precise. — Ele a olhou de lado. — Ainda estão martelando seu cérebro?

— Um pouco — disse Tanya. — Não tão forte que eu não consiga lidar. Mas você pode estar enganado sobre elas atacarem Ulavu com mais força. Tenho a impressão de que elas meio que distribuem o poder igualmente entre nós cinco. É só que você, Dizz e Erin não são tão afetados porque não têm habilidades psiônicas.

— Sei não — disse Whist desconfiado. — Elas deram uma boa sacudida em você lá no começo.

— Provavelmente porque eu sou a única com um traje de fantasma e elas decidiram que eu era a maior ameaça — disse Tanya. — Depois daquela primeira batalha, Abathur pode ter concluído que eu não era mais perigosa coisa nenhuma, então passou a dispersar o ataque para tentar retardar todos nós da mesma forma.

— Então você acha que ele não sabe nada sobre você ou Ulavu?

— Espero que não — disse Tanya. — Acho que vamos descobrir em alguns minutos, quando sabermos se ele mudou ou não a estratégia.

— Pois é — disse Whist. — Mas vou dizer uma coisa, é ótimo surpreender toda nova leva de zergs que encaramos. Dizz? Estamos chegando. Não atirem.

Um minuto depois, eles se juntaram aos outros.

— Algum problema? — perguntou Whist.

— Não, tudo tranquilo — disse Dizz. — Consegui falar com Cruikshank?

— Falei com Horner — corrigiu Whist. — Cruikshank está dando uma de Horácio na ponte a quinze quilômetros daqui pra segurar os zergs que as psioliscas estão trazendo de volta da cratera do emissor psi.

— Maravilha — disse Dizz. — Imagino que não teve tempo de dar a Horner um resumo de nossas impressões sobre as psioliscas e Abathur e tal.

— Só os pontos importantes — disse Whist. — Veremos o que ele e Valerian podem concluir de tudo isso. Todos prontos?

— Mais pronta impossível — disse Tanya.

Sim, confirmou Ulavu.

— Provavelmente não — admitiu Erin.

— Bem, veja dessa forma — ofereceu Dizz. — Eles provavelmente também não estão prontos para nós.

— Esse é o espírito — disse Whist. — Vamos entrar lá e acabar com isso.

— E, se vocês sempre quiseram partir dessa pra uma melhor com palavras memoráveis — acrescentou Dizz secamente —, esse é um ótimo momento para pensar nelas.

— Lá vêm eles — reportou o Golias Quatro em voz tensa. — Parece... Acho que são apenas zergnídeos.

— Vejo dois devastadores recuados perto da fileira de árvores desse lado — acrescentou o Golias Um. — Não estão se movendo.

— Consigo vê-los — confirmou Cruikshank, conferindo o alcance.

As massas de bile lançadas pelos devastadores eram armas terríveis, mas, no momento, aqueles zergs em especial estavam teoricamente fora do alcance da linha de batalha. Ele pensou em gastar um míssil Descontrolado para ver se conseguia acabar com um de qualquer forma, mas decidiu esperar até chegarem mais perto.

Principalmente porque aquela primeira onda parecia ter sido pensada para testar a linha de batalha e fazer as forças da Supremacia gastarem munição. Melhor esperar até ter um alvo garantido.

Cruikshank fez uma careta ao estudar a configuração inimiga. Talvez aquela onda na verdade tivesse sido pensada para testar a seção dos protoss da linha de batalha. Apesar de os flancos certamente não estarem sendo ignorados, a maioria dos zergnídeos avançava contra os templários e nerazins no centro.

— Alikka, por acaso você tem outro daqueles disruptores? — perguntou.

Temos um, respondeu o protoss. *Mas já estamos próximos demais do inimigo para usá-lo. Em campo aberto, ele devastaria tudo num raio de três quilômetros.*

Cruikshank assentiu. Pela explosão no Ponto Dois, ele calculava que os protoss haviam aprimorado aquelas coisas desde que a Supremacia as vira em ação durante a guerra. Mas era bom confirmar.

— Entendido. Vamos guardá-lo para o fim do jogo. O último protoss de pé e tudo mais. E quanto àquelas sentinelas?

O impacto do devorador danificou os projetores de raios disruptores e os motores de gravidade zero. A tripulação está trabalhando para repará-las.

Ótimo.

— Diga para se apressarem — respondeu Cruikshank. — Fuzileiros, mantenham a frente limpa.

Golias, deem suporte aos fuzileiros, mas mandem tudo que puderem contra o centro. Exterminadores, cubram o centro. Fiquem atrás dos protoss e fora da minha linha de tiro, martelando os zergs à frente deles. A última coisa que queremos é que rompam um de nossos flancos.

Cruikshank recebeu uma rápida sequência de confirmações e, conforme os exterminadores ganhavam o céu e todos os outros abriam fogo, dirigiu um olhar cauteloso para a fileira de árvores ao longe. Em algum lugar ali atrás estavam as psioliscas que coordenavam o ataque.

De onde quer que espreitassem, contudo, elas permaneceriam ocultas. Sorte a delas. Voltando a se concentrar na batalha, Cruikshank encontrou um ponto onde os zergnídeos estavam especialmente amontoados e disparou dois projéteis de plasma. Um punhado das criaturas explodiu numa nuvem de sangue e cacos, juntando-se aos corpos dispersos dos zergs mortos com estacas de rifle.

— Segurem um pouco o fogo no centro — ordenou Cruikshank, vendo os zergnídeos se aproximarem da linha. Não queria que uma estaca perdida ou pedaços de zergs atingissem os protoss. — Limpem os flancos e fiquem atentos para a segunda onda.

À frente, o centro da linha se acendeu com o brilho de fogo flamejante dos templários ativando suas lâminas psi e os nerazins acendendo lâminas de transdobra. Cruikshank prendeu a respiração...

E com uma cacofonia de guinchos de zergs e um coro de gritos de guerra psiônicos dos protoss, as duas forças travaram combate.

Cruikshank já tinha visto protoss lutarem antes, mas aquilo nunca deixava de enchê-lo de um respeito contrariado. Os templários e nerazins giravam e se contorciam como dançarinos presos numa coreografia insana, suas lâminas brilhando e rodopiando, às vezes reluzindo com mais intensidade quando a fúria do guerreiro ganhava ímpeto, outras se apagando brevemente quando a energia concentrada sumia nas profundezas do corpo de um inimigo. Cada protoss era agora uma ilha, rodeado de golpes de garras afiadas e caudas espinhentas e da crescente pilha de carcaças aos pés.

Mas havia uma sutil diferença entre aquela batalha e outras vistas por Cruikshank. Os protoss pareciam se mover mais devagar que de costume, e seus movimentos não eram tão precisos ou graciosos. As pilhas de zergnídeos mortos ao redor impediam que se movessem com desenvoltura, lentamente estreitando seu raio de manobra. Um dos templários tropeçou e instantaneamente sumiu sob uma pilha de garras enfurecidas. Um segundo protoss, esse um nerazim, tombou em seguida.

E então, nos limites do campo, uma segunda onda de zergnídeos emergiu das árvores e disparou pelo descampado.

— Exterminadores, interceptar! — berrou Cruikshank, colocando o Cão de Guerra em movimento. Os protoss já estavam em sérios apuros. Se aquela segunda onda os alcançasse, estariam acabados.

E se o centro da linha caísse, os dois flancos da Supremacia não tardariam a acompanhá-lo.

— Todas as unidades, acabem com a segunda onda — ordenou. — Usem mísseis, se for preciso, mas acabem com eles.

Cruikshank já chegava ao templário cercado mais próximo, esse um fanático de traje energizado, quando os golias Um e Quatro dispararam dois mísseis Inferno no centro da turba de zergs.

Ele praguejou entre os dentes. Usar armas pesadas contra zergnídeos era um desperdício criminoso de recursos quando zergs maiores e mais durões sem dúvida aguardavam a própria vez de atacar. Mas ele não tinha escolha. O ataque mental das psioliscas colocara os protoss numa posição crítica, e se a segunda onda chegasse até eles, não havia nada que a força da Supremacia pudesse fazer para ajudar. A onda precisava ser detida. Ponto.

Quanto aos remanescentes da primeira onda, era hora de improvisar.

Os pés de um Cão de Guerra eram largos e planos, com dedos articulados projetados para desbravar vários tipos de terreno. Certamente não tinham sido pensados para chutar ou pisar em zergs. O que não

significava que não pudessem fazer ambos nas mãos de um operador hábil.

E Cruikshank era um operador *muito* hábil.

Ele dera cabo de uns quatro zergnídeos quando o fanáticus no centro da turba pareceu notá-lo. O templário hesitou por um instante, chocado ao ver a enormidade daquela *mech* avultando-se sobre ele...

Então, um dos zergnídeos investiu, mas suas presas em forma de foice acertaram a perna de novoço do Cão de Guerra quando Cruikshank o chutou de lado.

— Você, protoss! Junta do joelho! — gritou, plantando um pé de cada lado do guerreiro. — Suba, suba, *suba!*

Por uma fração de segundo, achou que o fanáticus não tivesse sacado a ideia ou que estava surpreso ou zumbizado demais para entender. Então, com um último golpe das lâminas psi, ele saltou para a junta do joelho do Cão de Guerra.

Ele ainda estava mais lento que protoss que vira em ação em outras batalhas, e seu manejo das lâminas lhe parecia sem dúvida desleixado, mas, com os pés desimpedido dos corpos de inimigos mortos, a célebre agilidade protoss entrou novamente em cena. Enquanto os zergnídeos ainda tentavam se esticar para alcançá-lo, o fanáticus já os fustigava de cima para baixo, perfurando crânios e carapaças e decepando membros com as lâminas psi.

Alguns zergnídeos passaram a atacar as pernas do Cão de Guerra, talvez na expectativa de derrubar tanto a *mech* quanto o protoss em cima dele. Mas o fanáticus lidava com aquilo, saltando de um joelho mecânico para o outro, golpeando alguns zergnídeos e afastando o resto. Cruikshank, sem ter como ajudá-lo, voltou a atenção para a segunda onda, que ainda estava a caminho, e disparou projéteis de plasma pelo campo aberto com seu canhão elétrico. Entre cada ataque, ele espiava a mata em busca de sinais da terceira onda ou, ainda melhor, um lampejo de uma psiolisca descuidada. Os zergnídeos hesitaram, cambalearam e caíram...

E então, para surpresa de Cruikshank, a batalha acabou.

Ele olhou para o campo de batalha à sua volta, sentindo um nó no estômago. Oito de seus quarenta fuzileiros estavam no chão. O Golias Cinco jazia tombado num ângulo quase irremediável, a perna quebrada. Do lado dos protoss, parecia que cinco dos vinte guerreiros estavam mortos. Procurando manter o controle, ele voltou a atenção para o interior da cabine e conferiu as leituras médicas.

Para seu alívio, apenas dois dos oito fuzileiros caídos estavam mortos, apesar de um terceiro não estar nada bem. Os outros cinco tinham sido apenas derrubados, e suas CMCs apresentavam danos de gravidade variada.

— Alikka? — chamou. — Qual é sua situação?

Cinco estão mortos, soaram as palavras amargas do protoss em sua cabeça. *A honra dos nerazins foi abalada.*

— Esqueça a honra — rugiu Cruikshank. — Vamos colocar a cabeça pra pensar e encontrar uma nova estratégia antes que a próxima onda passe por cima de nós.

Houve uma breve pausa. *Muito bem. Ouvirei suas sugestões.*

Cruikshank sentiu os lábios torcerem. Quanta generosidade da parte dele, considerando que, até o momento, eram basicamente os protoss que vinham sendo massacrados.

— Certo, escutem — disse. — Nova formação. Golias, vocês ficarão nas pontas da linha, dois em cada. G-Cinco, como está sua perna?

— Está ruim, mas ainda consigo mancar — informou o piloto do Golias Cinco. — Minha capacidade de manobra será bem limitada.

— Consegue ficar de pé?

— Não. Atirar é um pouco estranho desse ângulo, mas dá pro gasto.

— Vejamos o que dá para fazer — disse Cruikshank. Estudando o painel de batalha, ele tocou um ponto a cerca de um terço do caminho desde as montanhas. — Vá até o ponto que acabei de marcar e vire a unidade para a batalha. Alikka, mande os protoss mais próximos até lá e cortem fora a perna danificada. Então cortem a outra na mesma altura, para que ele consiga atirar nivelado. Meus parabéns, G-Cinco, você acaba de ser promovido de *mech* para casamata.

— Quem bom. Obrigado, coronel.

— Sem problema — disse Cruikshank. — Fuzileiros, esqueçam os flancos. Vocês vão se espalhar por toda a linha de combate, pelo menos dois para cada protoss. Seu trabalho será flanqueá-los, um de cada lado, e reduzir o número de zergs para que os protoss não sejam subjugados quando o inimigo chegar à linha. E lembrem-se de que eles estão sob pesado ataque psiônico e não serão tão precisos, então mantenham alguma distância. Acabar com a cabeça decepada por acidente seria constrangedor.

— Coronel, zergs — reportou o Golias Três. — Terceira onda a caminho.

Cruikshank olhou para o descampado. Outra fileira de zergs havia surgido ao longe, de fato, e atravessava o descampado na direção deles.

Só que, em vez de zergnídeos, essa era formada de tatus-bomba e devastadores. Enquanto ele observava, os tatus-bomba tomaram a dianteira, suas protuberantes bolsas de ácido sacudindo com o movimento. Os devastadores, em contraste, se moviam quase despreocupados, sem dúvida aguardando o ponto em que terranos e protoss entrassem no alcance de suas labaredas de plasma.

E, na mata atrás deles, Cruikshank viu de relance hidraliscas aguardando nos bastidores.

— Vamos, homens — ordenou, erguendo os canhões elétricos para mirar em dois dos devastadores distantes. — Parece que eles decidiram que nessa rodada teremos ácido, bile e plasma. Matem essas coisas o mais longe que conseguirem e estejam prontos para desviar de projéteis. Alikka, qual é a situação daquelas sentinelas? Acho que vamos precisar delas.

Concordo, disse Alikka. Os raios disruptores ainda estão inoperantes, mas elas já podem voar e lançar campos de força. Um alerta: a energia está instável, então elas podem não ser capazes de recolocar as barreiras quando estas se dissiparem.

— Qualquer coisa que façam será útil — garantiu Cruikshank. — Bote essas coisas pra voar.

Um instante depois, os dois robôs voadores passaram zunindo pelo coronel, vindos da direção do ônibus espacial. Deixaram para trás a formação de fuzileiros e protoss e seguiram por mais cem metros, logo mudando de direção para avançar na transversal com o vetor da onda de zergs. Ao voarem, lançavam barreiras de campo de força no caminho dos inimigos.

— Certo, rapazes, pausa para respirar — disse Cruikshank. — Lembrem-se que as barreiras não duram muito e estejam avisados que as sentinelas podem não conseguir substituí-las. Então, quando as barreiras estourarem, estejam prontos para atirar antes que os zergs voltem a ganhar embalo.

Ele recebeu confirmações da equipe, então fez uma conferência rápida nos níveis das armas do Cão de Guerra. Quando as barreiras de campo de força sumissem, ele estaria pronto.

— Podem vir, seus malditos — murmurou consigo mesmo. — Podem vir.



CAPÍTULO DEZENOVE

Whist esperava que o grupo fosse emboscado antes que chegassem à meseta. Para sua surpresa, não foram.

Para surpresa ainda maior, ao chegarem à pequena clareira na frente da meseta, viram que alguém havia deixado a porta aberta.

— É, *isso é novo* — disse Dizz, desconfiado, enquanto o grupo se reunia na borda da clareira.

Whist assentiu em silêncio. Uma das árvores na fileira externa havia sido derrubada e estava atravessada na clareira. A árvore de trás na fileira do meio estava tombada por cima, e as três atrás tinham sido igualmente derrubadas.

Além dos troncos caídos estava a entrada da caverna, convidando-os a entrar.

— Não estou gostando disso — murmurou Erin. — Por que abririam um caminho para nós? E *como* fizeram isso?

— O *como* até que é simples — disse Whist. — Dá pra ver daqui as marcas na base dos troncos. As psioliscas só tiveram que arrumar um punhado de hidraliscas para dar uma podada.

Já quanto ao porquê, talvez Abathur tenha se rendido ao fato de que entraríamos de qualquer forma, sugeriu Ulavu.

— É mais provável que tenha armado uma emboscada aí dentro — sugeriu Tanya.

— É, também estou achando — concordou Whist. — Bem, não tem por que adiar o inevitável. Eu conto o que descobrir. — Ajeitando a C-14 nas mãos, ele se encaminhou para a passagem.

— Epa — interrompeu Dizz, dando um longo passo e segurando o ombro de Whist. — Pra onde você acha que está indo?

— Quer esperar por um convite entalhado? — rebateu Whist, mais duramente do que pretendia. A ideia de entrar sozinho na escuridão não era das mais agradáveis. — Tem uma massa de zergs a caminho, e Cruikshank não pode segurá-los pra sempre. Alguém precisa entrar lá, e eu sou o cara com a armadura, as armas e o treinamento. Então, calem a boca, esperem e fiquem prontos pra entrar correndo se eu gritar.

— Odeio correr — disse Tanya com toda calma, colocando-se ao lado de Whist. — Vou andando logo atrás, pode ser? Não se preocupe, você e sua armadura são mais que bem-vindos a receber o grosso do ataque, se você insiste.

Ela tem razão, concordou Ulavu. *Você não deve entrar sozinho. Ela ou eu devemos acompanhar.*

— Se essas são as minhas opções, fico com ela — disse Whist.

Fantasmas eram fantasmas, e ele ainda não confiava totalmente que Tanya não fosse surtar e pular no pescoço dele. Mas até agora ela havia se mantido bem tranquila em situações de combate. E com Tanya, pelo menos, ele não teria de se preocupar em ser acidentalmente atingido nas costas por uma lâmina de transdobra caso as psioliscas lançassem um feitiço de tontura. — Vamos andando, Tanya.

Como Whist já havia notado, a derrubada das árvores não fora das mais precisas. Os troncos estavam caídos uns sobre os outros, inclinados para cima e encostados nas árvores ainda de pé. Ele e Tanya precisaram se abaixar e passar por cima das toras, então se espremer pela estreita passagem para chegar à entrada da caverna.

Para encontrar a entrada deserta.

— Estranho — murmurou Tanya quando corriam suas luzes pelas paredes, o piso e o teto. Até mesmo a rampa e o patamar mais acima estavam desertos. — Você acha que Ulavu tinha razão sobre Abathur ter desistido?

— Eu acho que *eu* tinha razão sobre isso ser uma emboscada — rebateu Whist. — O pessoal está mais pra dentro, só isso. Dizz? Traga todo mundo. E fiquem espertos, pode ser um truque para nos pegar enquanto estamos separados.

Felizmente, não era. Dois minutos depois, estavam todos dentro da caverna.

— É, isso não é nem um pouco sinistro — comentou Dizz, olhando em volta. — Ulavu, como você está?

A pressão é intensa, admitiu Ulavu. *Mas sou capaz de suportá-la.*

— Tanya?

— Sem problema — disse ela. — Acho que elas ainda estão distribuindo o ataque.

— Então vamos fazer isso antes que venham com algum ajuste — disse Dizz. — Quer que eu fique e vigie a entrada?

— Não dessa vez — disse Whist. — Estou mais preocupado com o que está dentro que com o que está fora. Vamos ouvir se qualquer coisa tentar entrar à força.

— Você é quem manda — disse Dizz. — Ordem de marcha padrão?

— Ordem padrão — confirmou Whist. — Vamos.

Ele se aproximou com cautela do primeiro patamar, ficando de olho na área acima deles e alerta para qualquer dor de cabeça que estivesse à espreita. Mas, mais uma vez, não havia nada. Em seguida, contornou o canto do patamar e ficou de frente para a próxima rampa. Nada ainda.

— Quietos demais — comentou Erin, apreensiva.

— Também acho — disse Dizz. — Nós por acaso descobrimos como as psioliscas entraram nessas cavernas, pra começo de conversa?

Há luz, apontou Ulavu. *Isso implica a existência de dutos no teto. Se forem grandes o bastante, as psioliscas podem usá-los para entrar.*

— Acho que sim — disse Dizz. — E, pensando bem, se Zagara não fazia parte do plano, as psioliscas precisariam ter entrado depois de ela ter dado tudo por encerrado.

— Então onde elas estão? — perguntou Whist. — Eu esperava pelo menos um comitê de recepção.

As palavras mal saíam de sua boca quando, no alto da rampa, uma dupla de zergnídeos surgiu no canto do patamar e investiu.

A C-14 de Whist sacudiu em seus braços conforme ele disparou uma rajada de estacas em cada uma e acertou uma nova rajada no zergnídeo da esquerda, atirando a coisa no chão, quando o da direita desmoronou de repente.

— Tanya?

— Isso aí.

— Valeu. — Ele olhou para Dizz por cima do ombro. — Feliz, agora?

— Ah, sim — respondeu o exterminador com ironia. — Obrigado por perguntar.

— Sem problema.

Whist se virou e voltou a subir...

— Um momento, por favor? — pediu Erin. — Posso fazer uma sugestão?

— Claro — disse o fuzileiro.

— Temos um vão na paliçada atrás de nós. — Ela apontou para os zergnídeos mortos. — E duas carcaças que podemos enfiar na abertura. Que tal?

— Boa ideia — disse Whist, ligeiramente contrariado por não ter pensado naquilo antes. Obstruir a passagem não preveniria por completo um ataque pelas costas, mas faria com que fosse mais lento e ruidoso. — Dizz, Tanya, fiquem de olho na rampa. Erin, pegue uma carcaça.

Ele ficou com o zergnídeo de Tanya. Não sentia o calor através das luvas ou o cheiro de queimado através do capacete, mas, enquanto descia a rampa, conseguia imaginar ambos com clareza. Depois, enfiou a carcaça no centro da abertura e arrumou a de Erin na parte interna, e enfim os dois subiram para se juntar aos outros. Whist voltou a assumir a dianteira e o grupo continuou a subir.

Chegaram ao topo sem mais incidentes. Pela arcada que levava ao interior da caverna principal, Whist via a familiar vastidão de piso irregular e as fileiras de casulos de adostra na parede do fundo. Assim como na caverna do Ponto Um, não havia nada entre eles e os casulos.

— Mudei de ideia — murmurou Dizz quando se reuniram antes da arcada. — Não estou feliz de novo.

— Larga de ser cagão — aconselhou Whist.

Não que estivesse feliz da vida, também. No Ponto Um, tinham sido recebidos por filas duplas de psioliscas nas laterais. Ali, com pouca munição e todos exceto Erin com trajes avariados, aquele seria um cenário bem desagradável.

— Certo. Tanya e eu entramos, um de costas pro outro, e vemos o que nos aguarda nas laterais. Se voltarmos correndo, vão lá pra trás e comecem a atirar. Essa arcada é bem larga, mas é o mais próximo que temos de um ponto de estrangulamento.

— Especialmente agora que bloqueamos a saída — disse Dizz. — Na hora a ideia pareceu tão boa.

— E ainda parece — rosnou Whist. — Nós temos munição, um templário das trevas e uma piro. Seja lá o que as psioliscas trouxeram pra festa, nós podemos encarar. Vamos, Tanya.

Ele seguiu em frente, com o peito e a C-14 voltados para a direita. Tanya ia ao seu lado, com a atenção mais concentrada na esquerda. Os dois passaram pela arcada...

— Bem? — perguntou Dizz. — O que temos?

Whist engoliu seco.

— O comitê de recepção que eu queria — disse, olhando para as duas filas de zergs imóveis mais adiante na câmara. — Mais zergnídeos. Uns... devem ser uns trinta só desse lado.

— Mesmo número aqui — disse Tanya com firmeza. — Também divididas em duas fileiras. E três psioliscas entocadas nos fundos, tentando ficar fora de vista.

Whist estudou atentamente seu lado da câmara.

— É, tem quatro desse lado — acrescentou ele. — Não tinha visto antes.

— Então o que vocês estão esperando? — disse Dizz. — Acabem com elas.

Não, adiantou-se Ulavu com urgência. *Vocês não devem fazer mal às psioliscas.*

— Mas elas estão lhe prejudicando — disse Erin.

E também mantendo os zergnídeos sob controle, explicou Ulavu. Se elas forem mortas, Tanya Caulfield e o sargento Foster Cray serão imediatamente atacados.

Whist fez uma careta. O protoss tinha razão. A única explicação para os zergnídeos continuarem ali parados era a pressão das psioliscas.

— Acho que não — disse Erin. — Lembrem o que aconteceu no Ponto Um. Fomos atacados do lado de fora e forçados a entrar, mas, logo que matamos as psioliscas, todos os zergs do lado de fora se dispersaram. Provavelmente voltaram ao controle da mãe de casta local.

— Que recebeu ordens de não atacar — acrescentou Dizz. — Erin pode ter razão.

Ela também pode ter razão apenas em parte, alertou Ulavu. Permanecemos dentro da câmara por muitos minutos depois que as psioliscas morreram. E da mesma forma, no Ponto Focal Dois, os protoss e terranos ficaram incapacitados por algum tempo após a explosão do disruptor. A mãe de casta pode precisar deste tempo para reafirmar seu controle.

— Não temos como saber — apontou Erin.

— Não faz diferença — disse Whist. — Mesmo que levasse apenas um minuto pra mãe de casta retomar o controle, ainda estaríamos fritos. Não temos chance alguma contra sessenta zergnídeos enlouquecidos.

— Só me pergunto se a capacidade de julgamento de Ulavu não estaria um pouco comprometida — murmurou Erin. — Elas vem falando na cabeça dele esse tempo todo...

Não houve palavras, cortou Ulavu. Apenas pressão e perda de foco de combate. Nada mais.

— Perda de foco significa que estão atingindo seu intelecto — insistiu Erin. — Se estiverem...

— Eu falei que não faz diferença — cortou Whist. — Não vamos matar as psioliscas *ainda*, fim de papo. Venham até aqui. Vamos tentar descobrir o que diabos elas querem.

— Você acha que elas querem alguma coisa? — perguntou Dizz ao entrar na câmara com os outros dois.

— Bem, posando pra fotos é que não estão — rosnou Whist. — Tanya? Alguma ideia?

— Não. Bem... talvez. Até agora, o que elas queriam era basicamente que nossa equipe matasse as adostras e depois morresse. Se esse for mesmo o último grupo...

— Pode ser que continuemos vivos se matarmos essas coisas?

— É tudo em que consigo pensar.

— Sim, mas e por que precisaria que fôssemos *nós*? — perguntou Erin. — Por que Abathur não as mata por conta própria?

Porque talvez, se ele tomasse ação direta, Zagara saberia, disse Ulavu. Mesmo um mestre evolutivo continua sendo um zerg e, portanto, está ligado a todos os outros sob o comando do líder do Enxame.

— Não sei, não — murmurou Dizz. — Soa como discutir minúcias para alegar que você não está fazendo uma coisa enquanto força outra pessoa a fazer exatamente isso.

— É daí que vêm os advogados — resmungou Whist. — Então, o que fazemos?

Tanya limpou a garganta.

— Acho que devemos pelo menos ir até os casulos — disse, num tom um pouco casual demais. — Só para dar uma espiada. — Ela pausou por uma fração de segundo. — *Todos nós.*

Whist sentiu um sorriso tenso forçar os cantos da boca, lembrando-se da conversa com Tanya na floresta. Certo, *todos* eles. Principalmente Ulavu. Se conseguissem levá-lo até perto o bastante das adostras para que suas mentes se tocassem...

— É, boa ideia — concordou o sargento.

— Você quer que alguém guarde a entrada? — perguntou Dizz. Ele parecia um pouco confuso com a decisão, mas estava disposto a seguir a onda do grupo.

— Não tem por quê — disse Whist. — Se quiserem pegar a gente, não tem o que fazer.

— Acho que tem razão — concordou Dizz. — Acabar com sessenta zergnídeos é pedir demais. Mas acredito que conseguimos encarar umas trinta. Não acha?

— Provavelmente — disse Whist, franzindo a testa. Agora era *Dizz* que soava um pouco casual demais.

Mas não podia pensar naquilo agora. Tudo se resumia a levar Ulavu até as adostas e torcer para que elas o entendessem. De preferência, antes que as psioliscas lançassem o ataque.

Era uma ideia maluca. Mas ele estava em falta de outras melhores.

— Certo — disse enfim. — Destravem as armas. Vamos dar uma olhada.

A vantagem dos campos de força protoss era que bloqueavam qualquer coisa, menos os maiores zergs. A desvantagem era que tinham vida curta e exigiam sentinelas em bom estado para substituí-las.

O que significava que era uma solução temporária, na melhor das hipóteses. Ainda assim, qualquer tempo que ganhassem ajudaria tanto a equipe de inspeção quando as tropas de Cruikshank.

Ele ruminava as possibilidades quando, do outro lado do campo, as barreiras começaram a tremeluzir.

Cruikshank xingou quando a linha de tatus-bomba voltou a investir. Ainda assim, partiam de um estado de repouso ao invés de vir a toda. Já era alguma coisa.

Na verdade, com soldados bons e confiáveis da Supremacia como aqueles, era muita coisa.

A primeira barragem foi devastadora. A maioria dos fuzileiros conseguiu disparar pelo menos duas rajadas com os rifles Gauss antes de a primeira fileira de tatus-bomba pegar embalo. Alguns dos mais experientes chegaram a três, quatro rajadas.

— Continuem atirando! — gritou Cruikshank, olhando para as telas do painel conforme a segunda fileira de tatus-bomba arremetia contra eles. Mais atrás, perto das árvores, dois devastadores se arrastavam à frente, claramente tentando entrar no alcance para lançar sua bile ácida. Ele mirou nos dois e disparou os canhões elétricos. Ambos estremeceram quando os projéteis de plasma abriram rombos enormes nas carapaças; em seguida, caíram pesadamente.

Atrás deles, outra fileira de tatus-bomba e devastadores brotou das árvores e investiu pelo campo.

— Alikka, temos outra onda vindo — alertou o coronel. — Outra linha de barreiras de campo de força seria útil.

De acordo, disse Alikka. *Darei a ordem. Estejam atentos para o lançamento de esferas ácidas.*

Cruikshank rolou os olhos. Como se já não estivesse atento.

— Pode deixar — rosnou, observando a fileira de árvores.

As sentinelas deixavam para trás a linha de batalha, aproximando-se dos devastadores. Assim, a próxima linha de barreiras de campo de força ficaria mais distante, dando aos soldados da Supremacia mais tempo para disparar quando as barreiras se dissipassem e os zergs retomassem o ataque.

Mas também significava que, ao lançarem as barreiras, as sentinelas se aproximariam dos devastadores à espreita. Enquanto Cruikshank ainda observava a linha, outros dois cuspidores de bile saíram das árvores na direção das sentinelas. Ele mirou em ambos e disparou outra dupla de projéteis que fustigaram as carapaças.

Estava se assegurando de que aquela dupla estava fora de ação quando, de relance, viu as duas sentinelas começarem a violentamente oscilar e sacudir. Cravou os olhos nos robôs voadores no instante em que davam os estertores finais e se desintegravam.

— Mas que *diabos*? — soltou enquanto via os destroços se espalharem pelo chão. — Alikka... o que diabos acabou de acontecer?

Antes mesmo que o protoss conseguisse dizer qualquer coisa, a resposta lhe ocorreu com um baque. Havia hidraliscas na mata. Ele vira os zergs voadores mais cedo, aguardando a vez de atacar. Ficaram ocultas meio às árvores, e Cruikshank não lhes dera mais atenção. Afinal, seus espinhos venenosos só eram eficazes contra armaduras e *mechs* da Supremacia de muito perto.

Enquanto lançavam a nova linha de barreiras, as sentinelas infelizmente entraram nesse raio de alcance crítico.

Os robôs não estavam nem aí para o veneno, é claro. Mas a massa bruta de espinhos se movendo a velocidades quase hipersônicas, perfurando e atravessando a fuselagem, fora o suficiente para derrubá-los.

Foram as hidraliscas, disse Alikka em tom sombrio, confirmando a dedução de Cruikshank.

— É, é, imaginei.

E a pior parte é que a culpa era de Cruikshank. Fora ele a orientar Alikka a ordenar que as sentinelas avançassem mais no campo de batalha, seguro na presunção de que os devastadores não conseguiriam entrar no alcance para lançar suas bolhas de bile ácida sem que ele os alvejasse. Cruikshank e as forças da Supremacia eram os únicos na linha de combate com armas pesadas de longo alcance, os únicos capazes de lidar com aquele tipo de ameaça. Devia ter lembrado das hidraliscas, localizado e dado cabo delas.

Ele havia falhado. E aquela falha podia ter selado o destino de todos.

A distância, a linha de barreiras de campo de força lançada pelas sentinelas começava a se apagar.

— Preparem-se — disse Cruikshank. — Lá vêm eles de novo.

— Coronel? — chamou o Golias Um. — Senhor, confira sua retaguarda. Uma dupla de tatus-bomba atravessou a linha.

Cruikshank olhou para a tela da traseira, acrescentando mais um xingamento à sua coleção mental. Claro que alguns tatus-bomba tinham atravessado a linha. Eram muito poucos soldados tentando defender tamanha área.

Ao menos os zergs não tinham se virado e atacado os homens por trás. Já era alguma coisa, de qualquer forma.

Mas o objetivo final das psioliscas não era destruir a força de Cruikshank; era chegar ao Ponto Três e acabar com a equipe de Halkman.

— O que você quer que eu faça, que exploda as duas? — rosnou ele.

— Não, senhor, quero que *olhe* para elas — disse o Golias Um. — Elas lhe parecem confusas?

Cruikshank fez uma careta. O Golias Um tinha razão. Em vez de continuarem em sua investida obstinada pela floresta até o Ponto Três, a quinze quilômetros dali, os tatus-bomba foram até cerca de cinquenta metros depois das naves protoss, reduziram o passo e empacaram. Agora simplesmente olhavam em volta, como fuzileiros de licença se perguntando onde diabos estavam e o que diabos tinham bebido.

Ele piscou. Não *como* fuzileiros de licença. *Exatamente* fuzileiros de licença. Em algum ponto durante sua corrida desembestada, tinham chegado ao limite das rédeas das psioliscas, e a mãe de casta daquela seção do continente tentava restabelecer o controle.

E assim, a solução daquela confusão se tornou óbvia. Tudo que ele e Alikka precisavam fazer era puxar a linha de batalha para trás, até além daquele ponto, e todas as ondas seguintes de zergs romperiam a fronteira invisível e se tornariam inofensivas. A única resposta possível para as psioliscas seria também avançar, e, se os terranos e os protoss recuassem o bastante, elas seriam forçadas a deixar a cobertura da mata. Assim que fizessem *aquilo*, os golias e o Cão de Guerra dariam cabo delas em dois tempos.

Então, na verdade, a batalha estava ganha. E tudo que custaria era mais uma vida.

Porque o ônibus espacial avariado estava dentro do alcance atual das psioliscas. Quando as forças da Supremacia e dos protoss recuassem, não haveria nada para impedir que os zergs estraçalhassem a nave e Rahas, ferido, em sua cápsula médica.

Uma vida protoss em troca da vida de todos.

Por um longo momento, Cruikshank fitou o ônibus espacial e as fênix, acompanhados por devoradores mortos, tendo lampejos de sua conversa com o almirante Horner. Havia falado muito sobre não deixar um membro da equipe para trás e, no momento em que o dissera, não havia sido da boca para fora.

Mas com sua tropa sob a pressão de um inimigo que jamais ficaria sem zergs para jogar em cima dele, as coisas não lhe pareciam tão claras. Se pudesse cumprir a missão sem perder mais nenhum de seus homens, ao custo de apenas uma vida, uma vida protoss ainda, será que não devia pelo menos considerar a possibilidade?

Atrás das naves, os tatus-bomba deixaram de vagar em confusão e agora seguiam na direção do rio e do charco no flanco sul do campo de batalha. Passaram pela fênix daquele lado e desapareceram.

Cruikshank se concentrou nas fênix. Teria sido bom, pensou sombriamente, se tivessem pelo menos um caça funcional para usar contra o inimigo.

Um caça funcional...

Ele se voltou para a batalha. Enquanto estivera ruminando, a segunda linha de tatus-bomba havia praticamente sumido, ou porque tinham sido abatidos ou porque haviam conseguido atravessar a linha de defesa e estavam a caminho de se libertar do controle das psioliscas. Outro fuzileiro estava caído, ele notou de cara fechada, além de mais dois protoss.

A distância, mais devastadores se adiantavam.

— Alikka? — chamou Cruikshank, disparando mais alguns projéteis de plasma contra os devastadores através do campo de batalha. — Tenho uma sugestão. Uma forma de refazer a linha que deve nos poupar muitas vidas. — Ele hesitou. — Mas você pode não gostar das minhas condições.

Apresente sua ideia e suas condições, pediu Alikka.

— Certo. — Cruikshank respirou fundo. — Lá vai...



— Outra onda está se reunindo na floresta — reportou o oficial tático. — Essa parece composta basicamente de hidraliscas, com alguns tatus-bomba como morteiros de apoio.

— Pode haver alguns zergnídeos também — disse Matt, apontando para a imagem infravermelha. — Provavelmente para ser a vanguarda da onda e fazer Cruikshank gastar mais munição.

Valerian assentiu com gravidade.

— Estou começando a me arrepender de não termos bombardeado tudo — murmurou. — A floresta inteira.

— Tal fim ainda pode ser alcançado, se assim desejar — souou nos alto-falantes a voz indiferente de Artanis. — O nerazim Alikka possui um disruptor que pode ser detonado. Os efeitos seriam mais limpos que os de uma arma nuclear tática da Supremacia, mas não menos devastadores.

— Arriscado demais, hierarca. Nós já pressionamos Zagara o bastante, com o emissor psi, o míssil nuclear e todas as adstras que matamos. Ainda é do interesse dela entrar num acordo com nós dois, mas em algum ponto a super-rainha pode muito bem jogar tudo para o alto. Não podemos nos dar ao luxo de chegar a esse ponto.

— A não ser que seja ela própria quem vem orquestrando estes eventos — rebateu Artanis.

— Não acredito nisso — disse Valerian. — Você já viu o relatório da equipe de inspeção?

— Eu o vi. Não estou acompanhando sua lógica.

Com algum esforço, Valerian se desconectou da urgência da batalha abaixo.

— Nos enviaram dois cadáveres de psiolisca — disse. — Eu não acredito que ninguém exceto Zagara seria capaz de controlar um devorador a essa distância da superfície. Se os corpos tivessem cargas explosivas escondidas ou fizessem parte de alguma armadilha, eu concordaria que ela está nos enganando ou ao menos ganhando tempo para algum plano. Mas os corpos não eram nem uma coisa nem outra. Eu concludo, portanto, que Zagara ainda age de boa-fé.

— E sua semelhante acusação contra Abathur?

— Parece razoável que depois de pensar em encontrar e enviar as psioliscas, Zagara nos informasse de suas intenções — explicou Valerian. — Ela não levou o transmissor, mas possivelmente deixou ordens para que alguém repassasse a mensagem. Abathur seria o encarregado lógico, sendo capaz de se comunicar conosco e com vocês e já estando no local.

— Mas sendo ele o orquestrador— disse Artanis lentamente —, seria de interesse desobedecer a essa ordem.

— Exato — disse Valerian. — Para nos fazer acreditar que Zagara saiu de cena sem explicações.

— E o propósito final?

— Espero que assim que nos acertarmos com Zagara, possamos perguntar a ele.

— Seu argumento é lógico, imperador Valerian — disse Artanis. — Mas lógica nem sempre é realidade. Não passarei agora um julgamento final, mas não aceitarei ainda a inocência de Zagara.

— Que adiante seu julgamento é tudo que peço — garantiu Valerian. — Obrigado.

— Mas saiba que estamos observando os leviatãs de perto — acrescentou Artanis. — Qualquer tentativa de deixarem Gystt será repelida com força.

Valerian fez uma careta. Mas o hierarca tinha razão. Se Zagara ou outra mãe de casta decidisse fugir, poderia carregar zergs o bastante dentro daquelas criaturas gigantescas para manter uma nova guerra por anos.

— Entendido.

— Nova frente de batalha se formando — murmurou Matt ao lado dele.

Valerian novamente voltou a atenção para a tela.

— Eles conseguem resistir a outra investida?

— Não sei — respondeu Matt soltando o ar. — Espero que sim. Parece que essa onda está demorando mais que as outras para se reunir. Talvez as psioliscas tenham mais dificuldade para controlar hidraliscas que zergnídeos ou baratas.

— Cérebro maior e mais inteligência?

— Ou simplesmente maiores e mais perigosas — disse Matt. — O que me faz lembrar. — Ele pegou seu comunicador e digitou uma conexão. — Laboratório biológico, aqui fala o almirante Horner — disse. — Como está indo a autópsia?

— Mal começamos, almirante — soou a voz da dra. Cogan no alto-falante do comunicador. — Essa coisa é excepcional. Estamos trocando boletins de dados com os protoss, mas mesmo trabalhando juntos, levaremos meses para desencavar todos os detalhes.

— Nós não temos meses, doutora — disse Valerian, curto e grosso. — Nos dê algo que possamos usar.

— Sim, imperador — disse Cogan. — A má notícia é que não fomos capazes de identificar a parte do cérebro que controla a psiônica. Isso significa que não temos ideia de como destruir, embaralhar ou confundir o poder delas.

— Continuem procurando — disse Valerian.

— Faremos isso, imperador — disse Cogan. — Mas há algo interessante. Nós sabemos que os zergs podem escutar, pois vemos isso no campo de batalha o tempo todo, mas sempre supomos que a maioria recebe ordens e comunicações em geral pela rede psiônica. Também sabemos que zergs mais evoluídos, como rainhas e super-rainhas, *conseguem* entender fala terrana.

— E? — tentou encurtar Valerian.

— De acordo com dados dos protoss, existe uma correlação direta entre o desenvolvimento do centro de fala e o nível hierárquico do zerg em questão — disse Cogan. — E até onde podemos dizer, essa psiolisca tem um centro de fala *muito* desenvolvido.

— Interessante — disse Artanis. — No entanto, elas têm poder psiônico. Por que precisariam entender a fala?

— Porque sem isso Abathur não conseguiria falar com elas — disse Valerian quando tudo subitamente se encaixou. — Como o poder psiônico delas vem da essência xel'naga, as psioliscas

provavelmente se comunicam num nível diferente. Talvez Abathur tenha suspeitado que não conseguiria acessá-las do modo tradicional e por isso acrescentou um centro de fala que lhe permitiria simplesmente falar com elas.

— E ele é *capaz* de falar? — perguntou Matt. — Eu não imaginava que nem mesmo rainhas fizessem isso.

— De certa forma — disse Cogan. — Ele precisaria apenas de um tradutor psi-fala como aqueles que os zergs usam em seus transmissores de longo alcance.

— E provavelmente nem precisou perder tempo suspeitando da psiônica — acrescentou Matt. — Se já havia trabalhado nas adostras, sabia que as frequências zerg e xel'naga operam em níveis diferentes.

— Zergs mais evoluídos como Zagara e Mukav também parecem ter ficado mais confortáveis com a comunicação verbal desde o fim da guerra — disse Valerian.

— Então a situação é de extrema urgência — apontou Artanis. — Desde o início do ataque contra a força de Alikka, tenho refletido na estratégia usada pelo inimigo. É inconcebível que apenas psioliscas possam estar dirigindo a batalha. Assim, algum outro zerg deve estar lá com elas.

— Você quer dizer que Abathur está *lá*? — perguntou Valerian, olhando para a tela com interesse renovado.

— Não sei — respondeu Artanis. — Já que essa pergunta leva a outra. Sabemos pouco sobre Abathur, mas os conhecimentos que possuímos sugerem que ele não foi criado para assuntos de guerra. Não há razão para que possua conhecimentos sobre tática.

— Isso é perturbador — disse Valerian, franzindo a testa para a tela. — Porque *alguém* lá embaixo parece possuir esses conhecimentos.

— A super-rainha Zagara seria uma candidatas — lembrou Artanis.

— Sim, é verdade — admitiu Valerian. O comentário anterior de Artanis sobre lógica e realidade lhe veio à mente. — Mais uma vez, tudo que podemos fazer é ir até o fim. Me parece que a equipe de inspeção chegou ao Ponto Três. Vejamos o que eles descobrem.

— E vamos torcer para que não digam nada que as psioliscas não queiram ouvir — acrescentou Matt.

De acordo com a mira óptica do visor de Tanya, a câmara principal do Ponto Três tinha exatamente o mesmo tamanho daquela no Ponto Um.

Então por quê, ela se perguntava, parecia estar levando muito mais tempo para atravessá-la até os casulos das adostras?

Não acredito que isso tenha a menor possibilidade de funcionar, alertou Ulavu. *Colocar todas as nossas esperanças nesse plano ameaça trazer destruição a todos nós.*

Tanya o encarou de mais adiante na câmara. Uma coisa era tentar algo e falhar. Outra era descartá-la categoricamente. *Não vejo por que não possa funcionar*, disse. *É essência xel'naga, e seu povo teve uma longa história com os xel'naga. Além disso, o ataque das psioliscas é especialmente forte contra você, então sabemos que a psiônica delas é capaz de ligar-se à sua.*

Ulavu soltou um suspiro mental. *Não se trata disso, Tanya Caulfield. Fomos informados de que as adostras estimulam o crescimento da vida vegetal. Por sua própria natureza e expressão, a vida vegetal é diferente da animal.*

Eu sei disso, disse Tanya, desdobrando-se para não perder a paciência. Aquele realmente não era o momento para uma discussão filosófica. *Mas as adostras são animais, certo? Então você deve ser capaz de contatá-las.*

E se esse de fato provar ser o caso, o que devo dizer? Será que elas, que celebram e nutrem a vida,

entenderiam o conceito de nutrir morte? Mesmo que entendam, como abraçariam tal ideia?

Tanya estreitou os olhos. Teve a mesma discussão com Whist, e ainda não foi convencida de que estava enganada.

Mas isso foi antes de se defrontarem com sessenta zergnídeos sob controle das psioliscas. *Você pode pelo menos tentar?*

Eu tentarei. Ulavu fez uma pausa, e ela o sentiu abrir a comunicação privada dos dois para incluir o restante do grupo. *Não posso prometer que terei sucesso. Não posso prometer nem mesmo que serei capaz de me comunicar com elas. As adstras são muito mais alienígenas que qualquer outra coisa já encontrada pelos protoss.*

O que era, Tanya sabia, dizer muita coisa. No decorrer de sua longa história, os protoss estiveram por toda parte e viram de tudo. Se um bando de criaturas sonhadoras dentro de casulos com nutrientes era tão temível assim, aquele plano podia rapidamente acabar num beco sem saída.

— Apenas faça o seu melhor — encorajou Erin. — É tudo que pedimos.

— É, não se preocupe com isso — acrescentou Dizz. — Você sabe como nós terranos somos. Nunca diga nunca. Exceto sobre matar zergs. Ou, às vezes, protoss. Mas principalmente zergs. Você entendeu.

— Dá pra fechar a matraca? — disse Whist.

— Foi mal — respondeu Dizz. — É que fico nervoso em espaços confinados. Teto baixo e tudo mais. A maioria dos exterminadores fica assim.

Tanya olhou para cima. O teto não era assim *tão* baixo; ficava a uns bons cinco metros do chão, espaço mais que suficiente até mesmo para Ulavu andar sem se preocupar em bater a cabeça. Ainda assim, para alguém acostumado a pairar sobre morros e campos de batalha, ela achava que cinco metros pudessem mesmo ser claustrofóbicos.

— Não — disse Dizz em voz baixa. — *Olhe* para o teto.

Fazendo uma careta, Tanya dirigiu um olhar mais atento para o alto. O teto era pedregoso, com os ressaltos e as reentrâncias que se esperaria numa caverna. Ela não sabia dizer se tinha sido cavada por garras zergs, ácido ou uma combinação dos dois. Mais à frente, logo acima da primeira fileira de zergs do seu lado, havia uma concavidade especialmente protuberante, algo que poderia ter sido aberto pelo punho de um protoss gigante. Ao lado da concavidade havia uma protrusão considerável que mais parecia uma estalactite embrionária.

E entre as duas havia um buraco.

Não apenas uma concavidade mais funda, ela viu quando se aproximou, mas um buraco mesmo, que subia abrindo caminho pela rocha. Ela não sabia dizer até onde, mas havia uma tênue luz no interior, então alguma parte devia subir até a superfície. Provavelmente era o caminho, ou um dos caminhos, usado pelas psioliscas para entrar.

Ela olhou para Dizz. Que a fitava com expectativa, as sobrancelhas arqueadas como se ela não estivesse percebendo alguma coisa.

Tanya olhou para o buraco outra vez, tentando tocar a mente do outro e ter ao menos uma pista do que ele queria dizer. No entanto, poder mental era limitado demais. O buraco estava ali, evidentemente ia até o alto da meseta...

E era grande o bastante para uma pessoa se espremer ali dentro.

Não alguém vestindo uma armadura CMC, como Whist ou Erin. Não um exterminador carregando um propulsor com turbinas nas costas. Certamente, não alguém com os ombros largos de um protoss.

Mas um humano com a armadura mais compacta de um fantasma da Supremacia sem dúvida conseguiria.

Estaria Dizz sugerindo que ela escapasse?

Sua primeira reação foi repulsa pela simples ideia. Como ele *ousava* pensar que ela seria capaz de fugir e deixar os outros para trás?

Mas a reboque dessa raiva involuntária veio a noção mais pragmática de que todos ali poderiam muito bem morrer nos próximos minutos. Se isso acontecesse, com as psioliscas bloqueando as comunicações de longo alcance, a única forma de o imperador Valerian e o hierarca Artanis serem atualizados do acontecido seria se alguém saísse dali antes que fosse tarde demais. E a única pessoa capaz disso era ela.

Pior: se ficasse presa ali, Abathur podia carregá-la para algum lugar e tentar acrescentar sua pirocinense ao arsenal zerg.

Talvez Dizz tivesse razão. Talvez, por todos aqueles ótimos motivos, ela devesse tentar dar o fora.

Tanya apurou os ombros. *Não*, disse categoricamente a si mesma. Aguardara tempo demais por uma chance de usar seus poderes pela Supremacia. Nada no mundo a faria abandonar sua equipe. Não daquela forma.

Quanto a Abathur, se ela e os outros fossem mesmo morrer, Tanya trataria para que não sobrasse nada que um mestre evolutivo pudesse usar.

Como assim, não?

Tanya fez uma careta. Aquilo deveria ter sido um pensamento privado, não uma mensagem para Ulavu. Aparentemente, concentrara força demais na palavra. *Dizz está tentando me convencer de uma coisa*, explicou. *Mas eu não posso...*

— Aqui vamos nós — disse Whist, parando abaixo da primeira camada de casulos. — Ulavu, faça seu lance. Vocês, espalhem-se, mas não muito, e comecem a bisbilhotar por aí como se estivessem procurando os melhores caminhos para chegar aos casulos.

— E para destruí-los — acrescentou Tanya.

— Isso, e para destruí-los — disse Whist. — Quem achar uma entrada primeiro chama os outros, pra podermos bloquear a vista das psioliscas enquanto Erin coleta as amostras. Entendido? Vão.

Eles se espalharam, com Dizz indo até alguns casulos à esquerda e Whist até a mesma distância à direita. Ulavu escolheu um dos casulos entre os dois, e Tanya foi até um ao lado dele. *Você consegue*, encorajou ela. *Não tenha pressa. Comece tentando apenas dizer olá.*

Estou tentando, respondeu Ulavu, em voz mental excepcionalmente tensa. *Elas são... alienígenas demais. Não consigo... entender. E também não acredito que me entendam.*

— Xiii... — murmurou Erin do outro lado de Ulavu.

— O que foi? — perguntou Whist em voz baixa.

— Os zergnídeos — disse Erin. — Eles me parecem... bem inquietos.

Tanya olhou de relance para os dois lados da câmara. Os zergnídeos não estavam apenas inquietos; agitavam e mexiam os pés, moviam os braços de foice para cima e para baixo, abriam e fechavam a mandíbula.

— Nada bom — disse Dizz. — O que diabos acordou essas coisas?

— Será que elas perceberam o que estamos fazendo? — perguntou Erin.

— É claro que perceberam o que estamos fazendo — resmungou Whist. — Droga. Ou pelo menos entenderam que não estamos aqui pra destruir os casulos. Dava pra ter feito isso do outro lado da câmara.

— Mas então por quê...? — Erin estancou.

— Pois é — disse Whist. — Elas deixaram a gente atravessar a câmara pra ficarmos bem longe da entrada.

— Certo, vamos por partes — disse Tanya, lutando com o zumbido no cérebro e o medo que lhe

embrulhava o estômago. *Não* deixaria que Abathura capturasse. — Podemos coletar as amostras de Erin antes que eles ataquem?

— Ainda não sei como chegar ao interior do casulo — disse Erin. — Mas Ulavu pode cortar um.

Não, disse o protoss, em voz ainda mais tensa. *Não consigo entendê-las. Mas no âmagô do meu ser, sei que abrir o casulo matará a adostra no interior.*

— E daí? — retorquiu Dizz. — Elas vão morrer de qualquer forma, certo? É isso que Abathur quer.

Elas podem morrer. Mas não pelas minhas mãos.

— Ele tem razão — disse Erin. — Já matamos muitas. Até demais. *Não* vamos matar mais nenhuma.

— Certo — emendou Whist. — Então voto pra darmos a Ulavu mais trinta segundos pra fazer contato, aí damos um jeito de bater em retirada com dignidade.

Tanya olhou para os zergnídeos inquietos e as psioliscas além.

— Elas jamais permitirão isso.

— Provavelmente não — disse Dizz. — Nesse caso, só vamos precisar matá-las.

E, sem alerta, toda a massa de zergnídeos investiu.

Eles iam morrer, Tanya pensou vagamente ao se voltar para a fileira dupla à sua esquerda e concentrar o poder no primeiro atacante. O zergnídeo deu mais dois passos, tropeçou e caiu. Ela voltou a atenção para o que estava ao lado do primeiro, escutando às suas costas o matraquear abafado da C-14 de Whist, que abria fogo contra sua própria onda de atacantes. À direita, ela percebeu um reflexo de luz nos casulos quando Ulavu ativou as lâminas de transdobra.

E olhava quase diretamente para Dizz quando ele acelerou as turbinas e saltou para o ar.

Rumo ao buraco no teto que havia apontado mais cedo.

Seu primeiro pensamento horrorizado foi de que ele estava fugindo, esperando de alguma forma passar pela abertura estreita e escapar da morte certa que os aguardava. Ela olhou para cima, acompanhando o voo com uma pontada de raiva e traição combinadas que acendeu uma centelha vermelha em sua vista.

Mas Dizz não mirava o buraco, ela percebeu, e sim a grande concavidade em forma de punho no teto.

Tanya franziu a testa, confusa, pensando se o pânico teria tirado o exterminador do curso. Dizz deu meia-volta, ficando de frente para ela e os outros e, quase com delicadeza, posicionou as aletas dos propulsores na borda do buraco e acelerou as turbinas.

E às vistas de Tanya, a súbita e violenta tempestade de vento acertou em cheio a linha de zergnídeos que vinha para cima dela, atirando-os para trás.

— Eu lido com esses! — gritou ele, suas palavras quase inaudíveis sob o grito lancinante das turbinas. — Cuide do outro lado!

Tanya girou sobre os calcanhares, abrindo um largo sorriso. Devia ter percebido que Dizz teria algo na manga.

Mesmo com os inimigos reduzidos pela metade, porém, eles ainda estavam perigosamente perto do limite. Whist trabalhava metodicamente nos atacantes com seu C-14; Erin fazia algum progresso com seu rifle Gauss. Com Tanya e sua pirocinese se juntando à festa, podiam dar conta do recado.

Mas zergnídeos eram durões. Levava algum tempo para cada um ser morto, e as criaturas eram numerosas demais. De rabo de olho, Tanya viu que Ulavu havia fechado as lâminas de transdobra — os zergnídeos ainda estavam afastados demais para o combate corpo a corpo, de qualquer forma — e sacado um pequeno disco do tamanho de um descanso de copo. Ele se agachou, levou a mão com o disco ao peito e o atirou nos zergnídeos.

Em pleno voo, a borda do disco se acendeu num anel de fogo verde como o de uma lâmina de

transdobra, transformando o aparelho em um cata-vento de destruição com um metro de diâmetro. O disco acertou o primeiro zergnídeo em seu caminho, atravessando-o sem ao menos perder velocidade, fez o mesmo com o próximo...

A psiolisca nos fundos da câmara tentou sair do caminho. Mas, aparentemente, a surpresa com o ataque inesperado tivera um efeito paralisante, e a arma cortava o ar rápido demais. Ela mal havia começado a se mover quando a lâmina giratória lhe abriu o peito, derrubando-a no chão de pedra. A energia do Vazio desapareceu tão rápido quanto tinha surgido, e o disco agora inanimado bateu na parede e quicou no chão.

Whist soltou um rugido de guerra.

— *Boa!* — gritou. — Você tem mais algum?

Não, apenas esse, respondeu Ulavu. *Tanya Caulfield, você consegue recuperá-lo?*

Tanya fez uma careta. Estava no extremo oposto da câmara, do outro lado das duas fileiras de zergnídeos. Mas ele tinha razão. Os zergnídeos e as psioliscas estavam momentaneamente confusos e desorganizados, e o disco era uma arma boa demais para abandonar.

— Posso tentar! — gritou de volta. — Whist, abra caminho.

— Claro.

Ele ajustou o alvo e atirou no centro da linha. Erin pegou a deixa e passou a focar no mesmo ponto. Tanya retesou o corpo para correr, ciente que aquilo ainda exigiria um sincronismo preciso...

— Pode deixar, eu pego — gritou Dizz. — Tanya, cuide desse lado.

Antes que ela pudesse responder, o som das turbinas mudou, e o exterminador passou zunindo acima. Desviando para evitar as tentativas dos zergnídeos de derrubá-lo com suas garras de foice, ele voou por sobre a fileira na direção do disco.

Tanya não esperou para ver mais. Deu meia-volta, torcendo para que os jatos a queima-roupa da turbina de Dizz tivessem feito estrago nos zergs daquele lado.

Tinham, mas não tanto quanto ela gostaria. Os zergnídeos tinham sido espalhados para trás, e alguns, pelo jeito, atirados com bastante violência contra o piso irregular. Mas fora alguns que ainda cambaleavam, tentando se manter de pé, eles pareciam estar se recuperando.

Respirando fundo, Tanya se concentrou no que parecia estar mais pronto para voltar a atacar e usou seu poder. O zergnídeo estremeceu e caiu. Ela voltou a atenção para o próximo...

Lance!

Tanya arriscou um olhar por cima do ombro. No extremo oposto da câmara, Dizz já havia aterrissado, segurando o disco de Ulavu. As outras três psioliscas dali investiam, claramente esperando chegar a ele antes que conseguisse decolar. Dizz arremessou o disco e acionou os turbos...

O aparelho voltou a flamejar com energia do Vazio e atravessou o corpo do zerg que liderava o ataque. Suas garras, ainda erguidas, raspam inutilmente nas caneleiras blindadas de Dizz enquanto ele ganhava altitude. A segunda psiolisca da fila se esquivou com um salto para o lado, e o disco passou em branco. As lâminas pulsantes se apagaram, e, com inesperada destreza, a terceira psiolisca estendeu uma garra e o apanhou no ar...

Contorcendo-se quando as lâminas de transdobra voltaram e brilhar e cortaram a garra que segurava o disco, atravessando a parte óssea da cabeça.

A última psiolisca, a que tinha conseguido desviar-se do disco, virou-se e investiu contra Dizz, arranhando o ar aos seus pés com fúria nas garras. Logo tombou, quando Whist lançou uma rajada tripla de estacas para dentro dela.

Tanya não esperou para ver mais. Ela se voltou e viu que uma dúzia de zergnídeos tinha se reunido e convergia para ela, com os braços de foice erguidos. Mirou em um, viu a coisa morrer, foi para o

seguinte e mandou-o estrebuchando pelo chão, mirou num terceiro, percebeu que jamais conseguiria acabar com todos, teve um sobressalto com algo pequeno e escuro passando zunindo ao seu lado...

Ela ficou paralisada quando o disco que girava na direção dos zergnídeos voltou a avivar-se com energia do Vazio. Outros dois atacantes caíram, transpassados pela arma, e os outros saíram do caminho, momentaneamente atordoados.

Tanya se concentrou no próximo da fila, determinada a usar ao máximo os poucos segundos que Ulavu lhe conseguira. Viu de relance um lampejo sutil no fundo da câmara ao dar cabo do próximo zergnídeo do bando.

E então Ulavu passou como um raio ao seu lado, com as lâminas de transdobra luzindo nos antebraços. Sem hesitação, ele investiu contra a turba. Tanya desviou a atenção dos zergnídeos no alcance do protoss e se concentrou naqueles que estavam de lado, aguardando a vez. Um deles se retesou e morreu; então um segundo e um terceiro. Uma pilha de carcaças começava a se formar aos pés de Ulavu, ameaçando limitar sua capacidade de manobra.

Houve um movimento sutil no fundo da câmara: as três psioliscas que coordenavam os zergnídeos naquele lado se esgueiravam pela parede na direção da arcada. Ao que parecia, tinham dado a batalha como perdida e tentavam escapar.

Ela sorriu com o canto da boca. Escapar uma ova.

Trinta segundos depois, estava acabado.

— Todo mundo bem? — chamou Whist quando abaixaram as armas. — Ulavu, você está bem?

Não estou incapacitado, disse o protoss.

— Que bom — disse Whist curto e grosso. — Não foi o que eu perguntei. Tente outra vez. Quantas novas feridas você arrumou?

Três. Nenhuma delas letal.

— Vamos dar uma olhada — disse Whist, pegando seu kit de primeiros socorros e se aproximando.

— Tanya? Você também parece meio trêmula.

— Estou bem — garantiu a fantasma. O crânio latejava com a pior dor de cabeça de sua vida, e o implante parecia que ia pegar fogo e fritar o cérebro de dentro para fora. Apenas quando já estava acabado ela conseguira perceber o esforço que havia concentrado na batalha e quanto isso a afetaria.

Mas estava acabado, e ela teria bastante tempo para se recuperar antes que Abathur pudesse organizar algum tipo de contra-ataque.

De qualquer forma, sem dúvida estava melhor que Whist, cuja armadura exibia ao menos duas marcas novas de garras, uma delas abrindo caminho até o macacão que o fuzileiro usava por baixo da CMC. Ele devia ter matado esses zergnídeos com tiros à queima-roupa na cabeça.

Os homens e mulheres no quartel do programa fantasma adoravam fazer piada sobre fuzileiros. Quando tudo aquilo estivesse acabado, disse a si mesma com firmeza, ela voltaria a eles e colocaria a pratos limpos o que exatamente os fuzileiros faziam, como o faziam bem e os riscos terríveis que assumiam ao fazê-lo.

Whist olhou para cima ao tirar uma atadura de um compartimento na armadura.

— O que esse olhar quer dizer?

Tanya piscou os olhos.

— Desculpe — disse. — Não percebi que estava encarando.

— Ela capricha nesses olhares — comentou Dizz. — Você devia ter visto o jeito que ela me olhou quando subi para começar minha tempestade de vento.

— É, aquilo foi genial — disse Whist. — E de uma estupidez tremenda. Chegou a ocorrer a você que, com o propulsor a toda, se as aletas tivessem escapado daquela rocha, você teria quebrado o

pescoço na hora?

— De nada — disse Dizz com um sorriso manso. — Fico sempre feliz em fazer minha parte pela corporação. Então, e agora?

— Acho que posso ter descoberto uma forma de coletar as amostras — ofereceu Erin. Ela estava com a sacola aberta, vasculhando o conteúdo. — Pensei que, se não podemos abrir os casulos, talvez eu *tenha* como acessar os tubos de nutrientes. Geralmente há algumas células descartadas misturadas, mas posso me livrar delas. — Ela gesticulou para o outro lado da câmara. — Então tudo que preciso fazer é recolher amostras de uma psiolisca e devemos ser capazes de provar que não são da mesma espécie.

— Valerian já tem amostras de psiolisca — lembrou Dizz.

— De um espécime que foi explodido e depois exposto ao vácuo — rebateu Erin. — Algumas amostras frescas não farão mal.

— Verdade — disse Dizz. — Enquanto você faz isso, Ulavu pode me ajudar a tirar aquela coisa do buraco.

Whist franziu a testa.

— Que coisa e que buraco?

— A coisa presa naquele buraco no teto — disse Dizz, apontando para cima. — Tanya viu. Não viu?

Tanya olhou para o buraco. Havia *mesmo* algo ali, como ela agora via.

— Ah...

— Quer dizer que você *não* tinha visto? — perguntou Dizz.

— Não — admitiu Tanya. — Achei que você estivesse mostrando uma saída de emergência.

— Sério? — disse Dizz, olhando para cima. — É, como se algum de nós fosse caber ali. Bem, talvez você conseguisse. Enfim, acho que a melhor forma de tirar aquilo de lá é cortando, e para isso preciso de nosso amigo templário das trevas e suas lâminas de transdobra. Isso se você estiver dentro.

É claro que posso ajudar, disse Ulavu. *Diga o que deseja que eu faça.*

— Nada complicado — disse Dizz. — Carrego você até lá, seguro firme enquanto você corta as amarras ou os suportes que prendem aquilo no lugar e nós descemos com a encomenda.

Ficarei feliz em ajudar.

— *Depois* que eu enrolar essas ataduras — disse Whist. — E por falar em lâminas de transdobra, aquele seu disco voador é uma arma do cacete. Como é que nunca vimos um antes?

Eles foram aprimorados apenas recentemente, disse Ulavu. *O disco utiliza tecnologia de lâminas de transdobra, embora as projeções não sejam precisamente lâminas de transdobra.*

— Bom, gostei deles — elogiou Whist. — Alguém viu onde foi parar?

— Está ali — disse Tanya, avistando o disco entre dois zergs mortos. — Já vou pegar.

Quando ela voltou, Whist já havia terminado os curativos, e Dizz e Ulavu, voltado com o objeto escondido, já no chão. Os três estavam agachados ao redor. Era um pequeno bloco de construto biológico zerg em forma de caixa: cinza, com um fluido padrão semelhante a uma grade de um lado e um punhado de coisas de formas estranhas que lembravam botões.

— Alguma ideia do que seja isso? — perguntou ao entregar o disco a Ulavu.

— Ah, sim — disse Dizz, mal-humorado. — Pode apostar que é um dos transmissores que eles vêm usando. Um dos boletins de dados de Cruikshank tinha uma foto meio borrada do que eles acreditavam ser o transmissor no tal centro de conferências de Zagara.

— Isso é um transmissor? — perguntou Tanya, franzindo o nariz. Para ela, era apenas mais um bloco de construto orgânico zerg. — Eu não sabia que eles usavam sistemas de comunicação de longo alcance.

A rainha zerg Mukav também usou um quando chegou a Korhal IV para pedir ajuda terrana, disse Ulavu.

— Certo, mas por que *aqui*? — perguntou Dizz. — Isso são zergs. Abathur não pode usar a conexão psiônica deles?

— Não com as psioliscas — disse Erin, de perto dos casulos. Ela havia aberto um pequeno painel, Tanya percebeu, e examinava o interior com algum tipo de sonda. — Níveis diferentes de psiônica por conta da essência xel'naga, lembra? — Ela já se virava, mas ergueu um dedo quando algo lhe ocorreu. — O ruído mecânico que ouvi na ida para o Ponto Um — disse. — Lembram? O som misturado com canto?

— Essa coisa não é exatamente mecânica — destacou Dizz.

— E a psiônica das adostras também não é exatamente canto — rebateu Whist. — Ela pode ter razão. Talvez houvesse outra dessas coisas no Ponto Um como parte do pacote.

— Mas ainda não há como você ter ouvido isso, *nada* disso, daquela distância toda — insistiu Dizz.

— Talvez viesse das adostras — disse Erin. — Se elas sabem de tudo que acontece em sua câmara, talvez no planeta todo, podem ter permeado a biomecânica do transmissor em seu canto.

— Sim, mas... — começou Dizz.

— Seja como for, a coisa está aqui — cortou Tanya. — Vamos nos concentrar nisso. Enfim. Abathur cria alguns transmissores e os instala nas câmaras das adostras. Eles são autônomos; são capazes de cobrir o continente inteiro, e ninguém ia ficar sabendo que criou mais alguns por fora depois de construir os de Zagara e Mukav.

— O que significa que as psioliscas podem ouvir e entender linguagem — disse Whist. — Droga. Não é de estranhar que descobriram que estávamos fingindo. A gente ficou matraqueando sobre o plano todo bem na cara delas.

— Elas iam acabar descobrindo de qualquer forma — disse Dizz. — A grande pergunta...

— Ah, meu Deus — interrompeu Tanya quando um pensamento terrível lhe ocorreu.

Porque se havia um transmissor daquele no Ponto Um, Abathur *sabia* sobre seu poder. Soubera o tempo todo.

Não, disse a voz mental de Ulavu, acalmando-a. *Não é o caso.*

Mas nós falamos disso, protestou Tanya. *Falamos sobre meu poder depois da batalha. Abertamente.*

Não, repetiu Ulavu. *Tudo que ele sabe é que você é uma piropata.*

Tanya piscou os olhos, com a conversa subitamente entrando em foco. Ele tinha razão. O protoss havia contado aos outros seu odiado apelido fantasma e só.

E nem Abathur nem zerg algum teriam a menor ideia do que era uma *piropata*.

Com um sobressalto, ela percebeu que os outros lhe estavam fitando com curiosidade.

— Desculpem — disse. — Bug cerebral. Continue.

— Certo — disse Dizz, olhando atentamente para ela. — Enfim, como eu estava dizendo, a pergunta é a seguinte: se Abathur projetou esses transmissores para funcionarem enquanto as psioliscas mandam brasa com todo seu poder, isso significa que são imunes à interferência que elas provocam nas comunicações?

— Essa pergunta veio bem a calhar — disse Tanya. O zumbido em seu cérebro subitamente ficou mais alto. — Porque eu acredito que mais delas estão a caminho.

Concordo, disse Ulavu. *O ataque está recomeçando.*

— Que beleza — murmurou Whist. — Venha Dizz, vamos até a entrada dar uma conferida nos convidados.

— Pelo menos esse grupo precisará vir pra cima da gente um de cada vez — disse Dizz, carregando um pente novo na P-45. — A não ser que queiram se dar ao trabalho de derrubar as outras árvores.

E então, sem aviso, ouviu-se um baque estrondoso acima deles, um impacto titânico que sacudiu a

meseta. Um segundo depois veio um segundo impacto ensurdecador, esse com um som reverberante de algo sendo partido e esmigalhado.

— Mas que diabos? — gritou Dizz, fazendo-se ouvir por cima da cacofonia.

Whist soltou um palavrão.

— Isso, meus amigos — decretou quando o som começou a perder intensidade —, foi o som de um devorador ou de algo tão grande quanto quicando no alto da meseta e destruindo a paliçada de árvores. Mandando tudo pelos ares.

“Eles não vão entrar um de cada vez, Dizz. Vão entrar todos juntos.”



CAPÍTULO VINTE E UM

A estratégia de posicionar todos os protoss no centro da linha de batalha e todos os fuzileiros, exterminadores e *mechs* terranos nos flancos não havia funcionado na primeira vez que Cruikshank e Alikka a tentaram.

Então, é claro, eles tentariam de novo.

O que provavelmente parecia estranho, já que os zergs se alinhavam para um maciço golpe final. Um grupo de hidraliscas estava reunido em frente aos protoss em formação de ponta de lança, com uma fina fileira de zergnídeos espalhados pelo resto do ponto de estrangulamento para manter os terranos ocupados.

Era um bom plano, uma estratégia que o histórico daquela batalha sugeria ser vitória garantida. Quando as hidraliscas acabassem com os protoss, elas poderiam se voltar para os dois flancos terranos e liquidá-los.

Cruikshank podia apenas torcer para que o truque maquinado por ele e Alikka fizesse a diferença para os aliados.

Ele fez uma careta quando sua linha de pensamentos tropeçou na palavra. *Aliados*. Nunca tinha imaginado que a Supremacia e os protoss pudessem ter esse tipo de relacionamento. E nunca quisera tal coisa. *Sim*, haviam lutado juntos em algumas ocasiões, mas isso nem de longe fazia deles *aliados* de verdade. Na cabeça de Cruikshank, pelo menos. Mesmo depois de o imperador Valerian ter decretado o cessar-fogo, o coronel insistia em pensar nos protoss mais como *não inimigos* que *amigos*. Para ele, lutar ombro a ombro com protoss era uma experiência nova e não exatamente agradável.

Ainda assim, apesar da arrogância e da presunçosa mania de superioridade, ele precisava admitir que Alikka, pelo menos, dava ouvido à razão. Às vezes. Quando não tinha escolha.

Já começou, alertou Alikka. *A pressão foi aumentada*.

Cruikshank mostrou os dentes. E, da cabine do Cão de Guerra, viu todo o centro da formação protoss titubear quando os guerreiros foram atingidos em cheio pelo ataque psiônico. A qualquer minuto, as hidraliscas iniciariam o ataque.

— G-Cinco? — chamou pelo comunicador. O homem tinha nome, é claro, mas os pilotos de *mechs* duravam tão pouco que era mais fácil pensar nele como Golias Cinco. Mesmo quando o Golias Cinco propriamente dito estava fora de ação.

— Estamos prontos, coronel — disse o operador. — *Eu* estou, pelo menos. Os outros estão... bem, tenho certeza de que eles não estão bêbados *de verdade*.

— Por isso você está aí — disse Cruikshank com uma satisfação perversa. Alikka não gostara daquela parte do plano, mas Cruikshank insistira, e o protoss acabara cedendo. Agora devia estar agradecendo por isso. Não que jamais fosse admitir. — Esteja pronto para disparar ao meu sinal. Ao *meu* sinal — acrescentou, apenas para garantir. Golias Cinco não era mais fã dos protoss que o próprio Cruikshank.

— Afirmativo, coronel.

Eles se aproximam, disse Alikka, a voz ainda mais tensa.

Cruikshank perscrutou o campo de batalha. A ponta de lança de hidraliscas entrou em movimento.

— Preparem-se, rapazes — disse.

Ele olhou para a tela da traseira, vendo as fênix parcialmente destruídas no meio do descampado. Seria tarde demais, ponderou, para puxar a linha para trás delas?

Provavelmente.

— Alikka, diga para seus homens se moverem... *agora*.

No primeiro meio segundo, ele pensou que Alikka não tinha ouvido a ordem ou, pior, que o zumbido cada vez mais alto na cabeça dos protoss estivesse soterrando tudo mais. Então, para seu alívio, o centro da linha de batalha titubeou e então começou a se desfazer, com os protoss saindo a passos largos ou cambaleando para os flancos, apressando-se para se esconder atrás dos fuzileiros, exterminadores e golias que ainda se mantinham de pé. Templários e nerazins, sucumbindo ao ataque psiônico das psioliscas e à ameaça da carga de hidraliscas.

Cruikshank prendeu a respiração. Aquele era um momento decisivo. Se o inimigo tivesse abandonado a ideia de levar mais zergs ao Ponto Três para aniquilar terranos e protoss que, tão inconvenientemente, se dedicavam a bloquear seu caminho, as hidraliscas pegariam a deixa dos protoss e concentrariam o ataque nos flancos.

Mas quem quer que as comandasse tinha prioridades bem definidas. Ganhando ainda mais velocidade, as hidraliscas miraram direto no largo rombo que se abriu à frente. Cruikshank quase conseguia imaginar o comandante zerg sorrindo com a vitória, ou ao menos chegando o mais próximo de um sorriso que um zerg conseguia.

Ele respirou fundo.

— G-Cinco... *fogo*.

E, com um chiado crepitante e uma carga de estática que arrepiou todos os pelos do corpo de Cruikshank, uma das fênix tombadas indefesas no terreno atrás da frente de batalha abriu fogo com um canhão de íons.

Os canhões de íons protoss eram projetados para combates antiaeronave e antiespaçonave. Cruikshank nunca vira um ser usado no solo.

Não se esqueceria tão cedo daquela visão. O pulso colimado de íons negativos atravessou o espaço onde os protoss estavam segundos antes, chamuscando o mato, cindindo moléculas de ar e lançando ondulações de estática contra os golias, exterminadores e fuzileiros a uma centena de metros de distância.

E os zergs que corriam direto para o centro do pulso foram simplesmente desintegrados.

Foi uma das coisas mais incríveis que Cruikshank já havia visto na vida. As hidraliscas não explodiram, como teriam feito com o uso de granadas, ou soltaram jorros de sangue, como acontecia com as estacas de rifles Gauss, nem morreram de nenhuma das formas que os zergs costumavam morrer no campo de batalha. Eles simplesmente se desfizeram, como mato seco no fogo. Suas carapaças desmancharam; garras, dentes e rostos ficaram embaçados, racharam e se tornaram poeira ao vento.

Eles se foram de modo limpo e ordeiro, os da frente sendo soprados nos de trás e assim sucessivamente. O primeiro pulso abriu caminho até a quarta fileira antes de se dissipar, e Cruikshank pensou brevemente se o comandante zerg tentaria fazer com que os atacantes recuassem ou ao menos os dispersaria.

Eles não fizeram nem uma coisa nem outra. Mas, sendo honesto, não tiveram tempo, mesmo. O primeiro pulso de íons mal tinha dissipado quando Golias Cinco disparou pela segunda vez, dizimando as três fileiras restantes.

O segundo disparo foi o último. Alikka havia alertado que os danos das fênix se estendiam ao sistema elétrico, e que os capacitores tinham carga limitada.

Mas com as hidraliscas amontoadas para romper a linha, dois tiros era tudo de que Cruikshank precisava. Enquanto os zergs sobreviventes ainda se debatiam sob o efeito das cargas de estática resultantes dos pulsos, fuzileiros e golias abriram fogo do solo, exterminadores lançando do alto sua própria chuva de metal hipersônico. Alguns poucos zergs chegaram à linha de batalha, apenas para serem massacrados pelos protoss.

E, no fim, os aliados conseguiram segurar o terreno.

O ataque psiônico perde força, anunciou Alikka, rompendo o novo silêncio com alívio evidente na voz mental. *Acredito que as psioliscas estejam batendo em retirada.*

— Devemos ir atrás delas, coronel? — perguntou Golias Um.

Cruikshank olhou para a floresta, agora desprovida de zergs visíveis. Era um pensamento tentador.

Mas todo tipo de coisa podia continuar à espreita por ali. E apesar de os golias terem sido projetados para manobrabilidade em espaços apertados, mesmo eles tinham seus limites.

— Fiquem onde estão — ordenou. — Fuzileiros, retornar e reagrupar. Golias, fiquem de olho em novas surpresas. Exterminadores, mantenham altitude e reportem qualquer movimento. Alikka, seus homens estão bem?

Estão, disse o protoss. *Mas por algum tempo ficaram incapazes de se concentrar adequadamente. O combate teria sido desastroso.*

— Até mesmo a tripulação de comando da fênix? — perguntou Cruikshank, perversamente desejando que o comandante dissesse em voz alta.

Para sua surpresa, Alikka fez exatamente isso. *Até mesmo a tripulação de comando*, disse. *Talvez especialmente a tripulação de comando. Você teve razão em insistir que um terrano operasse a mira e a ativação dos canhões de íons.*

E para surpresa ainda maior de Cruikshank, a admissão não foi nem de longe tão gratificante quanto esperava. Será que estava ficando velho demais para tripudiar?

Não. Estava cansado; só isso. Apenas cansado.

— Fico feliz que tenha funcionado — disse.

A luz amarela do comunicador de longo alcance piscou no painel, e ele acionou o botão.

— Cruikshank.

— Horner — respondeu o almirante. — Reporte-se.

— O campo é nosso, senhor — disse Cruikshank. — Ganhamos o dia.

— Meus parabéns — disse Horner —, mas o dia ainda não acabou. Como está sua mobilidade?

— Temos quatro golias e um Cão de Guerra em condições de razoável a boa.

— Alguma chance de reparar ou libertar alguma das naves?

— Não, senhor, não aqui embaixo — disse Cruikshank. — Os campos de transdobra também não estão funcionando ainda. — Ele fez uma careta, intuindo aonde Horner queria chegar com aquilo. — A equipe de Halkman?

— Sim — disse Horner. — A paliçada de árvores foi completamente derrubada. Abathur enviou um devorador, e uma massa de zergs está se reunindo do lado de fora.

— Quanto tempo temos?

— Provavelmente não mais que cinco minutos.

Cruikshank praguejou entre os dentes. Ele e sua força estavam a quinze quilômetros de distância, com terreno complicado no caminho. Um soldado com traje de combate plenamente funcional seria capaz de encarar essa distância com facilidade, mas todos os seus fuzileiros e exterminadores tinham sofrido danos de combate, fosse na armadura, no corpo ou em ambos.

— Sinto muito, almirante — disse o coronel. — Mas não conseguirei chegar com homens suficientes a tempo de ajudar.

— Eu sei — disse Horner. — Nós também não.

Do outro lado do descampado, Alikka conferia o estado de seus guerreiros. Cruikshank olhou para ele...

— A *minha* força não conseguirá chegar lá, senhor — disse. — Mas pode haver outra opção.

Ninguém disse nada por um longo momento. Isso já era de surpreender; Erin esperava ao menos alguns palavrões. Mas, para variar, Dizz e Whist ficaram calados.

Talvez houvesse situações tão sérias que calassem até mesmo a fanfarronice de fuzileiros e exterminadores. Era um pensamento assustador.

— O que vamos fazer? — perguntou.

— *Você* vai pegar aquelas amostras — disse Whist. — Nós vamos ver o que podemos fazer para segurar os zergs.

— Ou ao menos retardá-los — acrescentou Dizz.

Erin olhou para o tubo de amostras.

— E de que adianta retardar os zergs?

— Muita coisa — disse o exterminador. — Pela primeira vez desde que pousamos nesse maldito planeta, Abathur perdeu uma aposta. — Ele apontou para o transmissor. — Como eu disse, se ele usa essa coisa para falar com as psioliscas, quer dizer que não é bloqueado pelo poder psi delas.

Erin olhou para o transmissor, subitamente entendendo.

— Então, assim que tivermos minhas análises, podemos enviá-las para o *Hipérion*?

— Exatamente — disse Whist. — Ulavu, você acha que consegue descobrir como isso funciona?

Se for de construção zerg, disse sem muita certeza. *Se usar protocolos como o do sistema de comunicação humano das Valquírias, um terrano estaria mais bem preparado para entendê-lo.*

— Talvez — disse Whist. — Mas Erin está ocupada, e eu preciso de Dizz e Tanya lá embaixo. Então você foi eleito. Mãos à obra e dê um jeito de descobrir. — Ele indicou a arcada com a cabeça. — Vamos ver o que eles planejaram dessa vez.

Erin voltou ao trabalho com um nó no estômago. Transmitir os dados ao *Hipérion* seria bom. Podia ser uma peça vital para evitar uma guerra.

Mas, se fosse, ela gostaria muito de estar viva para ver as consequências.

Apertando os olhos para afastar pensamentos da própria morte, ela voltou ao trabalho.

O duto de retorno do casulo foi fácil de encontrar. Era típico das construções orgânicas zergs, com revestimento capaz de se autorreparar. Mentalmente cruzando os dedos, ela enfiou a agulha no tubo e extraiu algumas gotas. Então puxou a agulha, vendo outra gota escorrer pelo buraco...

Mas apenas uma. O buraco da agulha de fato havia se fechado. Com um suspiro de alívio, ela injetou as gotas no bioanalisador portátil e passou a recolocar o painel de acesso.

De baixo da rampa veio o martelar assobiado de um rifle Gauss. A batalha final havia começado. Erin fechou o painel e se levantou, rápido demais, lutando para manter o equilíbrio com o tanque que carregava preso ao ombro e ao quadril...

Ela prendeu a respiração. O tanque.

O lança-chamas.

E Whist e Dizz tinham esquecido completamente que estava com ela.

Ela olhou para Ulavu, que ainda mexia no transmissor. Por um segundo, ficou tentada a jogar um tubo de amostras para o protoss e pedir que coletasse algumas células da carcaça da psiolisca mais próxima. Mas Ulavu estava ocupado, e aquele era o trabalho dela. Depois de atravessar a câmara a passos largos, ela encontrou uma das psioliscas evisceradas pelo disco de transdobra, extraiu algumas células e fluidos de áreas diferentes, injetou-os na porta secundária do bioanalisador e seguiu para a arcada.

Parou no segundo patamar, esticando o pescoço para ver acima da barreira. Whist, Dizz e Tanya estavam no primeiro patamar, disparando rampa abaixo contra a entrada. Ela desceu, contornou a barreira e espiou por entre Whist e Tanya.

A paliçada de fato havia sido derrubada, mas ela não conseguia ver o que se lançara contra as árvores. Dezenas de zergnídeos, tatus-bomba e hidraliscas lutavam para atravessar as toras caídas, determinados a transpor a barricada e investir contra o fogo inimigo.

E os zergs estavam conseguindo. Whist não disparava rajadas com a voracidade de mais cedo na missão, claramente dando duro para conservar a pouca munição que lhe restava. Dizz fazia o mesmo. E Tanya, com o rosto contorcido de tensão, fritava um inimigo atrás do outro.

Erin deu um sorriso tenso. Abathur e as psioliscas tinham uma surpresa pela frente. Depois de algumas tentativas desajeitadas, ela finalmente conseguiu soltar o cano do lança-chamas do encaixe no tanque. Então deu um passo e um tapinha no braço do fuzileiro.

— Whist?

Ele olhou por cima do ombro.

— Já terminou?

— Sim — disse Erin com um sorriso tenso. Nos últimos poucos segundos, os zergs haviam conquistado mais um metro de território. As pilhas de carcaças agora avançavam dois ou três metros além das árvores caídas, e o grupo que as escalava naquele momento pressionava ainda mais.

— Eu trouxe um presente — disse ela, estendendo o cano. — Acho que você esqueceu que estava comigo.

— Não esqueci — resmungou Whist. — Não dá pra usar.

Erin pestanejou.

— Por que não?

— Porque estamos atirando de cima pra baixo — disse Whist, disparando outra rajada com o rifle Gauss — e ia voltar calor demais pra cima da gente. As armaduras não aguentariam.

— Achei que vocês usassem essas coisas em combate.

— Morcegos de fogo usam — disse Whist. — Às vezes, fuzileiros com CMCs intactas. — Ele apontou para as fendas escancaradas na própria armadura. — Fuzileiros com CMCs detonadas? Não. Por mais estranho que possa parecer, preferimos ser fatiados pelos zergs a virar churrasquinho. É mais rápido e dói menos.

Erin olhou para Tanya e Dizz com uma careta ao ver os arranhões, talhos e rombos na armadura dos dois. Ulavu, que não vestia armadura, estava fora de questão.

Então restava apenas uma possibilidade.

— Certo — disse. — Mostre como isso funciona.

Whist olhou para trás outra vez.

— O quê?

— Mostre como isso funciona — repetiu ela. — Minha armadura não está danificada, lembra? Eu mesma uso essa coisa. Só me mostre como.

— Você estará sozinha — argumentou Whist. — Depois que abrir fogo, nós precisaremos recuar.

Ela não tinha pensado naquele pequeno detalhe. Mas fazia sentido.

E também não fazia diferença. Não importava como, precisava ser feito.

Tanya parecia estar lendo sua mente. Talvez estivesse mesmo.

— Você não precisa fazer isso — berrou acima dos tiros. — Mais cedo ou mais tarde, Abathur vai acabar ficando sem zergs.

— Só me mostrem como essa maldita coisa funciona — explodiu Erin. — Já estou com medo o bastante, está bem? É melhor começar antes que seja tarde demais.

— Deixa comigo — disse Dizz, enfiando a pistola Gauss no coldre e indo até Erin. Pela primeira vez, não via nele nenhum sinal do senso de humor ferino que sempre parecia borbulhar abaixo da superfície. — Eu usava essas coisas o tempo todo. Certo, esse aqui é o controle de fluxo. Esse é o gatilho do ignitor. O alcance máximo é de uns trinta metros; o raio efetivo de cozimento de zergs, de uns cinco a dez...

A arma não era muito complicada. Ela ficou pronta sem muita demora.

— Certo — disse, desprendendo o bioanalisador e entregando o aparelho para Tanya. — Aqui... a análise preliminar já deve estar concluída. Você pode transmiti-la para o *Hipérion* assim que Ulavu colocar o transmissor para funcionar. Vou descer o máximo possível antes de abrir fogo.

— E nós vamos ficar aqui dando cobertura o máximo que conseguirmos — disse Whist. — Boa sorte.

Ela já havia descido metade da rampa quando uma dupla de zergnídeos conseguiu escapular da barragem e arremeteu. Num reflexo, ela se esquivou para o lado com os dedos tateando os controles mostrados por Dizz. A empunhadura do cano vibrou de leve quando o combustível correu...

E então uma nuvem ondulante de brilhantes chamas azul-esbranquiçadas jorrou à sua frente. O fogo se espalhou sobre os dois zergs quando eles saltaram, e, de relance, Erin conseguiu ver suas carapaças sendo chamuscadas conforme eles passavam por ela como um raio e sumiam de vista.

Ela soltou o gatilho, trêmula com a adrenalina. Não importava quantas vezes os zergs viessem para cima dela, não importava o quanto chegassem perto ou o quanto ficassem recuados, cada vez era tão aterrorizante quanto o primeiro ataque do lado de fora do Ponto Um.

Mas não havia tempo para introspecção. Mesmo com um único disparo, o calor dentro da armadura já era perceptível. Mais alguns, e talvez até mesmo sua CMC intacta começasse a se deteriorar.

Mais zergs atacavam. Ela voltou a acender o lança-chamas, espirrando fogo como se fosse água de uma mangueira em cima da fileira toda. Outra saltou por cima das toras, e Erin voltou a varrer as criaturas com fogo. A maioria dos zergs morreu com um único jorro, mas ela precisou disparar uma segunda vez para acabar com todos. Erin continuou em frente: passo, jorro; passo, jorro; passo, esquiva, jorro. Às vezes uma das criaturas passava batida, e Erin podia apenas torcer que estivesse ferida demais para incomodá-la ou que um dos outros terminasse o serviço.

Isso se ainda estivessem lá. O capacete da armadura tinha uma tela de traseira, mas a fumaça à sua volta era tão espessa que ela não conseguia enxergar nada. Mesmo à frente, às vezes era preciso um disparo rápido de chamas para afastar a fumaça tempo o bastante para revelar de onde vinha a próxima ameaça.

Dizz havia dito onde ficava o mostrador de combustível, mas ela não ousava tirar os olhos da batalha

tempo o bastante para conferir. Se acabasse... não podia pensar assim. Seu plano dependia de chegar à entrada com uma boa reserva de combustível.

Porque ela *tinha* um plano. Podia não ser um bom plano, mas era tudo que tinha. Enquanto isso, tudo o que podia fazer era caminhar, disparar, caminhar, disparar, caminhar, disparar.

Foi quase um choque quando chegou ao pé da rampa e seguiu pela caverna propriamente dita. A fumaça ficava mais espessa, e o interior da armadura, quente demais. Ela se perguntava a quantas andaria a temperatura da camada externa de novoço e quanto isolamento térmico o macacão que usava por baixo ofereceria. O sistema de resfriamento da CMC gemia com o esforço, e Erin suspeitava que não fosse aguentar muito mais.

Sua mente disparou para o comentário de Whist sobre virar churrasquinho. Ela tentava não pensar em como seria a sensação.

Então, subitamente, tinha chegado. Ao redor havia pilhas de carcaças carbonizadas de zergs, o bastante para dificultar uma caminhada. Dez metros à frente via-se a entrada da caverna.

Na entrada havia um emaranhado de árvores tombadas e partidas, a maior pilha de lenha que veria na vida.

Depois de erguer o cano e abrir até o fim o controle de fluxo, ela disparou.

Outra linha de zergs escalava as árvores. Eles cambalearam, empinaram e morreram sob seu ataque. Uma nova onda de fumaça rolou sobre ela, então Erin disparou outra vez para conseguir enxergar alguma coisa. E descobrir que a maior pilha de lenha do mundo se transformara na maior fogueira do mundo.

— Tomem — murmurou Erin, dando um passo atrás. E disparou mais uma vez contra as árvores, apenas para soprar a fumaça e confirmar que nenhum zerg passaria por ali tão cedo. — Engulam isso. — Ela se virou e, perscrutando a fumaça ao tentar achar o caminho pelo labirinto de carcaças fétidas, seguiu de volta até a rampa.

Já tinha chegado ao primeiro patamar e estava a meio caminho do segundo quando percebeu que o cheiro acre de carne queimada não vinha dos zergs carbonizados.

Vinha dela.

Erin jamais lembraria como subiu o resto do caminho. Lembrava de gritar por ajuda, mas sem resposta. E pode apostar que ninguém brotou da fumaça para acudir. Lembrava de gritar outra vez, e de concluir que o calor e o fogo deviam ter queimado a antena do comunicador e carbonizado o transmissor. Lembrava do medo de que pudesse *não* ser esse o caso, que não tinha resposta porque os amigos estavam todos mortos. Lembrava de colocar um pé na frente do outro com um fedor que dava ânsia de vômito subindo pelas narinas, desesperadamente tentando abrir as travas da armadura que a matava, mas sem lembrar como. Lembrava de contornar um dos patamares e finalmente ver as formas indistintas de Whist, Dizz e Tanya aparecerem em meio à fumaça. Lembrava de um grito calado de ajuda ecoando na cabeça, e de cair, e da agonia quando novas partes do corpo pressionaram o novoço incandescente de seu caixão blindado. Ela lembrava de ser deitada no chão e do rosto de Ulavu surgindo acima dela...

E lembrava de ser banhada por uma súbita lufada de frio, e de inspirar ar maravilhosamente fresco.

De algum tempo depois, ela não lembrava absolutamente nada.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

— Uma ou outra queimadura de segundo grau — murmurou Whist ao cuidadosamente cortar fora o macacão de Erin. — Principalmente nas juntas. Uma bem ruim no ombro direito. Que eu tenha visto, nenhuma de terceiro grau.

— Graças a Deus — disse Tanya, tentando enxergar em meio à fumaça que rapidamente preenchia a câmara. Não vira o que Erin havia feito lá embaixo, pois o calor do lança-chamas ficara intenso demais para eles, mas, pelo som e pelo cheiro, suspeitava que as árvores da antiga paliçada estavam em chamas naquele momento.

Era um bom plano; sem dúvida, um bom plano temporário. Uma barreira como aquela intimidaria até mesmo os zergs mais determinados e seria fatal para a maioria deles.

Por outro lado, a caverna estava sendo rapidamente tomada por fumaça, e o ar, tornando-se quase irrespirável. Além de que, claro, mais cedo ou mais tarde o fogo acabaria apagando.

Deviam ter trazido as estacas de rifle Gauss dos pentes destruídos, ela pensou. Apesar do escárnio de Whist, estava parecendo que *teriam* tido tempo para recarregar.

— Mas um montão de queimaduras de primeiro grau — continuou o fuzileiro. — Dizz?

— Aqui — disse o exterminador, estendendo um pequeno tubo de spray para queimaduras. — Esse aqui é o dela. Use logo todo; o meu já está na mão.

Whist grunhiu um agradecimento e passou a aplicar o remédio.

— Erin teve sorte de termos tirado ela daquela armadura a tempo. Mais um minuto, e teria sido bem pior.

— Sim — murmurou Tanya. — *Termos*.

— Certo, *ele* a tirou da armadura — rosnou Whist. — Já agradei por isso.

— É, agradeceu — disse Tanya, olhando para a armadura da cientista.

Ou melhor, para os pedaços da armadura, que foi tudo que restara depois de Ulavu ter cortado o metal incandescente com os talhos rápidos e cirúrgicos das lâminas de transdobra.

Provavelmente, salvando a vida dela no processo. Certamente a poupara de meses de dor e cirurgias de reconstrução de pele. Ele merecia mais que apenas um obrigado distraído.

Mas, por hora, aquilo bastaria.

Tanya olhou para cima, franzindo a testa. Ulavu havia libertado Erin da armadura e ajudado os

outros a tirar o macacão dela. Depois disso, desapareceu sem ajudar a carregá-la rampa acima até a câmara das adostas. Teria sido por causa da fumaça e do calor que subiam do incêndio na entrada?

Provavelmente. Ao contrário dos outros, ele não usava nenhuma barreira contra o ambiente cada vez mais hostil. Ir até a câmara das adostas devia ter sido tudo que fora capaz de fazer.

Lógico, Erin também não vestia mais a armadura. Quando retomasse a consciência, seu corpo todo gritaria de agonia com o toque do ar quente na pele queimada. Talvez quando terminasse com o spray, Whist lhe desse alguma coisa para continuar dormindo.

Então onde *estava* Ulavu, afinal?

Tanya vasculhou a penumbra enfumaçada com o olhar e finalmente o avistou próximo ao transmissor zerg. Havia dado a ele o analisador de Erin. Será que enviava os dados para o *Hipérion*? Ou a explicação era que a área abaixo do duto fora a única fonte de ar fresco que conseguira encontrar?

Ulavu, você está bem?, pensou ela para o protoss.

Não estou ferido, respondeu ele.

Tanya franziu a testa. Havia segurança em sua voz, mas também algo mais. Empolgação? *O que foi? O que está acontecendo?*

Venham, chamou ele. *Todos vocês. Venham e vejam.*

— O outro — disse Whist, jogando de lado o tubo de spray vazio.

— Aqui — disse Dizz, estendendo o seu.

— Antes de começarem — disse Tanya —, Ulavu está nos chamando para o transmissor.

— Seja o que for, pode esperar — disse Whist. — Erin precisa disso *agora*.

— Acho que é nisso que ele está pensando — disse Tanya. — O ar debaixo daquele buraco deve ser melhor que o que está vindo lá da entrada.

— Ela tem razão, Whist — disse Dizz. — Aqui. Você pode continuar a tratar a pele dela enquanto eu e Tanya a carregamos.

Whist soltou uma bufada.

— Está bem. Mas cuidado com esse ombro quando a levantarem.

Foi trabalhoso, mas eles conseguiram. Talvez por pouco. Apesar de adormecida, a respiração de Erin passava a ficar difícil. Tanya se perguntou se o sistema de ar da CMC poderia ser usado, ou até mesmo se estaria sequer funcionando.

Eles chegaram ao transmissor e encontraram Ulavu debruçado sobre o aparelho.

— Então o ar está melhor aqui? — perguntou Whist quando Dizz e Tanya gentilmente colocavam Erin no chão.

Está, disse Ulavu. *Mas não os chamei apenas por isso. Vejam*, ele acrescentou, apontando para cima.

E, como numa deixa, uma pedra com alguns palmos de tamanho rolou pela abertura e caiu no chão com um baque surdo.

— Mas que *diabos*? — disse Dizz com um sobressalto.

Estão alargando a abertura, disse Ulavu. Quando o protoss estendeu um pé e empurrou a pedra de lado, Tanya percebeu que já havia uma pilha razoável de escombros. *Muito em breve conseguiremos escapar desta câmara.*

— *Quem* está fazendo isso? — perguntou Whist, espiando com cuidado o buraco acima.

Meu povo, disse Ulavu, com orgulho indisfarçado. *Os protoss que lutaram ao lado do coronel Abram Cruikshank para nos proteger dos zergs que voltavam da armadilha terrana com o emissor psi.*

— Ah. Esses — disse Whist. — Não que Abathur não tivesse muito mais zergs para usar na vizinhança.

— Quietos — repreendeu Tanya. — Independentemente de quantos ele tivesse, assim não foram

ainda mais.

Quando a abertura estiver larga o bastante, eles poderão levar a dra. Erin Wyland até o alto da meseta, disse Ulavu, ignorando a discussão. *Então vocês também serão levados para cima, e nós os protegeremos até que chegue mais ajuda.*

Tanya olhou para Whist, esperando outro comentário antipático. Mas o sargento permaneceu em silêncio. Talvez finalmente lembrasse o estado das armaduras e armas do grupo.

— Obrigado, Ulavu — disse ele. — Em nome de todos nós.

Ficamos felizes em lhes oferecer ajuda.

Mais pedras caíam pelo buraco, mais rápido do que Ulavu conseguia tirá-las do caminho. O buraco se iluminou com um brilho vivo, da mesma cor das lâminas de transdobra do protoss ao lado deles. O brilho ficou mais forte e intenso...

E, com um último corte na abertura, um templário das trevas passou pelo buraco e aterrissou no chão. O protoss dirigiu um rápido olhar de apreciação a cada um deles, então se voltou para Ulavu. Tanya sentia que tinham uma conversa particular...

Este é Alikka, introduziu Ulavu. Ele e os outros correram de longe para nos prestar auxílio. Alikka está agora preparado para levar a dra. Erin Wyland até o topo.

— Que bom — disse Whist. — Imagino que não tenham trazido equipamentos médicos, não é?

Não, ecoou uma nova voz protoss no cérebro de Tanya, mas veículos aéreos da Supremacia estão a caminho e chegarão dentro de quinze minutos. Ela sobreviverá?

— É bom que sobreviva, depois desse trabalho todo — disse Whist. — Muito bem. Vocês têm cordas lá em cima?

Nisso, um feixe de cabo fino se desenrolou pela abertura. *Você conhece melhor a fisiologia terrana,* disse Alikka. *Você prenderá a linha para dar a ela mais segurança.*

— Obrigado — disse Whist secamente, pegando a ponta do cabo e se agachando ao lado de Erin. — Eu pretendia fazer isso de qualquer forma. Tanya, você não precisa desse visor e do capuz, certo?

— Não tanto quanto ela — disse Tanya, tirando o visor e o estendendo para Whist. O capuz foi um pouco mais complicado, mas ela conseguiu tirá-lo. Aquilo não protegeria a cabeça de Erin tão bem quanto um capacete, mas já era alguma coisa.

O ar da câmara estava mais quente e cheio de fumaça do que ela imaginava, de modo que passou a apertar os olhos para se proteger da fumaça e das cinzas. Whist colocou o visor e o capuz em Erin, e Tanya ajustou os controles de suprimento de ar enquanto o outro voltava a trabalhar com a corda.

Um minuto depois, estava tudo pronto. Com uma ordem silenciosa de Alikka, os protoss no alto da meseta passaram a puxar o corpo inconsciente de Erin buraco acima. Tanya fez uma careta quando a cabeça dela roçou na borda, mas, se as batidas não fossem tão fortes, o capuz conseguiria absorver a maioria do impacto.

Eles serão cuidadosos, garantiu Ulavu.

É melhor que sejam. *Erin não precisa de mais ferimentos.*

Concordo. Ele fez uma pausa, e Tanya sentiu uma nova urgência no protoss. *Algo estranho acaba de acontecer.*

— Nada bom — disse Dizz. — Vocês ouviram isso?

Tanya tentou se focar na audição.

— Não.

— Exatamente — disse ele, sacando a P-45. — A fogueira lá fora foi apagada.

Tanya fez uma careta. Ele tinha razão. O rugido distante não estava mais presente.

— É melhor conferirmos.

— Esperem — disse Whist, vendo as pernas de Erin sumirem buraco acima. — Eu vou com vocês.

Você fica, disse Ulavu, passando por ele na direção de Dizz e Tanya. *Guarde e proteja a dra. Erin Wyland e continue o trabalho no transmissor. Eu irei.*

O silêncio parecia ficar mais profundo conforme Dizz os guiava pelo corredor e pela rampa. Tanya lutava para manter a vista desimpedida da fumaça e das próprias lágrimas, perguntando-se como seu poder funcionaria se mal conseguiria ver os alvos. Não muito bem, suspeitava. Dizz empunhava a pistola Gauss, mas Tanya não fazia ideia de quantas estacas ainda teria. Não muitas. Apenas Ulavu, com suas lâminas de transdobra, tinha alguma esperança concreta de deter a próxima onda de zergs, e ele tinha que esperar até estar no alcance de garras e dentes antes de atacar.

Exceto pelo disco de transdobra, de qualquer forma. Mas a arma só podia ser usada uma vez antes que alguém precisasse recuperá-lo.

E, subitamente, as peças se encaixaram. Alguém para recuperá-lo...

O disco de transdobra, ela disse a Ulavu. *Foi por isso que você se infiltrou no programa fantasma atrás de um tele?*

Correto, confirmou Ulavu. *Agora você entende como o controle de energias do Vazio de um nerazim combinado à capacidade de um telecinético de manobrar o disco em meio a inimigos criaria uma unidade de combate poderosa. Eu esperava experimentar a telecinese terrana para descobrir que tipo de inovações poderia trazer à operação do disco.*

Com certeza soa interessante, disse Tanya. *Mas por que manter em segredo? Esse é o tipo de coisa com que os planejadores militares adoram trabalhar.*

Ulavu ficou em silêncio por alguns passos. *Porque os terranos e os protoss talvez não sejam mais inimigos, mas tampouco somos plenamente aliados*, respondeu com relutância. *Somos povos imensamente diferentes, Tanya Caulfield, e temo que muito trabalho precise ser feito antes que possamos construir um relacionamento verdadeiramente próximo. Concluímos ser melhor que vocês ainda não tivessem conhecimento desta arma ou de nossa pesquisa nessa direção, para não interpretarem mal nossas intenções ou motivações.*

Entendo, disse Tanya. *Mas não acho que o imperador Valerian fosse interpretar isso mal. Ele me parece ser um homem honrado.*

No entanto, seres honrados ainda podem discordar. Certas vezes a ponto de guerrear.

Tanya franziu o nariz, desejando poder discordar mas sabendo que não podia. *Nós guardaremos o seu segredo*, foi tudo que conseguiu pensar em dizer.

Você pode falar pelos outros?, perguntou ele. *De qualquer forma, tal promessa é prematura. Ainda existe uma grande possibilidade de todos morrermos antes disso tudo estar acabado.*

— Cara, está uma zona aqui embaixo — murmurou Dizz. — Vocês dois conseguem enxergar o bastante para lutar?

— Estamos bem — garantiu Tanya, torcendo para que não fosse uma completa mentira. Só saberiam com certeza quando os primeiros zergs aparecessem no patamar abaixo e investissem contra eles pela rampa.

E as psioliscas também não haviam desistido; Tanya ainda sentia um zumbido distante no cérebro. Provavelmente estavam reunindo o que restava de suas forças para um ataque final.

Mas, se estivessem, não tinham a menor pressa. Estavam a dez passos do último patamar, e nada ainda.

— Por falar em lutar, onde estão eles, afinal?

— Boa pergunta — disse Dizz. — Estranho. O ar ali embaixo está ficando mais limpo?

Tanya negou com a cabeça.

— Não sei dizer.

Está, confirmou Ulavu, parecendo tão confuso quanto Dizz. Ouço um novo som. Mas não consigo identificá-lo.

— Eu também — disse Dizz. Quando chegaram ao patamar, ele fez uma pausa para conferir o indicador de sua pistola Gauss. — Então vamos descobrir? — Visivelmente se preparando, ele contornou a quina do patamar. Piscando, Tanya o seguiu.

Apenas para se defrontar com uma cena extraordinária.

A fogueira acesa por Erin com as árvores derrubadas da paliçada estava de fato apagada. Mas apenas porque uma sólida manta de zergs a cobria, abafando as chamas e reduzindo o incêndio a alguns poucos filetes de fumaça. Dentro da caverna, alinhados em frente às cinzas e brasas das árvores, havia uma dúzia de zergs de um tipo jamais visto por Tanya. Tinham a mesma forma geral de marimbondo gigante das mutaliscas, mas eram menores e tinham asas mais largas e garras mais compridas. Aparentemente, eram as asas que produziam aquele som estranho quando os zergs as batiam furiosamente na direção da entrada, forçando a fumaça para fora.

E parada alguns metros à frente da linha, supervisionando a operação, estava uma mãe de casta zerg.

— Bem, isso é uma coisa que não se vê todo dia — murmurou Dizz.

— O quê, uma mãe de casta? — perguntou Tanya, piscando os olhos. O ar sem dúvida começava a ficar mais limpo, mas ela ainda estava enxergando o mundo através de uma cortina de lágrimas.

— Estou falando desses zergs que estão soprando ar pra fora da caverna — disse Dizz. — Eles não têm carapaça.

Tanya piscou os olhos. Aquele detalhe tinha passado batido.

Mas ele tinha razão. Ao contrário de todos os outros zergs que vira na vida, aqueles pareciam ter apenas pele áspera e grossa em vez das placas ósseas sobrepostas.

A conversa pareceu chamar a atenção da mãe de casta. *Ah*, ela disse numa voz psiônica roufenha ao se voltar para eles. *Minhas desculpas pelo atraso de minha chegada. Fico aliviada por encontrá-los todos vivos.*

— Até o momento, pelo menos — disse Dizz. — Isso sempre soa um pouco constrangedor. Mas quem é você, se me permite perguntar?

A mãe de casta fez uma mesura. *Sou a super-rainha Zagara.*

Tanya engoliu seco, ficando com a vista ainda mais nublada. A super-rainha Zagara, herdeira e sucessora de Sarah Kerrigan, a mais poderosa fantasma que a humanidade já produzira. Ali estava a zerg que trouxera a Supremacia e os protoss àquela encruzilhada de guerra e paz, a criatura que ainda segurava a balança e a esperança nas garras.

Se estivesse ali por Tanya...

Temí que as criaturas desconhecidas que vocês vêm combatendo os subjugassem, prosseguiu Zagara. Portanto, viajei até aqui na esperança de que minha presença arrancasse o controle exercido por elas.

— Parece ter funcionado — disse Dizz. — Obrigado, super-rainha. Assumindo que sejam seus aqueles zergs que apagaram o fogo, não associados das psioliscas.

Eles são meus, disse Zagara. Também são meus os voanídeos que limpam a fumaça, para que vocês voltem a ter ar limpo.

— Voanídeos, hein? — disse Dizz. — Criação interessante. Uma das novas, imagino.

Sim, disse Zagara. Foram criadas por Abathur sob minhas ordens, para carregarem as adostas quando elas estiverem completamente crescidas.

— Para onde? — perguntou Dizz.

Para onde precisarem estar. Zagara fez uma pausa, e Tanya sentiu o misto de medo e raiva da super-

rainha. *As adostras no interior da câmara de crescimento. Elas ainda vivem?*

— Até onde sei — disse Dizz. — Nós, pelo menos, não fizemos nada com elas. Espere eu fazer uma chamada e... Quer saber, por que a senhora mesma não sobe e vê por si mesma?

Tanya sentiu Ulavu inquieto ao seu lado. Deliberadamente convidar uma super-rainha zerg a atravessar o que restava de sua posição defensiva...

Mas Ulavu não disse nada, e Tanya também ficou em silêncio, e um momento depois Zagara ergueu um membro cheio de garras. *Eu irei*, declarou ela, encaminhando-se para a rampa. *Não temam. Meus zergs permanecerão sob meu controle.*

— Que bom — disse Dizz com a voz carregada de tensão —, porque eu imagino que ainda haja algumas psioliscas por aqui. Tanya?

— Sim, elas ainda estão aqui. Ainda esperando nos convencer a acabar com as adostras para elas.

— Ou esperando nos matar e jogar a culpa na super-rainha — disse Dizz. — Whist? Você está ouvindo isso?

Houve uma pausa. Num gesto automático, Tanya levou a mão ao controle de volume antes de lembrar que seu comunicador estava agora na cabeça de Erin.

— O que ele disse?

— Ele disse que está ouvindo — disse Dizz. — Que não acredita, mas está ouvindo. Enfim, vamos subir com ela. Se eu fosse você, Whist, daria um jeito de estar com o transmissor ligado e operante quando chegarmos aí.

Ele deu um sorriso tenso para Tanya.

— O imperador Valerian vai adorar isso.

— ...a super-rainha Zagara então confirmou que essas são as adostras criadas por ela — disse o tenente Halkman, concluindo o relatório. — Ou, pelo menos, que esses são os casulos onde Abathur afirmou que as adostras cresceriam. Sem abrir um deles, não há como termos certeza.

— E ela se recusa a fazê-lo? — soou a voz de Artanis no alto-falante da ponte de comando.

— Ela não exatamente se *recusa*, hierarca Artanis — explicou Halkman. — Mas salienta que aparências enganam e que, mesmo com um exame mais atento e um teste de cheiro, pode não ser capaz de confirmar que essas coisas são o que encomendou a Abathur. Ela disse que nossas análises seriam muito mais conclusivas.

Valerian olhou para a tela do laboratório biológico.

— Estamos iniciando os testes agora — disse a Halkman. — As duas amostras colhidas pela dra. Wyland estão boas e devem oferecer bons resultados. — Ele conferiu outra tela. — A enfermaria também reportou que a dra. Wyland já chegou e que começaram a trabalhar em suas queimaduras.

— Obrigado por nos informar, imperador — disse Halkman, soando aliviado. — Uma última coisa: a super-rainha Zagara confirma que essa aqui é uma versão do transmissor feito para ela por Abathur. Provavelmente por isso teve tanta facilidade para colocá-lo em operação. Ela não faz ideia de quantos mais podem ter sido feitos por fora. Acho que isso resume tudo.

— E, no entanto, o relato não está completo — disse Artanis com gravidade. — Onde estão as psioliscas? Como elas passaram a existir? Existem mais? Onde está o mestre evolutivo Abathur, e a super-rainha Zagara permitirá que seja trazido a nós para interrogatório? E o mais importante: as adostras são de fato as criaturas que a super-rainha Zagara afirma que são ou estão envoltas em mais mentiras e manipulações?

— Eu não minto, hierarca Artanis — soou a voz de Zagara no alto-falante, carregada de dignidade e fúria reprimida. — Agi de boa-fé em todos os nossos encontros. Posso apenas repetir que meus esforços

de boa-fé continuarão. Deixei a segurança de minha estrutura de conferência para oferecer auxílio à equipe de inspeção da Supremacia. Localizei as carcaças de psiolisca, confirmando sua existência, e as enviei para que as estudassem. Sacrifiquei muitos do Enxame para apagar o incêndio e colocar a equipe de inspeção em segurança. Ordenei que minhas mães de casta permaneçam no centro de suas espirais e que os leviatãs que convocaram permaneçam no solo.

— Tamanha boa-fé pode não passar de medo de nossa fúria — disse Artanis. — Não esqueceremos tão cedo a batalha que custou a vida de templários e nerazins.

— Essa batalha foi iniciada e conduzida pelas psioliscas.

— Isso é o que você diz — rebateu Artanis. — Já ouvimos palavras demais. Agora, precisamos de provas.

— Você têm como provas as carcaças de psioliscas e o relatório da equipe de inspeção.

— E nenhuma dessas duas coisas nos traz evidências do culpado ou de suas intenções. Repito minha pergunta. Onde está Abathur?

— Eu não sei — disse Zagara. — Permito que venha e vá livremente, sujeito ao meu comando. Além disso, recuso-me a acreditar no mal de que o acusam. Abathur é o mestre evolutivo, o mais velho de todos os zergs vivos. Sua lealdade é ao Enxame.

— Então de onde vêm as psioliscas? — exigiu saber Artanis.

— Eu não sei — repetiu Zagara.

— Se me permitem interpor meus pensamentos — apressou-se Valerian. Para ele, era evidente que Abathur manipulava aquela confusão, apesar de os motivos do mestre evolutivo ainda não estarem claros. Mas Artanis e Zagara estavam num impasse perigoso, e nada faria nenhum dos dois recuar.

Nada além de provas objetivas e incontestáveis. E a única forma de conseguir essas provas era tirar Abathur da toca e persuadi-lo a falar.

O que podia ser mais difícil do que parecia. Valerian presumia que ele precisava atender aos chamados de Zagara, mas havia muito que não entendia sobre as interações entre uma super-rainha e um mestre evolutivo. Se Zagara se recusasse a convocá-lo, ou se Abathur se recusasse a vir quando ela chamasse...

Valerian franziu a testa quando um estranho pensamento lhe ocorreu. *A vir quando ela chamasse...*

Artanis e Zagara ficaram em silêncio. Valerian havia interrompido sua discussão, e os dois esperavam que falasse.

Ele tinha apenas uma chance com aquilo. Era bom que fizesse dar certo.

— Nós debatemos via comunicação de longa distância, como agora — disse, improvisando, esperando que as ideias permanecessem à frente das palavras. — Debateremos frente a frente em território zerg. Acho que é chegada a hora, super-rainha Zagara, de conversarmos em território da Supremacia.

— Eu não viajarei a Korhal IV — disse Zagara categoricamente.

— Não estou pedindo que o faça — apressou-se ele em afirmar. — Mas eu gostaria muito de falar com você a bordo do *Hipérion*. Estou certo ao assumir que o seu leviatã pessoal é o mesmo usado por Mukav para me entregar seu pedido de ajuda?

— Sim.

— Então posso pedir que o convoque até o Ponto Três? — disse Valerian. — Eu humildemente solicitaria que embarcasse na companhia dos remanescentes de minha equipe de inspeção e se juntasse a mim para uma conversa.

Houve um breve silêncio.

— Seu pedido é estranho, imperador Valerian — Zagara disse por fim. — Não vejo propósito algum.

— O propósito é a paz — disse Valerian. — Acredito que se atender ao meu pedido, juntos poderemos oferecer a prova de que o hierarca Artanis necessita.

Outro silêncio. Valerian cruzou os dedos mentalmente...

— Muito bem, imperador Valerian — disse Zagara. — Convocarei meu leviatã.

— Obrigado, super-rainha Zagara — disse Valerian. — Um último pedido: um momento em particular com minha equipe de inspeção?

Um silêncio ainda mais longo.

— Muito bem, imperador Valerian — repetiu Zagara. — Sairei para aguardar o meu leviatã.

Matt se adiantou e apertou o botão de mudo.

— Com o devido respeito, Valerian, esse plano é loucura — ele disse em voz baixa. — Trazê-la para o *Hipérion* é pedir por encrenca.

— Não se preocupe; ela não subirá a bordo — disse Valerian. — Hierarca Artanis, ainda está aí?

— Estou — disse Artanis. — E também tenho objeções. Se você busca aprisioná-la ou destruí-la de modo a embotar a capacidade guerreira do Enxame, isso terá efeito apenas limitado.

— Posso lhe assegurar que não tenho intenção de fazer nem uma coisa nem outra — disse Valerian, apertando o botão de mudo. — Tenente Halkman, Zagara já saiu?

— Sim, imperador — disse Halkman.

— A interferência das psioliscas se foi?

— Deixe-me confirmar... Sim, imperador, elas parecem ter ido embora.

— Bom. Preciso que tire o transmissor zerg de operação e acione o comunicador de longa distância de seu traje.

— Um momento. — Houve uma breve pausa, seguida pelo som abafado de disparos de pistola Gauss. — Pronto, o transmissor zerg está fora do ar — disse Halkman com um toque de ironia.

Valerian sentiu os lábios torcerem. No entanto, com construtos alienígenas, aquela talvez fosse a única forma de ter certeza absoluta.

— Almirante?

— A transmissão zerg foi interrompida — confirmou Matt.

Valerian assentiu.

— Tenente? Você ainda está aí?

— Afirmativo, imperador — disse Halkman.

— E você, hierarca Artanis?

— Sim.

— Muito bem — disse Valerian. — Todos vocês, escutem com atenção. Vamos supor que tudo que Zagara nos disse é a verdade e que todas as especulações da equipe de inspeção também são. Isso nos deixa com a hipótese de que Abathur criou as adostras como seres germinadores de vida sob ordens de Zagara e que, então, usou por conta própria parte da essência xel'naga e a fundiu com a genética zerg para criar as psioliscas, dotadas de poderes psiônicos.

— Talvez sob orientação da super-rainha Zagara — disse Artanis.

— Novamente, vamos supor por hora que ela não esteja envolvida — disse Valerian. — Vamos assumir também que Abathur vem manipulando a situação desde o começo, tentando nos forçar a destruir as adostras de modo a prejudicar nosso diálogo e incitar Zagara a recomeçar a guerra.

— Está bem — disse Matt. — E para onde nos levam todas essas suposições?

— Às duas perguntas que nos perturbam — disse Valerian. — Primeiro, se Abathur está manipulando a situação, qual é seu objetivo final? E segundo, onde ele está agora?

— Tentamos fazer uma varredura, mas a área de superfície é extensa demais — disse Matt. — E

conhecendo a queda dos zergs por cavar sistemas de túneis gigantescos, ele pode estar em qualquer lugar no planeta.

— Na verdade, eu acredito que não — disse Valerian. — Ao menos parte do objetivo dele tem de ser sair em segurança de Gystt. Ele dificilmente precipitaria uma guerra estando no planeta, na nossa alça de mira. E já que as psioliscas tem que ser parte do seu plano de longo prazo para a vitória zerg, Abathur deve ter guardado algumas para levar com ele quando sair do planeta. Isso significa que deve planejar assumir o controle de um leviatã.

— Sete dos quais estão na superfície do planeta — disse Artanis.

— Correto — disse Valerian. — Mas acredito que posso reduzir as possibilidades. Você se lembra, hierarca Artanis, do que Zagara disse assim que chegamos? Ela nos cumprimentou e então me agradeceu, especificamente, por ter vindo tão rápido. E ela tinha razão: nós *chegamos* mais rápido do que seria de se esperar. Almirante Horner, você está lembrado de por que fomos tão céleres?

— Porque ficamos intrigados com a mensagem de Mukav, senhor — disse Matt, soando confuso. — Porque a esperança de paz foi algo que o senhor achou válido perseguir.

— Sim, é claro — disse Valerian. — Mas esses dois motivos teriam nos trazido até aqui de qualquer forma. Por que viemos tão *rápido*?

Matt olhou atentamente para ele.

— Porque Mukav não nos deu maiores detalhes da situação — disse. — Ela apenas repetia o mesmo convite lacônico vezes a fio.

— E o que aconteceria se ela *tivesse* sido mais falante?

— Nós teríamos feito com que descesse para oferecer mais detalhes — disse Matt, franzindo a testa. Ele começava a entender. — E teríamos dado uma boa e minuciosa olhada no leviatã.

— Um momento — disse Artanis. — Vocês estão sugerindo que Abathur e suas psioliscas estão a bordo precisamente *daquela* leviatã?

— É o esconderijo perfeito — disse Valerian. — Nós o vimos; fizemos um sobrevoo apressado e tudo que vimos indicava que era inofensivo.

— É uma peculiaridade da psicologia terrana, hierarca Artanis — explicou Matt. — Se você planeja um crime, faz questão de passar pelo policial de serviço, porque chamar atenção para si dá a impressão de que não tem nada a esconder.

— Exatamente — disse Valerian. — Isso também significa que, se aquele leviatã decolar, será o *menos* suspeito de levá-lo a bordo. — Ele ergueu um dedo quando mais uma peça se encaixou. — E também, nós sabemos pela descoberta da equipe de inspeção que seja lá quem controla as psioliscas o faz via comandos transmitidos através de um daqueles transmissores biomecânicos. Possivelmente comandos numa frequência alta demais para que humanos ou protoss os ouçam. A dra. Cogan detectou tolerância a altas frequências nas carcaças enviadas por Zagara. Nós também sabemos que Mukav tem o mesmo tipo de transmissor a bordo do leviatã, porque foi assim que nos contatou. Era assim que Abathur escutava o que acontecia nas batalhas nos pontos focais e dirigia as psioliscas.

— No entanto, se ele já estava em segurança fora do planeta, por que voltaria? — perguntou Artanis, não totalmente convencido.

— Eu posso responder essa, hierarca Artanis — intrometeu-se Halkman. — Como o imperador Valerian disse, ele precisava estar aqui para supervisionar a situação, garantindo que desempenháramos os papéis que havia planejado para nós e adaptando o roteiro se nos desviássemos.

— O que ainda levanta uma pergunta: como um mestre evolutivo se tornou um estrategista? — disse Valerian. — Ainda precisamos responder essa.

— Talvez ele tenha experimentado um pouco em si mesmo enquanto trabalhava nas psioliscas —

sugeriu Matt. — Ou em Mukav. Abathur dificilmente conseguiria esconder as psioliscas a bordo sem que ela soubesse, de modo que ela deve estar envolvida.

— E refinar as habilidades táticas de uma rainha seria mais complicado de detectar do que se o fizesse em si mesmo — disse Valerian quando as peças se encaixaram. — E, de qualquer forma, Abathur estava na estrutura de conferência durante o ataque ao Ponto Um, então não poderia tê-lo dirigido.

— Então Mukav é o cérebro e foi ele quem a fez assim? — perguntou Matt.

— Podemos descobrir os detalhes quando botarmos as mãos nele — disse Valerian. — Agora, precisamos atraí-lo para fora da toca. Por isso eu disse a Zagara para levar o leviatã ao Ponto Três. Quero colocar nossa equipe a bordo sem levantar suspeitas.

— Isso assumindo que Abathur não vai ignorar o chamado de Zagara e continuar entocado — alertou Matt.

— Ele não fará isso — garantiu Valerian. — Não esqueça que combinamos tudo usando um transmissor que ele pode grampear. Até onde Abathur sabe, estamos lhe entregando a oportunidade perfeita para fugir. Com o leviatã já no espaço, ele seria capaz de evitar a maioria das nossas armas sem resistência ou levantar suspeitas.

— E se Zagara estiver com ele quando fugir, isso fará com que ela pareça igualmente culpada — salientou Halkman.

— O que se encaixaria perfeitamente no plano dele — concluiu Valerian. — Então assim que entrar a bordo, tenente, sua missão será localizar Abathur e detê-lo.

— Entendido, imperador — disse Halkman. — E o mesmo vale para as psioliscas que encontrarmos?

— Eu recomendo sua destruição — disse Artanis.

— Concordo — disse Valerian, olhando para uma mensagem em uma das telas. — E, por falar nisso — acrescentou, incluindo o laboratório biológico na conversa —, a dra. Cogan acaba de chegar a alguns números para vocês.

— Obrigado, imperador — disse Cogan, sua voz soando no alto-falante. — Certo, esses números são preliminares, então não se atenham demais a eles. Fizemos um trabalho inicial na psiolisca, incluindo uma primeira tentativa de identificar as porcentagens de xel'naga e não xel'naga. É sempre difícil de dizer com espécies desconhecidas, mas, comparando sua genética com a amostra de adostra enviada pela dra. Wyland e levando em conta o número de psioliscas que já foram mortas...

— Dra. Cogan — disse Valerian.

— Desculpe, imperador. Resumindo: estimamos que Abathur ainda possa ter qualquer coisa de trezentas a quinhentas psioliscas com que brincar.

— Das quais a maioria estará a bordo do leviatã, suponho — disse Halkman.

— Provavelmente — concordou Valerian com uma careta. Eram psioliscas *demais* para três terranos e um civil protoss.

Artanis obviamente pensava a mesma coisa.

— Vocês precisarão de assistência — disse. — Enviarei uma falange de guerreiros para acompanhá-los.

— Com todo respeito, hierarca Artanis, eu não acho que seria uma boa ideia — alertou Halkman. — Para todos os efeitos, Zagara embarcará por vontade própria num leviatã inofensivo. Se aparecemos com um monte de soldados, protoss ou da Supremacia, Abathur pode ficar com a pulga atrás da orelha e decolar.

— Então, nós o abatemos — disse Artanis em tom ameaçador.

— Se fizermos isso, nunca saberemos a verdade — disse Valerian. — Tenente?

— Acho que damos conta, imperador — afirmou Halkman. — Mas vamos precisar de armaduras e armas novas. Um propulsor novo também ajudaria.

— Vou transferi-lo para o contramestre — ofereceu Valerian. — E se não voltarmos a nos falar antes do embarque no leviatã, boa sorte, tenente.

— Obrigado, imperador.

— Transferindo — disse Matt, acionando o controle.

A luz do comunicador se apagou no painel.

— Não concordo com este plano, imperador Valerian — disse Artanis. — É repleto de incertezas e riscos. Se você estiver enganado, e trazer o leviatã até nós for o objetivo da super-rainha Zagara, travaremos batalha numa posição de terrível fragilidade.

— Sei que é perigoso, hierarca Artanis — disse Valerian com cautela. Será que o protoss tiraria o corpo fora *agora*? — Mas acho que é a única forma de sabermos com certeza.

— E se eu me recusar a prestar auxílio? Se ordenar a retirada das forças protoss e deixá-lo sozinho para defrontar Zagara e seu leviatã?

Matt o observava atentamente.

— Nesse caso, a Supremacia ficará sozinha — disse Valerian. — Mas antes que decida, permita-me discorrer um pouco sobre história.

— Que tipo de história?

— A única história que importa — disse Valerian. — A história entre os terranos e os protoss. Você lembra de Chau Sara?

Na tela, a pele de Artanis começava a cobrir-se de pintas.

— Sim — respondeu, num tom bastante alienígena.

— Lembra o que os protoss fizeram com aqueles colonos? — perguntou Valerian. As pintas eram um sinal de intensa emoção, e lhe ocorreu que poderia estar pressionando demais o hierarca.

Não importava.

— Você lembra que havia uma facção da Confederação e, depois, da Supremacia, determinada a exterminar completamente a raça protoss — continuou. — Mas lembra por que esse objetivo foi abandonado?

Artanis não respondeu.

— Porque um homem chamado Jim Raynor tomou uma decisão — disse Valerian. — Ele decidiu confiar no executor protoss Tassadar e, portanto, no seu povo. Aquele foi o divisor de águas, o início do caminho que nos trouxe até aqui.

— E você deseja que eu também dê um salto de fé?

— Raynor tinha muitas evidências de que os protoss não eram dignos de confiança — disse Valerian. — Mas ele ouviu a história de Tassadar, e sua versão da perspectiva protoss, e decidiu arriscar.

“Neste momento, estamos exatamente na mesma situação. Vimos a devastação que os zergs podem causar, e ainda assim ouvimos Zagara afirmar que o Enxame mudou. Eu estou disposto a dar aquele salto de fé. Você está?”

Valerian gesticulou para o planeta abaixo deles.

— Se meu plano falhar e não pudermos resolver isso, pode haver guerra. Mas se nem ao menos tentarmos, *vai* haver guerra.

Por um momento, Artanis ficou em silêncio. Então, disse:

— Você se lembra do que me disse no planeta? Que os protoss são uma raça nobre que serviu de guardião para muitas outras espécies. Você se lembra da minha resposta?

— Que era fácil se colocar acima dos outros quando o Khala os unia — murmurou Valerian.

— Tenho refletido nisso — disse Artanis. — Talvez nobreza e honra jamais sejam fáceis de alcançar. Talvez sempre haja um risco envolvido. E talvez não possa existir nobreza sem confiança.

Ele se empertigou.

— Os protoss atacaram primeiro, imperador Valerian, em Chau Sara. Essa ação custou muitas vidas no decorrer dos anos, e ainda é um veneno entre nossos povos. Não voltarei a atacar primeiro. Não aqui, não agora. Eu seguirei o seu caminho e confiarei no seu julgamento. E os protoss reaverão sua nobreza.

— Vocês nunca a perderam — assegurou Valerian em voz baixa. — Obrigado, hierarca. Seja sucesso ou fracasso o que nos aguarda hoje, nós estaremos juntos.

Artanis inclinou a cabeça.

— Aguardarei o seu contato.

A imagem se apagou da tela.

— Bem — disse Valerian, voltando-se para Matt. — Agora é por conta da equipe.

— É, sim. — Matt hesitou. — Você não espera que eles sobrevivam, certo?

Valerian suspirou.

— Provavelmente não — disse. — Não, eles muito provavelmente estão a caminho da morte. Ou pior... Posso estar mandando Tanya Caulfield direto para as mãos do mestre evolutivo zerg, com todas as consequências nefastas que isso implica. Mas se conseguirem provar que Abathur está lá e fazer com que admita sua participação, ainda podemos neutralizar essa crise.

— E como você espera conseguir isso?

— Deixando que Abathur acredite que venceu — disse Valerian. — Me transfira para o contramestre. Também tenho uma ordem para ele.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Tanya sempre soubera que os leviatãs eram grandes. Todo mundo sabia disso. Eram criaturas *gigantescas*, na verdade, maiores que os cruzadores da Supremacia ou as transportadoras protoss.

Mas apenas agora, enquanto se encaminhava para um deles deitado atravessado sobre alguns morros, teve real noção do quão gigantescas eram aquelas coisas.

E eles deviam encontrar um único mestre evolutivo e um punhado de psioliscas *naquilo* tudo?

Como sempre, Whist tivera uma resposta.

Você só precisa pensar como um fuzileiro, decretara o sargento enquanto os quatro se preparavam para deixar a caverna das adostas, muito provavelmente pela última vez. *Não se preocupe em encontrar o inimigo. O mais provável é que o inimigo encontre você.*

Na opinião de Tanya, não era um pensamento dos mais estimulantes.

Tanya Caulfield?, veio o pensamento de Ulavu. *Você está bem?*

Só um pouco nervosa.

Ulavu caminhava do outro lado de Zagara, os dois ladeando a super-rainha enquanto Whist assumia a dianteira e Dizz a retaguarda. A ideia era provavelmente parecer que os quatro escoltavam uma prisioneira, apesar de, numa perspectiva puramente tática, aquele posicionamento ser completamente estúpido. A única esperança deles era que Zagara quisesse mesmo paz e estivesse disposta a ir extraordinariamente longe por ela.

Eles já estavam pressionando bastante esse comprometimento. Valerian havia proibido que dissessem a Zagara a verdade sobre o que acontecia, para evitar que Abathur tomasse conhecimento pela conexão psiônica zerg e que a super-rainha não ficasse nem um pouco feliz com os arranjos de viagem. Mesmo sem seu limitado poder psíquico, Tanya teria sido capaz de dizer que Zagara estava exasperada com a indignidade que pesava sobre ela. Por sorte, parecia querer evitar uma guerra ainda mais do que preservar a própria dignidade.

O que ela pensaria e faria quando descobrisse como havia sido manipulada era outra história. Tanya preferia não pensar naquilo.

Ao menos estavam tão bem equipados quanto possível para o encontro iminente. Um módulo de transporte havia trazido um novo traje de combate mecanizado CMC para Whist, substituindo o detonado, além de um novo rifle Gauss e toda munição que conseguisse carregar. Dizz também

recebera uma nova armadura de exterminador e um novo propulsor. Já Tanya tinha um capacete para substituir o visor de fantasma que deixara com Erin, além de um novo rifle, cortesia do imperador Valerian em pessoa.

O rifle era só fachada. Com sorte, Abathur só perceberia quando fosse tarde demais.

Ulavu, como o civil que todos a bordo do *Hipérion* ainda acreditavam que fosse, recebeu a oferta de uma viagem de volta no módulo de transporte. E a recusou, alegando a possível necessidade de mais informações sobre os zergs e a mentalidade das criaturas.

Tanya ainda não tinha certeza de como se sentia sobre ele e sua mentira. Mas, no momento, estava apenas feliz por tê-lo ao seu lado.

Ainda assim, contra um leviatã carregando até quinhentas psioliscas, três terranos e um protoss eram um espetáculo patético.

Com sorte, Abathur também pensaria assim.

Diversas aberturas semelhantes a esfíncteres eram visíveis no couro grosso do leviatã, ela viu quando se aproximavam, cada uma levando a túneis escuros com textura de costelas. Whist olhou por cima do ombro para Zagara, que silenciosamente indicou uma das aberturas. O grupo entrou.

O túnel no qual se encontravam transmitia uma sensação bem diferente da passada pelas câmaras das adostas. Nas cavernas, a impressão fora de espaço, até mesmo leveza. Já ali era tudo muito mais apertado, quase claustrofóbico. Todas as superfícies eram pontilhadas de buracos e fendas, o que dificultava a caminhada, e havia uma infinidade de túneis e dutos que partiam de pontos aleatórios em direções aleatórias. O grupo rapidamente foi forçado a seguir em fila única, com Whist e Tanya à frente, Zagara no meio e Ulavu e Dizz atrás dela.

E ao contrário das câmaras das adostas, assim que perderam de vista o sol do lado de fora, havia apenas o breu absoluto além do fecho de suas próprias luzes.

Tanya corria a sua pelas superfícies enquanto andavam, espiando tensa dentro de cada túnel grande o bastante para esconder uma psiolisca. Se Abathur decidisse acabar com eles no caminho para o centro de controle do leviatã, aquele túnel seria o lugar perfeito.

Mas não veio ataque. Estava tão quieto, na verdade, que Tanya passou a se perguntar se o imperador Valerian não estaria enganado sobre o plano de Abathur. A teoria do imperador era muito lógica, mas até mesmo a lógica tinha uso limitado quando certas peças eram encaixadas com suposições. Se Abathur não estivesse a bordo, ou se *tivesse* estado a bordo mas já houvesse partido, estariam de volta à estaca zero.

E lógica e teorias não impediriam Artanis de incinerar o planeta.

Elas estão aqui.

Tanya sentiu o ar ficar entalado na garganta. *Tem certeza?*

Eu consigo senti-las, confirmou Ulavu. *Você não?*

Não, disse Tanya, soprando os últimos fiapos de dúvida para longe. Se as psioliscas estavam ali, Abathur também estava.

— Todo mundo ligado — murmurou Whist.

Caminharam por mais dez minutos, e Tanya já sentia sua cota de zumbido mental quando finalmente percebeu um brilho indistinto a distância. A luz ficava mais forte à medida que se aproximaram, e ela sentiu as sutis mudanças na mente e na postura de Whist conforme o fuzileiro entrava em modo de combate.

E então, de repente, haviam chegado. O túnel fez uma última curva fechada e se abriu para uma câmara com pelo menos metade do tamanho das cavernas principais das adostas no interior da meseta

Whist deu um passo adentro e virou à direita. Tanya o seguiu, pegando a deixa ao se voltar para a

esquerda.

Visualmente, a câmara era uma versão mais espaçosa do túnel que acabavam de deixar. Como o túnel, tinha paredes que fluíam do chão ao teto sem quinas ou cantos, além do mesmo tipo de textura e da mesma infinidade de túneis laterais. Imóvel perto da entrada, observando o restante do grupo entrar, estava uma rainha zerg, com formato do corpo e disposição dos membros sutilmente diferentes dos de Zagara. Embutido na parede próxima a ela havia um transmissor idêntico ao que tinham desenhado do teto do Ponto Três.

E parado no centro da câmara, instantaneamente reconhecível das fotos enviadas por Valerian, estava Abathur.

Atrás de Tanya, Zagara entrou na câmara e parou no lugar. *Abathur?*

O zerg, Abathur, gesticulou com os mais curtos membros internos. Tanya conseguia sentir algo no limiar de sua mente...

— Espere — disse Dizz. — Sei que está surpresa por vê-lo, super-rainha Zagara, mas não se esqueça que tem convidados. Vamos conversar...

O que você faz aqui?, a pergunta de Zagara trovejou na mente de Tanya como uma chuva de inverno, e ela mal tinha saído do caminho quando a super-rainha passou ao seu lado com os olhos em chamas, os membros estendidos e prontos para cortar e rasgar, indo direto na direção de Abathur.

O mestre evolutivo se encolheu por reflexo, uma única vez, mas se manteve firme. *Abathur faz o necessário para Enxame*, respondeu.

Você trai o Enxame, insistiu Zagara. Ela continuou a investir, e, por um momento, Tanya pensou que fosse fisicamente derrubá-lo. Mas parou bem em frente a Abathur, com os membros erguidos, as garras se agitando como se quisessem o mestre evolutivo por iniciativa própria.

Novamente, Abathur se manteve firme, apesar de defrontado pela super-rainha claramente furiosa. Talvez, pensou Tanya, ele fosse mais corajoso do que ela lhe dera crédito.

Ou talvez simplesmente soubesse que estava em vantagem.

A super-rainha Zagara fala de traição, manifestou a outra rainha, dando um passo na direção do grupo. *Eu sou Mukav. Direi as palavras deles.*

— Obrigado, mas estamos entendendo — disse Dizz.

Entretanto, as nuances podem passar despercebidas, insistiu Mukav, dando outro passo na direção deles. *Estarei pronta para interpretar.*

Não devo explicações, disse Abathur a Zagara, sua voz mental roufenha e insolente. *Mas explicações darei.*

Faça isso, ordenou Zagara, e Tanya teve a súbita visão mental de uma mola completamente contraída. A super-rainha mal conseguia se controlar.

Enxame supremo, disse Abathur. *Enxame único. Destinado desde o início. Voltará a ser.*

O Enxame sempre será único, disse Zagara. *Você não apresenta justificativas para sua traição.*

Não traí Enxame, insistiu Abathur. *Traí apenas traidora.*

E quem é a traidora?

As garras de Abathur se contraíram. *Super-rainha. Super-rainha é traidora.*

— Como ela pode trair o Enxame? — perguntou Dizz. — Ela é a super-rainha. Tudo que ela faz, por definição, é a vontade do Enxame.

Os dois zergs o ignoraram. Por um momento, o confronto mental se degenerou de palavras inteligíveis para imagens, emoções e sensações que passavam rápido demais para que Tanya acompanhasse. Tudo que conseguiu captar foi que Abathur desafiava a super-rainha sem demonstrar remorso nenhum e que Zagara estava furiosa e prestes a dilacerá-lo com as próprias garras.

O que ela não sabia é que Abathur tinha uma carta na manga.

Lentamente, Tanya correu os olhos pelo salão, espiando cada um dos túneis escuros o máximo que conseguia. Infelizmente, tinham as mesmas curvas serpenteantes do túnel por onde entraram, o que significava que poderia haver psioliscas à espreita em cada um.

— Ei, Abathur! — chamou Dizz, mais uma vez tentando entrar na conversa. — Nós estamos do lado da super-rainha Zagara. Que tal explicar de um jeito que todo mundo consiga entender?

Abathur olhou além de Zagara e, para Tanya, parecia que seus múltiplos olhos avaliavam Dizz. *Terranos não merecem explicações, disse. Mas Abathur dará.*

— Que bom — disse Dizz. — Vamos ouvi-las.

Enxame supremo, disse Abathur. Enxame único. Destinado desde o início. Voltará a ser.

— Sim, essa parte nós já entendemos — disse Dizz. — Mas e daí, vocês não podem ser únicos sem acabar com todo o resto?

Espécies inferiores não podem entender Enxame, disse Abathur, com a voz mental carregada de desprezo. Enxame supremo. Enxame destinado a preencher universo. Enxame destinado a assimilar tudo. Descartar o que não precisa.

Ele diz que é o destino do Enxame a assimilação de tudo, disse Mukav.

Tanya olhou para a rainha, percebendo com surpresa que ela estava consideravelmente mais próxima que no início da conversa. Ao que parecia, vinha se aproximando do grupo enquanto se fazia de intérprete.

Deveriam permitir que se aproximasse tanto assim?

Tanya olhou para Dizz e Whist, mas ambos estavam concentrados no drama que se desenrolava do outro lado da câmara. Talvez não tivessem nem ao menos notado a aproximação de Mukav.

— Obrigado, mas eu gostaria de ouvir isso do mestre evolutivo Abathur em pessoa — disse Dizz a Mukav. — Então você diz que o Enxame é supremo, Abathur?

O enxame deve crescer. Mudar, disse Abathur. Sem guerra, não pode fazer uma coisa nem outra.

— E as psioliscas são o próximo passo dos zergs no sentido de começar outra guerra? — perguntou Dizz.

Chitha não zerg, disse Abathur, sua voz psiônica um rugido. Essência do Enxame deve dominar. Essência do Enxame não dominante em chitha. Essência do Enxame e xel'naga iguais.

— A-há — disse Dizz, assentindo com a cabeça. — Então esse é o problema. Você não está acostumado a parcerias em igualdade, certo?

Não importa. Chitha não zerg, mas chitha arma zerg. Dará vitória do Enxame sobre protoss. Abathur apontou uma garra para Ulavu.

— Sei não — disse Dizz, incerto. — As psioliscas são bem duras de combater, mas elas morrem mais fácil que as hidraliscas, que você usou como base. Por outro lado, usar essência xel'naga não é trapaça? Não faz com que a vitória seja xel'naga e não zerg?

Vitória não importante, disse Abathur. Perfeição importante. Enxame no caminho da perfeição.

— A não ser que já tenham deixado esse caminho — disse Dizz. — Ou tenham sido ultrapassados. Não seriam as adostras a perfeição?

Adostras. Abathur proferiu a palavra como se fosse uma praga. Abominação.

— Como elas podem ser uma abominação? — perguntou Dizz. — Você as criou, não criou?

Zagara criou abominação, retorquiu Abathur, dessa vez apontando a garra para Zagara. Abathur apenas ferramenta.

— O que há de tão errado com elas? — insistiu Dizz. — Como as adostras tirariam qualquer coisa dos zergs?

Zerg manipula essência, disse Abathur rigidamente. Zerg cria nova vida. Novo propósito em outras. Zerg estimula evolução. Moldada à imagem de Enxame. Não dá esse poder a outros seres.

As adostas lidam apenas com vida vegetal, disse Zagara. Ela ainda estava claramente furiosa, Tanya percebia, mas ao menos havia se acalmado o bastante para voltar a usar palavras inteligíveis. *Elas não se intrometem com o Enxame.*

Não?, rebateu Abathur. Zagara ordenou que poder fosse dado a adosta. Ordenou que adosta não fosse absorvida por Enxame.

O poder estava na essência xel'naga, insistiu Zagara. A dádiva não nos foi dada para ser absorvida pelo Enxame.

Promessa de Zagara a Rainha das Lâminas, disse Abathur em tom sombrio. *Tolice.*

— Então você queria que as adostas fossem destruídas — disse Dizz. — Mas não apenas destruídas. Você queria que nós, terranos e protoss, as destruíssemos. Dessa forma suas mãos ficariam limpas e a super-rainha Zagara não teria a quem culpar além de nós.

Caminho da guerra fora das garras de Enxame, disse Abathur. Zagara, Abathur não chama super-rainha, é convocada por terranos e protoss. Aceitação é outra traição a Enxame.

— Então como vai ser daqui pra frente? — insistiu Dizz. — Você vai nos matar de qualquer forma, então não vai prejudicar você nos mostrar sua esperteza.

Esperteza não importa, bradou Abathur. Só Enxame importa. *Leviatã deixou Gystt. Leviatã vai fugir. Terranos e protoss dirão Zagara traidora. Terranos e protoss atacarão Enxame. Enxame responderá. Enxame em guerra outra vez.*

— Bom plano — disse Dizz —, mas não vai funcionar. Eles não atacarão, porque sabem que você sequestrou a super-rainha Zagara.

Como?, zombou Abathur. *Impossível contar verdade a terranos e protoss. Espécies inferiores terão apenas provas para olhos e preconceito nos pensamentos.*

— É aí que você está enganado — disse Dizz. — É verdade que nossas comunicações de longo alcance não funcionam com as psioliscas presentes. Mas há outras formas. Ulavu, por exemplo, é um protoss, e os protoss têm uma forma de comunicação psiônica semelhante à dos zergs.

Comunicação protoss também bloqueada por chitha, disse Abathur.

— Acho que não — disse Dizz. — Veja, nós percebemos que toda vez que uma força protoss descia até Gystt, você tratava de acertar o transporte deles no lugar certo para inutilizar os amplificadores psiônicos. Os protoss podem até ser os alvos primários do ataque psi das psioliscas, mas esses ataques não interferem em suas comunicações. Na verdade, Ulavu vem transmitindo essa conversa toda para o povo dele.

Mentiras, disse Abathur, cravando os olhos verdes em Ulavu. *Terrano subestima Abathur. Estudei a fundo comunicação psiônica protoss. Conheço alcance, distância coberta. Ele gesticulou. Conheço tamanho e volume de amplificador psiônico capaz de cobrir essa distância. Protoss não carrega um.*

— Você tem razão. Ele não carrega um amplificador — adiantou-se Tanya. Ela ergueu o rifle. — Mas eu, sim.

Abathur congelou, com os olhos fixos em Tanya.

— Então não faz mais sentido sustentar essa farsa — disse Dizz. — Vamos voltar a Gystt, então podemos...

Com um grito calado, Ulavu caiu de joelhos. Tanya deu um passo na direção do protoss e cambaleou para trás, com um berro fervendo na garganta quando uma chama de agonia explodiu em seu cérebro.

E, no seguindo seguinte, Mukav saltou a distância que restava entre eles e atacou.

Seu primeiro golpe acertou o capacete e a unidade de resfriamento de Whist e o mandou voando cinco metros adiante. Dizz deu um giro e se esquivou um pouco devagar demais, recebendo o segundo golpe no peito. Ele rodopiou, quase perdendo o equilíbrio...

E então se lançou para o ar, girando e se debatendo como um pássaro ferido ao tentar ganhar alguma distância. Mukav golpeou o outra vez e acertou o salto da bota, quase lançando-o no chão. Ele se recuperou o bastante para evitar a queda, girou até ficar de frente para ela e disparou um tiro com sua pistola Gauss, mas errou o alvo. Mukav desferiu um último golpe inútil antes de se voltar para Tanya e Ulavu.

Não havia nada que a fantasma pudesse fazer. Seu cérebro latejava forte demais para focalizar o poder, sua vista estava embaçada demais, sua armadura era fina demais para bloquear a garra que descia num golpe mortal. Ela tentou recuar, sabendo que jamais conseguiria sair do caminho a tempo...

E sacolejou violentamente quando um borrão verde cruzou seu campo de visão.

Ulavu havia atirado o disco de transdobra.

Não com a precisão de que gostaria, Tanya percebeu de imediato. Em vez de cortar o corpo de Mukav, a energia do Vazio giratória meramente decepcionou o membro que descia sobre Tanya. Mas foi o bastante. A zerg gritou de agonia e fúria quando o membro saiu voando e se voltou para Ulavu por reflexo, fustigando com o membro cortante que lhe restava.

E cambaleou quando Whist, ainda deitado de costas, abriu fogo com o C-14. Por dois curtos instantes, ela se sacudiu e contorceu, martelada pelas estacas, tentando lançar um golpe contra Ulavu mas incapaz de recuperar o equilíbrio. De algum lugar acima de Tanya veio outro grito, esse em seus ouvidos e não na mente, um som mecânico longo e cortante, e Tanya sentiu a pressão no cérebro diminuir um pouco. Whist continuou atirando, suas estacas arrancando lascas de carapaça blindada. A rainha desistiu de Ulavu, abandonando o ataque no protoss, e se lançou contra o fuzileiro. Então veio um novo borrão verde...

E Mukav desmoronou no chão. Tanya piscou algumas vezes para tentar desanuviar a vista, apenas para ver Ulavu deitado ao lado do abdome da rainha morta. Mesmo atordoado pelo ataque das psioliscas, ele conservara foco e controle o bastante para rolar abaixo de Mukav quando ela se voltara para Whist e enterrar as lâminas de transdobra de baixo para cima no corpo da zerg.

Whist mandou mais duas rajadas na rainha, só para garantir.

— Tanya? — chamou, com a voz tensa e estranhamente arrastada.

— Estamos bem — gritou ela de volta, sacudindo a cabeça e apertando os olhos para tentar afastar a interferência mental que ainda a pressionava. Deixando de lado a carcaça de Mukav, ela se voltou para o outro lado do salão.

A situação estava tão ruim quanto imaginava. Ou pior. Zagara e Abathur se digladiavam num intenso combate corpo a corpo, golpeando um ao outro como antigos espadachins. Zagara era maior e mais furiosa, mas Abathur aguentava firme.

E tinha aliados. Onda após onda, psioliscas borbulhavam para fora de todos os túneis à vista.

Não importava que a trama de Abathur tivesse sido exposta. Não para ele. Tudo que importava era que os zergs voltassem ao que já foram. Que reconquistassem o poder de seguir seu imperativo genético, torcer e moldar outros seres com eficiência implacável e então incorporar esses seres ao Enxame. O poder de crescer e mudar e continuar a seguir o caminho da perfeição, mesmo que a perfeição nunca fosse alcançada.

O único empecilho nesse caminho de volta à glória era Zagara. Se ela morresse, soubessem ou não terranos e protoss o que acontecera, o Enxame acabaria voltando à sua natureza original, e ele teria alcançado seu objetivo.

Abathur e Mukav tinham planejado aquilo muito bem. Eles estavam com Zagara, viam-se numa posição vantajosa e tinham devastadora superioridade numérica.

O que *não* tinham levado em conta era que Zagara poderia ter seus próprios reforços.

Até o momento, Dizz era o único em ação, pairando acima e atrás da super-rainha, disparando metodicamente nas fileiras de psioliscas que investiam contra os combatentes. Disparando contra elas e, se tivesse sorte, conseguindo confundi-las. O longo grito que havia clareado um pouco da névoa mental de Tanya e que agora estava mais baixo, mas não completamente calado, vinha da microtela turbo no propulsor de Dizz, uma adição especial pedida pelo exterminador após a sugestão da dra. Cogan que Abathur poderia se comunicar por ultrassom com as psioliscas.

E parecia estar funcionando, ao menos em parte. As psioliscas se moviam mais devagar que o habitual, mais do que quando estavam sob a influência apenas dos bloqueadores psi da equipe. Algumas criaturas paravam ao entrar na câmara, como se aguardassem ordens que nunca vinham.

Mas confundi-las não bastaria. Havia simplesmente psioliscas demais, e apenas um Dizz, e Abathur não precisaria interferir muito. As criaturas já sabiam o que deviam fazer.

Dizz provavelmente sobreviveria, foi o pensamento mórbido que flutuou pelo emaranhado que era a mente de Tanya quando o viu pairar acima do combate. Ela e Whist *podariam* conseguir manter-se ali, perto da entrada; podiam fugir se necessário e encontrar um ponto de estrangulamento onde tentariam resistir até que Valerian conseguisse mandar um módulo de transporte.

Para Ulavu, não havia essa alternativa e tampouco esperança. Ulavu morreria.

Tanya tivera razão antes. Abathur percebera apenas naquele momento que o protoss era um guerreiro nerazim, e sua resposta fora lançar contra ele o ataque psiônico mais brutal possível.

Não havia defesa contra isso. Ulavu não podia se esconder atrás de uma nuvem de estacas hipersônicas de oito milímetros. Não podia escapar voando para o teto. A pressão na mente de Tanya dilacerava sua alma. Quanto mais Abathur estaria despejando sobre o odiado protoss?

Talvez a mente de Ulavu fosse mais forte do que Tanya imaginava. Mas ela vira aquela mente. Tornara-se próxima de Ulavu como terrano nenhum jamais seria. Ele era forte, sem dúvida. Mas não tão forte.

Sua presença ali havia arruinado o plano de Abathur, e o mestre evolutivo teria sua vingança.

Ulavu havia mentido para Tanya. Traído sua confiança e sua amizade.

Mas havia também salvado sua vida.

E às vezes amizades partidas podiam ser reparadas.

Será que a deles também? Tanya não tinha ideia. A dor ainda era recente demais, profunda demais. Mesmo que curasse, podia deixar uma cicatriz que continuaria ali para sempre.

Mas, no fim das contas, não importava. Aquilo não era por amizade. Aquilo era porque Ulavu fazia parte da equipe, e ela era uma fantasma, uma soldado da Supremacia. Seu trabalho era protegê-lo até onde permitissem suas habilidades.

Não importava a que custo.

Os implantes dos fantasmas existiam por um motivo. Os indivíduos eram imprevisíveis e instáveis, alguns com limites conhecidos ao seu poder, outros sem; alguns com limites conhecidos à sua estabilidade emocional, outros sem.

Tanya não fazia ideia de quais eram seus limites. Não fazia ideia do que aconteceria sem o implante.

Hora de descobrir.

Concentrando seu poder, e sabendo que literalmente brincava com fogo, Tanya se voltou para dentro, aumentando a temperatura do centro do implante apenas o bastante para fritar os componentes eletrônicos. E teve a sensação de neurônios próximos fritando e escurecendo... a sensação do implante

falhando... a sensação de um escravo cujas correntes são subitamente arrancadas. Em meio às espirais pretas do ataque psiônico de Abathur e da névoa vermelha de sua própria fúria de justiça, ela concentrou seu poder.

E as psioliscas começaram a morrer.

A princípio devagar, uma de cada vez. Então mais rápido, com duas ou três caindo conforme ela as encarava com fúria.

Então, subitamente, estavam caindo em ondas, desabando juntas no chão como toras fumegantes, membros se debatendo contra o ataque invisível que as destruía de dentro para fora. Morriam ao investir pela câmara e morriam ao emergir dos buracos, prontas para o combate; morriam até mesmo ainda dentro dos túneis.

Enquanto isso, Tanya parecia flutuar acima delas, seu corpo se esticando até preencher a câmara, sua mente cheia de pensamentos alienígenas, conversas entrecortadas e agonia. Ao longe, tinha consciência de que estava com as mãos pressionadas contra o chão, mas não havia sensação de tato, faro ou audição. Tudo era mente; tudo era visão; tudo era alienígena.

Tudo era morte.

Era um massacre, terrível, mas maravilhosa e grotescamente gratificante. Tanya varreu a câmara com fogo oculto, calcinando alguns inimigos até além do ponto da morte, simplesmente porque podia.

Ao longe, ela sentiu Abathur tentando desesperadamente ordenar uma retirada. Mas suas ordens não foram ouvidas ou atendidas sob o ruído desorientador do propulsor de Dizz. O zumbido na mente de Tanya passou a definhar, e o martelar do rifle Gauss de Whist passou a ficar mais lento.

A névoa deu lugar ao torpor. Vagamente, ela se perguntava por que olhava para o teto curvo da câmara de um leviatã...

E então Dizz estava ajoelhado acima dela, com o rosto tenso.

— Você está bem? — perguntou ele. — Tanya? Fale comigo.

— Estou bem. — Ela respirou fundo. Suas mãos estavam trêmulas? Estavam. Assim como todo o seu corpo.

— Venha — disse ele, passando a mão por baixo de seus ombros. — Conseguimos contato com o *Hipérion*, e um módulo de transporte está a caminho. Precisamos levá-la para a enfermaria.

— Espere — disse quando o exterminador a levantou. — Ulavu. Onde está Ulavu?

— Ele está bem — disse Dizz, e pela primeira vez Tanya notou a estranheza na voz dele. — Só um pouco abalado. Whist está subindo o túnel com ele.

— Certo.

Tanya firmou os pés, apertando o braço de Dizz quando o compartimento voltou a girar à sua volta. Havia psioliscas mortas por todo lado, ela notou com uma pontada de culpa. Criaturas que apenas obedeciam a ordens.

— E quanto a Zagara? — perguntou, enquanto Dizz já a amparava até o túnel. — Ela venceu?

— Ah, pode apostar. Você devia ter visto.

— Eu estava um pouco ocupada.

— É — disse Dizz, franzindo a testa. — Enfim. Só cheguei a ver uma rainha lutar uma vez durante a guerra. Foi assustador, mas *essa* luta botou aquela no chinelo. Eles se engalfinhavam como se tentassem rasgar um ao outro até as camadas moleculares. E Abathur também ficava atirando psioliscas contra ela, literalmente. Aquelas coisas pulavam em cima de Zagara, enterrando as garras no que vissem pela frente.

— Ela está bem?

— Acho que sim. Por sorte, nossa pequena adaptação no propulsor fez com que Abathur conseguisse

controlar apenas as psioliscas mais próximas, e Whist e eu ajudamos a manter o ataque num nível que ela pudesse controlar.

“E então, de repente... — Ele balançou a cabeça. — Devia haver algum limite para o número de psioliscas que Abathur podia lançar contra ela, porque de repente Zagara caiu em cima dele como um triturador.”

— Ela o matou?

— Acho que não. Mas chegou perto. Ele mais parecia um trapo quando Zagara o arrastou daqui.

— Mas não o matou — disse Tanya, apenas para ter certeza de que ouvira bem. — E você e Whist também não?

— Ah, a gente já estava bem pronto para isso — disse Dizz com uma careta. — Mas Zagara nos mandou deixá-lo vivo. Disse que ele era único, e que o Enxame precisa de um mestre evolutivo para sobreviver.

— Por quê?

— Ela não disse, e nós não perguntamos — admitiu Dizz. — Ela já estava arrastando ele pra fora daqui, e Cruikshank tinha módulos de transporte e caças a caminho... — Ele gesticulou com uma mão. — Enfim, isso não é da minha alçada. Ela, Valerian e provavelmente Artanis que se entendam.

— Acho que tem razão — disse Tanya. — O que aconteceu com o resto das psioliscas? Zagara conseguiu controlá-las?

Dizz hesitou.

— Na verdade... quando ela terminou de arrancar o couro de Abathur, elas estavam basicamente todas mortas.

Tanya engoliu seco.

— Fui eu?

— Bem, você teve ajuda — disse Dizz. Ele tentava lançar mão da irreverência de sempre, Tanya percebia. Mas não estava funcionando. — Enfim, se você acha que já consegue andar, precisamos levá-la para o *Hipérion* e dar um jeito em seja lá o que aconteceu com você.

— Sim. — Tanya hesitou. — Dizz... eu assustei você lá atrás?

Dizz franziu os lábios.

— Na real?

— Na real.

— Sim — admitiu ele. — Acho que você assustou todos nós.

— Parece justo — murmurou Tanya. O túnel começava a escurecer à sua volta. — Acho que vou precisar ser carregada.

— Sem problema — assegurou Dizz, pegando-a nos braços. — Apenas relaxe. Durma, se precisar. Porque parece justo?

— Eu não queria ser a única — disse Tanya. Sua voz ia ficando mais baixa à medida que o túnel ia escurecendo completamente. — Porque pode apostar que eu fiquei apavorada comigo.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

- Lá vai ela — disse Matt.
- Valerian assentiu, observando o leviatã deixar a órbita e rumar para a superfície de Gystt.
- Lá vão *eles* — corrigiu.
- É. — Matt resmungou algo entre os dentes. — Não gosto disso. Deixá-lo vivo *não* é uma boa ideia.
- Zagara diz que o Enxame precisa dele — lembrou Valerian.
- Mas não por quê.
- O que não significa que não seja verdade. Contanto que Abathur esteja sob controle, e Zagara afirma que está, me parece que precisamos dar a ela o benefício da dúvida.
- Exceto pelo fato de que ele a odeia.
- Valerian não conseguiu evitar um sorriso.
- Por quantos anos *you* odiou a *mim*?
- É diferente — insistiu Matt. — E nunca *odiei* você de verdade. Só não confiava em você.
- É claro. Muito melhor.
- Enfim — disse Matt. — Por falar em confiança, você deve ter notado que o raio purificador de Artanis ainda está ligado.
- Ligado, e sem dúvida ainda voltado para a câmara das adostas no Ponto Três.
- Não voltarei a atacar primeiro*, o hierarca havia dito mais cedo. Será que fora sincero?
- Confiança é um bem raro hoje em dia — murmurou Valerian. — Espero que ele esteja apenas garantindo que estará pronto para o segundo tiro caso Zagara dispare o primeiro.
- Ou que *pode* disparar o primeiro tiro se quiser — disse Matt. — Ele ouviu as provas e os argumentos. Agora precisará se decidir.
- Suponho que você tem razão — disse Valerian. — Bem, Artanis fez as escolhas certas até agora. Tudo que podemos esperar é que continue assim. — Ele olhou de soslaio para Matt. — E como *eu* me saí?
- Houve momentos — disse Matt. — Mas no fim, você acabou se saindo bem.
- Obrigado — disse Valerian, com pesar. — É incrível como o caminho justo e correto é muito mais fácil de seguir quando você não tem o poder para abandoná-lo.

— Bem-vindo ao mundo do poder absoluto — disse Matt. — Ou quase absoluto, de qualquer forma. Por sorte, você tem pessoas que podem ajudar a lhe puxar de volta se começar a se desviar.

— Sou grato por isso. — Valerian respirou fundo. — Entretanto, a Supremacia ainda tem sérios problemas a resolver. Vamos dar a Zagara tempo para voltar a Gystt e a Artanis o tempo que precisar para pensar, então veremos se os dois ainda estão dispostos a mais uma conversa.

Os médicos disseram a Tanya que andar podia ser complicado por algum tempo, enquanto seu cérebro tentava reprogramar novos fluxos neurais contornando os neurônios que haviam sido destruídos quando ela fritara o implante. Mas por enquanto, pelo menos, ela ainda tinha um ombro em que se apoiar.

Por enquanto.

Fiquei sabendo que você vai voltar, comentou ela.

Sim, disse Ulavu. *O hierarca Artanis acredita que os eventos em Gystt alertaram a Supremacia da minha presença e que não mais será possível me manter no programa fantasma despercebido, como na minha antiga posição. Mais urgentemente, minha verdadeira identidade logo será revelada, trazendo consigo recriminações e sentimentos de traição.* Ele hesitou. *Você própria tem consciência dos danos que tais sentimentos podem causar.*

Tenho, admitiu Tanya, com uma pontada de ressentimento fundo no peito. *Mas não é necessariamente certo que sua identidade será descoberta. Já discuti isso com Whist e os outros, e todos concordaram em manter sua parte na missão fora dos relatórios.*

Ulavu se voltou para ela, e Tanya sentiu sua surpresa. *Você falou com eles a meu favor? Depois de eu ter traído sua confiança?*

Tanya deu de ombros. *Nós somos uma equipe. E os membros de uma equipe cuidam uns dos outros.*

Fico muito grato, disse Ulavu. *Obrigado.*

Não me agradeça ainda, avisou Tanya. *É possível que alguém encontre uma forma de arrancar algo das gravações com interferência feitas pelos trajes. Se conseguirem, já era.*

Ainda assim, estimo sua consideração, disse Ulavu. *Fico tão grato quanto envergonhado.*

Tanya suspirou. *Entendo por que você fez o que fez, Ulavu. Não o recrimino por isso.*

Obrigado, Tanya Caulfield. Sou mais grato por seu perdão do que você pode imaginar.

— Ei! — trovejou a voz do coronel Cruikshank atrás deles. — Você... protoss. Alto lá.

Tanya teve um sobressalto, e o movimento súbito intensificou sua tremedeira por um instante. Ulavu estava atento; levou a outra mão ao braço dela, firmando seu equilíbrio e mandando confiança e força para seus pensamentos. Eles pararam com disciplina militar, e Ulavu os virou com todo cuidado.

Cruikshank foi até os dois, com uma nuvem de tempestade contida estampada no rosto.

— Fui até a enfermaria ver como está a dra. Wyland — disse. — Ela tem queimaduras de primeiro grau espalhadas pelo corpo todo. Você foi responsável por aquilo?

Tanya abriu a boca e voltou a fechá-la quando sentiu o aperto de Ulavu no braço. *Por que você acha que fui eu?*

— Tomarei isso como um sim — rugiu Cruikshank. — E a resposta é porque você é um civil que não tinha nada o que fazer numa missão militar, para começar. Você fez uma cagada, e a dra. Wyland pagou por ela. Diga que estou errado.

— Ele estava na equipe por solicitação do imperador Valerian — lembrou Tanya em tom gélido.

— O que apenas prova que nem mesmo imperadores deveriam ter tudo que querem — rebateu Cruikshank. — Fiquei sabendo que você vai partir com Artanis e a força protoss, então não posso fazer nada a respeito. Mas tenha *muita* certeza que, se depender de mim, jamais voltarei a permitir civis

servindo com minhas tropas. — Ele encarou Tanya. — E isso também vale para você.

Tanya negou com um gesto de cabeça.

— Acho que não.

— Por que não? Porque você recebeu sua dispensa especial do imperador?

— Porque solicitei meu realistamento no programa fantasma.

— Porque... — Cruikshank deixou o resto no ar, arregalando os olhos. — Você está brincando.

Achava que tinha acabado de passar uma lábia para *sair*.

— Bem, estou fazendo de tudo para voltar — disse Tanya.

— Por quê?

Tanya deu de ombros.

— Essa foi minha primeira missão. Descobri que gosto delas.

Por um momento, Cruikshank apenas a encarou.

— Ótimo — rugiu por fim. — Muito bem. Significa que um dia posso ter você sob meu comando outra vez. Mal vejo a hora.

Com uma encarada final furiosa em Ulavu, ele se virou e foi embora.

Achei que você tivesse aprendido a lição sobre mentir para as pessoas, disse Tanya em tom reprovador enquanto o protoss os virava de volta e seguiam andando. *Por que deixou ele acreditar que foi você quem provocou as queimaduras de Erin?*

Não menti, corrigiu Ulavu com tato. *Na verdade, as queimaduras de primeiro grau da dra. Erin Wyland foram de fato induzidas por minhas ações.*

Porque, sem você e suas lâminas de transdobra, as queimaduras seriam de terceiro grau?

Minha afirmação permanece verdadeira, disse Ulavu. *Se o coronel Abram Cruikshank chegou a uma conclusão equivocada, isso não me diz respeito. Você não tinha contado que voltaria para o programa fantasma.*

Tanya deu de ombros. *Eu preciso*, disse ele. *Você ainda quer recrutar um tele para ajudar no programa do disco de transdobra, lembra? E não pode mais fazer isso, então eu farei por você.*

Sou grato pela sua generosidade, Tanya Caulfield, mas isso não é responsabilidade sua.

É, se eu escolher tê-la. E eu escolhi. Estendendo uma mão trêmula, ela apertou o braço de Ulavu. *Porque ajudar um ao outro é o que fazem os amigos.*

O cassino dos oficiais do *Hipérion* era estritamente proibido a sargentos dos fuzileiros. E talvez também fosse a exterminadores, oficiais ou não.

Até onde Whist podia dizer, Dizz não estava nem aí. Ele certamente não estava.

Por sorte, ninguém no bar parecia inclinado a lembrá-los disso. Talvez fosse a enorme atadura na cabeça de Whist, quem sabe a marca igualmente impressionante que Dizz trazia atravessada no peito.

— Então, ouvi dizer que você vai ficar — disse Whist quando um garçom rijo e mudo trouxe as bebidas.

— Sob algum protesto, sim — admitiu Dizz. — Parece que fui sumariamente reconvocato para a ativa e lotado no *Fobos* como parte da novíssima, abre aspas, “Unidade de Força Terrestre de Conformidade Zerg”, fecha aspas. UFTCZ. Isso sim é uma sigla.

— Com que eles precisarão estar em conformidade?

— Vai saber — admitiu Dizz. — Com seja lá qual for o acordo que Valerian, Artanis e Zagara

criaram, eu acho. Deve ser caçar qualquer psiolisca que tenha fugido, vigiar as adostras, ficar de olho em Abathur, et cetera, et cetera. Pura curtição.

— Ei, poderia ser pior — disse Whist. — Você podia ter sido nomeado embaixador ou coisa parecida. Aí provavelmente precisaria viver no chão.

— Provavelmente vou ter que fazer isso de qualquer forma — disse Dizz contrariado. — E espero que você esteja brincando com essa história de embaixador. Quero viver voando, não falando. Não é o meu forte.

— Ah, sei não — provocou Whist. — Você mandou bem demais lá com Abathur. Eu não pensava duas vezes em contratar você como meu advogado.

Dizz deu de ombros.

— Ex-criminoso, lembra? Depois de umas audiências ao tribunal, você aprende como essas coisas funcionam. — Ele pegou o drinque e girou o copo pensativo. — Mas você precisa admitir: foi um dia de trabalho e tanto.

— Pode apostar — disse Whist, franzindo a testa. Um dia tão longo que era difícil acreditar que tudo que haviam feito se espremia num único período entre o nascer e o pôr do sol. — Então a quem vamos beber dessa vez? — perguntou, erguendo o copo. — Aos rapazes que Cruikshank perdeu em seu papel na Guerra de Um Dia?

— O primeiro drinque é para eles — concordou Dizz, assentindo. — O segundo... — Ele deu um sorriso de canto de boca. — O segundo é para todos os futuros camaradas que *não* morrerão graças a tudo que fizemos lá embaixo hoje.

Whist balançou a cabeça.

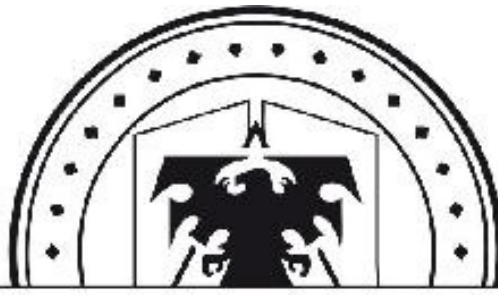
— E eu achando que exterminadores não tivessem alma.

— E *eu* que fuzileiros não tivessem cérebro.

— Ainda há uma boa chance de nós dois estarmos certos — frisou Whist.

— Pode apostar. — Dizz estendeu a mão sobre a mesa e tocou o copo de Whist com o próprio. — À nossa, amigo.

— À nossa.



LINHA DO TEMPO DO SETOR KOPRULU

- c. 1500** — Um grupo de rebeldes protoss é exilado de Aiur, seu mundo natal, por se recusar a participar do Khala, uma ligação telepática compartilhada por toda a raça. Esses rebeldes, conhecidos como templários das trevas, cortam seus cordões nervosos para romperem sua conexão com o Khala permanentemente.
- 2231** — O governo da Terra lança quatro supertransportadoras — *Argo*, *Sarengo*, *Reagan* e *Nagglfar* — para colonizar planetas habitáveis mapeados num sistema estelar próximo. Dezenas de milhares de passageiros são colocados em estase para a jornada, estimada em um ano.
- 2232** — Ocorrem falhas nos sistemas de navegação, e as supertransportadoras viajam pelo espaço às cegas, sem destino programado.
- 2259** — Os motores de dobra finalmente entram em fusão. As supertransportadoras emergem numa região não mapeada da galáxia, que virá a ser conhecida como setor Koprulu, e fazem pousos forçados em três planetas: Umoja, Tarsonis e Moria.
- 2323** — A Confederação Terrana é fundada em Tarsonis.
- 2475** — Duas entidades corporativas de Moria formam uma aliança, a União Kel-Moriana, para rechaçar incursões confederadas em seu território.
- 2485** — As tensões entre a Confederação e a União Kel-Moriana explodem em guerra aberta. O conflito passará a ser conhecido como Guerra de Corporações.
- 2489** — A Confederação declara vitória na Guerra de Corporações.
- 2489** — Colônias umojanas formam uma coalizão militar chamada Protetorado Umojano para buscar independência da tirania confederada.
- 2489** — O senador Angus Mengsk e membros de sua família são brutalmente assassinados em virtude de diferenças de Mengsk com os líderes confederados. Seu filho sobrevivente, Arcturus, se rebela abertamente contra a Confederação em seu planeta natal, Korhal IV.
- 2491** — A Confederação dizima Korhal IV com bombardeios nucleares. Arcturus Mengsk inicia uma guerrilha contra a Confederação.
- 2491** — As forças de Mengsk, os Filhos de Korhal, capturam a agente fantasma Sarah Kerrigan e conseguem sua aliança contra a Confederação.
- 2499** — PRIMEIRO CONTATO

- Os zergs, uma raça alienígena até então desconhecida, invadem os planetas Chau Sara e Mar Sara. Pouco depois, uma segunda raça alienígena desconhecida, os protoss, devastam toda a vida em Chau Sara.
- Enquanto lidera a luta contra os zergs em Mar Sara, o delegado Jim Raynor se rebela contra a Confederação e se junta aos Filhos de Korhal.
- Mais planetas se rebelam contra a Confederação.

2500 — ASCENSÃO DA SUPREMACIA

- Arcturus Mengsk usa uma tecnologia experimental da própria Confederação para atrair o Enxame zerg ao planeta capital, Tarsonis, que é completamente arrasado. Mengsk trai a leal Sarah Kerrigan e a abandona em Tarsonis, levando Jim Raynor a abandonar os Filhos de Korhal.
- Sem conhecimento das forças terranas, Kerrigan é capturada pelos zergs, mas não morta.
- Mengsk se autoproclama governante de uma nova nação: a Supremacia Terrana. Ele consolida as forças dispersas da Confederação sob seu comando.
- O planeta natal dos protoss, Aiur, é dominado pelos zergs, mas a líder do Enxame, a Supermente, é morta.

2500 — NOVO CONFLITO

- Forças da frota expedicionária da Congregação da Terra Unificada (CTU) chegam ao setor Koprulu, buscando assumir o controle de todos os planetas terranos.
- Com a Supermente morta, Sarah Kerrigan, recentemente infestada e apoderada pelos zergs, busca controlar o Enxame. Ela se alia brevemente a facções protoss e humanas para combater as forças da CTU.
- Depois de garantir sua posição como líder incontestável dos zergs, Kerrigan se volta contra seus aliados. Em retaliação, os protoss, a CTU e a Supremacia lançam ataques contra sua fortaleza em Char, todos fracassados.
- As forças sobreviventes da CTU se dispersam. Ninguém retorna à Terra.

2502 — A inteligência da Supremacia confirma que Artanis, um jovem comandante militar protoss, lidera tanto os protoss de Aiur quanto facções de templários das trevas.

2504 — GUERRA CIVIL

- Jim Raynor redobra suas atividades insurgentes contra a Supremacia. Valerian Mengsk, filho de Arcturus, o ajuda em segredo.
- Forças zergs voltam a invadir territórios da Supremacia.
- Agitações populares se espalham por mundos no coração da Supremacia quando acusações pelos excessos de Arcturus Mengsk vêm a público.
- Exércitos liderados por Valerian Mengsk e pelo general Horace Warfield invadem o planeta zerg Char (com ajuda de forças de Jim Raynor). Eles neutralizam e capturam Sarah Kerrigan.

2505 — O ENXAME REEMERGE

- Arcturus Mengsk lança um ataque contra a fortaleza de Valerian Mengsk em território umojano. Jim Raynor é capturado. Sarah Kerrigan escapa.
- Arcturus Mengsk declara vitória contra os zergs e dá início a um regime de repressão civil para dar fim às inquietações populares.
- Kerrigan recupera controle dos zergs.
- O Enxame invade Korhal, segue direto para o palácio de Arcturus e mata o imperador. Os zergs imediatamente deixam o planeta.
- Valerian Mengsk se torna líder da Supremacia. Ele promete reformar as políticas do pai e promover a paz em todo o setor Koprulu.

2506 — GUERRA COM AMON

- A Armada Dourada protoss lança um ataque para retomar Aiur dos zergs.
- Durante a invasão de Aiur, os protoss descobrem que os zergs no planeta foram escravizados pelo rebelde xel'naga Amon. Amon então corrompe o Khala e assume controle de todos os protoss conectados à ligação psiônica. O templo das trevas Zeratul corta os cordões nervosos do hierarca Artanis, destruindo sua conexão ao Khala e permitindo que escape do controle de Amon, mas Zeratul morre na batalha.
- Artanis liberta todos os protoss que consegue. Eles se juntam aos templários das trevas sobreviventes e fogem de Aiur na arca sideral *Lança de Adun*.
- Artanis e suas forças viajam até Ulnar para descobrir o destino dos xel'naga, antigos benfeitores dos protoss, e descobrem que todos exceto Amon pereceram. Enquanto está lá, Artanis descobre o plano de Amon de usar restos mortais dos protoss e da Supermente para forjar um novo corpo hospedeiro. Se Amon tiver sucesso, toda vida no Universo será destruída.
- Usando uma antiga relíquia xel'naga conhecida como Pedra Angular, Artanis arranca Amon do Khala, e os então escravizados protoss cortam seus cordões nervosos para assegurar sua liberdade. Artanis e suas forças retomam Aiur. Amon é banido para o Vazio.

2508 — DESDOBRAMENTOS

- Kerrigan, Jim Raynor, Artanis, a mãe de casta Zagara e suas respectivas forças entram no Vazio para derrotar Amon de uma vez por todas. Kerrigan absorve o poder remanescente de um xel'naga, tornando-se ela própria xel'naga. Entrega a Zagara o comando do Enxame e então, com ajuda de seus aliados, destrói Amon, desaparecendo logo em seguida. Raynor também desaparece algum tempo depois da batalha.
- Terranos, protoss e zergs dão fim às hostilidades entre si.
- Valerian Mengsk inicia eleições diretas na Supremacia.
- Zagara assume controle dos sistemas próximos a Char para o Enxame zerg.

Starcraft - Evolução

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Timothy_Zahn

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/12479.Timothy_Zahn

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/12443-timothy-zahn>

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/starcraft-evolucao-686463ed689040.html>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.